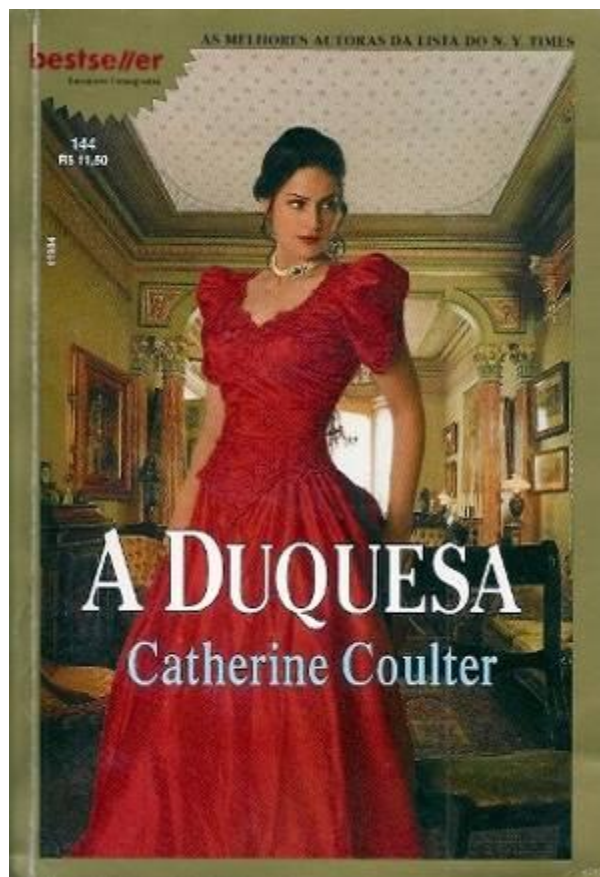


A DUQUESA

The Wyndham Legacy
Catherine Coulter



Inglaterra, 1813

Paixão e intriga

Por ser sempre serena e controlada, a filha ilegítima do conde de Chase é chamada de Duquesa. Após ficar órfã, ela recebe a inesperada notícia de que foi legitimada e transformou-se em uma herdeira. Porém, ao discordar das cláusulas do testamento de seu pai, ela descobre que a única maneira de consertar a situação é casando-se com seu teimoso primo... Dono de um temperamento explosivo, Marcus, o novo conde de Chase, fica revoltado ao saber das providências tomadas pelo tio e vai para Paris. Ele não imagina, contudo, que logo se verá preso a um casamento indesejado com a distante Duquesa. De volta à propriedade da família, os dois se deparam com a visita de parentes americanos em busca de um tesouro escondido. Enquanto isso, misteriosos atentados que põem em risco a vida de Duquesa aproximam o casal, trazendo à tona os reais sentimentos que têm um pelo outro...

Digitalização: Crysty
Revisão: Ana Ribeiro

Projeto Revisoras



Querida leitora,

A jovem filha ilegítima do conde de Chase, chamada de Duquesa desde a infância, é uma mulher fria e distante. Órfã e sozinha, ela encontra um modo de se sustentar até descobrir que é uma herdeira. Porém, ao tomar conhecimento das cláusulas do testamento de seu pai, decide obrigar Marcus, seu primo e o novo conde, a se casar com ela. Orgulhoso e temperamental, ele resiste à nova situação. Porém, a convivência conturbada vai aos poucos transformando o casal. Enquanto isso, a visita de parentes americanos e o enigma que envolve a busca de um tesouro acabam tumultuando ainda mais as coisas e pondo a vida deles em perigo... Uma história que mescla romance, humor e mistério...

Leonice Pomponio
Editora

TRADUÇÃO

Copyright ©1994 by Catherine Coulter

Originalmente publicado em 1994 por Berkley Publishing Group
PUBLICADO SOB ACORDO COM TRIDENT MEDIA GROUP
NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Wyndham Legacy

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Paula Rotta

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Débora Guimarães Isidoro

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

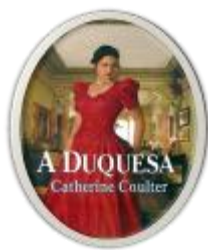
Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10 andar — CEP 05424-010

São Paulo - SP www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica





PRÓLOGO

Em junho de 1804, no segundo dia de sua visita a Chase Park, aos nove anos de idade, ela ouviu uma criada dizer a Tweenie que ela era uma bastarda.

— Uma bastarda!? Absurdo! A menina é uma bastarda, Annie? Todo mundo diz que é uma prima da Holanda ou da Itália...

— Prima da Holanda ou da Itália o diabo! A mãe dela mora perto de Dover, e o senhor a visita freqüentemente. Ouvi a sra. Emory contar à cozinheira. Sim, ela é filha bastarda do lorde. Veja aqueles olhos azuis!

— É muita ousadia do lorde trazer sua bastarda para cá, no nariz de milady!

— Sim, mas a nobreza é assim. O lorde deve ter uma coleção de bastardos espalhados por aí. Que diferença faz mais um? Mas ela está aqui e, por isso, deve ser especial. E é toda sorriso e doçura, como se este fosse o seu lugar! Milady ignora a menina, mas ela vai passar pelo menos duas semanas aqui.

— E mais do que o suficiente. Imagine, trazer uma bastarda a Chase!

— Mas a menina é bonita!

— E o lorde é tão belo quanto o avô dele. Minha avó me contou que ele era um cavalheiro de grande nobreza e beleza... Faz sentido que a menina seja linda. Aposto que a mãe também não é feia. Ouvi a sra. Emory dizer que eles estão juntos há doze anos... como se fossem casados.

As duas criadas se afastaram, ainda conversando. Ela permaneceu escondida em um dos muitos nichos do corredor do segundo andar, imaginando o que seria uma bastarda. Não era nada bom, isso ela sabia.

O conde de Chase era seu pai? Ela balançou a cabeça veementemente. Não, ele era seu tio James, irmão mais velho de seu pai, e ia visitá-la a cada dois meses para se certificar de que ela e a mãe estavam bem. Seu pai fora morto em fevereiro de 1797, quando tropas francesas tinham invadido a Inglaterra. Ela sempre ouvia a mãe dizer como havia quase dois mil franceses, não soldados de verdade, mas criminosos, todos libertados de prisões e perdoados em troca do ataque a Avon e da destruição de Bristol, seguida de Liverpool. Sua mãe dizia também que aqueles criminosos franceses tinham desembarcado em Pencaern, e lá haviam sido enfrentados e rendidos pelo exército de Pembrokeshire. E seu pai liderara aqueles bravos ingleses, que derrotaram os franceses que ousaram pisar em solo britânico. Não, seu verdadeiro pai era o capitão Geoffrey Cochrane, e ele morrera como herói, defendendo a Inglaterra.

Os olhos de sua mãe sempre se tornavam mais suaves quando ela dizia:

— Seu tio James é um nobre, minha querida, um homem muito poderoso, com muitas responsabilidades, mas ele vai cuidar de nós para sempre. Ele tem a própria família, por isso não pode nos ver sempre. As coisas são assim e sempre serão. Mas, não esqueça, ele nos ama e nunca vai nos abandonar.



E quando ela completara nove anos, sua mãe a mandara para passar duas semanas com tio James em sua magnífica mansão chamada Chase Park, perto de Darlington, no norte de Yorkshire. Ela havia implorado à mãe para acompanhá-la, mas ela simplesmente balançara a cabeça e dissera:

— Não, minha querida, a esposa de seu tio James não gosta de mim. Fique longe dela. Você tem primos lá e vai se aproximar deles, mas mantenha distância da esposa de seu tio. Lembre-se, amor, nunca fale sobre você. E aborrecido, não acha? Muito melhor guardar segredos e ser misteriosa.

Ela havia evitado a condessa de Chase com pouca dificuldade, porque a dama, na única vez em que a vira, a olhara com grande desprezo e depois saíra da sala. Nem ela nem seus primos se uniam ao conde e à condessa na sala de jantar todas as noites; por isso era fácil manter-se longe dela.

Tio James era diferente ali em sua mansão, com tantos criados em uniformes elegantes de botões dourados reluzentes. Era como se houvesse empregados em todos os lugares, em cada corredor, sempre olhando, mas nunca falando. Exceto por Annie e sua colega.

Tio James era atencioso em Rosebud Cottage, quando ia visitá-la e conversar com sua mãe, mas agia diferente ali. Ela franziu a testa, tentando entender por que ele não a abraçara. Seu tio a chamara na biblioteca, um aposento quase tão grande quanto a casa onde ela morava, com paredes cobertas por livros e escadas que corriam por trilhos presos ao teto. Tudo ali parecia pesado e escuro, até o luxuoso tapete sob seus pés. Quando ela entrou, não havia nada além de sombras, pois era final de tarde e as cortinas estavam fechadas. Mas ela viu o tio e sorriu.

— Olá, tio James. Obrigada por ter me convidado para ficar aqui.

— Olá, minha querida criança. Entre, e vou lhe dizer como deve agir enquanto estiver aqui.

Ela deveria chamar todas as crianças de primos, mas, é claro, já sabia disso, porque era esperta. Teria aulas com os primos, os observaria e copiaria suas maneiras e seu comportamento, exceto por Marcus, sobrinho de seu tio, atualmente em visita a Chase Park. Ele era o próprio filho do diabo, tio James contou sorrindo, um sorriso que parecia mesclar ressentimento e orgulho.

— Sim — ele repetiu devagar —, o próprio filho do diabo, o filho de meu irmão. Ele tem quatorze anos, quase um adulto, e por isso é muito perigoso. Não o siga nem seus outros primos meninos em suas travessuras. É claro, é bem provável que os garotos a ignorem, porque você é só uma menina.

— Eu tenho outro tio? — ela indagou com os olhos brilhando.

— Sim, mas não deve dizer nada a seu primo Marcus. Apenas atente para como as pessoas se comportam. Se for um comportamento adequado, imite-o. Se não, feche os olhos e ignore. Entendeu?

Ela assentiu. Então, ele saiu de trás da grande mesa e afagou seus cabelos.

— Seja uma boa menina, e poderá vir me visitar uma vez por ano. Nunca fale sobre sua mãe, sobre mim, ou sobre si mesma. Não diga nada pessoal. Sua mãe a preparou, não?

— Sim, tio, ela me disse para guardar segredos e ser misteriosa, porque assim eu seria mais interessante, e o senhor e ela se orgulhariam de mim.

Ele sorriu.

— Bess lhe dá bons conselhos. Ouça-os, e faça o que eu digo. Agora vá e conheça suas primas. Elas já foram informadas para chamá-la de prima, também.

— Mas é o que sou, tio James.

— Sim, sim.

Ela não entendia nada daquilo, mas não era estúpida e amava muito sua mãe. Sabia que era importante que fosse obediente, dócil e agradável. Não queria aborrecer

ninguém.

Naquele primeiro dia, os meninos foram educados, e depois a ignoraram, mas suas primas, as gêmeas, como todas as chamavam, ficaram encantadas com sua presença.

O que era uma bastarda?

Ela não perguntou a tio James. Em vez disso, procurou diretamente a pessoa que menos a apreciava. A esposa dele.

As batidas na porta da sala foram atendidas por um ríspido:

— Entre!

Ela ficou parada à porta, olhando para a mulher grávida sentada em um divã, costurando. A condessa estava muito pesada por causa da gravidez. Era difícil compreender como alguém podia costurar tendo os dedos tão gordos. Seu rosto não era bonito, mas podia ter sido na juventude. Ela era muito diferente de sua mãe, uma mulher elegante, esguia, e muito alta. A condessa parecia velha e cansada, e também má e ressentida.

— O que quer?

A menina sentiu um súbito temor, mas entrou na sala e disse:

— Ouvi uma das criadas dizer a outra que sou uma bastarda. Não sei o que é isso, mas posso presumir, pelo tom de voz das mulheres, que não é nada bom. Notei que não gosta de mim, e por isso imaginei que me diria a verdade.

A mulher riu.

— Bem, os rumores já começaram, e você só está aqui há dois dias. É o que sempre digo: se alguém quer saber alguma coisa, só precisa perguntar aos criados, porque eles nunca nos desapontam. Sim, você é uma bastarda. Significa que sua mãe é uma meretriz, que é paga por meu marido para estar sempre disponível, e você é fruto dessa disponibilidade. — Ela riu, e sua risada era fria, cruel.

— Não entendo, senhora. O que é uma meretriz?

— É uma mulher que não tem moral. Tio James é seu pai, não seu tio. Mas eu sou a esposa dele, e sua querida mãe não é nada senão a amante de um homem rico, uma mulher que recebe dinheiro em troca de... bem, você ainda não entende, mas, considerando sua aparência e a maneira como já desabrocha, imagino que um dia será ainda melhor que sua mãe. Nunca se perguntou por que seu querido tio James é um Wyndham, e você é uma Cochrane? Não. Parece que não tem mais inteligência do que a vadia de sua mãe. Agora, saia daqui. Não quero vê-la outra vez, a menos que seja necessário.

A garota saiu correndo, com o coração disparado e o estômago doendo de medo.

Daquele dia em diante, ela permaneceu sempre muito quieta, limitando-se a responder quando alguém lhe dirigia a palavra, nunca iniciando uma conversa ou rindo, nem fazendo ruídos que pudessem chamar a atenção dos outros. Foi perto do final daquela visita que seu primo Marcus começou a chamá-la de Duquesa.

Sua prima Antonia, então com seis anos de idade, franzia a testa para Marcus e protestava:

— Por quê, Marcus? Ela é só uma menina, como Fanny e eu. Somos apenas Wyndham. Por que ela é duquesa, e nós não somos?

Marcus, o filho do diabo, olhou para a prima do alto de sua considerável estatura e respondeu:

— Porque ela não ri e não sorri, é distante e mais reservada do que deveria ser para uma criança de sua idade. Ela já sabe distribuir sorrisos e aprovação como se fossem moedas de ouro. Não notaram como os criados correm a atendê-la? Como se derretem se ela os cumprimenta? Além disso, um dia, ela será linda.

Ela nada respondeu, limitando-se a conter o choro que ameaçava sufocá-la. De queixo erguido, ela fixou o olhar em um ponto qualquer além dele.

— A Duquesa — Marcus repetiu rindo. Depois, saiu para cavalgar com os primos.

Ela carregava bem o título de Duquesa porque não tinha alternativa. Quando ouvia alguém falar sobre seu orgulho excessivo, ou quando alguém a defendia alegando não se tratar de orgulho, mas de reserva, sabia que suas maneiras eram irrepreensíveis, e essa era toda a compensação de que necessitava.

Quando ela foi a Chase Park em junho de 1808, então com treze anos, Marcus também estava lá. Ele viera de Oxford para visitar os primos. Ao vê-la, ele riu, balançou a cabeça, e a cumprimentou:

— Olá, Duquesa. Soube que agora esse é seu nome. Alguém já lhe disse que combina perfeitamente?

Ele sorria, mas tudo que ela via era um sorriso desinteressado, um sorriso que ele oferecia por não ter nada melhor para fazer naquele momento.

E ela se limitou a encará-lo com o queixo erguido, sem responder.

Odiava aquele olhar debochado e o tom gelado de Marcus.

— Ah, como se tornou distante, Duquesa! Como é altiva. Tudo isso é resultado de minha previsão quando você ainda era uma criança? Vejo que também se torna bela como eu antecipei. E só tem treze anos. Como será aos dezesseis? Ah, não! Prefiro não vê-la quando se tornar adulta!

Rindo, ele saiu para cavalgar com Charlie e Mark.

Ela ficou parada no hall com as duas valises a seu lado, até o sr. Sampson se aproximar sorrindo, como sempre, seguido pela sra. Emory, que também sorria e dizia:

— Bem-vinda, senhorita!

Todos agora a chamavam de Duquesa, inclusive seu pai, tio James, e Tweenie, a criada que a informara inadvertidamente de sua condição ilegítima anos atrás. E todos sabiam que era uma bastarda. Por que a tratavam com tanta gentileza? Jamais entenderia. Era a filha bastarda de James Wyndham, e nada mudaria tal circunstância.

Se alguém algum dia perguntasse, ela responderia sem hesitar que perdera a inocência aos nove anos de idade. Quando tio James chegara para uma visita, ela notara que ele dormia no quarto de sua mãe, e passara a perceber que eles se tocavam com frequência e riam, sempre muito próximos. Certa vez ela os vira trocar um beijo no corredor do segundo andar.

Três meses depois daquela primeira visita a Chase Park, tio James havia dito que ela era sua filha. Estavam na casa dela, sentados em um divã da sala de estar.

— Agora não precisa mais fingir que não é minha filha, porque já tem idade suficiente para entender os fatos da vida, Duquesa. E não deve estar surpresa.

Já sabia disso, não? Infelizmente, em Chase Park, manteremos a farsa. Minha esposa exige que seja assim, e eu concordei com ela.

Tio James gostava dela? Isso era algo que jamais saberia. E não importava. Tinha o amor da mãe. Não precisava dele.

— Tio James, sou uma bastarda — ela respondera. — Sei disso já há algum tempo. Não se preocupe, porque já me habituei a essa condição.

As palavras calmas e desinteressadas o assustaram, mas ele nada disse. Estava aliviado. O que mais poderia dizer? Ele fitou os grandes olhos azuis, os cabelos negros como os dele, e pensou que essa sua filha era contida e retraída, muito diferente das gêmeas, sempre risonhas e agitadas.

Era difícil lembrar agora que, no início, não a quisera, que chegara a ordenar a Bess que se livrasse da criança. Mas Bess simplesmente dissera que teria o bebê, e que ele podia fazer o que achasse melhor. E ele achara melhor ficar com as duas, porque queria Bess mais do que jamais quisera outra mulher em sua vida. E agora ali estava sua filha, serena e altiva como uma duquesa, a filha que um dia ele não quisera, mas que agora amava.

A Duquesa lembrava com nitidez aquelas duas semanas de 1808. Seu primo Marcus a obrigara a se retrair ainda mais com suas palavras debochadas que, na verdade, eram

só provocação e brincadeira, mas que causavam nela profunda dor. Então, na segunda quarta-feira, seus outros dois primos, Charlie e Mark, se afogaram em uma corrida de barcos quando dois veleiros colidiram no rio Derwent, diante dos olhares perplexos de cerca de duzentas pessoas que acompanhavam o evento das margens. Cerca de dez ou doze garotos pularam de seus barcos nas águas frias do rio para tentar salvar os dois competidores, mas ninguém conseguira resgatá-los em tempo. Atingido na cabeça pelo mastro de um veleiro desgovernado, Charlie morrera instantaneamente e fora arremessado no rio. Seu irmão mais novo, Mark, tentara encontrá-lo sob os destroços do outro veleiro, e também se afogara ao ser envolvido pelos restos de uma vela.

Os rapazes foram sepultados no cemitério da família Windham. Chase Park mergulhou no desespero. O pai da Duquesa passava os dias trancado na biblioteca. O choro da condessa era ouvido pelos corredores durante toda a noite. Marcus estava pálido e retraído, silencioso, porque sobrevivera aos primos. Ele nem havia estado no veleiro com os dois. A Duquesa voltou para a casa da mãe.

Durante os cinco anos seguintes, a condessa engravidava todos os anos na tentativa de produzir um herdeiro para Chase, mas nenhum dos bebês sobrevivia ao primeiro ano de vida. Todos eram meninos. O conde se retraía cada vez mais, embora se deitasse com a esposa todas as noites, mesmo não havendo prazer para um ou outro. Era apenas um mórbido dever, tornado mais amargo a cada ano. Marcus tinha seu sangue, mas ele queria que sua linhagem prosseguisse por alguém de sua própria carne, não pelo filho do irmão.

Ele passou a visitar Rosebud Gottage com mais freqüência. Estava quieto, e seu riso agora era tão raro quanto o de sua filha. Era como se o conde se apegasse mais e mais à mãe dela, e ela o mantinha bem próximo, amando-o incondicionalmente.

Mas quando o conde voltava a Chase Park, como era inevitável, não havia nada que ele pudesse fazer além de ver a esposa produzir um filho após o outro e ver cada um deles morrer.

Marcus Wyndham era o herdeiro de Chase.



CAPÍTULO I

Rosebud Cottage, Winchelsea, janeiro de 1813

Lamento muito lhe dizer isso, srta. Cochrane, mas ainda há mais, e não é bom. O sr. Jollis, advogado de sua mãe, não parecia lamentar muito. Pelo contrário, ele soava satisfeito, o que era estranho, certamente. Porém, ela se manteve em silêncio, não só pela dor da perda da mãe, mas porque estava habituada a ficar em silêncio. Aprendia muito ouvindo e observando as pessoas. Nesse breve silêncio, lembrou que o pai ainda não havia sido informado da morte de sua mãe. E agora, ela mesma teria de escrever-lhe dando a notícia. Havia sido tudo tão repentino! Um acidente de carruagem. Uma roda se quebrara, e o veículo despencara do precipício de South Downs. O corpo fora levado pelo mar e, após um dia e meio, ainda não aparecera.

— Como eu dizia, srta. Cochrane, lamento informar que a casa é alugada, e o inquilino é seu pai, lorde Chase.

— Ah, eu não sabia. Preciso escrever para ele, então. Como o aluguel está próximo de vencer, suponho que deva me mudar para Chase Park.

— Há outra opção... — o sr. Jollis disse, aproximando-se dela com um sorriso de satisfação.

Ela o encarou com mais hostilidade do que jamais havia olhado para outro homem.

— Não, não há.

— Talvez o conde não a queira em Chase Park. — Ele já estendia a mão em sua direção.

— A esposa dele morreu há sete meses, pouco antes da minha visita anual. Não imagino razão para ele não me querer em sua casa. Ela era a única que não aprovava minha presença, o que é compreensível. Há muito compreendi a amargura daquela mulher. Mas agora ela está morta.

— Sim, mas agora o lorde deve ser cauteloso. Ele está de luto. Todos os vizinhos o estarão observando, toda a sociedade, de fato, todos aqueles cuja opinião é importante para ele.

— Por quê? Ele certamente não se casará outra vez. Não tão depressa. Sou apenas uma filha bastarda. Quem se incomodaria com minha presença em Chase Park?

— As pessoas se incomodariam, e descobririam sua presença muito depressa. Isso demonstraria um imenso desrespeito pela esposa morta, srta. Cochrane. Acredite em mim. Conheço a sociedade, e a senhorita é ainda ingênua.

Ela não acreditava nele, mas não queria discutir.

— Não creio que os homens mereçam tanta atenção, só as mulheres. Também não creio que o luto de um viúvo seja tão prolongado.

Adoraria estapear aquela mão estendida em sua direção.

Ela se lembrou de quando a esposa de seu pai havia morrido. O que vira nos olhos dele quando a condessa falecera tendo mais um filho fora um grande alívio.

As lágrimas tinham sido pela morte de mais um bebê, morto duas horas depois do parto, não pela esposa.

— É possível — concordou o advogado. — Mas não há ninguém para cuidar da

senhorita agora. Talvez deva pensar em procurar alguém em boa situação para protegê-la e manter seu adorável chalé.

Ela sorriu. O sr. Jollis, como todos que a conheciam, se surpreendeu com o sorriso. Era lindo, raro, e simplesmente fascinante.

— Se eu decidir ficar, vai me dizer quem é o dono do chalé?

— Um homem chamado Archibald, proprietário de muitas terras, mas a senhorita não tem dinheiro para pagar o aluguel. Ora, seria absurdo, seria...

— Gostaria que se retirasse agora, sr. Jollis. Se houver mais alguma coisa que eu tenha de saber, por favor, escreva uma carta.

— Acha que é melhor do que realmente é, srta. Cochrane. Mas não passa de uma bastarda, e nunca será mais do que isso. Não pode ficar aqui. O aluguel do chalé vence no dia quinze do mês que vem, e não terá dinheiro para renová-lo. Archibald tem mais de setenta anos, e não vai se interessar por seus... dotes. Não, ele exigiria dinheiro, e não que sua cama fosse aquecida. Então, terá de partir. Se o seu estimado pai a quiser, ele a acolherá em sua casa, mas por quanto tempo? Não esqueça, sua mãe está morta. Acha mesmo que ele algum dia a quis? Não, era sua mãe que ele queria, nada mais. Eu me tornaria seu protetor, srta. Cochrane...

Ela estava pálida agora, com os olhos iluminados pela ira, mas tudo que ele via era indiferença, porque tudo que ela fez foi encará-lo em silêncio por um instante, e depois sair da sala sem dizer uma única palavra.

O sr. Jollis não sabia o que fazer. Ela consideraria sua proposta malfeita? A jovem era arrogante e antipática, mas isso ia mudar. Se ela fosse virgem... Badger, o criado que cuidava da segurança da sra. Cochrane e de sua filha havia muitos anos, surgiu na porta com o eterno ar ameaçador. Grande e forte, feio como o demônio, ele parecia ainda mais furioso do que de costume.

— Senhor, retire-se. Se ainda estiver aqui nos próximos três segundos, terei de informar o lorde sobre seu lamentável comportamento. Ele não vai gostar nada disso.

— Ah! Ele ficaria aliviado por ter a bastarda removida de sua responsabilidade. E você também vai ficar sem dinheiro, Badger, porque ela não terá como pagar por seus serviços. Então, vai aprender a tratar com seus superiores demonstrando respeito, em vez de insolência.

Badger sorriu. No instante seguinte, ele segurou o advogado pelos ombros e o ergueu, carregando-o para fora do chalé, onde o jogou no chão coberto de neve. Já havia ensinado a Duquesa a usar os punhos e os joelhos para se defender de certos indivíduos, e não entendia por que ela insistia em ser tão delicada com quem não merecia. Agora que estava sozinha, talvez ela aprendesse a reagir.

Informado sobre a morte da amante de tantos anos, o conde de Chase mandou um secretário ir dizer à filha que ela deveria se mudar para Chase Park, e que ela teria duas semanas para arrumar suas coisas e partir. Badger devia acompanhá-la na jornada, e ele mandaria uma carruagem para buscá-la.

Duas semanas se passaram, e ninguém apareceu para buscá-la. O que fazer? Diante da janela da sala, ela esperava e vigiava, evitando escrever para o pai pedindo instruções. Seria humilhante demais. Mais quatro dias de espera, e ela decidiu que, sofrendo pela amante, ele não queria mais a filha por perto. Talvez a houvesse esquecido. Agora estava sozinha. O que faria?

Talvez seu pai tivesse encontrado uma nova condessa para ter os herdeiros com que ele tanto sonhara, e agora não queria a filha bastarda por perto. Sim, era isso. Forçar sua presença não promoveria a harmonia do conde com sua nova esposa. Mas por que ele não escrevia para informá-la? Seu pai nunca fora covarde. Nada fazia sentido.

A chuva começava a cair, ainda fraca, mas logo seria torrencial, e lavaria as janelas empurrada pela força dos ventos do canal.

Agora que tinha dezoito anos, era possível que seu pai tivesse decidido que chegara

a hora de cuidar ela mesma da própria sobrevivência. Mas, se era isso, por que ele não a informava de sua intenção? Por que mandara dizer que ela deveria ir para Chase Park? Por que mentira? Estava sozinha. A mãe não tinha família. Nunca recebera cartas ou presentes no Natal, nada que pudesse sugerir a existência de parentes Cochrane. Se é que esse era mesmo o nome de sua mãe, e não uma invenção. Não. Não podia haver irmãos, irmãs ou tias. Havia sido sempre elas, só as duas, e o conde que as visitava.

A chuva lavava a janela. Ela tentava decidir o que fazer. O advogado de sua mãe havia dito que o aluguel venceria no dia quinze do próximo mês. Até a morte dela, todas as contas eram pagas por um administrador do conde em Londres, ainda de acordo com as informações dadas pelo sr. Jollis. E, ao tratá-la com aquele evidente desrespeito, ele a acusara de ser pior que sua mãe, como se sua mãe tivesse algum grave defeito. Bem, ela não era perfeita... mas preferia não pensar nisso. Preferia evitar esse tipo de questionamento, como sempre fizera. Pelo menos não havia esperado que o advogado fizesse a ultrajante proposta de um ninho de amor pago por ele.

Afastou-se lentamente da janela, incomodada pelo frio da tarde úmida e cinzenta. O fogo morria na lareira. A temperatura caía rapidamente dentro do chalé. Depois de alimentar o fogo, ela caminhou pela sala enquanto pensava. Sabia que precisava fazer alguma coisa, mas... o quê? Não tinha habilidades especiais, não sabia cuidar de uma casa nem podia ser dama de companhia de alguma senhora idosa. Não sabia nem costurar! Fora criada como filha de nobres, mas suas únicas habilidades giravam em torno da capacidade de satisfazer um homem, tudo para que encontrasse um bom marido capaz de fechar os olhos para sua total falta de recomendações e antecedentes.

A amargura a consumia. Sua mãe estava morta! Sua adorada mãe, que amara o conde mais do que amara a própria filha, que o amara com uma força maior do que odiara a posição em que ele a tinha colocado.

O sr. Jollis se gabara de conhecer a sociedade e a acusara de ser ingênua. Era hilário! Lia o London Times e o Gazette desde os dez anos de idade, devorando todas as notícias da sociedade, rindo de suas tolices, da aparente falta de consideração pela mais óbvia sensatez. Conhecia a sociedade, e por isso sabia que tinha um talento, embora jamais o houvesse considerado como um meio de ganhar a vida. Nunca havia sido necessário pensar nisso.

Sim, possuía um talento incomum, um talento que talvez nem fosse considerado possível em uma mulher.

Teria de discutir o assunto com Badger. Se pudesse ganhar dinheiro com isso, ele saberia como ajudá-la.

Quando subia a escada estreita para o quarto, sorriu pela primeira vez desde a morte da mãe.

Chase Park, perto de Darlington, Yorkshire, março de 1813

O sr. Crittaker não gostava do que se preparava para fazer, mas não tinha escolha. Estava muito pálido, ofegante, mas, mesmo consciente das possíveis consequências desastrosas, ele bateu na porta da biblioteca. Era tarde. Sabia que incomodaria seu senhor, mas precisava dizer a ele o que fizera. Ou melhor, o que se esquecera de fazer.

O conde de Chase estava em pé diante da lareira de mármore Carrara, cercado por prateleiras repletas de livros. Havia uma vela acesa sobre a mesa, mas a cadeira estava vazia. Já era quase meia-noite, mas o conde ainda estava ali, sozinho em sua biblioteca.

— O que é, Crittaker? Não me ocupou o bastante durante o dia? Ainda tenho tinta nos dedos depois de assinar todos aqueles malditos papéis. Qual é o problema agora?

— Milorde, eu... esqueci a srta. Cochrane! O conde o encarou com ar confuso.

— Srta. Cochrane? — repetiu.

— Sim, milorde.

— Quem é a srta. Cochrane?

— A Duquesa, milorde. Eu me esqueci dela. A mãe da pobrezinha morreu e, bem... seu tio também faleceu, e com todos os preparativos para a sua chegada, eu... esqueci que deveria ter ido buscá-la!

O oitavo conde de Chase continuava olhando para o homem que havia sido secretário de seu tio e que agora era seu secretário.

— Esqueceu a Duquesa? A mãe dela morreu? Quando, homem? Meu Deus, há quanto tempo isso aconteceu? Sente-se, conte-me toda a história, e não omita nenhum detalhe!

O sr. Crittaker, aliviado por não ter sido sumariamente demitido, sentou-se e começou a falar.

— Seu tio era... bem...

— Amante da mãe dela, a sra. Cochrane. Eles foram amantes por vinte anos. O que aconteceu com ela?

— Bem, a sra. Cochrane morreu em um trágico acidente de carruagem. Seu tio me deu ordens para escrever imediatamente para a srta. Cochrane, instruindo-a a arrumar seus pertences e esperar pela carruagem que iria buscá-la. Ela deveria vir morar aqui, em Chase Park. Eu escrevi dizendo que ela deveria se preparar para partir em duas semanas.

— Entendo. E quantas semanas se passaram além dessas duas, Crittaker?

— Oito, milorde.

O conde encarou seu secretário.

— Está me dizendo que uma jovem de dezoito anos passou os últimos dois meses sozinha?

— Bem, deve haver um criado, milorde...

— Por que ela não escreveu para meu tio perguntando sobre a carruagem?

— Ela deve ter pensado que o pai não a queria mais, agora que a mãe está morta. Ele nunca a tratou com afeto durante as visitas anuais, milorde, embora eu não saiba como ele a tratava quando ia visitar a mãe dela em Rosebud Cottage. Sendo assim, compreendo que não tenha feito perguntas ou cobranças. Ela é orgulhosa, o senhor sabe disso. Ela é a Duquesa.

— Ou a carta não chegou, ou chegou e você a colocou no lugar errado...

— É possível, milorde, mas espero que nada disso tenha ocorrido.

Ele praguejou. Major do Exército, se desligara da corporação seis semanas antes para assumir seu lugar como novo conde de Chase.

— E por que se lembrou agora da Duquesa?

— Na verdade, foi o sr. Spears quem lembrou. — Spears? O valete de meu tio?

— Ele sempre teve grande simpatia pela menina. O sr. Spears comentou que se preocupava com o destino da srta. Cochrane, e então...

— Entendo. Bem, parece que terei de fazer uma viagem a Sussex. Partirei amanhã cedo e trarei a srta. Cochrane comigo.

— Muito bem, milorde.

— E, Crittaker, se alguma coisa aconteceu com ela, é melhor começar a procurar outro emprego.

O secretário pediu licença e saiu, apreensivo, rezando para que a filha do antigo conde estivesse bem.

O conde continuou olhando para a lareira e chutou uma brasa com a ponta da bota.

Bom Deus! Crittaker havia esquecido a pobrezinha! Ficava apavorado ao pensar na Duquesa sozinha e desprotegida por dois meses. Por outro lado, ele também não pensara nela antes. Não a via fazia cinco anos, desde aquele horrível verão em que seus dois primos tinham morrido afogados durante uma corrida de barcos. Seria interessante



descobrir se ela se tornara tão bela quanto ele previra.

Não que isso importasse. A Duquesa era sua prima bastarda e devia ao tio garantir-lhe proteção. O que faria com ela era uma outra questão.

A Duquesa foi o assunto de todos na tarde seguinte no aconchegante e quente salão verde em Chase Park.

— A Duquesa — Gweneth disse para as gêmeas — é a menina mais bela que já vi.

— Mas a senhora não viu muitas, lindas ou não, tia Gweneth — Antonia respondeu, erguendo os olhos de seu romance da sra. Radcliffe. — Nunca saiu de York. Porém, espero que ela esteja bem. Deve ser horrível ser esquecida! Ela deve estar muito magoada.

— Marcus cuidará dela — disse Fanny. — Ele pode fazer qualquer coisa. Sim, e vai fazer que ela se sinta melhor, apesar de ter sido esquecida. Eu gostaria de ter ido com ele. Tenho certeza de que o manteria animado.

— Eu gostaria que superasse essa paixão por seu primo — disse Gweneth.

O atual conde era filho único de Reed Wyndham, e estivera lutando na península! Podia ter sido morto por aqueles malditos franceses, ou pelas guerrilhas das quais ele falara nas poucas cartas que mandara para o tio durante os últimos anos. Mas ele sobrevivera, graças a Deus, e demonstrava grande consideração pelas primas e por ela. Seu sobrinho Marcus era um cavalheiro de aparência fascinante e surpreendente sensibilidade. Seu irmão James costumava chamá-lo de filho do diabo, mas sempre sorria com afeto genuíno.

Marcus estava em Chase Park fazia quatro semanas apenas. Tinha deixado a mãe viúva em Cranford Manor, de onde ela se recusara a sair. Ele era o chefe da família Wyndham; esse novo conde que ainda não respondia quando era chamado de Chase, filho único de um segundo filho sem perspectivas melhores do que a carreira militar. A vida era incerta, Gweneth pensou, e estava sempre servindo porções inesperadas no prato das pessoas.

— Não sou apaixonada por ele — Fanny defendeu-se.

— Digo apenas que ele é maravilhoso. Até você admite que ele tem sido muito gentil, tia, e papai estava sempre falando sobre como Marcus não tinha o sangue puro, seja lá qual for o significado disso.

— Marcus tem sangue puro, Fanny. Infelizmente, não é o sangue de seu pai.

— Espero que nada de mau tenha acontecido com a Duquesa — Antonia comentou, indiferente a praticamente tudo que não fosse seu romance, camuflado dentro de um volume de Sermões Diários do dr. Edward.

— Dois meses sozinha. Não acha que ela pode ter voltado para a Holanda, tia Gweneth?

Fanny baixou o bordado.

— Se papai fosse vivo, ele a teria mandado para uma temporada em Londres. Ela certamente encontraria um marido. E ele teria dado a ela um dote. Acha que ela voltou à Itália, tia Gweneth? Ela não é da Holanda, Antonia.

Gweneth balançou a cabeça enquanto respondia:

— Seu pai foi infeliz na escolha da montaria. Aquele bruto o matou.

— Aquele bruto foi sua única montaria durante oito anos, tia — Fanny lembrou emocionada. — Papai amava aquele cavalo. Eu me lembro de uma vez quando começou a chover, e ele cuidou do animal antes de cuidar de Antonia e de mim.

Gweneth não duvidava disso. Seu irmão sempre adorara cavalgar, e era excelente cavaleiro. Jamais sofrerá uma única queda, até seis semanas atrás. Ele se virará na sela para gritar alguma coisa para um velho amigo, companheiro naquela cavalgada, e acabara batendo a cabeça em um galho baixo de um carvalho, sendo lançado para fora

da sela. Morreria instantaneamente.

Três semanas depois do acidente fatal, Marcus, com vinte e três anos de idade, então na península com seu batalhão do Exército, fora informado de que ele era o novo conde de Chase. O oitavo conde de Chase. Gweneth gostaria muito de saber se Marcus ainda se sentia um intruso em Chase Park, ou se realmente ocupara o lugar que havia sido do tio.

— Acham que Marcus vai dar à Duquesa um dote e uma temporada em Londres para encontrar um marido? — Fanny perguntou. Levantou-se e foi se servir de um biscoito em uma bandeja de prata ornamentada.

Antonia balançou a cabeça.

— Ela não precisa de um dote, só de uma chance para ser vista pelos cavalheiros. Todos eles cairão de joelhos, implorando por sua mão em casamento. A heroína neste romance da sra. Radcliffe é linda, generosa, doce e gentil, mas pobre como um rato de igreja. E já são três os cavalheiros que sentem o coração palpitar quando ela passa.

— Fanny, você vai comer só um biscoito, e não fale enquanto estiver mastigando. Maggie comentou comigo há alguns dias que seus vestidos estão ficando apertados na cintura. Você e Antonia estão atingindo a idade em que precisam se livrar das dobrinhas de bebê, e não desenvolver mais. Quanto a você, Antonia, duvido sinceramente que os sermões do dr. Edward incluam cavalheiros palpitantes por jovens damas. Sra. Radcliffe, francamente! Sua mãe não teria gostado nada disso.

Antonia ficou com os olhos cheios de lágrimas. Gweneth suspirou.

— Por que não lê um trecho em voz alta para nós?

Pipwell Cottage, Smarden, Kent, junho de 1813

Marcus deteve o cavalo na frente de Pipwell Cottage, como o lugar era chamado pelos locais, desmontou e amarrou a rédea em um poste. Estava exausto, furioso com a demora, mas tão aliviado por ter encontrado a Duquesa que sentia vontade de se jogar no chão e beijar a terra, antes de esganá-la por ter causado tamanha aflição a todos, especialmente a ele.

Tinha ido a Rosebud Cottage em Winchelsea fazia mais de três meses para buscá-la, mas ela partira, e ninguém sabia para onde. Pelo menos ela havia levado um criado, mas isso tudo era estranho demais. Uma jovem de dezoito anos vivendo sozinha, na companhia de um empregado. Um homem.

Levara três meses para localizá-la. Talvez houvesse levado três anos, se Spears não tivesse decidido se envolver. Spears viajara para Winchelsea, onde Marcus já tinha questionado todos, oferecendo recompensas e fazendo ameaças, e depois fora para Londres. Passara apenas dois dias em ambos os locais antes de retornar a Chase Park. Lá chegando, fizera uma cortesia respeitosa para Marcus e lhe entregara um pedaço de papel no qual estava escrito apenas: Pipwell Cottage, Smarden, Kent.

Ela vivia sozinha, exceto por aquele criado, fazia seis meses.

Marcus se acalmou. Finalmente a encontrara. Pelo menos Pipwell Cottage não era uma propriedade decadente. Parecia até charmosa naquele início de verão, cercada por uma dúzia de árvores e relva abundante. A cerca estava bem conservada, as pedras do calçamento que conduziam da entrada à porta eram polidas e lisas, e as flores nos vasos denunciavam carinho e atenção constante. Uma propriedade graciosa e próspera.

Como ela pagava por isso? Mais uma vez, ele ignorou a idéia de que ela, como a mãe, tinha um protetor. Não a Duquesa. Ela era orgulhosa demais para isso.

Ao caminhar até o chalé, ele percebeu que tudo que queria era encontrá-la saudável e bem alimentada. Bateu na porta, rezando por isso.

Badger abriu a porta e olhou para o jovem cavalheiro.

Confuso, Marcus perguntou:

— Mora aqui, senhor? E o novo proprietário desta casa? A Duq... A srta. Cochrane se mudou?

— Sim, eu moro aqui — Badger confirmou sem se mover da porta. — Posso saber quem está procurando a senhorita?

— Sou o conde de Chase.

— Impossível! — ele protestou, preparando-se para uma luta. — E melhor ir embora daqui, senhor.

Marcus compreendia a ameaça nas palavras do criado, mas não entendia sua razão.

— Mas o que digo é verdade! Sou o novo conde de Chase. O oitavo conde. Esperava encontrar a srta. Cochrane aqui. Vim buscá-la porque... Bem, ela foi esquecida depois da morte do pai, e depois, quando o sr. Crittaker se lembrou dela, fui imediatamente a Winchelsea, mas ela já havia partido. Levei três meses para encontrá-la, e agora ela desaparece outra vez.

— Você é Marcus Wyndham?

— Sim, sou eu.

— O velho conde o chamava de filho do diabo. É você?

Marcus riu.

— Meu tio nunca foi de meias palavras. Sim, acho que sou eu mesmo.

— E está dizendo que o pai dela está morto?

— Sim, ele morreu há quase seis meses. Caiu do cavalo e morreu imediatamente. Ela ainda mora aqui, então? Você é o criado que a acompanha?

— Foi por isso que ninguém apareceu para levá-la! E estranho que nenhum de nós tenha considerado essa possibilidade. Foi um acidente? — Ao ver o conde assentir, prosseguiu: — A Duquesa costumava falar do senhor quando voltava de Chase Park. Na verdade, ela só dizia que a apelidara de Duquesa, e que era o filho do diabo. Não acredito que ela tenha muito afeto pelo senhor.

— Não me importo se ela odeia o chão em que piso, desde que ela esteja bem. Ela está bem?

— Sim, muito bem.

— Está comendo o suficiente?

— Sim, ela se alimenta bem.

— Mas como ela consegue manter este chalé?

— É melhor perguntar a ela, senhor. Aliás, se me permite indagar, por que veio?

— Não vai me convidar para entrar? Preciso falar com a Duquesa, como você mesmo sugeriu há pouco. A propósito, quem é você?

— Meu nome é Badger. Cuido da Duquesa como cuidei da mãe dela, e sou também o cozinheiro da casa.

— Ah! Sabe cozinhar?

O homem assentiu e, finalmente, se afastou da porta para permitir a entrada de Marcus. Ao sentir o aroma tentador de carne assada, ele sentiu a boca se encher de água e o estômago roncar. E pensou ter ouvido uma mulher cantarolar uma canção.

— Espere aqui, senhor. — Badger saiu por uma porta à direita, e logo o cantarolar cessou.

Marcus batia com o chicote de montar na coxa. Estava faminto, cansado e não conseguia acreditar que havia sido deixado esperando em um hall por um homem que era tanto criado quanto cozinheiro e que falava como um perfeito cavalheiro.

Pelo menos ela estava bem. E não estava sozinha. Mas quem pagava pelo chalé? E pela comida? Pelos serviços do criado?

Quando a porta se abriu novamente, Badger disse:

— Pode entrar, senhor. A srta. Cochrane o receberá agora.

Como se ela fosse a rainha!, o novo conde pensou, irritado. O aposento era



pequeno, mas confortável. Havia ali uma sensação de domesticidade, uma atmosfera aconchegante. Pilhas de jornais de Londres estavam ao lado de uma poltrona de brocado. Estranho ele ter notado os jornais antes mesmo de olhar para ela. Pilhas e pilhas.

Fazia cinco anos.

Ela era a jovem mais bela que ele já vira. A Duquesa correspondera plenamente à sua previsão. O vestido simples e discreto não escondia sua beleza, e havia uma mancha de tinta em seu rosto. Ela o encarava quieta, imóvel, distante. Com a mesma serenidade que parecera estranha em uma garota tão nova.

Ela era mais linda do que deveria ser. Mas tudo que ele disse foi:

— O que faz com tantos jornais?

— Olá, Marcus.

— Ah, olá, Duquesa. Há quanto tempo...

— Realmente. Badger me disse que meu pai está morto, e que por isso ninguém apareceu para me buscar. Estranho, não? Mortos, vivos... Fui esquecida por todos.

— Sim, Crittaker quase teve uma síncope quando me informou que a havia esquecido, há mais de três meses. Lamento que tenha acontecido. Agora estou aqui para levá-la comigo para Chase Park.

Ela o encarou em silêncio, distante, fria. Não lhe ofereceu a mão ou o rosto para um beijo. De repente, ele percebeu que aquilo tinha sido um choque para ela. Primeiro a mãe, agora o pai, ambos mortos em questão de semanas.

— Lamento sobre seu pai. Ele era meu tio, e eu gostava dele. A morte foi rápida, sem sofrimento.

— Obrigada por me dizer. Pensei que ele tivesse me esquecido, que não me quisesse mais por perto depois da morte de minha mãe.

— Agora sabe que ele a queria em Chase Park. Ele não pôde impedir o desenrolar do próprio destino.

Badger apareceu na porta aberta.

— O assado está perfeito, Duquesa. Já servi a carne com batatas coradas e vagem. E salpiquei as batatas com orégano. Também fiz torta de maçã, sua favorita. Quer jantar agora? Não gostaria de convidar o conde para jantar conosco?

Ela assentiu, evidentemente distraída.

— Está com fome?

— Sim, cavalguei o dia todo. Há alguém que possa cuidar do meu cavalo?

— Vai ter de cuidar dele você mesmo — a Duquesa respondeu. — Badger não tem tempo para isso.

— Entendo. — Marcus girou sobre os calcanhares e saiu da sala.

Badger o chamou.

— Há um galpão atrás do chalé. Pode acomodar seu cavalo nele.

Marcus não disse mais nada. Era perfeitamente capaz de cuidar de Stanley. O que não era capaz de aceitar ou entender era o fato de ela estar vivendo com um homem que falava como um nobre, e sabia cozinhar e decorar pratos. Badger era feio como um carvalho retorcido e velho o bastante para ser pai dela, mas, ainda assim, não era certo.

Ela não parecia passar fome. Cantarolava satisfeita quando ele chegara, e havia uma mancha de tinta em sua face. E era tão linda que ele teria ficado feliz ao simplesmente permanecer ali parado, olhando para ela. E teria feito isso, se Badger não houvesse entrado na sala para anunciar que o jantar estava servido. Até onde sabia, seu tio não deixara provisões para a filha bastarda em testamento. Por isso, ele tivera tantos temores e tantas preocupações nos últimos meses. Até onde sabia, ela não tinha nada.

O que estava acontecendo ali?

Marcus empurrou o prato, suspirou satisfeito e cruzou as mãos sobre o abdômen plano e firme. A Duquesa terminara de comer algum tempo antes e estava simplesmente sentada ali, calma e composta, nem um pouco incomodada com sua presença, como se

ter um convidado para jantar fosse uma ocorrência diária. Ela apenas esperava; esperava que ele terminasse, esperava que ele falasse, esperava em silêncio, quieta como quando a conhecera, quando ela tinha apenas nove anos. Ela girava entre os dedos a taça de vinho, um vinho de boa qualidade em uma taça de cristal que havia custado um bom dinheiro. Tudo ali era parte de um cenário caro. Quem pagava por isso? O homem que Jantava com ela?

— Badger é um chef de grande habilidade — Marcus disse com sinceridade. — O orégano foi um toque genial. O verde acentuou a cor clara das batatas e deu mais sabor ao assado.

— Sim, um toque de artista. Badger é um homem de muitas habilidades.

— Tais como?

Ela apenas encolheu os ombros, dispensando sua pergunta como algo impertinente, o que ele supôs que era mesmo.

— Você parece bem — Marcus comentou. — Todos ficaram muito preocupados com você.

Depois de finalmente terem lembrado de sua existência, ela pensou.

— Obrigada. Você também parece muito bem. Era um cavalheiro da corte antes de meu p... antes da morte do conde?

— Oh, não. Eu era um major do Exército. Tive de me desligar da corporação depois da morte de meu tio. Não queria esse título, embora ele nunca tenha acreditado nisso, e honestamente nunca me importei por ser o herdeiro nominal. Como todos, achei que ele se casaria rapidamente depois da morte de minha tia no parto, e que continuaria tentando ter um filho. Um herdeiro. Sem dúvida, ele teria conseguido, se não houvesse morrido.

— É estranho. Não entendo por que ele não se casou.

— Ele morreu somente sete meses após a morte da esposa. Um novo casamento menos de um ano depois de ter ficado viúvo... Bem, isso o teria exposto à censura. Meu tio dava muita importância à opinião dos outros.

— Ele visitou minha mãe muitas vezes depois da morte da condessa. Na verdade, passou mais tempo com ela do que antes. Ele havia mudado muito depois da morte de Charles e Mark. Pelo menos naqueles últimos meses ele parecia estar mais feliz.

Marcus não se surpreendeu ao ouvir isso. Afinal, seu tio era um homem vigoroso que pagava para ter a amante à disposição. Porém, não verbalizou o pensamento para a filha bastarda. Em vez disso, perguntou:

— É parecida com sua mãe?

— Sim, mas tenho os olhos azuis e os cabelos negros de meu pai, como deve ter notado. Minha mãe era loira. Ela sempre foi linda, doce, delicada... E sempre o amou incondicionalmente. Nunca fez exigências, nunca o explorou ou criticou... Era amor.

— Sim, eu entendo. E sinto muito, Duquesa.

— As tortas de maçã — Badger anunciou ao entrar.

— Muito obrigada. Parecem deliciosas — ela comentou sorrindo. Depois disse a Marcus: — Garanto que nunca comi nada tão bom.

Ele sorriu e provou o primeiro pedaço.

— Tem razão, são deliciosas! A Duquesa apenas assentiu.

— É difícil acreditar que não quisesse o título e toda a riqueza que o acompanha.

— Mas é verdade. Nunca me importei com isso. Estava muito satisfeito com a vida que tinha antes. Não queria me desligar do Exército. Era apenas o filho de um segundo filho, mas eu era necessário. Gosto de pensar que fiz a diferença, que meu julgamento afetou o desfecho de alguns eventos. Rezo para ter conseguido salvar algumas vidas e não ter jamais desperdiçado nenhuma.

— Passou todos esses anos na península?

— Sim. Eu me alistei em agosto de 1808, logo depois da morte de Charlie e Mark. Os espanhóis recusaram nossa ajuda; por isso, seguimos para Portugal, para Figueira de

Foz, perto de Coimbra. Meu comandante era Wellington. Se minha conversa estiver muito aborrecida...

— Continue, por favor.

Nenhuma outra mulher jamais se interessara por sua passagem pelo Exército. Nem mesmo sua mãe. Ele se debruçou sobre a mesa e continuou:

— Napoleão derrotou a Espanha e seguiu para Londres, viajando por Talavera e Elvas.

— Ah, sim! Napoleão não disse: "Expulsarei a Inglaterra da península. Nada pode impedir a realização dos meus desejos"?

— Acho que ele disse algo parecido.

— Prossiga.

— Bem, houve aquela horrível travessia no meio do inverno, uma operação liderada por sir John Moore, pelas montanhas da Galícia, mas conseguimos superar os franceses. Havia pouca comida, os animais... — Ele parou e balançou a cabeça, odiando aquelas lembranças. — Não. Chega por hoje.

— O que acha do armistício de Napoleão depois de ele ter vencido os exércitos da Prússia em Lutzen e Bautzen?

Marcus encolheu os ombros.

— Veremos quanto tempo vai durar. Nenhum dos homens que conheço acredita que irá além do verão.

— E verdade que Wellington quer que todos os seus generais evitem lutar diretamente contra Napoleão, que ele sempre tenta ir contra seus marechais?

— Como sabe? — Ele estava surpreso, pois poucas pessoas sabiam disso.

— Eu li — ela respondeu em tom seco, deixando claro que sua surpresa a insultava.

— Sim, é verdade. Wellington tem dito que a presença de Napoleão em um campo de batalha vale quarenta mil homens, não somente homens, mas soldados.

Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Isso é excelente — disse. — E a primeira vez que ouço isso. Também é verdade que não foi o inverno russo que derrotou Napoleão, mas os próprios russos?

— Sim, mas há controvérsias. Todos os que consideram Napoleão o maior líder militar de todos os tempos afirmam que o inverno russo o derrotou. Ouvi dizer que os russos aprenderam com as vitórias de Napoleão e as copiaram, derrotando-o em seu próprio jogo.

— E não se pode esquecer que suas linhas de suprimento se romperam. Imagine a distância do Ocidente até Moscou! E incrível pensar em quanta comida, quanta roupa e quanto equipamento seriam necessários!

— É verdade — concordou Marcus. Era espantoso! Ela teria um protetor dentro do Exército? Era assim que conseguia tantas informações? De repente, ele perguntou: — De quanto tempo precisa para se preparar para partir?

— Partir? Como assim?

— Vai comigo para Chase Park, naturalmente.

— Não consigo ver nada de natural nisso.

— Devia estar vivendo em Chase Park há seis meses. Já me desculpei pelo que aconteceu. Não há mais nada que eu possa dizer. Passei os últimos meses tentando encontrá-la, e agora que consegui, estou lhe oferecendo uma casa, proteção apropriada, e até uma temporada em Londres, se quiser. Também providenciarei um dote adequado. Com sua aparência e esse interesse pelos assuntos do Exército, terá muitas propostas de casamento, especialmente de oficiais solitários de licença.

Ela alisou a toalha da mesa, e Marcus notou que havia manchas de tinta em seus dedos, também.

— Não estou interessada em casamento. Agora minha casa é aqui. E muita bondade sua se preocupar comigo, mas depois de tanto tempo... Bem, a verdade é que



me tornei auto-suficiente. Não preciso de uma temporada, de um dote ou de um marido. Há outras coisas para uma mulher além de casamento, Marcus.

— Como se tornou auto-suficiente? Conheceu um soldado depois da morte de sua mãe? Foi ele quem lhe disse... — Marcus parou e encolheu os ombros, deixando no ar a conclusão da frase.

Ela sorriu, mas era um sorriso frio, cheio de segredos e raiva. Porém, como sempre, sua voz soou neutra.

— Isso não é da sua conta. Contudo, sua linha de raciocínio é interessante. Meu conhecimento sobre as questões militares e meu interesse em eventos como o fracasso de Napoleão na Rússia, por exemplo, não podem partir do meu cérebro, mas devem vir do de outra pessoa, mais especificamente de um militar que está me mantendo neste adorável chalé, como seu tio manteve minha mãe em Rosebud Cottage.

Ele se inclinou e bateu com o punho na mesa.

— Maldição, Duquesa, não foi isso o que eu quis dizer! Está se esquecendo de que sou seu primo? Sou o chefe da família Wyndham, e isso me torna responsável por você agora!

— É meu primo, realmente, mas não passo de uma bastarda. Você não me deve nada, Marcus. Não é responsável por mim. Meu pai era, mas, como a maioria dos homens, deve ter se julgado imortal, e por isso não fez provisões para mim. Porém, descobri que gosto de viver por conta própria.

— Tem dezoito anos. É filha de um nobre. Não pode ficar sozinha.

— Tenho quase dezenove, sou bastarda e vivo sozinha há meses. Não tente cobrir esse bolo com o creme da respeitabilidade, porque não vai dar certo.

Era irritante. Lá estava ele, o perfeito cavaleiro errante, e a donzela se recusava a aceitar sua ajuda. E nem parecia precisar dela.

De repente, ela riu.

— Posso ver claramente o que está pensando. Teve todo esse trabalho para salvar sua pobre prima bastarda, e ela recusa sua ajuda. E a recusa depois de servir-lhe o melhor jantar que saboreou em muitas noites. Lamento, Marcus, mas é exatamente isso.

— Não, não é. Você vai arrumar suas coisas e vai voltar comigo para Chase Park. Eu jamais daria essa decepção a seu pai, meu tio. Gostaria de partir amanhã. Acha que Badger pode preparar tudo?

Ela não parecia estar prestando muita atenção. Seus olhos vagavam pela sala, distantes e distraídos. De repente, ela começou a cantarolar uma melodia que ele não conhecia.

— Com licença — ela disse de repente, já se levantando. — Não vá embora, Marcus. Eu volto logo.

O conde ficou sozinho na sala, diante de um pedaço de torta de maçã, totalmente confuso.

— Quer um conhaque, milorde? Ou um Porto, talvez? Um clarete?

— Porto — ele escolheu.

Ele esperava pela volta da prima enquanto saboreava a bebida. Quinze minutos se passaram sem nenhum sinal dela e, impaciente, Marcus perguntou a Badger:

— O que ela está fazendo?

— Eu não poderia dizer.

— Pode, mas não quer. Vamos lá, Badger! Como ela consegue pagar as contas deste chalé? Como consegue manter você aqui? Há um homem, não é? Um militar está pagando as contas.

— Converse com a srta. Cochrane, milorde.

— Eu quero partir amanhã. Pode preparar tudo, Badger?

O criado ergueu os ombros, atingindo uma estatura impressionante.

— Discuta o assunto com a srta. Cochrane. Suponho que entenda a lealdade,

milorde. Esteve no Exército. Há poucas coisas mais preciosas que a lealdade incondicional.

Marcus suspirou e terminou de beber seu Porto.

— Tem razão, naturalmente. Acha que a Duquesa se importaria se eu fosse procurá-la agora?

— Creio que a ouvi cantarolando. E difícil para ela saber que o pai está morto há seis meses, milorde. Agora ela sabe que ele a queria, que não a esqueceu, ao contrário de todos os outros. Foram muitas mortes em poucos meses.

— Ela disfarça bem os sentimentos. Não vi lágrimas, não ouvi soluços... nada. Nenhum prazer em me ver, nenhum alívio por saber que vim para buscá-la.

— O que esperava dela?

— Não sei mais o que esperar — Marcus confessou com desânimo, servindo-se de mais Porto.

— Seja delicado com ela, senhor — Badger pediu ao vê-la retornar.

— Perdoe-me pela demora — ela disse. — Prefere ficar aqui, ou quer me acompanhar à sala de estar?

— Aqui está ótimo. O que estava fazendo?

— Nada muito importante.

Mais frustrado do que nunca, ele anunciou com insolência:

— Você vai voltar para casa comigo, e está decidido.

— Não, mas obrigada por se sentir responsável, culpado ou seja lá qual for seu sentimento neste momento. Eu não o culpo por nada. Veio me informar que meu pai me queria, e isso é muito importante para mim. Sou grata por isso. Lamento não ter onde acomodá-lo esta noite. Há uma hospedaria em Biddenden... Perto das irmãs Biddenden...

— Quem são elas?

— Não veio pelo vilarejo? Não importa. Elas eram Elizabeth e Mary Chalkhurst e viveram no século doze. Eram gêmeas siamesas. De qualquer maneira, ia dizer que a Chequers é uma boa hospedaria. Embora pequena, talvez sirva para o novo conde de Chase.

Ele se levantou.

— Voltarei amanhã bem cedo. — Ele partiu sem dizer mais nada.

Badger o acompanhou até o pequeno vestíbulo e abriu a porta.

— A Chequers terá boas acomodações no estábulo para o seu cavalo, milorde.

— Que coisa interessante! — Marcus comentou. — Gêmeas siamesas... E impressionante.

Na manhã seguinte, quando voltou ao chalé, Marcus encontrou a Duquesa num vestido desbotado e antigo, muito escuro e discreto. Com as mãos protegidas por luvas, ela se mantinha de joelhos e cavava um canteiro de flores.

Ele desmontou, prendeu o cavalo a um poste, e caminhou até ela.

— Não sabia que era jardineira.

Ela o encarou. O sol atrás dela formava uma espécie de halo em torno de sua cabeça, e seu rosto estava sujo de terra e suor. E, ainda assim, ela era linda. Mais linda que nunca.

— Gosto muito de jardinagem. Como minha mãe.

E tenho mais aptidão para plantar do que ela jamais teve. E como disponho de tempo... Por que não?

— Tem tempo para as rosas? Isso significa que não vai se afastar cantarolando e deixá-las sozinhas?

— É sempre possível.

— Quero que me responda com honestidade, Duquesa. Como consegue se

sustentar?

— Ora, então não acredita mais na teoria do protetor?

— Não. Nunca acreditei. Não realmente. Você não faria tal coisa. Mas, Deus, não faz sentido! Você é só uma jovem e...

— Cinco anos, Marcus, Não nos vemos há cinco anos. Não pode ter nenhuma idéia a respeito de quem sou ou como sou. Não sabe se tenho talentos, se tenho caráter... Não sabe nada sobre mim.

— As gêmeas sentem sua falta, como tia Gweneth. Elas a querem em casa conosco.

Ela sorriu.

— Você se tornou um homem muito interessante e belo, Marcus. Um cavalheiro que deve ser cobiçado por muitas jovens damas da sociedade. Como é o conde de Chase, sem dúvida será disputado por muitas moças. Logo estará se casando e tendo herdeiros. Sua esposa não gostaria de ter-me em casa. Sou uma bastarda.

— Eu ainda não completei vinte e cinco anos! Pelo amor de Deus, não pretendo me acorrentar senão em alguns anos!

— Perdoe-me. Entendo sua consternação, uma vez que compartilho sua relutância. Deve admitir que minha criação incomum pode ter provocado um certo cinismo com relação ao relacionamento entre um homem e uma mulher, especialmente entre homens casados e mulheres solteiras.

— Nada disso importa. Não pode permanecer aqui, Duquesa, vivendo sozinha com um homem, mesmo que ele seja seu criado. Sua reputação será arruinada. Foi criada para ser a filha de um nobre. E é isso que deve ser. A esposa de um cavalheiro, mãe de seus filhos. Quero lhe dar esse futuro. É o que seu pai teria feito. Por favor, não pode continuar aqui. Afinal, o que faz para manter esse chalé e pôr comida na mesa?

Muito devagar, ela se levantou e tirou as luvas, jogando-as no chão a seu lado.

— Não quer tomar café, Marcus? Ainda é muito cedo.

— Eu vou estrangular você — ele ameaçou, olhando para o pescoço coberto pelo detestável vestido cinza. — Sim, eu vou fazer isso, mas depois do café. O que Badger tem para oferecer?

Chase Park, agosto de 1813

Dois meses, ele pensou, dobrando a folha de papel contendo apenas dois parágrafos enviados por sua graça, a menina que ele mesmo apelidara de Duquesa tantos anos antes. Como ela ousava?

Desdobrou a folha e releu os parágrafos:

Milorde,

Foi muita gentileza sua enviar uvas produzidas em sua casa. Badger as utilizou em várias receitas. Lembranças minhas a tia Gweneth e às gêmeas.

E ela assinara "Sua criada". Nada mais, nem Duquesa, nem seu nome, nada. Nem mesmo sua obediente criada, coisa que ela obviamente não era.

Ele olhou para Crittaker, que continuava parado na porta.

— Qual é o nome da srta. Cochrane?

— Duquesa, milorde.

— Não, seu nome verdadeiro. Fui eu quem a apelidou de Duquesa quando ela tinha nove anos, mas não me lembro do nome dela.

— Eu não sei, milorde. Devo perguntar a lady Gweneth?

— Não se incomode, não é importante. Acabei de receber uma carta da Duquesa... Ela recebeu as uvas. Badger está preparando pratos com elas. Presumo que ela esteja bem, apesar da falta de informações. Suponho que enviarei uma resposta, embora prefira



matá-la, estrangulá-la ou espancá-la, enfim... Qualquer coisa para chamar sua atenção.

Crittaker recuou.

— Podemos rever o restante da correspondência mais tarde, milorde — ele disse, retirando-se.

Marcus resmungou alguma coisa. Sozinho, pegou uma folha de papel, mergulhou a pena na tinta, e escreveu:

Cara Duquesa,

Estou muito satisfeito por saber da alegria de Badger com as malditas uvas.

Espero que esteja bem, embora não tenha me informado. Eu estou bem, tia Gweneth e as gêmeas estão bem. Antonia tem feito encomendas constantes a Hookhamn em Londres. São romances, eu sei, mas ela insiste em dizer que se encantou por sermões, e que são esses os livros que compra. Fanny está engordando e tia Gweneth já disse a ela que nenhum cavalheiro vai desejar cortejá-la se ela tiver mais de um queixo. Duvido que me diga o que tem feito para assegurar os fundos para manter o chalé, pôr comida na mesa e pagar pelos serviços de Badger.

Seu criado, Marcus Wyndham

Havia escrito demais. Ela não merecia todas as palavras que se dera o trabalho de escrever, mas, mesmo assim, Marcus dobrou o papel cuidadosamente e o colocou em um envelope, anotando nele o endereço do destinatário. Depois, mergulhou seu anel de brasão na cera quente que já preparara, e o pressionou no envelope.

Por fim, voltou à leitura do London Gazette, procurando as últimas notícias da guerra. Schwarzenberg havia atravessado as montanhas da Boêmia e tentara tomar Dresden. Porém, os franceses tinham transformado a cidade em um campo fortificado e derrotaram o ataque aliado tão pobremente coordenado. Depois, Napoleão chegara com mais tropas francesas, e Schwarzenberg acabara perdendo trinta e oito mil homens e se retirando para a Boêmia. Trinta e oito mil! Marcus não conseguia se conformar. Eram tantos soldados, mortos pela incompetência de outros homens, soldados que deveriam estar vivos, mas que haviam tombado em batalha. Queria voltar à ação, mas sabia que, enquanto não se Casasse e tivesse ao menos um herdeiro, não podia correr esse risco. Tinha esse dever com a linhagem direta de quatrocentos anos dos Wyndham.

Maldição! Ele girou na cadeira e puxou a corda do sino. Dois minutos depois Crittaker voltava à sala. Marcus suspirou e se deixou envolver pelos assuntos da propriedade pelas três horas seguintes. Pelo menos agora sabia o bastante sobre os negócios do tio para não fazer papel de estúpido, como antes.

Pipwell Cottage, novembro de 1813

A Duquesa simplesmente olhava para a carta. Não conseguia acreditar na mensagem, embora a houvesse lido várias vezes.

— Badger, por favor, venha até aqui. Depressa! — ela gritou.

Ele apareceu ofegante, visivelmente alarmado.

— Desculpe se o assustei. Por favor, leia isto. Não posso acreditar. É absurdo! Deve ser uma piada. E... — Ela parou e entregou-lhe a carta.

O criado olhou do rosto pálido da jovem para a carta, que leu três vezes, tomado pelo choque. Depois, ele se sentou ao lado dela no divã e segurou suas mãos.

— Bem, é um choque, realmente. Parece que todos procuravam por você. O conde levou três meses para encontrá-la, mas esse cavalheiro demorou muito mais. Ele afirma estar procurando desde maio e... Bem, agora a encontrou.

— Marcus nada sabe sobre isso.

— Não, e é apropriado que não saiba. Esse advogado é um homem realista. Ele

sabe que sua posição é precária, que tudo depende de que ele converse com você e de que o conde ou qualquer outro membro da família não a encontre antes. Ele é um homem inteligente.

— Ele quer vir me visitar na próxima segunda-feira.

— Ótimo! — Badger se levantou. — Meu presunto Galantine está cheirando. Talvez a pimenta não seja de tão boa qualidade, afinal. Duquesa, é uma alegria saber que seu pai não a esqueceu. Agora me lembrarei dele com mais apreço.

— Eu fico me perguntando se ainda ha mais... — ela comentou.

— Saberemos quando o sr. Wicks chegar — Badger opinou antes de voltar à cozinha.

O sr. Wicks era um homem de idade avançada, muito magro e com um brilho de inconfundível bondade nos olhos. Seu sorriso doce a acalmava, amenizando o desconforto e a apreensão provocados por sua presença.

— Como vai? — ele perguntou, curvando-se galante para beijar sua mão. — E uma alegria finalmente encontrá-la. Devo dizer que tem aqui uma encantadora propriedade. Suponho que esteja ansiosa para saber sobre sua situação, agora tão satisfatória.

A Duquesa o convidou a se acomodar, serviu chá e sentou-se para ouvi-lo.

— Seu nome, como relatei em minha carta, agora é srta. Wyndham. Seu pai se casou com sua mãe no último mês de novembro, dois meses antes de morrer. Ele me contratou para torná-la filha legítima. Tudo foi concluído em maio. Não pude entrar em contato antes, porque o processo ainda estava em andamento, e alguém da família Wyndham poderia ter impedido sua conclusão, mantendo-a sem posses ou nome. Mas, agora, é uma Wyndham legítima. Porém, em maio, minha cara srta. Wyndham, não consegui localizá-la. Contratei um detetive de Bow Street, e ele finalmente a encontrou aqui em Smarden.

Ela parecia chocada, o que era compreensível.

— Minha mãe nunca me contou nada, senhor. Nem meu pai. Pensei que tivesse me chamado de srta. Wyndham na carta por gentileza, ou por falta de informação.

— Na verdade, minha cara, a senhorita agora é uma dama, como suas irmãs, lady Fanny e lady Antonia. O conde me disse que manteria todo o processo em segredo até sua conclusão. Lamento muito que seus pais tenham morrido tão repentinamente, deixando-a sozinha e desprotegida, sem saber que tudo estava encaminhado para assegurar seu futuro. Ambos a amavam muito.

— Sim, eu sei. E eles me deixaram amparada. — Ela abaixou a cabeça e chorou. Pela primeira vez desde que Marcus a informara da morte de seu pai, as lágrimas correram por seu rosto, silenciosas.

Badger se aproximou com um lenço e se manteve a seu lado.

— Obrigada, Badger — ela disse depois de alguns minutos.

O sr. Wicks estava fascinado pela beleza delicada da jovem.

— Vejo que herdou os traços de seu pai. Conheci sua mãe, mas só estive com ela uma vez. Uma mulher fascinante e tão bela que não consegui disfarçar minha admiração. E a senhorita é tão linda quanto ela, lady Duquesa. Lady Duquesa... Soa estranho, mas seu pai disse que era esse seu nome. E ele disse também que a senhorita era uma jovem de grande charme e caráter, que mudaria as coisas à sua volta se tivesse uma chance. E ele queria lhe dar essa chance. Portanto, não é mais uma bastarda, milady. Não precisa mais viver isolada. Resumindo, agora pode viver como quiser.

— Mas eu estou muito feliz com a vida que tenho. É claro que fico satisfeita por saber que meus pais se casaram, afinal, mas não vejo como poderia mudar minha situação, que, de qualquer maneira, não precisa ser modificada. O conde atual, meu primo, Marcus Wyndham, me encontrou e me convidou para ir viver em Chase Park. Ele também me ofereceu uma temporada e um dote, oferta que eu recusei. Aprecio todas as precauções que tomou, sr. Wicks, mas Marcus teria ficado satisfeito com as decisões de



meu pai e não teria tentado evitá-las. Devia ter contato tudo a ele.

— Sim, é possível. Porém, aprendi a ser cauteloso ao lidar com os homens, minha cara. E ainda tenho mais a lhe dizer. Muito mais. O conde atual é um homem honrado, pelo que soube. Amigo confiável, soldado de grande coragem, inteligente e leal, mas ele não é mais um homem do Exército. Tem novas responsabilidades, novas expectativas, novos modos de comportamento que são necessários em um homem de sua classe. Talvez ainda seja alguém para se admirar, alguém em quem confiar. Porém, agora não importa, porque, mesmo que quisesse, ele nada mais pode fazer. Como disse, ainda há mais. — Ele pigarreou e abriu um sorriso. — Permita-me dar-lhe os parabéns, milady, porque agora é uma herdeira.

Chase Park, dezembro de 1813

Marcus deteve Stanley, seu cavalo, desmontou apressado e jogou as rédeas para Lambkin, um dos cavaleiros.

Era um dia quente, ensolarado, e por isso inesperado para o mês de dezembro. Ele saiu do estábulo, pensando no trabalho que esperava por ele. Quando acordara e vira o sol pela janela, decidira que o trabalho poderia esperar. Afinal, estavam na Inglaterra, em Yorkshire. O sol não esperaria!

Enquanto se banhava e fazia a barba para enfrentar o dia, ele ouviu Spears, o valete, cantarolar uma canção desconhecida.

Napoleão nos deu trinta dias para reunir os homens e ir embora. Mas ele subestimou as armas dos soldados. E nos dá trinta e um agora.

Marcus riu.

— Sua voz é melhor do que a canção, Spears. E Napoleão nos deu trinta dias quando?

— Para deixar Berlim, milorde. Schwarzenberg havia ordenado que Berdanotte protegesse a cidade, mas, como sabe, Berdanotte ordenou a retirada de Berlim e teria deixado o local, se o seu subordinado Bulow não o houvesse demovido da idéia.

— Essa informação não é precisa, Spears. Nunca houve nada sobre trinta ou trinta e um dias. Bem, talvez houvesse piadas sobre o assunto, mas não era um fato.

— E só licença poética, milorde, prerrogativa do compositor. E ele é muito popular nas fileiras do Exército. Os homens cantam seus versos enquanto marcham.

Marcus ainda sorria e cantarolava os versos tolos quando voltou à sala de Chase Park. Lá, Sampson o esperava solícito.

— Sampson, suponho que Crittaker esteja esperando por mim na biblioteca, munido de uma pilha de papéis.

— Sim, milorde. Eu o ouvi gritar, apavorado, há vinte minutos, logo depois de eu ter deixado com ele a correspondência do dia. Cheguei a pensar que ele tivesse sofrido uma síncope, mas o encontrei bem, embora pálido e nervoso. Deve haver uma carta de suma importância, milorde, ou ele não teria reagido com tanta... veemência.

Curioso, Marcus seguiu imediatamente para a biblioteca.

— O que aconteceu, Crittaker? — ele perguntou sem rodeios ao abrir a porta. — Por que causou tão grande tumulto entre os criados? Que notícias recebeu, meu amigo?

Sem dizer nada, Crittaker entregou-lhe uma carta. Marcus leu e releu a mensagem, depois inspirou profundamente e exclamou:

— Meu Deus! Isso está além de tudo que eu podia ter imaginado! Se quiser ter uma síncope, vá em frente!

Crittaker ficou em silêncio, como o relógio sobre a lareira, quebrado fazia mais de setenta e cinco anos. Ele parecia estar em profunda agonia.

— Tudo indica que logo teremos a Duquesa entre nós — Marcus prosseguiu,



olhando pela janela da biblioteca. — Isto é, ela estará entre nós por algum tempo, pelo menos. Ela não disse quanto tempo pretende ficar, nem se pretende ficar. Suponho que terei de tomar providências nesse sentido. Ela é uma mulher. Eu sou homem. Ela vai me obedecer, porque sou o conde, sou seu primo, e é dever dela acatar minhas decisões.

— Prepare-se para um confronto, milorde. Marcus revirou os olhos. Tinha a impressão de que mordomo, secretário e valete haviam formado uma coalizão.

— A Duquesa é orgulhosa, concordo, mas não é estúpida. Imagino que não seja, pelo menos. Não nesse caso específico.

— Spears costuma dizer que o orgulho pode provocar estupidez maior que um cérebro embotado ou vazio.

Marcus guardou a carta no bolso e subiu para trocar de roupa, pensando na última frase que ela escrevera: "O sr. Wicks deseja vê-lo na quinta-feira seguinte à minha chegada. Sem dúvida, você já sabe disso".

Que diabos o advogado de seu tio em Londres podia querer? O que mais havia para saber? O que estava acontecendo?

Ela chegou a Chase Park uma semana antes do Natal. O prazo final era primeiro de janeiro de 1814, mas ela decidira enfrentar a situação de uma vez. Badger estava ao lado dela na escada da entrada, segurando sua valise, e ela se preparava para bater na porta imponente que tanto a aterrorizara na infância, terror que, evidentemente, ela nunca havia demonstrado. Porém, antes que ela pudesse bater, a porta foi aberta por um sorridente Sampson.

— Srta. Duquesa! Ah, lady Duquesa! Que prazer, que evento esplêndido! Entre, por favor! Quem é essa pessoa que a acompanha?

— Ah, Badger é meu... valete.

— Ah, sim... Bem, não importa. O conde certamente ajeitará tudo da melhor maneira. Ele a espera na biblioteca. Venha comigo. Seu... ah... valete...

— Meu nome é Erasmus Badger, senhor.

— Ah, sim, sr. Badger. Eu mesmo o levarei ao sr. Spears, o valete do conde. Talvez nós três possamos nos reunir mais tarde para discutir... coisas.

Enquanto Badger acompanhava Sampson, ela se dirigia à biblioteca. Marcus estava sentado atrás da escrivaninha e, ao vê-la, disse simplesmente:

— Chegou...

— Sim, eu tive de vir. Escrevi uma carta sobre isso.

— Sim, sobre ser uma Wyndham e ter de vir até aqui antes de primeiro de janeiro... Mas isso não faz sentido. Ou é legítima ou não é. O que ainda não me contou, Duquesa?

Ela não contaria o resto da história. Não revelaria o motivo de sua presença ali. Não podia atingi-lo dessa forma. Deixaria a missão para o sr. Wicks. Simplesmente o encarou em silêncio.

Marcus resmungou alguma coisa, jogou sobre a mesa os papéis que estivera examinando e disse:

— Parabéns pelo casamento de seus pais.

— Obrigada. Lamento não ter sabido antes.

— Bem, agora sabe, e está na casa que também é sua. E quase Natal. Estou planejando levar as gêmeas e Spears para cortar uma árvore para a sala de estar. Não quer ir conosco?

— Ah, sim... — Ela conteve o entusiasmo. — É muito gentil, Marcus. Obrigada. Peço desculpas por estar aqui, e quero que saiba que sinto muito se o fato de eu agora ser legítima o incomoda.

— Bobagem. Chase Park agora é sua casa, tanto quanto é minha. Se não tivesse sido tão teimosa, estaria morando aqui há seis meses em vez de... Espere! Como

conseguiu dinheiro para pagar por aquele chalé? E as taças de cristal, o Porto...

— Quando quer ir cortar a árvore para o Natal?

— Em uma hora — ele disse, contendo o impulso de estrangular a irritante e teimosa criatura. — Vista roupas bem quentes e calce botas. Tem agasalhos?

— Não, acho que terei de sair de camisola e chinelo. É claro que tenho roupas suficientes, Marcus. Não se preocupe. Você não é meu guardião. Afinal, só tem cinco anos mais do que eu. Em resumo, primo Marcus, somos ambos jovens. Não temos de nos preocupar em proteger um ao outro.

— O que está dizendo? Você só tem dezoito anos. E claro que serei apontado seu guardião, apesar da minha pouca idade. Sendo assim, Duquesa, é melhor não elevar ainda mais o nível de minha ira.

— Sua ira não me interessa. Estou aqui porque tenho que estar aqui. Não há nada mais nisso. E agora já tenho dezenove anos.

— E vai ficar aqui?

Ela sorriu, virou-se e saiu da biblioteca. Do lado de fora, a sra. Emory a cumprimentou com tom entusiasmado.

— Olá, Duquesa, seja bem-vinda! Oh, desculpe-me, senhorita! Agora é lady Duquesa. Deixe-me levá-la aos seus aposentos. O conde destinou para milady o Princesa Mary, que é encantador, como deve lembrar.

— E claro que sim — ela respondeu. — Eu me lembro muito bem. É muita bondade do conde escolher acomodações tão superiores para mim.

Era bom passar o Natal em casa, com a família, Marcus pensou, saboreando o vinho quente com noz moscada e sentindo o calor do fogo que ardia na lareira. Passara o último Natal em um acampamento com cinquenta de seus homens, tremendo nas montanhas, imaginando se o novo ano os conduziria à batalha e para a morte.

Ele percebeu que não havia comprado um presente para a Duquesa. Não que ela merecesse, mas ainda tinha tempo. Faltavam cinco dias para o Natal. No dia seguinte, receberia o advogado que representava os interesses de seu falecido tio em Londres. O que ele poderia ter a anunciar? Todos já sabiam que a Duquesa era agora filha legítima do conde. O que mais poderia haver?

Gweneth disse:

— Duquesa, Marcus nos contou que você estava morando em Smarden, em Pipwell Cottage, com um homem. Francamente, querida, isso é muito peculiar e deixa sua reputação exposta a comentários maldosos, considerando seus antecedentes tão... desafortunados.

— Nunca pensei em meus antecedentes como desafortunados, senhora, mas difíceis nesta nossa delicada sociedade.

— De qualquer maneira, havia um homem morando com você.

— Sim, Badger. Meu mordomo e cozinheiro. Um homem impressionante. Na verdade, ele ainda é meu valete.

— Não é o que se espera de uma dama — insistiu Gweneth.

Marcus decidiu interromper o discurso moralista e pudico.

— Não faz diferença, tia. Agora a Duquesa está aqui. Não precisamos mais discutir essa questão.

— Mas o homem veio com ela.

— Sim — confirmou a Duquesa. — E já que falou em Badger, acho que vou pedir à cozinheira que fale com ele. O vinho quente que ele prepara é o melhor que já provei. Ele usa ingredientes secretos que não revela a ninguém. Eu me lembro de minha mãe implorando pela receita, sugerindo que a vendêssemos, pois certamente ganharíamos muito dinheiro com ela, mas ele ria e dizia que não revelaria seu segredo nunca!

— Posso atestar a habilidade culinária de Badger, tia Gweneth.

— Meu caro Marcus, o homem vivia com a mãe, e agora com a filha. Ele se

expressa de maneira impecável. Não pode permitir que alguém com tais pretensões influencie a criadagem. Ele fala com arrogância a pessoas que são superiores em posição, e ela afirma que o homem é seu valet. Valet! Não é apropriado. Como chefe da família, não pode permitir que isso continue. Não quero ver o nome Wyndham em posição ainda mais precária do que já esteve. E ainda está.

— Nosso nome em posição precária? Por que diz isso? Acredita, senhora, que sou eu a causa dessa desagradável situação, considerando que sou apenas o filho de um segundo filho?

— Não seja tolo, rapaz, isso não combina com você. E evidente que não. A precariedade em que nosso nome se encontra atualmente está relacionada ao fato de a Duquesa ter sido feita filha legítima. Acrescente a isso um homem na posição de valet de uma moça, e é fácil prever o resultado.

— Tia, pense melhor no que está dizendo. Meu tio, o pai da Duquesa, compreendeu o que era certo e agiu de acordo com isso. Quanto ao valet...

Como sempre, a Duquesa o interrompeu com sua eterna serenidade.

— Esse assunto está fora de questão, querida senhora. Nada me fará mudar de idéia. Quanto à situação precária a que se refere, tudo vai se acomodar com o tempo. E isso não me incomoda. Acredita honestamente que a fala impecável de Badger pode ser perniciosa?

— Não, ela não acredita — Marcus manifestou-se, olhando com severidade para a tia. — Como poderia? Spears não é diferente em locução e articulação.

— Marcus, não pode permitir que ele permaneça nesta casa na condição de valet de uma dama!

— Valet? — Antonia ergueu os olhos do livro como se então ouvisse a palavra. — Ele é seu valet, Duquesa? Que interessante! Ele arruma seu cabelo? Prepara seu banho? Vai me apresentar a ele amanhã?

— Se quiser, Antonia.

— Badger vai ficar — Marcus anunciou com firmeza. — Em que posição ainda é algo que terei de determinar.

— Creio que cabe a mim determinar a posição de Badger — a Duquesa disse.

— Não exatamente. Você pode morar em Chase Park agora, mas não é a senhora daqui. Comandar muitos criados em uma vasta propriedade é bem diferente de supervisionar um empregado em um pequeno chalé. Porém, discutiremos esse assunto posteriormente. E falarei com Badger, também. A propósito, fico feliz por você ter ouvido a voz da razão e feito de Chase Park sua casa, Duquesa. Gostaria de me contar por que mudou de idéia?

A Duquesa evidentemente não gostaria de contar nada a ele. Sua expressão permanecia inalterada.

Fanny olhou com um suspiro para o bolo de limão, mas notou a expressão desaprovadora de Gweneth e desistiu de sua intenção, evidentemente infeliz e frustrada.

— Não quer uma maçã, Fanny? — a Duquesa ofereceu. — Estão deliciosas. Acabei de comer uma.

Fanny encolheu os ombros, e depois pegou a maçã que Marcus jogou para ela. Esfregou a fruta na manga, o que mereceu o olhar desaprovador de tia Gweneth. Marcus sorriu para a Duquesa, mas ela não retribuiu o sorriso.

— Está ficando tarde — disse tia Gweneth minutos depois. — E hora de as meninas irem para a cama.

— Muito bem — Antonia concordou, fechando o livro e bocejando. Ela olhou para a Duquesa. — Marcus nos disse que você é nossa irmã por parte de pai. Ele nos contou tudo. Não é mais nossa prima da Holanda.

— Exatamente. Depois da morte de sua mãe, nosso pai se casou com minha mãe. Ele me tornou legítima.



— Você era uma bastarda — Fanny disse sem nenhuma intenção maliciosa. — Que estranho! Eu lembro que Antonia e eu discutíamos se você era da Itália ou da Holanda. Era difícil saber, porque nunca a ouvimos falar um ou outro idioma.

— Sim, eu fui uma bastarda até o último mês de maio.

— Não precisa se gabar disso, meu bem — Gweneth opinou. — Isso faria as pessoas acreditar que não se envergonha de sua condição anterior.

— Como não pude opinar sobre meu nascimento ou minha condição anterior, senhora, não vejo motivo algum para me envergonhar.

— Mesmo assim... — Gweneth começou, mas foi interrompida por Antonia.

— Agora vai poder encontrar um marido. Não vai mais ter de fingir que não é uma dama de verdade.

— Imagine só! — Fanny suspirou, mastigando a maçã. — Você é filha do amor! Que romântico!

— Não seja tola, Fanny — Antonia censurou a irmã. — Duquesa, não precisa ficar aqui, porque agora é uma dama de verdade. Não tem que acatar as ordens de Marcus.

— Eu sou autoritário, Antonia? Se fosse, eu permitiria que lesse toda essa baboseira com que tem se entretido?

— Bem, talvez não, mas suas regras parecem se multiplicar todos os dias. Aposto que você e tia Gweneth criam novas regras quando Fanny e eu vamos para a cama. Mas Fanny e eu continuaremos aqui com você. Não é conde há muito tempo, e compreendemos que ainda não tenha se acostumado com a posição. Quanto a você, Duquesa, pretende ir para Londres?

— É possível. Talvez eu vá depois do Natal. Por que não?

— Marcus vai lhe dar o dinheiro? — Fanny perguntou. — Londres é cara!

— Veremos — Marcus disse. — Agora, vão para a cama, meninas. Tia Gweneth e eu não vamos inventar novas regras para testar a resistência de vocês. Tia Gweneth, pode se retirar também, se quiser. Duquesa, por favor, fique mais um pouco.

Algun tempo depois, ela o encarava, altiva e serena como sempre, com as mãos apoiadas sobre o encosto da cadeira atrás da qual ela permanecia ereta.

— Queria me dizer alguma coisa, Marcus?

— Por que disse que pode ir para Londres?

— Eu disse talvez. Depois do Natal.

— Precisa de dinheiro para a viagem?

— Não. Não preciso de nada.

— Então, não veio a Chase Park por estar sem recursos. Se pode pagar uma viagem para Londres...

— Badger iria comigo, naturalmente.

— Você não vai. Eu a proíbo. Vai esperar para ir a Londres quando eu for, o que só acontecerá no final de março. Tia Gweneth irá conosco e será sua guardiã. Terá sua temporada. Se encontrar um cavalheiro que eu julgar apropriado, ou se eu descobrir um cavalheiro que possa ser adequado para você, então cuidarei do dote e você poderá se casar.

— Que absurdo, Marcus. Por favor, pare de dar ordens. Tirania não combina com você.

— Não é absurdo e não sou um tirano, apesar do que dizem as gêmeas. Há em Londres muitos cavalheiros ávidos por destruir a reputação de uma dama ou tomar liberdades com ela. Você não sabe como deve se comportar. E jovem e inexperiente. Logo se exporia ao ridículo. Não vou permitir que isso aconteça. Afinal, agora você é uma Wyndham. Irá para Londres comigo e eu lhe mostrarei quem são os patifes e canalhas.

— Se não tomar cuidado, Marcus, todas as mulheres que conhece divulgarão que está ligado aos Quaker em Bristol. Dizem que eles são muito severos. Nunca se vêem despidos, porque trocam de roupa e tomam banho com os olhos voltados para a frente.



Não consigo imaginar como pode ser. Tanto recato deve exigir muita prática e resolução. Francamente, Marcus, sei que suas intenções são boas, mas não se preocupe comigo.

— Já me nomeei seu guardião. Na verdade, já entrei com a solicitação para a nomeação legal. A resposta não deve tardar.

— Desista — ela disse sorrindo, enfurecendo-o ainda mais.

— Não depende de você, maldição!

— Ah, mas minha opinião tem mais peso do que você pode imaginar.

— Como?

Ela permaneceu em silêncio.

— Como se sustenta? Havia um homem, não é? Há um homem esperando por você em Londres! Por que veio para cá, se o seu plano era simplesmente partir novamente? Seu pai fez alguma exigência para decretá-la legítima?

— Está fazendo muitas perguntas, Marcus. Vou responder à primeira. Você parece crer que as mulheres são incompetentes. Não é capaz de conceber que uma mulher possa se sustentar honestamente?

— Não você. Foi criada para ser uma dama, para ser a esposa de um homem, mais nada. Não digo que é incompetente, porque sei que estaria mentindo, mas não aprendeu a fazer nada, exceto... — Ele parou, percebendo que cavara um buraco sob os próprios pés.

— Exceto servir de figura decorativa ao lado de um homem, talvez? — a Duquesa completou com voz fria.

— Sim, e ter os filhos dele e garantir que sua casa seja confortável e funcional. Talvez plantar flores em canteiros, se quiser.

— E nada disso requer habilidade?

— Não o tipo de habilidade que pode gerar rendimentos. Além disso, você parece... — Ele se interrompeu novamente. Suas palavras soavam pomposas e paternalistas. Ele parecia um idiota, mas não retiraria o que havia dito. Talvez conseguisse até enfurecê-la dessa vez. Erguer a voz, quem sabe? A idéia fez seus olhos brilhar.

— Marcus, o que você faz para ganhar dinheiro? Ele a encarou e respondeu:

— Fui major no Exército. Ganhei algum dinheiro.

— E agora que se desligou da corporação? Ele rangeu os dentes.

— Há uma dama rica sustentando seu estilo tão elegante? Obviamente, um nobre não pode trabalhar para ganhar o próprio dinheiro, porque seu sangue se transformaria rapidamente de azul em negro.

— Agora tenho muitas responsabilidades, como bem sabe. Preciso supervisionar todas as propriedades; cuido de mais casas do que jamais saberá; sou responsável por todos os homens e mulheres que trabalham nas propriedades da família Wyndham e...

— Resumindo, você herdou tudo.

— Sabe muito bem que o título significa pouco para mim, mas cumprirei meus deveres, se for necessário.

— Marcus, quantos anos tem?

— Vinte e quatro. Você sabe...

— Tão jovem para ser quem é...

— E quem eu sou? Um homem preocupado com seu bem-estar? Alguém que reconhece ser responsável por esta família? E não tente virar a situação contra mim, Duquesa. Como eu já disse, suas habilidades não geram rendimentos. Não havia herança para torná-la independente. No entanto, conseguiu manter um chalé e... Ah, é inútil continuar discutindo. O sr. Wicks virá amanhã para decidir toda essa história. Veremos o que dirá então — ele concluiu, levantando-se.

— O sr. Wicks virá para falar com nós dois. Vai estar aqui?

Marcus adoraria dizer que estaria em Edimburgo, mas seria inútil.

— Sim, estarei bem aqui, esperando por ele. E agora, se me dá licença, vou me

deitar.

— Boa noite, Marcus. Durma bem.

Ele resmungou uma resposta qualquer. A Duquesa ficou em silêncio, vendo-o sair da sala elegante e requintada. O que ele teria a dizer depois da visita do sr. Wicks? Havia ainda nele algum resquício do menino aventureiro ou ele se tornara mesmo o tedioso moralista que fazia questão de ser agora? A transformação ocorrera no Exército? Ele fora o filho do diabo, como o pai costumava chamá-lo com carinho, e talvez até com respeito.

Por que ele acreditava que tinha de ser carrancudo e desagradável para cumprir seu dever com a família? Por que não podia assumir suas responsabilidades com otimismo e prazer?

No quarto, Marcus despiu a casaca, permitindo que Spears o ajudasse, o que não costumava fazer.

— Maldita garota — ele resmungou. — Vai acabar estrangulada, se não mudar os modos.

— Permite-me perguntar que modos, milorde?

— A Duquesa tem segredos. Ela os guarda com cuidado, como se fossem tesouros. Não me diz como mantinha aquele maldito chalé, como pagava o salário de Badger, como comprava comida, como...

— Eu entendo, milorde.

— Ela simplesmente permanece calma, inatingível, oferecendo aquele meio sorriso que não revela nada! Não consigo nem irritá-la, e Deus sabe que a provoquei. Fiz tudo que pude. Por que ela não me diz nada? — Marcus removeu a gravata e a jogou sobre a cama. — Ela teve a coragem de me informar que pretende ir para Londres depois do Natal. Eu a fiz compreender que a decisão não cabe a ela, é claro.

— Posso perguntar como, milorde?

— Eu a informei que, em breve, serei seu guardião. Ela fará o que eu disser que deve fazer, ao menos até completar vinte e um anos. Se eu puder prolongar esse período, ela estará sob o meu controle até os vinte e cinco.

— Sente-se, milorde, e permita-me ajudá-lo com as botas.

Marcus se sentou e prosseguiu:

— Mesmo que eu consiga ser seu guardião até os vinte e cinco anos, ela provavelmente se casaria com o primeiro homem que propusesse só para me aborrecer. Mas ela jamais ergueria a voz, apesar da provocação. Oh, não! Ela nunca perde a compostura. Ela simplesmente me olha como se eu fosse uma semente indesejada que vai germinar e produzir uma erva daninha em seu jardim!

— Não esse tipo de semente, milorde. Afinal, o senhor é o conde de Chase. Talvez ela o veja como um bulbo, e não como uma semente.

— Ou como uma minhoca.

— Bem, tudo é possível, milorde.

— Está zombando de mim, Spears?

— E claro que não, milorde. A idéia me ofende profundamente. A outra bota, por favor.

Marcus estendeu o outro pé, ainda resmungando, irritado.

— Esse tal sr. Wicks que chega amanhã, que diabos ele pode querer? O que está acontecendo?

— Logo saberemos, milorde. Recomendo, se me permite, que aceite o sr. Badger como membro da criadagem em Chase Park. Ele é um homem de muitas habilidades e soberba inteligência.

— Ele era o cozinheiro da Duquesa.

— Sim, vou conversar com a sra. Gooseberry. Talvez ela possa ser... persuadida a permitir que o sr. Badger prepare uma ou outra refeição para a família.

— Ainda não entendeu o principal, Spears. Ela estava morando com Badger. Só os

dois. Isso não é conveniente. Ela tem apenas dezenove anos.

— Milorde deve perceber que o sr. Badger tem idade para ser pai dela. Ele a ama profundamente, como um pai deve amar seus filhos. Jamais a prejudicaria. Ele a protegeria com a própria vida.

Eu também, Marcus pensou, e depois praguejou. Estava nu diante do fogo, com as mãos estendidas para as chamas.

— Quer uma camisa de dormir, milorde? Biddle, o segundo laçao que sempre viveu nesta casa e cuja família serve aqui há seis gerações, nos informou que a noite será muito fria.

— Não. Não quero camisa nenhuma. Essas coisas são para as mulheres, não para os homens. O que acha que o tal Wicks pode querer, Spears?

— Não imagino, milorde. Porém, se quiser ir se deitar, pode aproveitar e passar algum tempo pensando nas possibilidades. E estaria mais quente.

Marcus foi para a cama sem dizer nada, encolhendo-se no casulo de calor formado pelas cobertas. Spears havia aquecido os lençóis com um tijolo quente, e Marcus não conteve um suspiro de prazer. Era bem diferente de dormir entre os lençóis finos no chão de sua tenda em Portugal.

— Milorde precisa de mais alguma coisa?

— O quê? Ah, não, obrigado, Spears. Ou melhor, sim... Leve Esmee com você.

— Esmee?

— Sim, a gata. Ela deve ter encontrado a cama quente e veio se deitar aqui. E agora está deitada na minha barriga.

— Duvido que consiga tirá-la daí, milorde. Esmee é uma gata muito... afetuosa.

— Ela é interesseira, isso sim!

— Durma bem, milorde. Logo saberemos o que deseja esse sr. Wicks.

O sr. Wicks chegou na manhã seguinte, às onze horas. Marcus viu o cavalheiro descer da carruagem, mas não conseguiu enxergar seus traços, porque o homem estava completamente coberto por um manto espesso, chapéu e muitos cachecóis.

Dirigiu-se à biblioteca, imaginando se o sr. Wicks conseguiria se livrar de todos os agasalhos em menos de meia hora.

Quando Sampson bateu na porta e entrou silencioso, Marcus o olhou com aparente serenidade.

— O sr. Wicks solicita que a Duquesa esteja presente, milorde. Na verdade, ele... insiste na presença dela.

— Ah, sim? Eu já esperava. Mande alguém ir chamá-la, Sampson.

— Ela já está conversando com o sr. Wicks, milorde. A Duquesa o está ajudando a despir os agasalhos.

— Quanta gentileza! — Marcus comentou com mau humor e ironia, irritado por não saber o que estava acontecendo. Bem, na verdade, ele sabia. O sr. Wicks estava ali para informá-lo sobre a quantidade de dinheiro que seu tio havia deixado para a filha antes bastarda. E quem se importava com isso? Ele mesmo teria dado o dinheiro a ela como um dote. — Quando a Duquesa terminar a boa ação do dia, peça a eles que entrem, Sampson.

Dez minutos se passaram antes que o sr. Wicks, um cavalheiro idoso e de cabelos muito brancos, entrasse na biblioteca acompanhado pela Duquesa. O homem olhou para o conde com grande interesse, estudando também o requintado aposento mobiliado com peças dos tempos de Henrique VIII. A Duquesa se mantinha inexpressiva, como sempre. Serena e ativa, ela parecia a senhora de Chase Park.

O sr. Wicks era o renomado advogado londrino que seu tio contratara para tornar legítima a filha bastarda. O que mais podia haver nesse processo? Por que seu tio havia

contratado outro profissional, em vez de usar os serviços dos distintos Bradshaw, que por gerações trabalhavam para os Wyndham?

Que diabos estava acontecendo, afinal?

— Sr. Wicks, este é Marcus Wyndham, o conde de Chase. Ele é meu primo.

— Milorde — cumprimentou o sr. Wicks —, é um prazer conhecê-lo. Suponho que tenha estranhado minha solicitação de vê-lo com a srta. Wyndham.

— Ela agora é uma dama, senhor. Lady Duquesa Wyndham parece um pouco exagerado, mas...

— Concordo — ela interferiu. — Vamos manter srta. Wyndham ou talvez até mesmo srta. Cochrane.

— Não — protestou Marcus. — Não permitirei tal coisa. Você agora é uma Wyndham e assim será chamada. Gosto de lady Duquesa.

Ela se limitou a sorrir.

— Sr. Wicks, sente-se e diga o que tem para nos dizer. Todos se acomodaram nas poltronas em torno da lareira, e o advogado começou a falar.

— Milorde, deve saber que seu tio, o antigo conde de Chase, casou-se com a sra. Cochrane e tornou legítima a filha dessa união.

— Sim, e aprovo essa atitude. No entanto, por que não fui informado imediatamente?

— Seu tio assim exigiu. O procedimento deveria ser concluído sem que a família Wyndham fosse informada, inclusive o irmão mais novo do antigo conde e sua esposa, atualmente residindo nas colônias em um lugar chamado Baltimore, e naturalmente, a mãe do senhor. Isso foi feito para proteger a srta. Wyndham, ou melhor, lady Duquesa. É compreensível, milorde.

— Sim, certamente. Se soubesse antes da conclusão do procedimento, eu teria ido imediatamente a Smarden para estrangular minha prima e atirar seu corpo de um penhasco. Sim, é muito compreensível para alguém do meu caráter.

— Ele está brincando, sr. Wicks — explicou a Duquesa. — Infelizmente, depois da morte de Charlie e Mark, meu pai passou a ter antipatia por Marcus porque ele estava vivo, e os dois filhos, não. Depois, todos os bebês morriam... Enfim, deve ter sido a amargura o motivo de seu comportamento, e não alguma dúvida relativa ao Caráter de Marcus. Espero que entenda, Marcus.

— Não pode acreditar nisso, Duquesa. Ele me culpava por não estar lá para salvar os meninos ou para morrer com eles. Seu pai me odiava.

— Está exagerando.

— Estou, sr. Wicks? Meu tio não manifestou seu ódio? Estava feliz com a idéia de ser sucedido por mim?

— Acho melhor tratarmos disso mais tarde, milorde. Agora, deve estar tentando entender por que solicitei sua presença. A verdade é que... Bem, o antigo conde deixou todo o dinheiro, os bens, as propriedades, tudo que não estava explicitamente ligado ao título e a seu sucessor... para Josephina Wyndham, sua filha.

Houve um longo silêncio, durante o qual Marcus a encarou. Por fim, disse calmamente:

— Josephina? É o nome mais feio que já escutei. Deve me agradecer todas as noites em suas preces pelo fato de eu tê-la renomeado, Duquesa.

O sr. Wicks se moveu com evidente nervosismo.

— Entendeu o que eu disse, milorde?

— Sim, certamente, senhor. Acaba de me informar que sou pobre. Um miserável vivendo nesta grande mansão, mas um miserável. Fui destituído de tudo. Como vê, Duquesa, eu não estava completamente enganado sobre os sentimentos de meu tio em relação a mim. Ele se incomodou em deixar alguma coisa para Antonia e Fanny, suas outras filhas?

— Sim, milorde. Dez mil libras para cada uma, como já havia sido estabelecido no testamento anterior. Isso permanece, bem como todas as decisões relacionadas aos criados e outros parentes.

— Então, eu fui o único alvo de sua vingança. Eu, seu herdeiro.

— Não inteiramente, milorde. A única diferença é que agora lady Josephina é...

— Não se refira a ela por esse nome repulsivo. Eu entendi. Ela é dona de tudo, exceto de Chase Park. Há mais alguma coisa para mim, sr. Wicks?

— Sim, milorde. A casa em Putnam Place, em Londres, é sua.

— Entendo. E o que mais?

— Há um bangalô de caça na Cornuália, perto de St. Ives, que é uma propriedade ligada ao título, e duzentos acres de terra agrícola. Mais nada. Lamento, milorde.

— Nenhum dinheiro para manter essa casa monstruosa?

— Bem... seu tio confiou a mim a manutenção e administração de todas as propriedades da família Wyndham. Dinheiro, casas, bens... Também sou o guardião da Duquesa até ela completar vinte e um anos, e depois disso ela deverá se unir a mim para assumir gradualmente a administração de tudo. O rendimento gerado pelas propriedades Wyndham é excelente e continua crescendo anualmente. Há propriedades em Devon, Sussex e Oxfordshire. Porém, milorde, o dinheiro não estará ao seu dispor.

Marcus inspirou profundamente, como se o assunto o aborrecesse, mas não tivesse grande importância.

— Estava enganada, Duquesa. Admite agora que ele me odiava? E me odiava tanto que não hesitou em me deixar na miséria, dependente do sr. Wicks para ter o pão que como, para os reparos que tiverem de ser feitos na casa, para o pagamento de todos os nossos empregados. E dependente de você, sua filha bastarda, das migalhas que quiser jogar para mim, e tudo porque ele me odiava. Ele aniquilou as esperanças dos próprios descendentes e das futuras gerações de Wyndham.

— Milorde, argumentei violentamente contra essa decisão de seu tio, mas ele estava irredutível — contou o advogado. — Reconheço que ele realmente não gostava do senhor. Porém, o antigo conde concordou em deixar para seu sucessor uma quantia trimestral. Uma espécie de pensão.

Marcus estava furioso, embora se controlasse.

— Agora entendo por que riu de mim ontem à noite, Duquesa, enquanto eu falava sobre ser seu guardião, prover-lhe um dote, protegê-la como agora protejo minha família. Você tem tudo. Não precisa mais de um homem para suprir suas necessidades. Sim, deve ter se divertido muito com minhas propostas.

— Não! Permita-me explicar, Marcus.

— Não se incomode, Duquesa. Bem, preciso pensar em tudo isso. Tenha um bom dia, sr. Wicks.

— Mas, milorde, eu ainda não terminei! Precisa ficar para me ouvir!

— Ainda há mais? Não, sr. Wicks, estou mais do que satisfeito com suas revelações.

— Com isso, o conde se retirou sem olhar para trás.

O advogado balançou a cabeça.

— O que seu pai fez não foi honrado, minha cara. Dar a você um dote substancial teria sido adequado, mas isso... deixar tudo para você e pagar uma pensão para o conde, seu sucessor, obrigando-o a suplicar pelos fundos necessários à sua posição... Isso foi abominável.

— Eu não sabia de nada disso, sr. Wicks. Não tinha nenhuma informação sobre a extensão das decisões de meu pai. O senhor apenas me disse que ele me havia feito uma dama de muitas posses, mais nada. Mas o que meu pai fez é repreensível. Não vou admitir nem vou tomar parte nisso. Escute-me: pretendo desfazer tudo isso. Marcus não merece esse destino. Recuso-me a fazer dele um pedinte. Meu pai não tinha o direito de culpá-lo pela morte de seus filhos. Ele nem estava presente!

Uma pensão? Não, isso é absurdo e ridículo. Desfarei todas as mudanças imediatamente. Cuide disso, sr. Wicks. Pode me deixar algum dinheiro, talvez uma casa, mas o restante deve ficar para Marcus. Ele é o sucessor.

— Lamento, minha cara, mas não posso.

— Como assim, não pode?

— Seu pai previu que você poderia ter essa reação. Ele sempre soube de sua lealdade, de seu coração generoso, da amizade que nutre por seu primo. Assim, ele decidiu que, caso você rejeitasse a herança e as responsabilidades ligadas a ela, tudo deveria ser entregue à esposa do irmão mais novo dele, que morreu há cinco anos. Ela vive com os filhos nas colônias.

A Duquesa pegou a folha de papel das mãos do advogado e leu: Sra. Wilhelmina Wyndham, rua Fourteen Spring, Baltimore, Maryland.

— Pelo que sei, são três filhos — comentou o sr. Wicks.

— Mas eu nunca soube dessa Wilhelmina. Minha tia?

— Bem, parece que o falecido irmão do conde era um jogador. Ele perdeu tudo, inclusive uma herança de uma tia distante, e o pai o expulsou de casa. Ele foi viver nas colônias. Lá conheceu Wilhelmina Butts e se casou com ela. Para ser bem sucinto, Grant Wyndham era o irmão preferido de seu pai, apesar de ter sido deserdado por seu avô. Ele achava que seria uma divertida piada trazer a família desse irmão de volta para cá, dar a eles todo o dinheiro... Isto é, se não aceitar as responsabilidades associadas à herança, milady.

— Responsabilidades?

— Estamos de mãos atadas. Garanto, Duquesa, que eu jamais trataria o novo conde como um pensionista, apesar do que decidiu seu pai em testamento. Não o trataria como um parente pobre. Não seria um tirano com relação aos fundos necessários para a manutenção de Chase Park e das outras propriedades atreladas ao título. Em suma, eu daria suprema importância ao orgulho do conde.

— Não conhece Marcus, sr. Wicks. Por maior que seja sua bondade, sua compreensão e sua garantia de que o tratará como ele merece ser tratado, ele não vai aceitar. Nunca. Marcus é um homem muito orgulhoso, cheio de princípios e padrões de conduta...

— Talvez ele não aceite esse arranjo, mas o dever é um conceito poderoso. Ele gostaria de ver uma vasta propriedade dividida? Espero que não. Temo, porém, e disse isso a seu pai, que quando eu me for deste mundo, meu substituto possa se achar superior ao conde por seu poder. Ele poderia tratá-lo como um pedinte, um caso de caridade... e é esse meu receio. Se me lembro, quando fiz esse comentário, seu pai esfregou as mãos e riu.

— Já está envolvido nisso há algum tempo, sr. Wicks. Não conseguiu pensar em nenhuma saída favorável a Marcus?

— Ah, sim, existe uma saída! Seu pai, depois de rir, me disse que tinha planos, mas que sabia que você e o conde se negariam a segui-los.

— Planos? Que planos?

— Seu primo deve se casar com a senhorita antes do décimo oitavo mês da morte de seu pai. Então, tudo o que discutimos aqui estará desfeito. De fato, se vocês dois se casarem, o testamento de seu pai será cancelado. Ele queria seu sangue nos futuros condes de Chase. Disse que isso ajudaria a diluir o sangue maculado de Marcus.

— Sangue maculado? Que bobagem é essa? Esquece que fui uma bastarda?

— Mesmo assim, era isso que seu pai queria acima de tudo. Ele queria que seus filhos fossem os sucessores de Marcus. Se você se recusar, então... Bem, ele disse que, nesse caso, não teria importância se o condado mergulhasse na ruína. Foi o que ele disse, milady. Que não se importava. Tudo isso aconteceu depois da morte de sua mãe. Ele estava muito mudado. Simplesmente não se importava mais com nada. Fiquei muito

alarmado, mas ele não se abalou. Quando terminamos de redigir o documento, ele me disse: "Wicks, Bess se foi. Minha esposa, a única mulher que amei. Ela não está mais comigo. Nunca se mudou para Chase Park, onde deveria ter vivido sempre, e onde teria morado, se houvesse alguma justiça no mundo. Deixe que meu sobrinho se afogue na própria bile. Não me importo. Ele que prove um pouco da injustiça que Deus impôs sobre mim".

A Duquesa ficou em silêncio por um instante, pensativa. Depois disse:

— Meu pai morreu em janeiro. Então, devemos nos casar até junho.

— Exatamente. Até o dia dezesseis de junho, para ser mais preciso.

— Por que não disse nada disso a Marcus? Por que não falou sobre essa saída para nossas dificuldades?

— Eu tentei, mas ele se retirou. Está chocado, incrédulo com o que o tio fez. Voltarei a falar com ele mais tarde. Porém, minha maior preocupação é com a senhorita, minha cara. Se não deseja se casar com seu primo, diga-me agora. A decisão é sua.

— Se eu não me casar com Marcus, perco tudo?

— Caso se recuse a cumprir as imposições do testamento, receberá ainda cinquenta mil libras. Como eu disse, minha querida, é uma jovem muito rica agora. Mas isso não muda o dilema do conde. Com exceção das suas cinquenta mil libras, tudo irá para as mãos da família que vive nas colônias. Eles poderão vir morar aqui, se quiserem, ricos e sem nenhuma preocupação, e ele terá uma pensão.

— Então, se eu não me casar com ele até o dia dezesseis de junho, Marcus estará na miséria.

— Exatamente.

— Como meu primo, sr. Wicks, também estou muito surpresa. Vou pedir para alguém acompanhá-lo aos seus aposentos. Aqui jantamos às seis e meia, de acordo com os costumes do campo. Peço que nos encontre na sala de estar às seis.

— Certamente, querida.

— Se precisar de alguma coisa antes disso, fale com Sampson.

— Obrigado — ele agradeceu.

A Duquesa se retirou da biblioteca. O advogado ficou sozinho, pensando em como uma mulher tão jovem podia ser tão serena e compenetrada diante de notícias tão chocantes. Talvez ela gostasse um pouco do primo. Certamente o defendera, exigindo que as instruções deixadas por seu pai fossem ignoradas. E o conde de Chase? Gostava da Duquesa o suficiente para se casar com ela, ou preferia a miséria? Estaria suficientemente humilhado pela destruição de seu mundo para mandar tudo para o inferno e abandonar suas responsabilidades?

Ele parecia ser um homem orgulhoso. A descrição do antigo conde o levava a crer que encontraria um jovem dissoluto e sem reputação, beirando a malevolência. Em resumo, alguém indigno de qualquer consideração. Mas se enganara. A atitude do falecido conde devia ter sido provocada pela revolta com a morte do grande amor de sua vida. Talvez até pela loucura causada por tão grande sofrimento.

Qual seria o desfecho da delicada situação entre o conde e a Duquesa? O tempo diria.

O conde se apresentou às seis em ponto, vestido de maneira impecável. Era um belo rapaz, pensou o sr. Wicks, examinando-o com objetividade. E ele também parecia ter desenvolvido certa medida do controle característico da Duquesa. Nada nele indicava que todas as esperanças haviam ruído com um único anúncio, transformando seu futuro em fumaça. Ele era polido, mas frio. Porém, como conde de Chase, não seria apropriado que fosse confiante ou íntimo demais.

O sr. Crittaker também estava presente. Menos de cinco minutos foram necessários para o sr. Wicks perceber que o secretário era simplesmente fascinado pela Duquesa. O conde teria consciência da aflição de seu secretário?

O jantar transcorreu sem incidentes. Lady Gweneth Wyndham, irmã mais velha do falecido conde, era a anfitriã, e tratava com graça e cortesia a todos sentados à mesa.

— Não acham que essa perna de carneiro tem alho demais? — ela perguntou num determinado momento do jantar.

— Concordo, senhora — respondeu o conde. — Talvez seja hora de Badger passar algumas horas na cozinha.

— Ele faz uma carne assada maravilhosa — contou a Duquesa, olhando para os feijões excessivamente cozidos. — A massa da torta que ele prepara é fabulosa, crocante e saborosa e, como se não bastasse tudo isso, Badger é um diplomata. Quer que ele prepare uma refeição para você, Marcus?

Ele não olhou para a prima, mais interessado na taça de vinho tinto.

— Direi a Sampson que a sra. Gooseberry precisa de alguns dias de descanso. Badger poderá preparar sua famosa carne assada para o jantar de amanhã. Enquanto isso, nossa cozinheira pode visitar a irmã em Scarborough.

— Ela não tem uma irmã em Scarborough — disse Gweneth.

— Ótimo! Sozinha, ela descansará mais e aproveitará o ar do litoral — Marcus decidiu, como se o problema estivesse encerrado. Ele era o conde, o senhor daquela casa, embora se julgasse destituído e deposto.

O sr. Wicks mal podia esperar para conversar com o conde. Não gostava de deixar situações inacabadas, mesmo que por pouco tempo.

Marcus saboreou seu Porto na sala de estar em companhia da família. Se estava mais quieto, mas retraído do que de costume, o sr. Wicks não sabia, já que acabara de conhecê-lo. Finalmente, às nove da noite, ele disse:

— Milorde, será que podemos conversar por alguns minutos em sua biblioteca? É de suma importância para sua situação que entenda tudo completamente.

Marcus ergueu uma sobrancelha e baixou a voz, de forma que só o advogado pudesse ouvi-lo:

— Ah, quer dizer, senhor, que não tenho o direito de enviar a sra. Gooseberry para Scarborough? Devo pedir sua permissão para isso?

— Não. Por favor, milorde, venha comigo.

Marcus encolheu os ombros, pediu licença aos outros e acompanhou o advogado até a biblioteca. Ele só percebeu que a Duquesa os seguira quando, ao entrar no cômodo, ele se virou para fechar a porta.

— O que quer, Duquesa? Saia daqui. Vá contar seu dinheiro. Escreva para o homem que a sustentava e diga a ele para ir para Scarborough com a sra. Gooseberry. Ah, é claro! Não posso mais erguer a voz ou lhe dizer o que fazer, não é? Se ofendê-la, vou acabar vivendo na sarjeta!

— Peço que se contenha. Existe uma solução, Marcus. Por favor, escute o que o sr. Wicks tem para dizer.

— Maldição, será que nunca... — Ele parou, respirando fundo e se sentando à escrivaninha com ar insolente. — Muito bem, sr. Wicks, que notícias tenebrosas ainda tem para mim? Devo me mudar para a casa da viúva ou para o galpão de ferramentas?

— Não, milorde — o sr. Wicks respondeu sério. — Por favor, peço que me escute com a mente aberta. Esqueça sua raiva, pelo menos por enquanto. Há uma solução, e talvez nem a considere tão onerosa ou repulsiva.

— Uma solução para essa situação terrível? Meu tio me destrói, depois me dá uma arma para que eu mesmo acabe com minha desgraça?

— Não, milorde. Não se trata de morte, mas de... casamento.

— Ah, uma herdeira! Já sei! Devo ir a Londres, escolher uma entre as ricas herdeiras disponíveis, e me casar com uma fortuna. Então, tenho o título, o dinheiro e a pensão. Ótima sugestão! E tão boa, que temo vomitar nos próximos minutos.

— Marcus, escute, por favor!

— Duquesa, não interfira. Melhor ainda, retire-se, porque não quero ferir sua sensibilidade com...

— Fique quieto e escute! Não posso me retirar, porque essa situação também me diz respeito.

— O que quer dizer?

— Ela quer dizer, milorde, que seu tio realmente ofereceu como saída seu casamento com uma herdeira, e ele até escolheu essa herdeira. Não precisa ter nenhum trabalho. Basta, simplesmente, se casar com a Duquesa.

Marcus o encarou boquiaberto. O silêncio do advogado o enervava, mas o da Duquesa simplesmente o enfurecia. Finalmente, disse com tom insolente:

— Casar com ela? Casar com Josephina? Alguém com um nome tão horrível? Não consigo nem me imaginar sussurrando palavras de amor para uma... Josephina! Eu morreria de rir. Isso só pode ser uma piada, sr. Wicks. Deve haver algum truque nisso. Vamos, desembuche!

— Não é nenhuma brincadeira, milorde. Não há mais nada. Não poderia simplesmente continuar chamando milady de Duquesa? O senhor mesmo escolheu esse apelido. Por favor, pense bem. Há tanta coisa em jogo que...

— Não é só o nome horroroso. Essa mulher tem gelo nas veias! Olhe só para ela, sentada como uma estátua naquela cadeira. Ela nem está aqui! Deve estar pensando em suas malditas flores, se é que está pensando. Nós, simples humanos, não merecemos seu interesse.

— Por favor, milorde, contenha-se! Compreendo que tudo isso seja um choque, mas deve reconhecer que é um alívio saber que existe uma solução e é...

— Sr. Wicks, pense bem! Pode imaginar essa mulher na sua cama? Não agora, mas há vinte ou trinta anos, quando ainda pensava nessas coisas. Ela é linda, não é? Uma criatura gloriosa, rosto e corpo perfeitos, seios fascinantes e tentadores, mãos delicadas... Mas pode imaginar como ela o receberia na cama, caso fosse seu marido? Ela o olharia com desdém, ofereceria um daqueles sorrisos gelados, depois se estenderia de costas, imóvel, tão gelada por dentro quanto é por fora! Deus, é uma imagem repugnante, não acha?

— Milorde, por favor, entendo sua reação chocada, compreendo sua amargura...

— Amargura? Senhor, amargura não é suficiente nem para começar a descrever o que estou sentindo. Ressentimento? Nunca pensei em usar essa palavra para mim mesmo. Revolta?

— Milorde, seu tio queria que a Duquesa fosse sua condessa. Ele queria que os netos tivessem o sangue da Duquesa e o seu. Suponho que possa entender essa vontade e...

— Ah, sim, eu entendo, sr. Wicks. Meu tio deve ter imaginado que o sangue da Duquesa, tão especial e puro, reduziria a corrupção do meu, ou diluiria seus efeitos nocivos. Sim, vejo por sua expressão que era exatamente isso que meu tio pretendia.

— Marcus.

Foi a voz dela, baixa e contida, que o fez recuperar o controle.

— Marcus — a Duquesa repetiu. — Por favor, tente entender.

— Ah! Quer se casar comigo, Duquesa? Está disposta a sacrificar-se no altar da vingança de seu pai? Desculpe-me, mas não posso acreditar nisso. Talvez mova a cabeça em sentido afirmativo ao me aceitar, talvez suspire resignada, o que seria uma incrível demonstração de emoção, considerando quem é, mas não sou tão idiota. Ou será que a subestimei mais uma vez? Meu tio também a enganou mesmo depois de morto? Sua herança depende disso, Duquesa? Vai perder sua fortuna se não se casar comigo?

— Não.

Ele esperou. Esperou que ela dissesse algo que reduzisse toda aquela humilhação, que dissesse que queria se casar com ele, apesar do pai e das condições

do testamento. Esperou que ela gritasse com ele pelas ofensas que sofria, mas ela continuava ali, sentada como uma maldita estátua de mármore.

— Ela terá cinqüenta mil libras, seja qual for sua decisão, milorde. Porém, se não se casarem até o dia dezesseis de junho, a família de seu tio em Maryland herdará tudo que não estiver ligado ao título.

— Entendo. Então, a Duquesa tem algo a perder, afinal. Muito! O que são cinqüenta mil libras comparadas à imensa e antiga fortuna dos Wyndham? Sim, o casamento comigo seria vantajoso. Porém, se a família de meu tio em Baltimore ficar com a herança, serei obrigado a pedir a tia Wyndham o dinheiro necessário para tudo que tiver de ser feito em Chase Park e em minhas modestas propriedades?

— Não, milorde. Eu ainda seria o administrador.

— E eu teria minha pensão. Qual é o valor dessa pensão?

— Alguma coisa em torno de duzentas libras trimestrais.

— Duzentas libras! — Marcus riu. Gargalhadas que fizeram seus ombros tremerem, e que causaram na Duquesa uma dor tão profunda que ela queria gritar, pedir-lhe que confiasse nela, dizer que tudo acabaria bem. Mas ela não disse nada. Não sabia o que dizer. — Ouviu isso, Duquesa? Duzentas libras! E quase o que eu ganhava por ano no Exército. Ora, ora, eu seria praticamente rico, um nababo com um título! Tudo que teria de fazer seria estender a mão para o sr. Wicks aqui. Isso, e andar de cabeça erguida na sociedade. E, mais importante, olhar para mim mesmo no espelho.

— Milorde...

— Já sei! Talvez eu possa ficar do lado de fora do seu escritório, na fila dos pedintes, apropriadamente humilde e subserviente, com a mão estendida e os olhos baixos, ouvindo atentamente aos seus conselhos para não desperdiçar meu precioso dinheiro. Minhas duzentas libras!

— Milorde, sua pensão seria automática. Os fundos seriam remetidos diretamente a cada trimestre.

— Ah, então o sr. Crittaker receberia minha pensão e decidiria como empregá-la. Bom Deus, esqueci o sr. Crittaker! Ele ainda é meu secretário? Alguém pobre como eu não precisa de um secretário, não é mesmo, sr. Wicks?

— Seu tio gostava muito do sr. Crittaker, milorde. Ele deve ser remunerado pelo tempo que desejar permanecer aqui em Chase Park.

— Remunerado. Isso soa interessante. Como sua mãe era remunerada, Duquesa. Como você provavelmente era remunerada naquele chalé encantador em Smarden. Não é assim?

Ela não respondeu. Olhando para os punhos cerrados sobre o colo, lentamente forçou-se a abri-los, tentando se acalmar.

Marcus prosseguiu:

— E então, Duquesa? Está disposta a seguir em frente com essa ridícula farsa? Vai se casar comigo e ser minha condessa? Está pronta para me salvar da ignomínia da miséria? Está pronta para tolerar-me na cama e ter inúmeros bebês que podem ser mais parecidos comigo do que com você? Meu tio tinha uma provisão para isso também, sr. Wicks? Os filhos que forem parecidos comigo serão deserdados? E se forem parecidos com você, Duquesa? Frios, distantes, desprovidos de sentimento e de alma?

Ela abriu a boca para falar, mas Marcus gritou:

— Não! Não quero ouvir seus protestos infames nem sua voz calma! Na verdade, Duquesa, não me casaria com você nem que tivesse em sua mão a última fatia de pão da Inglaterra, e eu estivesse faminto. Que homem ia querer se deitar com uma mulher de sangue frio, apesar de sua recente legitimação, de sua incrível fortuna? Não eu. Não sou calculista como seu pai. Na verdade, sr. Wicks, acabo de decidir que o condado será extinto com minha morte. Acha que meu tio considerou essa possibilidade?

— Sua tia Wilhelmina tem dois filhos, milorde. Se morrer sem deixar herdeiros, o

filho mais velho, Trevor Wyndham, herdará o título.

— Trevor? Que nome absurdo é esse? Trevor! Ele é afetado, sr. Wicks? Pisca e fala fino como uma mulher, usa enchimentos nas pernas para fazê-las parecer mais grossas na calça, tinge as faces? Por Deus, Trevor!

— Não tenho informações sobre o caráter da prole de sua tia Wilhelmina.

— Não importa. Que um efeminado seja o próximo conde, então. Que encontre seus amantes na Casa dos Lordes. Mandarei pintar um quadro de seu rosto maquiado e o colocarei ao lado do de meu tio. Os dois serão vizinhos por toda a eternidade. E eu... Bem, eu terei minhas duzentas libras trimestrais. Rico! Logo esquecerei esses últimos dez meses em que tive de desempenhar um papel que não combina com minha personalidade. Conte com isso, sr. Wicks. Esse precioso título já começa a se tornar um eco distante em minha mente.

Marcus saiu da biblioteca sem olhar para trás. O sr. Wicks olhou para a Duquesa e balançou a cabeça.

— Não esperava tanta veemência, tanto descontrole.

— Marcus sempre disse tudo o que pensava. Desde menino. Eu só... não havia escutado sua franqueza ainda como adulto. Agora ele ganhou fluência e tenacidade. E mais ira, também. Algo que sempre admirei isso nele. Marcus sempre foi um verdadeiro Wyndham, embora se negue a aceitar tal fato.

— Ainda não acredito em como ele a insultou! Em nenhum momento a senhorita respondeu, atacou ou... Não! Pelo contrário, só queria consertar toda essa situação. Teria aceitado o conde por seu marido, não é mesmo, Duquesa?

— Sim, eu o teria aceitado, mas ele está muito revoltado, sr. Wicks. Não queria ouvir minha aceitação.

— Não gosto de toda essa raiva. Ela nos leva a conclusões infelizes, normalmente indesejadas por todos os envolvidos. Insultá-la como se não fosse uma dama tão recatada, como se fosse...

— Uma bastarda?

— Agora está se mostrando deliberadamente obtusa. O que ele disse não poderia ter sido dito por um cavalheiro. Foi feio, rude, injusto...

— Não importa. Francamente, senhor, não se incomode com isso. Não importa.

— Mas há muita coisa em jogo aqui. Ele certamente verá as coisas de maneira diferente à luz do dia.

Mas não foi o que aconteceu.

Na manhã seguinte, o oitavo conde de Chase havia sumido.

Seu valete, Spears, também não estava em casa.

Casa dos Wyndham, Berkeley Square, Londres, maio de 1814

Ela sorriu ao abrir a janela, debruçando-se nela para poder ouvir melhor. Então os viu, três soldados, ligeiramente embriagados, cantando com toda a força de seus pulmões, de braços dados, provavelmente para se manterem em pé. A canção era sobre a abdicação de Napoleão.

Ele disse um terno adeus a toda a sua velha Guarda. Eles choravam e gemiam, como porcos apunhalados. Mas finalmente ele partiu, arrastado para Elba, Para ser moldado como argila, de dezembro a maio.

O tom desafinado a fez rir. Não havia rima, mas, ainda assim, os versos se encaixavam na melodia. Eles chegaram ao refrão, e suas vozes se tornaram mais altas e alegres.

E lá vai você, para Elba, onde ficará. Levantar âncoras, navegar, navegar Para Elba, onde morrerá e apodrecerá, Para sempre lá estará.



Para seu encanto, assim que terminaram essa canção, os soldados começaram outra, esta sobre Wellington ao receber a notícia de que Napoleão havia abdicado. As duas músicas eram perfeitas juntas.

*Ele calçava as botas, é o que se comenta,
planejava a próxima campanha, tudo em sua cabeça.*

*Quando o mensageiro gritando alto e forte,
Sem ar anunciou: "Chega de morte, chega de morte".*

E Wellington disse: "Deixe-me a sós para me vestir, Porei a camisa, e depois vou ouvir". Mas o mensageiro ria e dançava excitado, Gritando: "Escute, milorde, ele mesmo acabou sufocado.

Napoleão comeu seu chapéu, jogou a espada, Agora todos vamos para casa sem pensar em mais nada".

"Urra, Urra", disse Wellington.

"Por Deus, conseguimos, por Deus, temos a vitória!

Chega de batalhas, nada mais de glória.

Na Inglaterra, eu serei História."

Ela sorria como uma tola ao ouvir a melodia, ao ver os soldados se divertindo tanto com a canção. Eles gostavam da música, e esse era o ponto. Ela se retirou para o interior do quarto quando os soldados passaram cantando, descendo a rua para virar na esquina, suas vozes cada vez mais distantes.

As palavras não eram perfeitas, mas cantar a vitória de Wellington era animador, pelo menos para ela. Havia outra canção, essa mais curta, que ela já escuta inúmeras vezes quando caminhava com Badger por St. James, e a vira ser vendida na Hookhams. Letra e música haviam sido impressas de maneira apressada, por isso a leitura era difícil, mas muitas pessoas conseguiam entender as palavras, evidentemente. Era sobre o Senado francês, manipulado pelo astuto e ardiloso Talleyrand, que certamente convencera o czar a votar pela coroação do velho Luís, e agora o velho gordo e idiota, irmão do finado rei, se tornaria Luís XVIII.

E agora, onde quer que estivesse, Marcus estava seguro. Vivia em segurança desde 6 de abril, o dia em que Napoleão abdicara. Não, não era verdade. Outra terrível batalha havia sido travada em Toulouse, com devastadora perda de vidas humanas. Ele não podia ter estado lá. Não, certamente não. Spears a teria informado.

Logo saberia exatamente onde ele estava. Logo o teria de volta, o estúpido tolo, porque o tempo era cada vez mais curto.

Ela caminhou até a escrivaninha, abriu a gaveta, e retirou dela a última carta de Spears. Infelizmente, datava de final de março. Ele escrevera que acompanhava seu senhor em uma missão e não sabia para onde seriam enviados, mas que a manteria informada sempre que possível. Ele terminava afirmando que o conde ainda insistia em sua teimosia, mas que até mesmo os modos de um bode podiam ser consertados. Sua última frase dava conta de que o inferno se abria diante deles.

O que podia significar tal comentário? E se o conde tivesse sido ferido ou morto depois da abdicação de Napoleão? Ela revirara os jornais em busca de notícias da guerra, notícias de mortes, e não encontrara nada sobre Marcus. Não podia acreditar que ele estava morto. Não! Nunca! Se alguma coisa houvesse acontecido, Spears a teria informado. Precisava acreditar nisso para não enlouquecer. Ele estava bem. Mais calma, ela dobrou a carta e a devolveu à gaveta.

Naquela noite, uma noite morna de primavera tão apreciada pelos amantes, ela se sentou sozinha na magnífica sala de estar da casa dos Wyndham em Berkeley Square, concluindo que precisava de um plano, de uma campanha, realmente, como a que Wellington desenvolvera com tanto sucesso. Quando encontrasse Marcus, sabia que não o faria sucumbir à razão, apesar de todas as conversas privadas que ensaiara. Não. Seria

necessário mais do que palavras e lógica. Com Marcus, seria preciso um ataque, o uso de astúcia e um planejamento arduo. Não um ataque frontal, mas um que não permitisse defesa ou antecipação. Ela se levantou, puxou a corda do sino e esperou por Badger. Enquanto aguardava, cantarolava a canção que ouvira pouco antes, satisfeita com letra e melodia.

Quando Badger surgiu na sala, ela sorriu e anunciou animada:

— Agora eu o tenho, Badger. O Plano. Tem tudo preparado para partir assim que ouvir a ordem?

— Estou pronto há três semanas, Duquesa — Badger respondeu, retribuindo o sorriso. — Milorde não terá nenhuma chance, agora que a Duquesa finalmente tem um plano.

— Não, ele não tem chance. O tolo...

CAPÍTULO II

Paris, maio de 1814

Ele fora um cretino, um completo idiota, e desejava poder esquecer tudo isso, mas não podia, apesar de semanas terem se passado. Estava sempre ali, no fundo de seus pensamentos, como agora. Havia sido injusto com ela.

Odiava ser um cretino e perceber que se sentia culpado por isso. E não fizera nada para reparar seu erro. Não escrevera um pedido de desculpas, mesmo sabendo que não podia responsabilizá-la pelas atitudes do pai dela. Queria que ela estivesse ali agora para... O quê? O que faria? Não sabia dizer. Talvez se desculpasse por destilar sobre ela seu veneno e sua amargura.

Ele balançou a cabeça. Seu amigo North Nightingale, o major lorde Chilton, entrava no vasto aposento. Ele esperou que North se aproximasse e disse:

— Aí vem lorde Brooks com seus dois assistentes lambe-botas. Eles estão nos seus calcanhares.

— Onde devem mesmo ficar — North respondeu com seu sorriso sombrio, olhando em volta e admirando a beleza opulenta do salão de dez metros de altura e mobília branca e dourada. Marcus estava habituado à opulência. North ainda não. O salão pertencia à antiga mansão parisiense do duque de Noaille, que agora era usada pela equipe de Wellington. O czar Alexandre estava do outro lado da rua, na mansão ainda mais esplêndida de Talleyrand; era hóspede dele, o que não causava surpresa, como Wellington comentara com Marcus e North pouco depois da abdicação de Napoleão. Talleyrand queria manipular Alexandre, e tê-lo sob seu teto, perto de sua impressionante adega, era muito conveniente.

— Não se incomoda com a presença constante? — Marcus perguntou ao major.

— Na verdade, não. Os assistentes não são tão ruins. Outro dia cantavam uma nova canção sobre Talleyrand e como a raposa manobra com astúcia o czar e também o Senado francês para trazer de volta o velho e gordo Luís. Era uma canção divertida.

— Luís tem o bom senso de um bode, mas pelo menos é um governante correto.



— Sim, correto e ridículo. Ah, mas Talleyrand conseguiu o que queria, e agora Luís está no trono francês. Não quero ter de me envolver com esse homem. Dizem que a amante dele causa vergonha aos números de uma legião.

— As vezes penso que seria bom se Talleyrand fosse inglês. Castlereagh é um brilhante diplomata; os homens confiam nele, mas ele parece ter honra em excesso e nenhuma malícia. Não consegue mentir diante do olhar firme de outro homem.

— Uma falha imperdoável, de fato — North concordou, cutucando Marcus para indicar que lorde Brooks se aproximava.

— Milordes — lorde Brooks os cumprimentou, estudando-os como fazia diariamente. Ele era um homem idoso com cabelos brancos, nariz grande e não mais que um metro e sessenta. — Então, agora temos Luís XVIII como rei francês. Considero excelente que Napoleão tenha preservado o título de Imperador. Não concordo comigo?

Marcus pensou no tamanho da estupidez do comentário, mas não disse nada, limitando-se a examinar alguns papéis que estivera despachando.

North expressou sua opinião:

— Imperador do quê? Ah, sim, agora ele é o soberano estrangeiro de Elba, imperador de pedras e praias e de algumas árvores esqueléticas.

Marcus manifestou-se:

— Não esqueça que ele tem todos aqueles guarda-costas franceses e poloneses. E um navio, lorde Brooks, o Inconstante.

— Tratam com descaso uma ocorrência que certamente justifica uma reflexão mais sóbria — respondeu lorde Brooks, fitando-os com evidente desdém. Depois de um instante, ele se afastou.

— O que ele quis dizer? — North cochichou.

— Não sei.

— E eu não me importo. No futuro seremos mais cautelosos, Marcus. Não é sensato insultar o homem. Ele é orgulhoso como o diabo e não gosta de ter sua estupidez exposta, uma combinação fatal.

Eles riram, mas não muito alto. Não havia nenhum propósito em enfurecer lorde Brooks ainda mais.

— Estou entediado — confessou Marcus. — Não sei o que quero, mas não é isto.

— Eu sei. Não há nada além de diplomatas fazendo promessas que não pretendem cumprir. Odeio diplomatas e esse interminável jogo da diplomacia. Ah, Marcus, sorria para lorde Brooks, o velho bastardo.

— Mais intriga — respondeu o conde de Chase.

— Tenho a sensação de que ele veio até aqui para tentar descobrir se sabemos algo que ele não sabe. Não consigo mais contar as vezes em que fui abordado por assistentes de Talleyrand, Metternich, do czar Alexandre, homens dispostos a arrancar de mim algum segredo que eu pudesse ter sobre a posição de Wellington a respeito disso ou daquilo, ou opiniões, como aqueles malditos diplomatas preferem dizer. Malditos sejam todos eles!

— Amém — concordou North. — Hoje seu braço está um pouco enrijecido. Você o movimentava de um jeito estranho, com dificuldade.

— Eu sei. Spears não me dá paz. Todas as manhãs, ele me observa enquanto levanto a espada cinqüenta vezes, para cima e para baixo, bem lentamente, exercitando os músculos para recuperar a antiga força. Depois ele massageia meu braço. Hoje deve ter exagerado na massagem, porque sinto uma dor horrível.

— Mas o tratamento parece estar tendo bons resultados. Você foi baleado em Toulouse há apenas algumas semanas e já movimenta o braço. Spears é um bom homem.

— Eu sei. E não me queixo. Pelo menos estou vivo, apesar do braço dolorido. Perdemos cinco mil e quinhentos homens, e não foram apenas baixas, como diz o ministro da Guerra. Tudo aconteceu porque um mensageiro levou quatro dias para



informar Wellington sobre a abdicação de Napoleão. Um desperdício. Tantos homens mortos por nada!

North viu Marcus trancar a gaveta da escrivaninha, e depois guardar a pequena chave dourada que ele protegia como uma jóia. Marcus sempre a mantinha em sua posse. Duas tentativas de roubo tinham acontecido nas duas últimas duas semanas. Mesmo que um ladrão conseguisse arrancar a gaveta, não encontraria mais do que alguns documentos ultrapassados, pois a gaveta secreta estava bem escondida.

Os dois homens deixaram a mansão e passaram meia hora caminhando pela margem do Sena, respirando o ar puro da tarde, antes de atravessarem para Lie de la Cite pela Pont Neuf. De lá, eles seguiram pelo Boulevard Saint Michel e pelo Saint Germain até chegarem às suas acomodações na enorme mansão do século dezoito, o Hotel Matignon, no número 57 da rue de Grenelle.

Marcus acenou para um oficial que atravessava a rua.

— Temos nosso batalhão aqui em Faubourg Saint Germain.

— Não esqueça que todos os soldados russos também estão aqui. Ontem à noite mantive a janela aberta, e ouvi alguns deles cantando naquele idioma incompreensível até o amanhecer, completamente embriagados. Como conseguem sair da cama cedo e cuidar de seus deveres?

— Não sei, mas já vi muitos deles cambaleando no final da madrugada e, novamente, em pé às sete da manhã. E o número de prostitutas cresceu assustadoramente por causa dos russos.

— Eles têm o direito e gastar o soldo como quiserem. A propósito, como vai a bela Lisette?

— Bela como sempre. Aluguei um encantador apartamento para ela na rue de Varenne. Sua gratidão me comoveu.

— Posso imaginar. — North riu.

— Sabe o que mais aprecio em Lisette, além do óbvio? Ela está sempre falando, conversando, rindo, se movendo. Nunca fica em silêncio como...

— Como quem?

— Como a maldita Duquesa.

— Você é um idiota, Marcus.

— Não. Sou um homem de sorte, North. Muita sorte. Sabe que tenho no bolso um cheque no valor de duzentas libras? Minha pensão trimestral por ser o conde de Chase, tudo devidamente contabilizado pelo sr. Wicks. Ele levou muito tempo para me encontrar, e ainda não consigo imaginar como o homem me localizou.

— E, você conseguiu se manter escondido de todos os outros na Inglaterra. Não vai devolver os fundos, vai?

— De jeito nenhum! Boa parte deles servirá para manter Lisette. — Ele sorriu, pensando no que o sr. Wicks diria se soubesse que sua pensão de conde servia para sustentar a amante do herdeiro pobre. Bem, seu tio também tivera uma amante, a mãe da Duquesa. Era diferente, mas...

Onde estaria a Duquesa? De volta ao chalé? Ou gastava suas cinquenta mil libras circulando pela sociedade de Londres, entretendo cavalheiros que beijavam o chão onde ela pisava? Pensava muito nela, imaginando onde estaria. Mas era inútil. Nunca mais a veria, como também não veria Chase Park ou os outros Wyndham.

Talvez os Wyndham americanos já tivessem chegado para tomar posse dos bens que não compunham a herança do conde. Ou não? Tia Wilhelmina não podia tomar posse de nada antes de dezesseis de junho.

Mas, depois disso, tudo pertenceria aos americanos. E, depois de sua morte, eles teriam também o título e as propriedades a ele atreladas. Trevor! Sim, Trevor Wyndham seria o novo conde de Chase. Seria perfeito!

— Agora é você quem está silencioso, Marcus. Tão quieto quanto a Duquesa de

quem tanto falou.

— Eu contei muito pouco sobre a Duquesa.

— Não, meu caro. Na semana passada, depois de beber como um gambá, você me contou várias coisas sobre ela.

— Então, tente esquecer o que ouviu. Eu já a esqueci. Suponho que agora ela tenha um protetor, como a mãe também teve antes de morrer. E não era na Duquesa que estava pensando, mas em meu primo Trevor. Trevor! É ridículo. Um homem com esse nome deve ter o corpo depilado e tantos músculos quanto Lisette.

North riu.

— Aqui estamos, diante do edifício de sua doce Lisette. Vá relaxar, Marcus, e tente se divertir, também. Veja se Lisette consegue melhorar seu humor. Afinal, sou eu o homem de alma negra, não você. Bem, enquanto você se diverte, vou jantar e ver o que a noite tem para me oferecer.

Os homens se despediram, e Marcus foi bater na porta do apartamento de Lisette. Ele ouviu os passos do outro lado. Lisette nunca era silenciosa. Quando faziam amor, ela gritava ao atingir o clímax, diferente da Duquesa, que devia ser silenciosa como um túmulo.

Lisette DuPlessis parecia feliz por ver seu major lorde, como ela o chamava em seu inglês trôpego. Ela pegou sua capa, a bengala, e guardou sua espada, tocando a bainha de maneira insinuante. Depois, deslizou os dedos por seu uniforme vermelho e branco, deliciando-se com a sensação do tecido e dos músculos sob os dedos, sempre falando, contando o que havia feito desde o último encontro com o amante na noite anterior. Ela agora falava em francês, exceto por seu título, e como o francês de Marcus era muito bom, ele não tinha dificuldade para falar ou entender. Lisette havia ensinado a ele palavras indecentes que o excitavam.

Ele a beijou e descobriu que não queria parar. O hálito de Lisette era quente e doce pelo rico Bordeaux tinto que ela consumira. Ela estava bebendo demais, Marcus pensou, mas, nesse momento, não se incomodava com isso. Tudo que queria era estar dentro dela. As mãos delicadas o tocavam com ousadia, levando-o à loucura. Queria ir devagar, mas Lisette conhecia bem os homens, apesar de ter apenas dezenove anos. Ela sabia que era desejada, sabia que ele enlouquecia com a luxúria, como era comum nos jovens, e por isso o recebeu com alegria, despindo-o e levando-o para seu quarto e para a cama, cobrindo-o, tragando-o em seu corpo. Ele a possuiu e tudo acabou rapidamente.

Finalmente, quando conseguiu recuperar o ritmo normal da respiração, ele disse:

— Desculpe, Lisette. Sou um porco.

As mãos dela afagavam suas costas, tocando os glúteos e deslizando atrevidas para a região entre suas pernas. Ela riu e mordeu seu queixo.

— Sim, milorde, mas serei compreensiva. Desde que prometa ser melhor na próxima vez.

Ele riu, livre de todo o aborrecimento acumulado ao longo do dia.

— Sim — respondeu, ajoelhando-se sobre a cama. — Sim, eu serei muito melhor.

— Já, milorde? — Ela o estudou com entusiasmo.

Paris, Hotel Beauvau, rue Royale

Badger evitava encará-la, e ela o estudava com impaciência.

— Vamos, Badger, você o encontrou? Sabe onde ele mora?

— Sim, eu sei. E ele tem uma amante, senhora, uma mulher jovem e vigorosa. Eu o segui quando caminhava com lorde Chilton, um homem que devemos evitar a todo custo, Duquesa. Ele é perigoso... Enfim, eles se separaram, e o conde foi visitar uma jovem que o recebeu com um beijo ardente. A tal amante mora na rue de Varenne, em um apartamento. Ele deve morar lá, com ela, ou deve ir visitá-la com frequência.

— Bem — ela respondeu com bom senso, sufocando sentimentos odiosos —, ele não tem muito dinheiro. Precisa economizar, suponho. Manter duas casas arruinaria seu orçamento, mas tenho certeza de que ele tem o próprio apartamento. Marcus não viveria na casa de uma amante. Não sei por que tenho tanta certeza disso, mas tenho.

— Não devia ser tão compreensiva.

— Ele é livre para fazer o que bem entender com quem quiser. Pelo menos nesse momento, ele ainda é livre. Spears também vive nesse apartamento?

— Não sei.

— Então, ele tem um alojamento próprio.

— Não sei. Fiquei espiando a movimentação no edifício por cerca de duas horas, até ver o conde sair de braços dados com a tal mulher e levá-la para um daqueles restaurantes onde se come aquele prato horrível de tripas com molhos de qualidade duvidosa. Entranhas de animais! É repugnante!

— Precisamos encontrá-lo antes de iniciarmos O Plano. Spears deve aprovar. Estou muito satisfeita com o sr. Wicks por ter nos informado que Marcus estava em Paris com a equipe de Wellington. Mesmo que isso o tenha contrariado.

— Amanhã bem cedo voltarei ao apartamento para ver aonde vai o conde.

— Que seja muito cedo, Badger. Sei que ele tem acomodações próprias em algum lugar.

— Ele está com o braço ferido.

— Ferido? Como assim?

— Andei fazendo perguntas discretas, e soube que ele foi atingido na batalha final em Toulouse.

— Oh, Deus! Você... viu algum sinal de dor em seu rosto, Badger? Acredita que ele sofreu? Oh, meu Deus!

Badger fitou-a com ar grave. Aquilo era estranho, ele pensou, mas promissor.

— Não sei. Não se preocupe, Duquesa. Amanhã, independentemente de qualquer outra coisa, encontrarei o sr. Spears. Devo trazê-lo aqui?

— Oh, sim — ela disse, embora parecesse distraída. Bom Deus, ela estava pensando no conde ferido, e isso a perturbava, percebeu Badger. A situação era melhor do que ele imaginara.

Spears disse em tom neutro:

— Milorde, deve ter ouvido que o velho rei George, quando estava sob a custódia de seus dois guardiões, foi informado de que os aliados tinham invadido a França há dois meses e quis saber quem comandava as forças britânicas. Ao ouvir o nome de Wellington, ele gritou: "Isso é uma mentira! Ele foi morto há dois anos!".

Marcus riu.

— Pobre George III, velho e louco. Se algum dia recuperar a lucidez e descobrir que o filho é o príncipe mais ridicularizado da história, certamente não suportará o golpe. Antes de perder a razão, ele não foi um mau governante.

— Acho que ele sabe, milorde — Spears opinou. — Sim, muitos acreditam que a estupidez e a infinita ganância do filho levaram o pai à insanidade. Agora, milorde, precisa se banhar e vestir. Sei que foi intimado a comparecer às festividades no Hotel de Sully.

Spears esperou pacientemente enquanto o conde se afastava na elegante carruagem. Depois, pegou a capa e o chapéu e partiu para a rue Royale.

Para sua surpresa e desprazer, ela mesma o recebeu ao ouvir as batidas na porta.

— Duquesa! Por que não está na sala? Por que atendeu a porta? Não é adequado. O sr. Badger não devia permitir tal coisa.

— Badger está preparando o jantar, e Maggie deve estar se arrumando. Ela vai encontrar seu soldado russo esta noite, um homem de boa posição e de aparência

impressionante. Ela diz ter grande interesse na história da Rússia, e afirma que esse grande cossaco é o homem para ensinar a ela tudo que há para saber sobre aquele país. Além do mais, não sou nenhuma inútil, Spears. Deixei de ser bastarda, mas ainda posso andar e usar as mãos.

— Mas não é adequado. Essa mulher, essa Maggie... Foi ela quem salvou a vida de Badger em Portsmouth antes de virem para a França? A mulher que o salvou de ser atropelado por uma carruagem do correio?

— Sim, Maggie o salvou. Ela gritou e o empurrou para fora do caminho. Diz que não sabe como conseguiu, mas foi exatamente isso que ela fez. Maggie é uma atriz. Porém, está temporariamente sem trabalho, e por isso aceitou trabalhar aqui como criada, algo que nunca fez antes, mas que, como ela mesma diz, pode aprender sem nenhuma dificuldade. Estamos fazendo uma experiência.

— Nunca ouvi nada mais estranho. Ela não parece ser uma criada muito apropriada.

— Maggie o fará mudar de idéia, Spears. Gosto dela. Ela é diferente, sabe? E íntegra e verdadeira, apesar do passado um tanto... colorido. E ela é generosa e doce, tremendamente criativa e divertida.

— Mal posso esperar para conhecer essa criatura tão única.

— Você a conhecerá. Agora venha, vamos nos sentar no salão. Por que não escreveu para mim? Tive de saber por intermédio do sr. Wicks que Marcus estava aqui em Paris. Badger levou mais três dias para encontrá-lo.

— Eu sei. Mas vou lhe contar tudo.

— O braço, Spears. Ele está mesmo ferido? Por que não me disse nada? Por que não escreveu, não mandou um mensageiro...?

— Não queria que ficasse preocupada. O conde ainda sente muita dor, porque ainda tem no braço os fragmentos da bala. Muitas vezes, ele não consegue dormir. Mas, é claro, recusa qualquer tipo de tratamento. Não permite que usemos tintura de láudano, nem mesmo em uma xícara de chá. É claro, muitas vezes ignorei sua vontade e fiz o que era melhor para ele. Mas, de maneira geral, o ferimento está cicatrizando. Um médico não poderia fazer nada para melhorar o quadro. Os fragmentos são muito pequenos, e eventualmente sairão do braço, o que pode parecer repugnante, mas é positivo. E só uma questão de tempo até ele ficar completamente bom, Duquesa.

— O tempo é curto.

— Sim, eu sei. Temos exatamente duas semanas e meia, e detesto deixar as coisas para o último minuto. Empreitadas de último minuto raramente resultam em sucesso. O sr. Badger me falou sobre seu plano, Duquesa. Sei que vai funcionar.

— E o que espero, meu amigo. E o que espero.

A Duquesa não teve notícias de Spears até a tarde seguinte.

— Milorde — o valete disse com admirável controle — se envolveu em uma briga ontem à noite. Está na cama com duas costelas quebradas, um olho roxo e todos os dedos das mãos machucados. Mas ele não perdeu nenhum dente e, graças a Deus, está inteiro. E ele tem rido muito de tudo isso.

— Como ele pode lutar, se ainda tem o braço ferido? Badger riu.

— Sr. Spears, ele revelou o motivo da briga?

— Sim. Um dos oficiais ingleses o chamou de conde destituído, e ele o espancou. Só ficou machucado porque o outro oficial tinha amigos, e foi um confronto desigual. Lorde Chilton não estava presente, ou ele teria escapado com as costelas inteiras.

— Entendo — a Duquesa respondeu com tom contido, apesar da preocupação. — Como alguém pode saber sobre os detalhes do testamento de meu pai?

— Essas coisas se espalham como praga — respondeu Badger.

— Excelente analogia. A... amante do conde está com ele, aplicando compressas

em seus hematomas.

— A amante? — a Duquesa repetiu em voz baixa. — Aplicando compressas? Ele está febril?

— Creio que não. Apesar dos ferimentos, milorde olhava para ela com uma expressão muito... saudável. Porém, seja qual for a extensão do interesse dele por aquela mulher, esta noite eu a mandarei de volta para seu apartamento. Mesmo que seja tarde. Talvez queira saber que a mulher não é feia, Duquesa, nem vive importunando milorde com pedidos de jóias e outros presentes caros. Na verdade, creio que ela tem por milorde uma apreciação tão genuína quanto é possível para alguém de seu caráter.

Como minha mãe, ela pensou.

— E bom saber disso. Talvez eu deva convidá-la para o chá para agradecer por tanta contenção.

Spears se virou para esconder um sorriso.

— Acho que não é uma boa idéia, Duquesa. Ela desfaleceria de choque.

— Bem, seria um bom começo.

Rancor, Spears concluiu. Era rancor! E numa dose considerável. Ele prosseguiu:

— O nome dela é Lisette DuPlessis. A Duquesa não respondeu.

— Milorde gosta do nome. Diz que é doce.

— Não confio em Marcus — a Duquesa disse, por fim. — Não quero correr o risco de deixar a solução do nosso problema para o último minuto. Vamos encerrar o assunto esta noite.

— Se milorde me permitir remover a amante de seus aposentos...

— Você disse que a mandaria embora.

— Sim, é verdade — Badger concordou. — E o sr. Spears vai fazer como prometeu, Duquesa. Não se preocupe. Com o conde acamado, tudo ficará mais fácil. Além disso, lorde Chilton está em Fontainebleau; por isso, não vai nos atrapalhar.

— Não conte com isso. Marcus nunca facilita nada. Não é da natureza de meu primo. E se acreditam no contrário, então não o conhecem bem.

Estava escuro. Nem a lua nem as estrelas iluminavam o céu. Garoava, e não havia ninguém na rue de Grenelle. Algumas velas estavam acesas na imensa mansão, mas não muitas.

Salões literários, a Duquesa pensou.

Homens desfrutando da companhia de esposas ou amantes, Spears pensou.

Chefs franceses preparando pratos requintados, Bádger pensou.

A Duquesa ajeitou o manto.

— Não, nem pensem nisso — ela protestou. — Não vou ficar esperando por seu assobio. Eu vou com vocês e está decidido.

Eles caminharam os últimos passos até as acomodações do conde.

— Ele dorme — Spears anunciou, apontando para a janela do terceiro andar, completamente escura. — Não exagerei na dose de láudano, mas dei o suficiente para entorpecê-lo.

— E se ele não conseguir falar?

— Não se preocupe, Duquesa — Badger interferiu. — Vamos salpicar o rosto com a água de rosas de sua amante até ele estar suficientemente consciente para fazer o que tiver de fazer.

A Duquesa suspirou. Marcus não precisava ter tornado toda essa intriga necessária. Ela estava se divertindo, mas tudo podia ter sido muito mais simples.

— São quase três horas — ela disse. — Já calculei o tempo duas vezes. Estamos dentro do programado. O oficial que você subornou estará aqui em dez minutos. Como é mesmo o nome dele, Badger?

— Monsieur Junot. Um homenzinho faminto com uma esposa e quatro filhos. Ele ficou muito satisfeito com nossa proposta. Por mais estranho que pareça, confio nele.



— Ele vai providenciar para que tudo seja devidamente registrado para conhecimento público?

— Sim, Duquesa. Terá os papéis assinados e registrados.

Ela assentiu, esperando Spears destrancar a porta. Ele entrou no edifício, e foi seguido por ela e por Badger. Na escuridão, a Duquesa tropeçou em uma mesa baixa, mas Spears não pareceu preocupar-se com o barulho. Estavam na metade da escada, quando a luz de uma vela surgiu acima deles. Uma voz masculina e debochada disse:

— Ora, ora, o que temos aqui? Um trio de ladrões? Spears, não pode ter decidido me roubar no meio da noite.

— Milorde — Spears respondeu calmo —, abaixe a arma. É possível que seus dedos ainda não estejam firmes.

— Eles estão. E vocês fizeram tanto barulho que até os mortos devem ter acordado. Além do mais, eu nem estava dormindo. E você, Badger? E quem mais pode... Ah, não! Bom Deus! E mesmo você? — Marcus perguntou chocado. — O que faz em meus aposentos às três horas da manhã?

— Sim, sou eu...

— Você, Marcus, e Spears. Sinto cheiro de conspiração no ar. O que estão tramando? Spears, tem tanto medo assim de que eu não consiga pagar seu salário com minha pensão? Eu já lhe mostrei o cheque do sr. Wicks.

— Não, milorde, não estou preocupado com meus vencimentos, nem nossa presença aqui tem alguma coisa a ver com roubo. Posso ajudá-lo a voltar para a cama? Suas costelas devem doer muito. E seus dedos não estão doloridos com a força que faz para segurar essa arma?

— Quero saber o que está acontecendo aqui, e quero saber agora. Vamos descer para o salão. Spears, vá na frente e acenda algumas velas. Duquesa, ainda não disse praticamente nada... não que eu esperasse ouvi-la falar muito. Badger, ajude-a a descer. Não quero que minha prima quebre o pescoço caindo da escada no escuro. Se ela tiver que quebrar o pescoço, eu mesmo quero ser o responsável por isso. Agora vamos!

Ela sentiu a mão de Badger sobre a dela, confortando-a. Seu coração batia descompassado. Marcus os descobrira porque ela fora desajeitada. Era sua culpa, mas nada era fácil com ele. Por que estava acordado? Evidentemente, o láudano não havia sido suficiente.

Ele os seguia, vestindo apenas uma camisa de dormir, descalço, com os cabelos negros em desalinho. Ela se perguntou como conseguira notar tudo isso.

Spears acendeu algumas velas.

Ela se virou e viu que Marcus ainda apontava a arma na direção deles.

— Sentem-se — ele ordenou.

Os três se acomodaram, a Duquesa entre os dois homens.

Só então ela notou que Marcus não conseguia erguer o corpo. Devia sentir dores. As costelas. Ela disse:

— Devia estar na cama, Marcus. Isso não vai ser bom para as suas costelas.

Ele riu, mas parou imediatamente, dominado por forte dor.

— Por isso está aqui, Duquesa? Para cuidar dos meus ferimentos?

— Você já tem Lisette.

— Ah! Então Spears já falou sobre meu anjo protetor. Ela saiu há pouco, Spears.

— Mas eu...

— Eu sei. Pôs alguma coisa naquele chá que me serviu. Mas eu não estava com sede, sabe? O que eu queria era Lisette. De novo.

— Por favor, milorde.

Marcus brandiu a arma para silenciar o valete. Depois, ele olhou para a Duquesa.

— Não, não imagino que seja capaz de tanto carinho. Nem mesmo com suas rosas. Mas sentiu que tinha o dever de vir até aqui no meio da noite para cuidar de mim? Temia



ser expulsa, caso viesse à luz do dia? Tinha de se valer da ajuda de meu leal valete para vir quando eu estivesse drogado?

— Vim por outra razão, Marcus. E direi qual é, se você se sentar antes de cair. Por favor.

Ele continuou em pé, fitando-a.

— Eu não quero me sentar.

A Duquesa se levantou e caminhou até ele, vendo o olho roxo e a mandíbula inchada.

— Você não está bem, Marcus.

— Pare onde está. — Devagar, ele estendeu a mão esquerda e segurou seu pescoço. — A propósito, eu herdo as cinquenta mil libras se você... desaparecer?

— Creio que sim, embora meu pai não tenha considerado essa possibilidade. Talvez o dinheiro fique com os americanos, não sei. Vou escrever para o sr. Wicks.

— Posso estrangular você agora e descobrir depois.

— Não creio que Spears e Badger permitissem, Marcus.

— Eles não a conhecem tão bem quanto eu, ou aplaudiriam minha ação.

— Na verdade, você não me conhece.

Ele encolheu os ombros e gemeu de dor. Um movimento qualquer, por menor que fosse, renovava a dor das costelas fraturadas.

— Nem quero conhecer. Afinal, o que querem aqui? Nesse momento, batidas suaves na porta da frente interromperam a conversa tensa. Surpreso, Marcus se virou para o som. Spears e Badger se levantaram no mesmo instante. Ele tentou resistir, mas estava fraco, ferido, e logo os dois o dominaram, deitando-o no chão. Spears o desarmou.

— Milorde, acho que deve beber aquele chá agora.

— Está demitido, Spears. Badger disse:

— Duquesa, é monsieur Junot. Deixe-o entrar.

Os dez minutos seguintes foram tão silenciosos que ela temia sufocar com o peso do silêncio. Spears e Badger tiveram de abrir a boca de Marcus. Ele se debatia e lutava, certamente piorando os ferimentos. Finalmente, os dois homens conseguiram fazer o conde engolir uma boa dose de chá misturado ao láudano. Monsieur Junot esperava sem nada dizer.

Ele parecia estar se divertindo.

Marcus tentava combater o efeito da droga, mas era inútil. Ela odiava tudo aquilo, mas sabia que era hora de abandonar os escrúpulos. Nada havia mudado. Sim, ele complicara as coisas, causado maior culpa e mais problemas para todos, mas, no final, sucumbira. Essa era a única chance que tinham de salvá-lo de sua teimosia.

— Tudo vai ficar bem, Marcus. Prometo — ela disse, tocando seu queixo com grande delicadeza. — Não se preocupe. Apenas fique quieto, por favor.

— Eu juro que vou matar você — ele respondeu com voz pastosa.

— Talvez queira me matar, mas não vai me matar.

— Não sei o que está fazendo, mas vou matar você. Monsieur Junot se aproximou.

— Ele está pronto para a cerimônia?

Spears olhou para a expressão vaga do conde, viu que ele estava mais entorpecido que no instante anterior, e disse:

— Mais dois minutos.

Em quatro minutos, monsieur Junot anunciou em tom eufórico:

— Está feito, milady. Agora é a condessa de Chase. Engraçado como ele disse "sim" quando o sr. Spears o cutucou. Agora, ele vai ter de assinar a certidão.

Spears guiou a mão do conde, escrevendo seu nome de maneira legível e clara. Depois foi a vez de a Duquesa fazer o mesmo. Em pé, ela retirou do bolso do vestido uma aliança de ouro e a colocou no dedo do marido.

— Pronto — disse com um sorriso satisfeito. — Está feito.

— Sim — Badger concordou, esfregando as mãos. — O conde destituído não existe mais.

— Acham que ele vai lembrar que me demitiu? Monsieur Junot riu.

— Esta é a noite mais interessante que passei desde que minha casa quase foi destruída por um tiro de canhão dos russos há dois meses.

Marcus abriu um olho e viu as cortinas brancas à sua volta. O que era aquilo? Mesmo que estivesse no quarto de Lisette, não havia cortinas em torno da cama. Havia um espelho.

Ele abriu o outro olho. A luz do sol entrava por uma janela à esquerda. A luz sugeria que a manhã chegava ao fim. Ainda vestia sua camisa de dormir, o que era estranho, porque não costumava dormir vestido.

Ele se sentou, balançou a cabeça, e conseguiu superar a confusão que ainda reinava em seu cérebro. Estava em um quarto feminino, a julgar pelos móveis e pelas cores da decoração.

Passos na porta anunciaram que alguém se aproximava, e um instante depois a porta se abriu.

A Duquesa entrou carregando uma bandeja. Devagar, ela fechou a porta com um pé.

— Você! Então não era um sonho. Esteve em minha casa ontem no meio da noite e não tinha boas intenções. Que intenções eram essas?

— Bom dia, Marcus. Trouxe seu café.

— Spears e Badgers estavam com você. Agora eu me lembro, alguém bateu na porta, os dois me dominaram, me desarmaram e... Sim, vocês me drogaram!

— Foi necessário. Você é um homem muito teimoso, Marcus.

Ele se moveu, tentando sair da cama.

— Precisa de ajuda?

— Saia imediatamente ou vou me aliviar em sua presença. Os homens não têm sensibilidade ou recato.

Ela não se moveu de onde estava. Marcus jogou longe as cobertas e pôs os pés no chão. Sem dizer nada, ela deixou a bandeja sobre a mesa e saiu do quarto.

Quando voltou, ele estava sentado à mesa, comendo o desjejum que ela servira. Os brioques eram deliciosos, ainda quentes, o café era forte. A camisa de dormir estava presa em torno da cintura por uma faixa.

— E as costelas?

Ele bebeu mais café. Depois, continuou comendo sem dar nenhuma atenção a ela.

Sentada diante do conde, ela se serviu de uma xícara de café.

— Juro que vou matar você — Marcus murmurou. — Depois do café.

— Você ainda nem sabe por que ou se vai mesmo querer me matar.

— Eu sei que vou. Não importa, isso...

— Agora sou sua esposa.

Ele deteve a faca cheia de manteiga no ar; o brioche ficou suspenso a caminho da boca. Marcus balançou a cabeça, gemendo ao sentir a dor que o movimento causava em suas costelas.

— O que foi que disse?

— Sou sua esposa. Somos casados.

Ela mostrou a aliança em seu dedo. E apontou para a mão dele, onde havia uma aliança idêntica.

— Disse... que é minha esposa?

— Exatamente. Se me ouvir, posso explicar tudo e...

— Ah, sim, eu vou ouvir. E depois vou matar você.



— Nós o drogamos. Eu insisti, porque sabia que você nunca concordaria com isso. E muito orgulhoso, muito teimoso... jamais teria ouvido a voz da razão.

— Spears a ajudou.

— Sim, como Badger. Espero que não os culpe por isso. Ambos acreditavam nas minhas boas intenções. Não queriam ver você perder sua herança porque...

— Sim, Duquesa? Por quê?

— Porque é um idiota teimoso. E porque imagina que assim puniria meu pai, que está morto e não sabe de nada. E porque não gosta de mim.

— Entendo. Então, primeiro Spears tenta me drogar, sem saber que não bebi o chá e que, em vez disso, fiz sexo com Lisette. Depois, vocês invadem minha casa...

Eu devia ter atirado!

— Só tínhamos até o dia dezesseis de junho, Marcus. Caso contrário, os Wyndham americanos ficariam com tudo. Eu não podia permitir. Por favor, entenda.

— Posso saber há quanto tempo está planejando isso tudo?

— Desde a manhã em que você fugiu.

— Eu não fugi. Apenas deixei uma situação intolerável. E não queria voltar a ver Chase Park. Nunca mais.

— Não precisa voltar, mas é o proprietário de Chase Park. E agora não tem mais preocupações. Não há mais pensão, nem precisa mais pedir a permissão do sr. Wicks para fazer isso ou aquilo. Tudo agora está nas suas mãos, Marcus. Tudo.

— E o único preço a pagar é ter você por esposa.

— Espero que essa não seja uma perspectiva tão detestável.

— E uma idéia na qual ainda não consigo acreditar. Ontem eu era um homem solteiro com uma encantadora amante, satisfeito com minha pensão de duzentas libras trimestrais. Hoje acordo e descubro que voltei a calçar as botas do conde. E eu já as havia jogado fora, Duquesa. Não as queria mais.

— Então, por que brigou com o homem que o chamou de conde destituído?

Ele se levantou de um salto, quase derrubando a mesa. O café de uma xícara caiu e manchou a toalha de linho e o tapete.

— Como sabe disso? Ah, foi Spears! Vou acabar com ele depois de matar você! Meu Deus, planejaram isso juntos?

Ele estava pálido e furioso, com os punhos cerrados. Se as costelas doíam, ele nem devia sentir. A Duquesa se levantou para encará-lo.

— Marcus, não precisa me manter como esposa, se não quiser. Na verdade, pretendia mesmo voltar a Londres no final da semana para poupá-lo da minha presença. O que eu queria já aconteceu. Tudo é como deve ser. Sei que pode me perdoar, ou pelo menos pode me esquecer e superar essa raiva.

— Ah, agora vai sair de cena como a mártir sacrificada? De jeito nenhum, Duquesa! Não vou permitir. Você me enganou, manipulou meu valete, me drogou, tudo isso para me devolver o que eu não queria ter. Não lembra o que eu disse ao sr. Wicks? Não quero nada disso. Aquele maldito pederasta, Trevor, será o próximo conde. E isso ainda pode acontecer. Ainda não estou raciocinando com clareza depois daquele chá cheio de láudano, mas vou pensar em alguma coisa. Na verdade, já estou pensando com clareza. Sim, Trevor pode ser o próximo conde. Afinal, eu teria de me obrigar a deitar-me com você, e mais de uma vez, para poder ter um filho. E se fosse uma menina? Então, eu teria de continuar me obrigando a deitar-me com você até termos um menino. E procurar sua cama exigiria mais de mim do que eu tenho, Duquesa. Sussurrar palavras doces para uma mulher inerte como você me faria murchar até desaparecer. Sua carne é tão fria quanto você? Ficaria deitada e imóvel, talvez soluçando baixinho, enquanto eu fizesse minha asquerosa parte com você? Sem resposta. Ah, mas o que eu esperava? Como conseguiu dizer seus votos durante a memorável cerimônia do nosso casamento? Você não fala! Olhe só para você, toda rígida e fria! Eu teria de deitar Lisette a seu lado para



olhar , para ela, ouvir sua risada e seus gemidos a fim de me forçar a tocar você.

Estava fazendo isso de novo, ele pensou. Proferindo insultos que deviam magoá-la. Mas dessa vez ela havia ido longe demais, e ele se recusava a retirá-los ou a se desculpar. Além do mais, era possível que aquilo tudo fosse verdade.

Estranhamente, apesar da dor provocada pelas palavras do conde, ela não sentiu raiva.

— Você não pode saber, Marcus.

— Não posso saber o quê, maldição?

— Se ia precisar da ajuda de sua amante para se sentir estimulado.

Ele balançou a cabeça, levando a mão direita às costelas. A dor era nada comparada à fúria que sentia ao olhar para aquele rosto pérfido.

— Não acredito nisso. Não acredito em nada disso. Vou passar o dia tentando decidir se a esgano ou não. Mande Spears vir até aqui. Tenho uma reunião com Wellington e não quero me atrasar.

Ela assentiu e saiu.

Hotel Beauvau, rue Royale

Badger a estudou atentamente, em silêncio, esperando que ela falasse, o que, obviamente, não ocorreu. Ela era a pessoa mais contida que já conhecera. Pensar nela com Marcus o preocupava. Por fim, ele disse:

— Duquesa, eu ouvi os gritos.

— De Marcus? Ah, sim. Ele é bom nisso. Sabe insultar como ninguém.

Ela se lembrou de como ele a tratara depois dos gritos furiosos, quando voltara ao quarto e o encontrara pronto para sair.

— Chegou tarde, Duquesa. Já me vesti. Estou deixando esta casa. A propósito, é sua?

— Sim, eu a aluguei antes de vir para Paris. Pode permanecer nela, se quiser, Marcus.

— Por quê? Vai dizer ao meu senhorio que fui alvejado por tiros e não estou mais em Paris? Spears trouxe todas as minhas roupas para cá?

— Não sei.

— Não sei — ele a imitara. — Você planejou tudo isso, não foi? Como assim, "não sei"?

— Se Spears trouxe todas as suas roupas, não acha que seria melhor ficar aqui? Talvez queira jantar comigo hoje à noite.

— Jantar com minha esposa? Essa é um idéia nova. Uma esposa, um conforto que nunca considerei. Ou melhor, sim, eu considerei. Por cinco segundos, quando o maldito sr. Wicks me deu o ultimato. Se antes achei a idéia repulsiva, agora ela me faz sentir vontade de vomitar. Não, obrigado. Vou passar a noite com minha amante.

— Prefiro que não faça isso, Marcus. Volte para cá e vamos falar sobre o futuro.

— Futuro? Acha que mudou tudo, não é, Duquesa? Bem, ainda não sei o que vou fazer, mas sei que, seja o que for, não vai incluir você. Tenha um bom dia. — Ele tinha saído, mas, no corredor, parará e gritara: — Não espere por mim. Lisette é gananciosa, e pretendo esquecer na cama dela tudo que você me fez! Pretendo esquecer que você existe.

Palavras dolorosas, ela pensou. Marcus jamais aprendera a refrear suas palavras. Ela disse a Badger:

— Imagino que todos na casa tenham ouvido quando ele saiu e bateu a porta.

— Provavelmente. E ele... concordou com alguma coisa?

Ela ofereceu um sorriso fraco.

— Quer saber se ele está feliz por ter-me como esposa?

— Eu não iria tão longe com um homem como o conde.

— Nem deveria ir. Na verdade, creio que ele me informou que ia passar a noite com a amante. Sabe quem é, Badger, a jovem com nome doce e maneiras encantadoras, de acordo com Spears.

— Ele não faria isso! Seria... ora, seria...

— Ele está muito aborrecido comigo. Quanto a você e Spears, ele vai superar. Estou começando a perceber que o conde é rápido em suas emoções. Fúria rápida, sorrisos rápidos.

Badger não tinha tanta certeza, mas encolheu os ombros.

— Acredita que ele voltará para cá esta noite?

— Duvido. Eu disse a ele que voltaria para Londres na sexta-feira.

— Acha que ele vai aceitar o presente que oferece?

— Ele não tem escolha. Eu poderia fazer muito por ele. Mas Marcus não vê as coisas dessa maneira. Apenas insiste em dizer que não queria ser conde, que não queria esse papel...

— Isso pode ser um problema, Duquesa.

— Ah, sim? O que quer dizer, Badger?

— Anulação.

— Ah... Li no London Gazette sobre um certo lorde Havering que anulou o casamento da filha com um tal major Bradley.

— Sabe o que isso significa, Duquesa?

— Significa que Marcus pode cancelar nosso casamento? Que tudo pode ser desfeito?

— Sim, é isso. Porém, se houver a consumação...

— Ah! Isso pode ser um problema!

— Sim, se o conde pensar nisso e perceber que pode anular o casamento, Spears e eu tememos que ele aja antes de perceber o que está fazendo. Homens que se sentem traídos fazem coisas estúpidas. Na verdade, posso afirmar que o conde não suporta saber que não está no controle. Para ele, isso vai além da traição, pois atinge a essência de como ele se vê.

— Tem razão — ela concordou. — Outro plano, então. Mas, vamos por partes. Primeiro, Badger, sabe onde encontrar Lisette?

— Sim. O nome dela é Lisette DuPlessis.

— Ótimo — ela disse simplesmente antes de sair do salão.

O edifício em um adorável setor da rue Varenne parecia convidativo, pensou a Duquesa. Pelo menos, devia ser convidativo para Marcus, e para Lisette também, ou ela não viveria ali. Era início de verão, e as árvores projetavam deliciosas sombras na calçada. Ela olhou para Badger.

— Fique aqui. Sente-se sob aquele carvalho e tente parecer francês.

Ele assentiu e foi ocupar seu lugar.

Uma jovem criada atendeu a porta. Ela esperava ver um cavalheiro, provavelmente Marcus, mas a Duquesa conteve a surpresa e entregou seu cartão.

— Gostaria de ver sua senhora, por favor.

Lisette era mais ou menos o que ela esperava. Jovem, delicada, com seios fartos e cabelos sedosos, e um ar que mesclava inocência e sensualidade, uma combinação certamente poderosa. A Duquesa percebeu seu olhar cauteloso.

— Oui? — Ela se vestia de maneira discreta. A Duquesa respondeu num francês razoável.

— Meu nome é Josephina Wyndham, lady Chase.

Podemos conversar por um instante?

— Por favor, vamos ao salão.

A Duquesa não hesitou. Só a verdade teria alguma utilidade, e ela a revelou sem preâmbulos, tão rapidamente quanto seu francês permitia, concluindo pouco depois:

— Como vê, preciso consumir meu casamento com milorde, ou ele pode pedir a anulação, e então tudo estaria perdido, pelo menos para ele. Ouvi dizer que você é uma mulher honesta, mademoiselle DuPlessis, que não pretende... tirar o dinheiro dele. Vai me ajudar a salvar o conde?

— O que disse é verdade? E mesmo casada com ele. E o drogou?

— Sim, tudo que contei é verdade.

— Não consigo imaginar Marcus nessa situação. Mon Dieu! Uma mulher pregou uma peça nele! Ele não deve estar muito feliz com isso. Suponho que tenha ferido sua dignidade. Mortalmente! Ah, e isso é glorioso! Meu Marcus deve estar furioso. Deve estar quebrando coisas, destruindo a cidade!

— Suponho que estaria, se as costelas não o incomodassem tanto. Porém, espero que na semana que vem ele compreenda tudo isso e perceba que não quer abrir mão do que tem agora.

— E o que quer de mim?

— Gostaria de lhe oferecer dez mil francos para desaparecer da vida dele. Para sempre. Não quero que sofra prejuízo material por me ajudar nesse assunto, e por isso ofereço o dinheiro. Para que encontre novas acomodações e possa viver com conforto até encontrar outro... cavalheiro.

— Entendo. — Dez mil francos! Era muito dinheiro, o suficiente para sobreviver até encontrar outro protetor, alguém de sua escolha, como Marcus, não alguém com quem tivesse de se contentar. Talvez nunca encontrasse outro homem como Marcus, um excelente amante, alguém capaz de pensar no prazer de uma mulher. Olhou para a nova esposa dele, uma jovem dama realmente adorável e muito gentil; havia nela um ar de inocência, de franqueza e simplicidade. Marcus certamente podia devorá-la no café da manhã. No entanto... ela o drogara e se casara com ele? E tudo para salvá-lo? A idéia era estranha para Lisette. Tanto, que ela começou a rir. — Sinto muito — ela se desculpou depois de um momento —, mas uma esposa visitando a amante do marido... Nunca aconteceu comigo antes. É demais. E a senhora nem está com ciúme! Se não me aprova, sabe disfarçar bem. Não sente nada por seu marido?

— Oh, sim, eu gosto dele, mas isso não vem ao caso, entende?

— Talvez eu entenda. O conde estará aqui em três horas. E quando ele costuma vir todos os dias. Se quero partir antes de ele chegar, tenho muito o que fazer.

A Duquesa se levantou e retirou da bolsa um pedaço de papel.

— Aqui está o endereço no Faubourg em Saint Honoré. Há muitas embaixadas lá, muitos cavalheiros ricos e influentes. O apartamento fica bem próximo do Elysée Palace, um centro de poder.

— Nunca conheci uma dama como a senhora antes. É jovem demais para ser quem é, tão compreensiva, tão conformada com o conhecimento de que eu dormi com o homem com quem se casou. Gosto de Marcus, mas ele é como um vulcão. A senhora parece ser mais com o lago de Como, calma e tranqüila, sem ondas.

A Duquesa sorriu.

— Talvez. Porém, o que importa aqui é que Marcus não anule nosso casamento. Sou grata por sua ajuda, mademoiselle DuPlessis.

— Disse que o lugar fica perto do Elysée? Excelente. — Ela tocou o braço da visitante. — Marcus é um bom homem. Não deixe que ele a magoe.

— Por ser quem é, é impossível que ele não me magoe. — Com essas palavras, a Duquesa se retirou da presença da amante do marido. Da ex-amante de seu marido.

Ela deixou a porta da sala aberta. Por isso, ouviu quando ele entrou, bateu a porta da frente e gritou por Spears, depois por Badger. Quando nenhum dos dois respondeu, ele entrou na sala, imponente em seu uniforme vermelho e branco.

Ele parou ao vê-la sentada diante do fogo com um livro. Ela se vestia com simplicidade e elegância e não usava jóias, exceto pela aliança de ouro. A maldita aliança de ouro.

A Duquesa sorriu.

— Gostaria de jantar agora, Marcus? E tarde, mas Badger preparou pratos que não ficariam arruinados caso você não chegasse cedo. Se quiser, pode se banhar e mudar de roupa antes de comer.

Marcus conseguiu manter a boca fechada. Conseguiu sufocar as palavras furiosas, pelo menos naquele momento.

— Como estão as costelas? — ela perguntou ao vê-lo se aproximar do fogo.

— Mais uma pergunta, Duquesa? Ela se calou.

— Minhas costelas melhoraram. Às vezes ainda sinto um certo desconforto, mas é só isso. Quanto a chegar tarde para o jantar... Como sabe, eu pretendia ir visitar minha amante esta noite, mas algo estranho aconteceu. Ela se manteve impassível, silenciosa.

— Você não pode ao menos corar? Desviar o olhar, talvez?

Silêncio.

— Parece que Lisette partiu. Ninguém soube me dizer para onde. Ela partiu no início da tarde em uma carruagem muito grande, com toda a bagagem empilhada sobre o veículo. Não acha isso estranho, Duquesa?

— Deveria achar, Marcus?

— Para onde a mandou, Duquesa?

— Para lugar nenhum, Marcus.

— Entendo. Encontrei meu apartamento vazio, também. Eu poderia ter ido para a casa de um amigo, mas decidi que você estava certa, afinal. Precisamos conversar sobre o futuro.

Ela se levantou com uma expressão de evidente alívio.

— Podemos jantar antes, Marcus? Estou com muita fome.

— Certamente. — Ele estendeu o braço. — Senhora... Ela o fitou desconfiada. O ar hesitante o encheu de satisfação. Pela primeira vez desde que estivera no pequeno chalé em Smarden ele se sentia no controle da situação. E tudo porque contivera sua fúria. Tudo porque ela não sabia mais o que esperar dele. Marcus sorriu. Ela continuaria tentando adivinhar seus pensamentos, e ele não gritaria mais.

Sentaram-se de lados opostos da mesa. A comida já estava servida, em travessas cobertas para mantê-la aquecida.

— Badger se superou — Marcus comentou de olhos fechados, saboreando a galinha com laranja e especiarias.

— Eu estava pensando a mesma coisa — ela concordou, tentando adivinhar o que ele planejava.

— Onde Badger encontrou laranjas tão deliciosas?

— Em Les Halles. Ele passa várias horas lá todas as manhãs.

— Ah, sim, le ventre de Paris, o ventre de Paris nos últimos seiscentos anos. — Ele comeu mais um pouco. — Não parece apreciar seu jantar, Duquesa.

— Comi demais no almoço.

— Teve um dia muito agitado? Foi às compras? Visitou amigos? Visitou amantes? Esteve no apartamento de seu marido para tirar as coisas dele de lá?

— Não fiz tantas coisas hoje, Marcus.

— Ah! E eu fiz mais de uma pergunta, o que lhe dá a chance de responder somente o que deseja. Coma, Duquesa.

— Estou esperando o pão. O que Badger prepara é delicioso. Ele sempre diz que a qualidade do fermento é muito importante.

— Infelizmente, vou ter de esperar para provar essa delícia em outra oportunidade. Estou mais do que satisfeito.



— Você foi ferido. Precisa de comida para se recuperar.

— Quer me ver gordo, Duquesa? Ou, agora que é rica, não se importa mais com certos... excessos? Imagino que nem tenha se assustado com o valor do aluguel.

— E bem caro, mas pode ficar com a casa, se quiser. Como já disse, partirei para Londres. Você também é muito rico agora, Marcus. Pode pagar o aluguel, se quiser.

— Sim, sou muito rico, não sou? Engraçado como, nos dez meses em que pensei ser o conde real, nunca esqueci o valor do dinheiro, a importância de controlar gastos. Duvido que mude agora. Estive pensando nos pobres Wyndham americanos... Agora eles não têm nada.

— Eles nunca mereceram ter nada. Agora é tudo seu. Como deveria ter sido sempre.

— Não. Tudo era para ser de Charlie, ou, se não dele, de Mark.

— Eles morreram, Marcus. Estão mortos há cinco anos, e ninguém tem culpa disso.

— Interessante. Estou enganado ou se ressentido com as decisões de seu pai?

— Não, você não está enganado.

Nesse momento, ele percebeu que não podia mais suportar. A Duquesa sentada do outro lado da mesa, o rosto encoberto por sombras e a voz serena, superior... Ele se levantou e jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Eu vou sair — disse, já a caminho da porta.

— Marcus.

— O que é? Sou proibido de deixar a casa depois que entrei? Vou encontrar seus empregados na porta, prontos a me trazer de volta?

— Marcus, ainda não conversamos.

Ele a encarou. Com voz totalmente desprovida de paixão, disse:

— Receio não estar em condições de falar agora, Duquesa. Há coisas sobre as quais preciso pensar, coisas que só dizem respeito a mim mesmo e ao meu futuro. Espero que entenda.

Ela tinha medo de entender o sentido da declaração. As palavras a sufocavam, mas não conseguia reunir a coragem necessária para perguntar se ele estava considerando uma anulação. Ela não disse nada, apenas o estudou em silêncio até que, também sem emitir uma palavra, ele se virou e saiu da sala.

— Sr. Spears, isso me preocupa — disse Badger. — Sei que já discutimos e estamos de acordo. Entendo a necessidade, realmente, mas ela é muito inocente. Foi a mãe, a situação que ela viveu... Ela foi amante de um homem casado, senhor, por isso a filha nasceu bastarda. Ela queria proteger a Duquesa, e isso, em sua cabeça, significava manter a menina inteiramente ignorante.

— Entendo o que diz, mas não temos alternativa. O conde pode estar agora mesmo tomando as providências para uma anulação, e ela ficaria muito aborrecida se ele conseguisse isso. Ela está disposta a fazer o que é necessário. Está ansiosa por isso, na verdade. Eu mesmo irei verificar a disposição de milorde esta noite, antes de prosseguirmos.

— E se ele estiver de mau humor?

— Então, ela não terá opção a não ser esperar. Eu não a confiaria ao homem nessas condições.

— Maldito jovem tolo e teimoso! Sinto vontade de apertar aquele pescoço até ele cuspir o orgulho!

Spears suspirou.

— Ele ainda é jovem, sr. Badger. Jovem, forte e orgulhoso, e a considera a origem de todos os problemas que tem.

— Mas ela o salvou!

— Sim, mas isso não muda nada. Na opinião dele, o homem deve fazer os salvamentos, e se ele não consegue, ninguém mais deve conseguir, especialmente uma mulher.

— Pobre tolo — disse Badger.

— E ela ainda herdou cinquenta mil libras, deixando-o naquela posição humilhante, com uma pensão. Uma pensão, sr. Badger! Para o conde de Chase. Pode pensar em algo capaz de diminuí-lo mais do que isso?

— Mas ela não tem culpa!

— E claro que não! Mas ela passou de bastarda inofensiva a herdeira legítima, e a herdeira tomou tudo que pertencia a ele por direito. Não importa o que ele pensa. Ela vai fazer o que deve ser feito. Ela sempre fez.

— Sim, ela não se omite, não se esquivava de seus deveres — Badger concordou, levantando-se da cadeira de balanço perto da lareira nos aposentos de Spears. — Ela sempre age. Mas... e se o conde machucá-la?

— Ela vai sobreviver — disse Spears. — E depois, tudo estará resolvido.

A Duquesa já começava a questionar a própria sanidade. Ela parou diante da porta fechada, tentando ouvir algum som, mas tudo que havia era silêncio.

Ele já dormia? Passava pouco da meia-noite. Em circunstâncias normais, ela mesma estaria dormindo.

Seria um alívio se ele dormisse.

Não!

Não o queria dormindo. Queria o marido acordado e participativo. Adiar o que tinha de ser feito só aumentaria a angústia. Marcus era imprevisível, evasivo... Não podia correr riscos. Decidida, ela girou a maçaneta da porta e entrou sem fazer barulho. Havia um fogo baixo ainda ardendo na lareira, lançando alguma luminosidade para o interior do quarto. Ela fechou a porta.

A Duquesa seguiu o rastro das roupas descartadas desde perto da lareira até a cama. A espada ainda na bainha e no cinturão fora deixada sobre a mesa, e ela quase tropeçou nas botas. O manto estava no chão, aberto, e o formato lembrava um morcego em fuga.

Ela parou ao lado da cama para estudá-lo. Marcus dormia deitado de costas, com um braço sobre a testa e o outro ao lado do corpo, a palma aberta voltada para cima. O lençol que o cobria terminava na linha da cintura.

Ele era tão esplêndido sem o uniforme quanto com ele. Na altura das costelas, hematomas azuis, roxos e esverdeados lembravam o trauma sofrido. A dor ainda seria forte demais?

Ela pensou no que devia fazer. Lembrou-se do livro que Badger lhe entregara naquela tarde sem encará-la, dizendo apenas:

— Isto pode ser de alguma utilidade, Duquesa. Ele contém alguns... desenhos.

— Desenhos, Badger?

— Sim, desenhos. Sua mãe alguma vez falou sobre o que acontece entre homens e mulheres?

Ela balançara a cabeça.

— Leia o livro, então. Se tiver perguntas, converse com o sr. Spears.

O conde parecia muito melhor do que os desenhos grosseiros que ela vira nas páginas daquele livro estranho, mas muito informativo.

Ela tocou o peito largo. Marcus se virou, ainda dormindo, e a mão dela escorregou para o abdômen firme.

O que fazer agora?

Não estava com medo. Apenas insegura porque, diferente dos desenhos no livro, Marcus dormia. Não havia sorrisos insinuantes ou ansiosos, nem entusiasmo.

Marcus abriu os olhos.

— Isso tudo é muito estranho — ele disse. — O que faz nos meus aposentos, Duquesa? O que quer aqui?

— Você. Eu quero você, Marcus.

Ele não respondeu. Apenas sorriu e fechou os olhos novamente. Em momentos, sua respiração tornou-se profunda e estável, sinal de que ele não havia realmente acordado. A decisão estava totalmente nas mãos dela.

Devagar, ela começou a despir o vestido. As mãos tremiam, mas o que fazia era necessário. Momentos depois, nua, ela permanecia em pé ao lado da cama, sentindo nas costas o calor da lareira.

Inclinou-se e tocou os lábios dele com os seus.

— Marcus, por favor, acorde. Não sei bem o que fazer. Quero dizer, sei o que tem que acontecer, mas não sei como fazer isso acontecer. Por favor, acorde, Marcus.

Ele sorriu e murmurou:

— Lisette, por que não me deixa dormir? Você suga minha energia... — As mãos dele tocaram seus seios nus. Ela prendeu a respiração. Sem abrir os olhos, Marcus a acariciava, e o contorno do corpo dele se modificou sob o lençol. Sabia o que isso significava. Parte dele, a parte que mais importava para o que pretendia, estava bem acordada.

Mas ele pensava estar tocando a amante.

De repente, ele a enlaçou pela cintura e a puxou sobre seu corpo, acomodando-a sobre a parte baixa do ventre. Ele voltou a acariciar seus seios e emitiu alguns gemidos roucos e baixos.

A Duquesa temia se mover.

— O que é isso? — Ele introduziu a mão entre os corpos e removeu o lençol que o cobria, pressionando o membro contra ela. — O que é isso, Lisette? Ainda não está pronta para mim, mas quer que eu acorde para satisfazê-la mais uma vez? — Ele a puxou para baixo, beijando-a na boca e sugando sua língua, espalhando um calor intenso por seu corpo ainda inexperiente. Os dedos a penetravam, imitando os movimentos que ele alizava com a língua; causavam certa dor, e ela tentou se mover para interromper o contato, mas ele riu e a manteve onde estava, afagando e penetrando, entrando e saindo. Ainda sentia dor, mas sentia também um calor e uma umidade que eram embaraçosos. Mas não teve tempo para pensar nisso, porque o conde a posicionou sobre seu membro e a penetrou, movendo-se e gemendo.

Não ia chorar. Recusava-se a chorar. Apoiando as mãos sobre o peito largo, ela fechou os olhos e a boca, sentindo a pressão aumentando, causando um desconforto cada vez maior, até que algo se rasgou em seu corpo.

Ela não conteve um grito. A dor era horrível. Achou que não suportaria aquele tormento. Ele a preenchia completamente, movendo-se num ritmo cada vez mais intenso. De repente, ela sentiu o jato quente dentro do corpo, viu os espasmos que o sacudiam, ouviu os gemidos, e chorou, lágrimas salgadas e abundantes que lavavam seu rosto e causavam grande alívio.

E então acabou. Marcus ficou quieto. Imóvel. Ele suspirou profundamente e deixou a cabeça cair para um lado. As mãos se afastaram de seu corpo. As pernas relaxaram sob as dela. O conde abriu os olhos.

— Duquesa — ele disse com a testa franzida. — Por Deus, é você, não é? Fingindo ser Lisette! O que faz aqui? Por que estou dentro de você? Não pode ser! Isso é um sonho. Sim, estou sonhando!

Devagar, ela se levantou e tentou se manter em pé ao lado da cama, apesar das pernas trêmulas. Constrangida com a visão do corpo masculino nu sobre a cama, do

membro agora flácido, mas recoberto por seu sangue, ela o cobriu com o lençol.

Apressada, vestiu as próprias roupas e saiu do quarto sem dizer nada, e só chorou quando fechou a porta do próprio dormitório. Encolhida sob uma pilha de cobertores, ela soluçava e tremia como se não pudesse se aquecer.

Por fim, adormeceu, um sono agitado dominado por fantasmas sem rosto, que riam e causavam dor, que a imobilizavam com braços que pareciam garras de ferro. Ela acordou assustada e constatou que se sentia aquecida, realmente envolvida por braços quentes e fortes. Não era um sonho. E também não havia dor ou medo sem rosto. Mãos firmes afagavam suas costas, acariciavam seu ventre, abraçavam, aproximavam... O corpo todo buscava o dela e a envolvia.

Marcus estava em sua cama. Nu. E ela também estava nua. O que havia acontecido com sua camisola? Ele beijava seu pescoço e afagava seus cabelos, despertando nela uma imensa urgência e um calor envolvente.

— Marcus...

Ele puxou seu rosto e a beijou, primeiro no queixo, depois nos lábios.

— Marcus, não sou Lisette. Não sou sua amante.

— Sim, eu sei — ele murmurou. E depois a beijou realmente, tocando seu corpo em lugares que ela nunca esperou que fossem tocados. Momentos depois ele a penetrava, e dessa vez a dor não foi tão intensa e avassaladora quanto ela esperava, embora ainda estivesse presente.

— Não, Marcus. Por favor, não — ela pediu, temendo viver novamente o horror daquela dor que parecia rasgar a alma. Ele continuava se movendo dentro de seu , corpo.

— Marcus, não! De novo não! Não é necessário!

— E absolutamente necessário — ele murmurou. — É necessário porque... — Ele parou de falar e foi sacudido por um violento tremor. Depois, ficou quieto por um instante. Recuperado, ele a deixou e se colocou em pé ao lado da cama, de onde a fitou muito sério. Ele acendeu uma vela e a viu deitada de costas, de olhos abertos e com as pernas afastadas.

— Por que fez isso?

— Por que não? — ele perguntou encolhendo os ombros. Não havia raiva em sua voz, nem emoção em sua expressão. — Se você me tomou uma vez, por que eu não poderia retribuir o favor? Não acha que sou um cavalheiro, Duquesa?

Ela tentou se cobrir.

— Não se incomode. Acha que nunca vi uma mulher nua antes? Acredita que é tão original ou especial, Duquesa? Você é só uma mulher. Nada mais.

Ela se cobriu. Sentia o coração bater acelerado, mas se mantinha quieta, tentando usar o silêncio como um escudo protetor, sabendo que seu silêncio não o impediria de dizer o que ele queria dizer. Ele era assim.

Porém, notando que ele se preparava para partir, ela decidiu falar.

— Espero que compreenda que só fiz o que era necessário, Marcus. E você não parecia avesso ao que aconteceu.

— Pensei que fosse Lisette. Se tivesse percebido que era você naquela primeira vez... E disse que fez o que era necessário? Por quê? Justamente você, dentre todas as virgens, não se deitaria com um homem por mero capricho. Você é fria! Duvido que me aceitasse dentro de você, a menos que...

— Foi necessário — ela o interrompeu. — Agora você está seguro, Marcus. Protegido de si mesmo e da raiva que o impede de raciocinar. Não pode mais anular o casamento.

— Então, é mesmo como pensei. Josephina, como teve coragem de ir tão longe? Sabia que eu a estava confundindo com Lisette e, mesmo assim, seguiu em frente! Tirou proveito da minha confusão e... Duquesa, se eu não tivesse acordado com meu corpo clamando por alívio, talvez nem houvesse percebido o que aconteceu. Não até o

amanhecer. Mas vi seu sangue em mim, nos lençóis... Bem, esse é um bem que Lisette não pode entregar a um homem. O sangue de sua virgindade. Não ela. Mas você está certa: agora não pode mais haver uma anulação.

— Marcus...

— Eu não teria anulado o casamento, Duquesa, apesar do que fez comigo. Não sou tão estúpido. Não jogaria fora uma fortuna só para preservar meu orgulho.

— Mas... Marcus, você me deu a impressão... Você me fez pensar...

Ele sorriu com frieza.

— Eu estava com raiva — disse, como se isso explicasse tudo. — Agora está feito. Não vai mais haver anulação. Não me leve a mal, Duquesa. Ainda acredito que o pederasta Trevor pode ser meu sucessor e herdeiro. Não pense que seu precioso sangue correrá nas veias do próximo conde. Eu jamais daria essa satisfação a seu pai. Se eu tiver um filho, ele será ilegítimo como você foi, com a diferença de que permanecerá bastardo. Mas não vai haver anulação, Duquesa. Fez seu grandioso sacrifício, e eu a obriguei a repeti-lo. Agora sou seu marido.

— E quer realmente ser meu marido?

— Eu me pergunto o que isso significa. Que eu serei gentil à mesa do desjejum? Que eu me forçarei a possuí-la ocasionalmente, como eu fiz esta noite? Quero que saiba, Duquesa, que naquela primeira vez, quando pensei que fosse Lisette, senti um imenso prazer. Mas na segunda vez, quando a procurei sabendo que era você, estava apenas fazendo um experimento. Queria saber se é tão fria quanto parece.

— Não sou fria.

— Odiou o meu toque. Foi difícil atingir o clímax enquanto você me pedia para parar. Tive de pensar em Lisette e em como ela geme de prazer em meus braços, ou não teria conseguido.

Ela fechou os olhos.

— Não odiei ser tocada por você. Você me acordou e me machucou novamente. Isso não faz de mim uma mulher fria. E eu só pedi para você parar, Marcus, porque sentia dor e não entendia o que estava acontecendo.

— Muito bem, agora vai entender tudo perfeitamente, Duquesa. Você entrou na minha vida à força. Não posso expulsá-la dela agora, mas não tenho que aceitar essa situação. Volte para a Inglaterra. Você não precisa da companhia de ninguém, especialmente da de um marido. É tão equilibrada, tão auto-suficiente, tão independente... E agora também é uma condessa! Não é mais uma bastarda miserável. Só lhe peço que não tome um amante. Não haverá filhos dessa união, como já disse. Não pude punir seu pai em vida, mas, por Deus, farei com que não haja nenhum fruto do seu ventre. Esta noite cometi um desliz e a possuí pela segunda vez, mas não vai mais acontecer. Vá para Londres, Duquesa, e divirta-se. E rica, e agora tem um título. Até os nobres mais seletivos a aceitarão no seio da sociedade. Mas, antes, por que não me diz onde escondeu Lisette?

Ela tinha vencido; e perdera. Não havia esperança.

— Ela está em um apartamento no final da rua. Há embaixadas ao longo da rue Royale, e isso assegura a presença constante de homens de riqueza e poder. Dei a ela dez mil francos, Marcus.

— Falou com Lisette? Ela assentiu.

— O que disse a ela? Contou sobre essa situação absurda que estamos vivendo?

— Sim, eu disse a verdade. Conte que temia que você pedisse a anulação do casamento, e que não podia permitir que isso acontecesse. Ela entendeu, Marcus. Lisette gosta de você e só quer o melhor para seu futuro. Ela decidiu me ajudar a ajudar você.

— Nem um sinal de ciúme conjugal...

— Não há lugar para isso.

— Entendo. Em nenhum momento notou que ela tem os seios fartos, ao contrário de

você?

Ela fechou os olhos. — Sim, eu notei.

— Mas não senti ciúme. Não a incomodou, mesmo sendo minha esposa, saber que beijo e sugo os seios de Lisette? Saber que aquele corpo me deu muito prazer? Ah, está em silêncio outra vez. Sua nobreza vai além de tudo que eu poderia esperar. E vai além de tudo que eu quis. Suponho que esteja pagando as despesas do novo apartamento de Lisette?

— Sim. Fica no número quarenta e sete da rue Royale.

— Muito obrigado, Duquesa. Já é muito tarde para eu ir visitá-la esta noite, por isso vou para a cama. Boa noite. Obrigado pelo episódio tão esclarecedor.

Na manhã seguinte, não foi Maggie quem a acordou, mas Badger. Ele carregava uma bandeja. Recolheu a camisola do chão e entregou-lhe, virando-se para que ela pudesse colocá-la. A Duquesa aceitou a ajuda do criado com o vestido, e apenas então, pronta, bebeu o café preto e forte. Badger só começou a falar quando ela deu a segunda mordida no brioche ainda momo.

— Não quer um pouco de manteiga e mel?

— Não, obrigada. O brioche está maravilhoso. Você mesmo o fez?

— Como sempre. O conde saiu. O sr. Spears contou que ele já calçava as botas hoje cedo, quando ele foi acordá-lo. Ele o achou muito quieto. Não havia nenhum sinal da esperada raiva, apenas um profundo silêncio. Naturalmente, o sr. Spears não podia questioná-lo. Ele apenas perguntou quando o conde retornaria, e milorde disse que agora mora aqui, mas que... Bem, ele disse que agora sabe onde encontrar Lisette, e que passaria muito tempo com ela.

A Duquesa continuou comendo o brioche.

— Quer que eu vá chamar Maggie, milady? Eu a ouvi cantando quando passei pela porta, e tive a impressão de que seus cabelos estão ainda mais vermelhos esta manhã, se isso é possível.

— Maggie me faz rir. Badger, por favor, diga a ela que partiremos para Calais ao meio-dia.

Ele abriu a boca, mas a fechou sem dizer nada. Dez minutos mais tarde, Badger dizia a Spears e Maggie:

— Acabou. Seu conde e minha condessa não se entenderam. Vamos voltar para Londres. Mandarei nosso endereço assim que nos instalarmos.

— Não vai ficar na casa dos Wyndham?

— Não sei, sr. Spears. Ela não me disse nada. Mas creio que sim. O chalé em Smarden não é mais alugado por nós, e não creio que ela pretenda se instalar em Chase Park. Não agora, pelo menos.

— Graças a Deus por isso! — Maggie disse com fervor.

Ele sorriu para a criada.

— Vai gostar da casa na cidade. Fica no meio de tudo que é excitante e divertido. Vou ter de designar um laçao para acompanhá-la e manter afastados todos os pretendentes.

— Espero que sim, sr. Badger. — Ela riu, piscando para Spears e se mostrando recatada como uma freira. — Mas eu sei me defender. Não precisa se incomodar em designar um laçao.

— Vamos nos corresponder, sr. Badger. Mandarei notícias assim que entender o que está acontecendo aqui.

— O conde é um homem muito teimoso, sr. Spears.

— Sim, Maggie, mas eu vou cuidar dele. Vamos ver o que ainda podemos fazer. Tenham uma boa viagem. Vou sentir saudades das esplêndidas receitas do sr. Badger.

— E de mim, sr. Spears? Não vai sentir falta?

— Certamente que sim, Maggie. Quem me fará rir com comentários absurdos e



declarações insólitas?

— Não creio que isso tenha sido um elogio. — Ela riu.

Londres, Casa dos Wyndham, Berkeley Square, final de junho de 1814

Badger estava na porta da sala, olhando para ela. A Duquesa escrevia e cantarolava, a mão se movendo com grande velocidade, sinal de que tudo fluía com mais facilidade agora. Uma bênção depois do período de silêncio e retraimento que se seguira ao retorno de Paris algumas semanas antes. Era um alívio notar que ela dava alguma direção aos pensamentos outra vez.

Ela ergueu a cabeça e sorriu ao vê-lo.

— Entre, Badger. Não havia notado sua presença... Estava muito compenetrada aqui. Às vezes acontece, o que é bom.

— Eu sei, eu sei. Significa que tudo flui com mais facilidade de sua cabeça brilhante.

— Brilhante? Bem, esse é um pensamento interessante, não? Estranho... Agora faço isso porque quero, não para pagar o aluguel, comprar ovos ou pagar seu salário.

Ela sempre pagara seu salário, apesar de seus protestos. E sempre pusera seus vencimentos acima de tudo, até mesmo do aluguel em Pipwell Cottage. Badger odiara isso, mas também entendera que era importante para ela. Pagar seu salário a fazia sentir que tinha controle sobre a própria vida. Ele disse:

— Ouvi a canção sobre o czar Alexandre e a grã-duquesa Catarina. Que velha rabugenta ela é! Certamente merece o tratamento que recebeu na rima. Nesse caso, devo admitir que senti pena do príncipe regente. Ele pode ser um velhaco gordo e egoísta, mas é um velhaco inglês, não um daqueles tiranos feudais da Rússia que matam camponeses por não gostar de seu cheiro.

— E verdade. A grã-duquesa certamente o superou em grosseria, egoísmo, e rispidez. Não foi fácil rimar tudo isso. — Ela riu.

— Mas você conseguiu. Ouço seus versos em todos os lugares aonde vou.

— O czar é igualmente horrível, rude com o príncipe regente, falso... ele também merece uma canção.

— Sim, mas ele não forçou presença naquele banquete só para homens no Guildhall, como fez a grã-duquesa. E ela ainda insistiu em que toda música fosse calada, porque o barulho a deixava enjoada. Eu teria adorado presenciar essa cena.

— Eu também. Pode imaginar o regente tendo de suplicar a ela para permitir que os músicos tocassem Deus Salve a Rainha?

— Sim, e ela se queixou em voz alta o tempo todo. Mas eu tenho pensado... Há outras questões além do estado das discussões diplomáticas, embora aqueles patetas emplumados sejam comparáveis em incompetência e arrogância à frivolidade e imoralidade dos nobres da sociedade.

Ela riu novamente, e o som alegre o encheu de ânimo e esperança.

— Tem razão, Badger. Talvez eu deva ler outros cadernos do London Times e do London Gazette com isso em mente.

— Você costumava ler os jornais inteiros, cada palavra. Talvez deva retomar esse hábito. Mas vim procurá-la para falar sobre outra coisa, Duquesa.

— Ah, sim?

— É o conde.

Ela ficou imediatamente tensa.

— O que tem ele?

— O sr. Spears escreveu contando que é possível que o conde retorne a Londres em breve.

— Entendo. Ele se desligou do batalhão novamente?

— Não sei. O sr. Spears não disse, mas presumo que não.

— Muito bem, isso vai exigir uma certa reflexão. Ah, Badger, creio que ouço batidas na porta.

Nettles, o mordomo da casa de Londres, permitiu que o sr. Wicks se apresentasse poucos minutos depois na sala de estar. Ele a cumprimentou com um sorriso e uma breve e polida mesura.

— Caro sr. Wicks, qual é o problema? Sente-se. Bebe alguma coisa? Chá? Um conhaque?

— Não, não, milady. Vim porque... Bem, as notícias não são boas, mas vim informá-la imediatamente para... para traçarmos planos. Eu sinto muito, Duquesa, mas, mas...

— Por favor, sr. Wicks, acalme-se. Nada pode ser tão terrível. Sente-se e diga o que tem para me dizer.

Em sua agitação, ele exclamou:

— Os Wyndham americanos estão em Chase Park!

— Os americanos. Oh, sim, o irmão mais novo de meu pai, meu tio, jogou e se envolveu com mulheres até meu avô expulsá-lo de casa. Tio Grant foi para a América e, como se não bastasse, ainda teve a ousadia de se casar com uma americana, o que finalmente levou meu avô a deserdá-lo. Ele foi viver em Baltimore e nunca mais voltou.

— Exatamente. Grant Wyndham morreu, mas Wilhelmina, a esposa dele, está viva e tem três filhos. Trevor, James e Ursula. E você já sabe disso. Eles estão em Chase Park.

— Como assim?

— Eu escrevi para eles, milady. Fui obrigado, porque, em abril, achei que o conde não se casaria com a senhora e que os americanos herdariam tudo. Por isso, tive de informá-los de sua provável fortuna, e agora eles estão na Inglaterra. Eles não responderam a minha carta, não me procuraram em Londres, nada. Simplesmente foram para Yorkshire, diretamente para Chase Park.

— Estranho. Como eles souberam onde fica a propriedade? Você disse que tio Grant está morto. Ele saberia encontrar o local, certamente, mas... a viúva?

— Não sei, Duquesa, mas devo partir ainda hoje, amanhã, no máximo, para ir encontrá-los em Chase Park e informá-los de que não há nada para eles. Nada. É uma situação terrível. Devia ter confiado em sua capacidade de solucionar tudo isso. Não devia ter duvidado de que se casaria com o conde. Sou um idiota, Duquesa. Um completo idiota.

Ela sorriu.

— Talvez devesse ter esperado, mas não o fez. Agiu como achou ser correto, sr. Wicks.

— Estou aliviado por não ter de enfrentar o conde aqui. Se o bom Deus me ajudar, ele nem vai precisar saber disso.

— Não importa se ele vai ou não vai saber disso. Como eu já disse, fez o que achou ser correto, sr. Wicks. Não se torture mais. E não se preocupe. Iremos juntos a Chase Park, Enfrentaremos juntos os temíveis americanos. E Wilhelmina... Marcus diria que o nome é tão feio quanto Josephina.

Marcus Wyndham, o oitavo conde de Chase, chegou à casa dos Wyndham em Berkeley Square no dia vinte e seis de junho.

Nettles pegou o chapéu e o manto de seu senhor na entrada e disse:

— Milorde, a condessa partiu com o sr. Wicks para Chase Park ontem de manhã. Ela levou Badger e aquela criada ruiva, Maggie.

— Entendo. Spears, cuide da nossa bagagem — ele disse ao valete. — Se Badger viajou com minha... com a condessa, quem vai preparar as refeições?

— Instruí a sra. Hurley para retomar suas obrigações, milorde. Milady me orientou



para tomar essa providência rapidamente, considerando que era possível que milorde chegasse a qualquer momento. Se me permite comentar, milady cuidou de tudo por aqui. Ela é muito atenciosa, se não se importa que eu diga...

— Não, não me importo, Nettles. Encorajado, o mordomo continuou:

— Ela é uma dama muito séria, milorde. Ninguém se atreve a tratá-la com familiaridade. Gostaria de um cálice de Porto na biblioteca, milorde?

Marcus aceitou a bebida, mas foi para o quarto no final do corredor do segundo andar, um aposento amplo com cortinas pesadas e tapetes espessos. A mobília era muito antiga, mas brilhava pelo polimento com cera. Ele tentou imaginar se as mãos evasivas da esposa haviam manipulado a cera com aroma de limão.

Spears dobrava suas gravatas e as guardava em uma gaveta.

— Fico pensando em quanto tudo isso é oportuno — disse o conde.

— Oportuno, milorde? O tempo é algo imprevisível.

— Ah, sim? Eu me pergunto por que ela partiu para Chase Park com o sr. Wicks.

— Tenho comigo uma carta deixada com o sr. Nettles. A Duquesa pediu a ele que me entregasse a mensagem e me instrísse para passá-la diretamente a milorde. Entendeu?

— E claro que sim. Só não entendo por que a carta não me foi dada diretamente. Onde está a mensagem?

— Aqui, milorde.

— Uma rota tão cheia de curvas sempre desperta suspeitas — Marcus comentou enquanto abria o envelope. Ele leu, resmungou uma praga e depois riu. — Ora, ora, isso é interessante. Parece que os Wyndham americanos estão em Chase Park porque o sr. Wicks, no cumprimento de seu dever, escreveu-lhes informando da possibilidade de herdarem uma fortuna no dia dezesseis de junho. Eles vieram para a Inglaterra e agora estão em Chase Park," onde chegaram precisamente em dezesseis de junho. A Duquesa e o sr. Wicks foram atrás deles. E, mais uma vez, ela se mete onde não deve.

— Ela é sua esposa, milorde. É dever dela cuidar dos interesses do marido quando ele não pode fazer isso.

Marcus resmungou alguma coisa e começou a se despir.

— Quero um banho, Spears.

— Sim, milorde.

— Por que acha que eles foram para Chase Park? O sr. Wicks não deve ter mencionado que o lugar fazia parte da herança.

— Mistérios, milorde...

— Era de se esperar que a família viesse a Londres para procurar o sr. Wicks. Ele os teria levado para a casa Essex, em Clampton, uma excelente propriedade onde estive com Charlie e Mark há alguns anos. O imóvel não está destinado ao herdeiro do título.

— Agora todas as propriedades são suas, milorde, incluindo a casa Essex.

— Eu sei.

— Vai ficar em casa esta noite, milorde?

— Não, Spears. Vou ao White's, onde vários cavalheiros se reunirão para jantar.

— Sugiro que não se exceda no vinho, milorde. E sugiro também que partamos amanhã bem cedo para Chase Park.

— Não está sugerindo demais, Spears? Não pretendo ir a Chase Park. O sr. Wicks se meteu nessa confusão, ele que a resolva sozinho. A Duquesa poderá ajudá-lo. Por que ela o teria acompanhado, se não para se intrometer? Além do mais, amanhã tenho de ir ao encontro do ministro da Guerra em Dracornet.

— Vou providenciar seu banho, milorde.

— Ótimo. E não tente me fazer mudar de idéia, Spears. Não irei a Chase Park. Sei que Trevor pode ser o futuro conde, mas não quero conhecer esse ramo da família. Pensando bem, talvez deva dizer ao sr. Wicks para não mandá-los de volta à América



ainda. O querido Trevor pode ser o conde um dia. Talvez ele deva começar a pensar em providenciar um herdeiro, só por precaução. Sim, é melhor falar com o sr. Wicks sobre isso.

— Mas... e a Duquesa, milorde? Sua esposa?

— Ela sabe que os filhos que tiver não serão frutos da minha semente e, portanto, não herdarão o título. Agora vá, providencie meu banho. Pretendo me divertir muito aqui em Londres. Creio que vou instalar uma amante em Bourbon Street, ou na Stretton, talvez, perto o bastante para que eu possa ir visitá-la sempre que desejar. Sim, é o que vou fazer.

— Milorde, tais atividades exigiriam mais tempo do que tem atualmente. Esqueceu seus deveres com lorde Dracornet? Vai estar ocupado demais discutindo sobre o congresso em Viena no próximo outono.

— Oh, não, de jeito nenhum. Não sou diplomata, Spears. Todos os diplomatas envolvidos nessa questão estarão discutindo o congresso, mentindo, como sempre, para obterem os fins desejados. Não, isso não é para mim. Sou partidário da honestidade: se tem de esfaquear alguém, que seja de frente, e não pelas costas.

— Entendo, milorde.

— Lorde Castlereagh me inquiriu sobre meus desejos com relação ao congresso, e já disse a ele que tenho outras coisas para fazer. Fui extremamente cortês, mas já informei que não estarei presente, por mais que queira ir. Quanto a lorde Dracornet e meus deveres aqui em Londres, pedi um afastamento temporário, alegando ter de assumir meus novos deveres como conde de Chase. Um novo conde dotado de novos fundos. Creio que lorde Dracornet ficou tão aliviado por eu não ser mais um destituído, um constrangimento para meus nobres pares, que me desejou sinceramente toda a sorte t em minha nova vida.

— Entendo, milorde. E tem realmente muitos deveres agora. As propriedades são muitas e grandiosas, e imagino que ainda se lembre de quanto tempo é necessário para fazer tudo isso funcionar corretamente.

— Sim, sim, eu me lembro. E pode desistir dos argumentos. Não irei a Chase Park. A última mulher que desejo ver neste mundo é a maldita Duquesa.

— Ela é condessa, milorde.

— Vá providenciar meu banho, Spears. E esqueça Chase Park. Esse é o último lugar para onde irei.

Chase Park

A Duquesa olhou para Wilhelmina Wyndham. Certamente, não a ouvira corretamente.

— O que disse, senhora?

— Disse que as galinhas daqui podem estar infectadas de parasitas.

— Ah... — Ela não dissera aquilo, evidentemente, mas a Duquesa não insistiu. — Vou pedir a Spears para examiná-las, porque elas vivem na cozinha.

Wilhelmina assentiu. Depois, ela se virou e olhou em volta, estudando o salão.

— Isto aqui é exatamente como meu marido descreveu. Ele pintava verdadeiros retratos com as palavras, e eu imaginei este lugar como o vejo agora. Deve estar se perguntando por que viemos para cá, e não para Londres. Eu sabia onde ficava Chase Park, e não quis perder tempo.

— Mas, senhora, mesmo que Marcus e eu não nos houvéssemos casado, Chase Park ainda pertenceria ao conde, porque a propriedade está atrelada ao título.

— Sim, eu sei. Acha que os americanos são tolos? Esta é a casa de meu marido. E claro que quis vir visitá-la.

— Sim, eu entendo, e quero que saiba que é bem-vinda. Chase Park é mesmo impressionante, e sua história é fabulosa, mas deve visitar Londres também, antes de



voltar à América.

— Você não passa de uma meretriz. Não vou ouvir o que diz.

A Duquesa piscou, chocada.

— O que disse, senhora?

— Disse que você ainda é uma aprendiz, e que serei capaz de implorar para ficar aqui, se necessário. Não a deixarei, Josephina, porque você seria muito solitária. Vai me dizer que não somos bem-vindos?

— Naturalmente é bem-vinda, senhora, como acabei de dizer, mas Chase Park não é sua casa. Como o sr. Wicks já a informou na primavera passada, não há nenhuma herança para sua família, agora que o conde e eu nos casamos.

— Você é uma vadia calculista.

Dessa vez a Duquesa tinha certeza de ter escutado bem, mas estava tão chocada que não sabia o que dizer. Ela simplesmente encarou a americana, esperando para ouvir mais, mas Wilhelmina encolheu os ombros e caminhou para a porta.

— Sim — ela disse —, o que a riqueza pode proporcionar daria uma lista!

— De fato. Wilhelmina sorriu.

— O que achou dos meus meninos?

Meninos? Trevor era um homem de vinte e quatro anos, a idade de Marcus, e James tinha vinte.

— São encantadores, senhora. E Ursula é uma garota adorável.

— Ursula é uma menina, e por isso não vale nada, como você.

— O que disse?

— Disse que Ursula é arrojada, como você, meu bem. Não acha que ela fará um excelente casamento?

A Duquesa tinha uma terrível dor de cabeça. Por isso ela se limitou a assentir. Wilhelmina pediu licença e saiu da sala. Aliviada, a Duquesa deixou a casa para ir caminhar pelo jardim, esperando encontrar algum conforto entre as flores. Era verão, e as rosas estavam desabrochando, perfumando o ar com a ajuda de margaridas e outras espécies. Ela se aproximou de um carvalho frondoso, sentou-se no banco de madeira à sombra da árvore, apoiou as costas no tronco retorcido e fechou os olhos. Era como se estivesse aturando Wilhelmina por uma década, e não por um dia. E ainda nem era um dia completo! Manhã e tarde, e já estava exausta.

O sr. Wicks se retirara, porque Wilhelmina o atacara frontalmente na noite anterior.

Quando tinham chegado na tarde anterior, a mulher os recebera como se fossem seus hóspedes. Havia sido muito estranho ver Gweneth retraída, cedendo o lugar de anfitriã à indelicada visitante. E Trevor, o pederasta... Marcus teria uma surpresa e tanto! Não, não teria, porque Marcus não iria a Chase Park. Não enquanto ela estivesse ali.

Talvez ele estivesse em Londres.

As gêmeas e Ursula a encontraram dez minutos mais tarde. A dor de cabeça era agora um incômodo persistente, mas suportável.

Antonia anunciou:

— Decidi me casar com Trevor, Duquesa. Ele me agrada.

Ursula, uma menina de quatorze anos com a coloração clara da mãe e traços doces que um dia seriam belos, opinou:

— Trevor está infeliz. Ele ainda não pensa em casamento, Antonia. Além do mais, você só tem quinze anos. Trevor já é velho demais!

— Velho? Ele é um jovem vigoroso! — Antonia defendia seu novo ídolo.

Sempre prática, Fanny perguntou:

— Por que ele está infeliz? — Ela mordeu a maçã que carregava, mastigando com vontade. A Duquesa teve a impressão de que ela havia emagrecido.

— A esposa dele faleceu — contou Ursula.

— Ele era casado?



— Sim, Duquesa. O nome dela era Helen, e ela era a jovem mais bela e doce de Baltimore. Mas era doente. Morreu no parto depois de ter sofrido uma terrível queda de cavalo. O bebê morreu com ela. Isso aconteceu há quatro meses, apenas, e eles eram casados havia um ano e meio. Trevor foi para Nova York, e só voltou para nos acompanhar nesta viagem à Inglaterra porque mamãe escreveu uma carta implorando por sua companhia. James não gostou disso, porque queria tomar o lugar que era de nosso pai e cuidar de nós. Ele não falou com Trevor durante uma semana, pelo menos. Acho que Trevor nem notou. Seu corpo estava conosco, mas seus pensamentos estavam muito longe, se é que me entendem.

— Sim, eu entendo — disse a Duquesa, pensando em como não se conhecia as pessoas de fato, com seus segredos e amarguras, seu passado e história.

— Quando eu tiver dezoito anos — Antonia anunciou confiante —, Trevor terá superado sua infelicidade. Então, ele se casará comigo, e eu não morrerei no parto, porque monto muito bem e sou saudável e forte. Tia Gweneth sempre diz isso.

Fanny terminou de comer a maçã e jogou o caroço no lago atrás do carvalho, assustando os patos.

— Talvez eu me case com James. Só lamento que ele não seja um pouco mais velho. Os meninos são tão bobos! Precisam amadurecer, como vinho. Papai sempre dizia isso. Lembra, Antonia? Papai estava sempre provocando Charlie e Mark, especialmente quando eles comentavam sobre a beleza de uma garota. Ele dizia que os dois ainda eram vinagre, que levariam anos para se tornar um bom Porto.

Ursula riu. Antonia parecia chocada. A Duquesa disse:

— Posso até vê-lo zombando dos meninos, Fanny. É bom lembrar seus irmãos com alegria e prazer.

Ursula disse:

— Por isso o conde é arrivista, não é? Uma vez que meus primos morreram...

— Marcus também é seu primo — a Duquesa a interrompeu. — E ele é o conde de Chase. Seu pai e o pai dele eram irmãos. Você o respeitará, Ursula, e o tratará Como chefe da família Wyndham, porque ele é o chefe desta família.

— Sim, senhora.

— Suponho que possa começar a demonstrar esse respeito agora mesmo. Ursula, não é?

A Duquesa não se moveu. Depois de um instante, muito lentamente, ela se virou e viu Marcus apoiado ao tronco da árvore. Havia quanto tempo ele estava ali, ouvindo e assistindo a tudo? Ela o fitou silenciosa.

— Sim, milorde.

— Pode me chamar de Marcus, porque nós somos prímos.

— Sim, Marcus.

— Não vai cumprimentar seu marido? — Ele se aproximou da Duquesa e olhou para sua cabeça baixa por um momento; depois ergueu sua mão gelada e a beijou.

Marcus ouviu o valete cantarolando. Sua voz ecoava pelo quarto, e ele se movia dobrando e guardando as meias do conde.

Ela é mais rude que o regente, É mais sem graça que um rato. É tão devassa quanto o irmão, E é desajeitada como um pato.

Ah, sim, desajeitada, desalinhada, espevitada, Três grandes qualidades. A grã-duquesa Catarina. As tem em quantidade.

Ele não conseguiu conter um sorriso. Sabia que o czar Alexandre havia engasgado e cuspidado vinho em sua túnica branca ao ouvir alguns cidadãos cantando essa canção sob as janelas do White's. Ele ficara furioso, jurara matar os bastardos, mas fora contido pelo inabalável Henry, mordomo do palácio fazia mais tempo do que Marcus podia lembrar, e



pelo próprio duque de Wellington.

— Milorde, viu a Duquesa?

— Sim, mas só por um instante. Ela estava no jardim com as meninas.

— Ela está bem?

— Por que não estaria? Por acaso sabe de alguma coisa que eu não sei?

— Não, milorde. Mas, da última vez que a vi, ela não estava feliz. Não tem sido muito cortês com ela.

— Ela não merece minha civilidade. Quanto a você, seu valete traidor, devia ter sido demitido.

— Apreço o comedimento de milorde.

— Está zombando de mim, Spears?

— Eu, milorde? É claro que não. O simples pensamento me ofende profundamente.

Marcus balançou a cabeça antes de dizer:

— Quando a vi, ela não percebeu minha presença. Estava censurando Ursula por não falar sobre mim com o devido respeito merecido pelo chefe da família Wyndham.

— Ela agiu corretamente, milorde.

— Sim, mas por quê?

— De que outra maneira esperava que ela agisse, milorde?

— Ah, por favor, Spears, pare com isso. Não precisa defendê-la. Na verdade, você não devia ter se metido nisso. E eu devia ter dispensado seus serviços e tê-lo mandado para Botany Bay.

— Um lugar horrível, pelo que dizem. Mas, voltando ao jardim, milorde, o que a Duquesa disse?

— Ah, sim, ela dizia a Ursula que era necessário me respeitar, porque eu era o chefe da família. Nesse momento, eu falei alguma coisa para anunciar minha presença, e ela se transformou em uma estátua de pedra, o que não é novidade. Bem, agora vou sair para cavalgar. Soube que Trevor, o afetado, está montando um de meus cavalos e percorrendo minha propriedade. Deve estar reconhecendo as fronteiras para calcular qual será o tamanho de sua fortuna no futuro.

— Mas o senhor mesmo disse que ele será rico, milorde. Ele ou seus herdeiros.

— Vá para o inferno, Spears. Isso é diferente. Neste momento, eu sou o conde, e não vou permitir que esse pederasta se comporte como se fosse o dono de Chase Park. Vou pôr um ponto final nessa insolência.

— Pretende voltar para o almoço, milorde?

— Sim, se encontrar o sujeito. Acho que vou tirar sangue do nariz dele. Não, isso o faria gritar e chorar. Inútil. Vou me oferecer para trazer o cavalo de volta, porque certamente o encontrarei fatigado. Não posso permitir que o delicado rapaz fique esgotado.

— Muita consideração, milorde.

A Duquesa estava faminta, mas não queria ir à sala de jantar e enfrentar Wilhelmina. Porém, o pobre sr. Wicks não tinha nenhuma chance com a horrível mulher, e não podia deixá-lo sozinho. O advogado ainda tremia quando relatara como ela invadira seu quarto para obter todas as informações de que precisava.

Onde estaria Marcus?

Não o via desde o jardim, quando ele beijara sua mão e se retirara.

Ela ocupou seu lugar à mesa. Gweneth insistira para que se sentasse no lugar da condessa, pois esse era o arranjo correto. Era um alívio ser tratada novamente com um pouco de cortesia. A cadeira do conde, do outro lado da mesa, estava vazia.

Trevor também estava ausente. Pelo menos o sr. Crittaker estava ali, e falava com Ursula com grande delicadeza.

A Duquesa assentiu para Sampson, indicando que o almoço deveria ser servido.

Wilhelmina falou em voz alta:

— Onde está meu sobrinho, o que se diz o novo conde? Ele ainda não me cumprimentou.

— Eu o conheci, mamãe — Ursula contou. — Ele é muito bonito e agradável. Tem cabelos negros e olhos azuis, como a Duquesa.

— Eles são parentes. Não deviam ter se casado. Não é natural ou saudável. Os filhos podem ser anões.

— Tudo é perfeitamente legal, senhora. A Igreja não se opôs ao casamento — a Duquesa protestou.

— A Igreja da Inglaterra — Wilhelmina a corrigiu com tom de desdém. — O que sabem aqueles velhos tolos? Se um homem tem título e dinheiro para suborná-los, eles adaptam qualquer lei que já tenha sido escrita. Foi o que aconteceu, não?

— Não houve suborno, senhora. Na verdade, o conde e eu nos casamos na França, um país católico. Até os requisitos civis foram tão severos quanto os da Igreja.

— Os franceses... — Ela bufou com desprezo. — Agora entendo. Devo perguntar se o seu casamento é válido na Inglaterra.

— Asseguro que sim. O sr. Wicks também pode atestar o que digo. E ele pode lhe dar as respostas que quiser aqui mesmo, enquanto almoçamos. Não vai precisar incomodá-lo no quarto. E agora, se ninguém tem mais nada a dizer, sugiro que todos comam.

— Você é uma cretina estúpida e uma vagabunda.

— A senhora não... Não, certamente... O que foi que disse, senhora?

— Disse que a lei e a batina se tornam únicas quando a correção abunda. O que mais eu poderia ter dito?

Evidentemente, na medida que a indignação de Wilhelmina crescia, diminuía sua capacidade de encobrir os insultos com correções rimadas. — Ele devia ter vindo me cumprimentar — Wilhelmina queixou-se. — O novo conde não demonstra respeito. Isso prova sua falta de berço.

— Terá a companhia de Marcus no jantar, senhora.

— Quero que ele morra.

— Como disse, senhora?

— Disse que espero que o molho escorra. O presunto está salgado, e as fatias estão muito grossas.

O sr. Wicks olhou angustiado para a Duquesa. Sentado ao lado de Wilhelmina, ele ouvia seus insultos com clareza. Ursula não podia sair da mesa enquanto a mãe não permitisse, e Fanny e Antonia estavam chocadas demais para se retirar.

Wilhelmina comia sem pressa. A Duquesa mastigava devagar e observava seu primo James, ainda um rapaz novo, mas que seria tão grande e forte quanto Marcus na idade adulta. Ele era quieto, e comia como se não tomasse conhecimento da presença dos outros. Esse era o jovem que queria ser o chefe da família? E onde ele conseguira o belo anel de brasão que usava na mão direita?

O tempo parecia se arrastar. A Duquesa estava entediada. Queria que Marcus chegasse. Não tivera tempo para examinar seus ferimentos e verificar se haviam cicatrizado bem.

Finalmente, quando a refeição já chegava ao fim e escapar se tornou possível, ela sorriu e se levantou.

— Perdoem-me, mas tenho algumas coisas para resolver. Com licença.

— A vadia pensa que é da realeza.

— O que disse, mamãe?

— Disse que o vestido dela é uma beleza.

O sr. Crittaker engasgou com o bolinho que comia. A Duquesa se retirou altiva, contendo a vontade de correr.



Ela foi para a pequena sala matinal de que tanto gostava, onde se sentou para ler o London Times. Leu as páginas sociais, tentando encontrar alguma nota divertida, mas não havia nada. O jornal prendeu sua atenção por cerca de dez minutos. Mesmo assim, ela continuava pensando em Marcus, em onde ele poderia estar.

Mal podia esperar para mostrar a ele quem era o afetado Trevor.

Marcus conduzia o cavalo num trote lento, apreciando o ar fresco e o sol no rosto. Onde estava o pederasta, afinal?

Havia sido muita ousadia do visitante sair com seu garanhão selvagem, Clancy, apesar de Lambkin tê-lo alertado do perigo. O cavaliço lhe contara que o cavalheiro americano simplesmente rira, montara o animal sem nenhum problema e partira rumo ao Leste. A doçura de Clancy era falsa e nunca durava. Só esperava encontrar o primo americano vivo.

Cavalgava fazia três horas, e ainda não vira nem sinal do idiota afeminado. Havia parado para cumprimentar os colonos que trabalhavam a terra, experimentando um estranho calor na alma ao ser recebido com tanto entusiasmo. Os homens tinham perguntado sobre os franceses, finalmente vencidos por tropas britânicas, e sobre o tirano Napoleão, o rei, ou melhor, o imperador dos malditos franceses. Os colonos o tratavam como se ele tivesse forçado sozinho a abdicação de Napoleão.

Fora muito agradável. Pela primeira vez se sentira em casa em Chase Park. O conde de Chase, o senhor do lugar. Talvez. Ele estava com fome. Onde Trevor se metera? Clancy o teria derrubado? Ele estaria morto? Não. Devia estar mancando graciosamente de volta a Chase Park, com a mão pálida sobre a testa e os lábios trêmulos. Talvez até citasse versos de Byron para tornar suas queixas mais românticas.

Marcus notou que um cavaleiro se aproximava vindo do Norte, e deteve sua montaria.

Não podia ser Trevor. Não. Quando Clancy chegou mais perto, ele viu que o homem que o montava era grande, forte, e cavalgava como um bruto, controlando completamente o animal.

Trevor?

Furioso, sentindo-se um completo idiota, Marcus gritou:

— Por que diabos não mudou esse nome ridículo?

O homem não respondeu até deter o cavalo diante de Stanley, a montaria do conde. Então ele riu, encolheu os ombros, e disse:

— Você deve ser Marcus, meu primo. O conde...

— Sim, sou. Por que não mudou seu nome? Trevor? Isso causa náuseas!

Trevor riu.

— Bem, o nome induz as pessoas a pensarem coisas estranhas sobre mim, mas, depois que me conhecem, elas se dão conta de que cometeram um erro de julgamento. Creio que meu falecido pai, seu tio, achava esse nome elegante. E, com toda a honestidade, Trevor é melhor que os outros nomes que meus pais escolheram para mim.

— Que nomes?

— Horatio Bernard Butts.

— Meu Deus. Butts?

— Era o nome de solteira de minha mãe. Horrível, não? — Trevor estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo, primo.

Marcus começou a rir.

— A imagem que eu tinha de você desde que o sr. Wicks me falou sobre os Wyndham americanos... Meu Deus! Eu me referia a você usando termos nada lisonjeiros. Pederasta, afeminado, delicado... Espero que me perdoe, primo. Se quiser, pode me esmurrar. Mas evite as costelas, por favor, porque ainda estão doloridas por um pequeno

contratempo que tive em Paris.

— Não ouse agredir um conde. Além do mais, a Duquesa jamais me perdoaria por isso. Estão casados há tão pouco tempo! Ela ainda deve pensar que você é perfeito! E, se me permite, não quero me indispor com a condessa. Ela é a mulher mais linda que já vi!

— Ah! Já estive em Londres? Paris?

— Não, mas sou um homem e não sou cego. Não considera sua esposa extremamente bela?

Marcus resmungou alguma coisa incompreensível, furioso com a Duquesa. Acabara de conhecer o primo, que não era um afeminado, afinal, mas não faria confidências. E como ele se atrevia a elogiar a beleza de sua esposa? Por que se julgava íntimo o bastante para isso?

— Nem preciso dizer que minha mãe ficou muito aborrecida quando chegamos. Sua tia Gweneth logo a informou sobre seu casamento... antes da data mágica de dezesseis de junho. Ela ficou prostrada com uma terrível dor de cabeça por muitas horas, e reclamou tanto de tudo que eu acabei com a mesma dor de cabeça.

— Não sabia que vocês estavam aqui. Fui informado há três dias, quando encontrei uma mensagem que a Duquesa havia deixado para mim.

— A Duquesa disse que você estava em Paris, cuidando da restauração dos Bourbon.

— Sim, está concluída. Quanto ao restante, haverá um congresso em Viena no próximo outono. Será tão divertido quanto os espetáculos no Anfiteatro Astley's.

— O quê?

— Astley's é uma espécie de teatro onde se apresentam homens e mulheres fazendo truques sobre cavalos. Garotas vendem laranjas e a si mesmas para a platéia, homens castigam ursos para fazê-los dançar, enfim... Esse tipo de coisa. As crianças adoram aquele lugar, e os rapazes suspiram pelas mulheres pouco vestidas.

— Em Baltimore temos algo semelhante, que se chama Os Queixos do Homem Gordo.

Marcus riu.

— E estranho — Trevor comentou. — Você é muito parecido comigo. Exceto pelos olhos.

— Sim, os seus são escuros. Nosso tio, o antigo conde, costumava me chamar de filho do diabo. Isso também se aplica a você, primo?

— Talvez. Ao menos recentemente. — Trevor olhou em volta. — Suas terras são impressionantes. Tomei seu cavalo emprestado, apesar dos avisos do cavaleiro. Ele parecia certo de que meu novo amigo me destruiria com os cascos.

— Clancy é conhecido pelo temperamento indócil. Sempre que há uma égua por perto, ele se transforma em uma espécie de Átila pronto para a orgia. Mas você o tem sob controle.

— Tenho jeito com os cavalos. Com a maioria dos animais, na verdade. Deve ser algum dom especial. Lambkin não acreditou muito nisso.

— Lamb é um ótimo rapaz e um excelente cavaleiro. Meu tio não gostava dele, e até hoje não sei por quê.

— Talvez por ele falar demais?

— É, talvez.

— Meu irmão James tem olhos verdes e cabelos claros, como minha mãe. Os olhos de meu pai eram azuis mais escuros, como os da duquesa. Agora entendo... O conde era pai dela.

— Exatamente. Você parece ler meus pensamentos.

— Outra característica de família. — Ele riu. — Minha mãe é capaz de fazer uma pessoa dizer tudo que ela quer saber. Você, o sr. Wicks... qualquer pessoa. Ela me contou que ontem, quando todos já haviam se recolhido, ela esteve no quarto do

advogado e arrancou dele toda informação que queria. Mas não se preocupe, primo...

— Marcus.

— Marcus, não se preocupe. Eu a convencerei de que não há nada para ela aqui e a levarei embora o quanto antes. Pretendo rever Londres, e acho que Ursula e James se divertiriam por lá. Talvez eu os leve para ver Astley's.

— Trevor, não quero ser indelicado, mas... Sua família tem problemas financeiros?

— Nenhum. Minha mãe simplesmente veio sem considerar a alta probabilidade de você e a Duquesa estarem casados. Tentei fazê-la esperar, mas foi inútil. Não tive alternativa senão acompanhá-la até aqui.

— E por que ela veio a Chase Park? Mesmo que a Duquesa e eu não estivéssemos casados, a propriedade pertence ao conde, e eu teria ficado com ela.

— Não sei, mas ela insistiu em vir. Meu pai falava tanto sobre Chase Park, que pode ter criado uma espécie de mito na cabeça dela. Talvez seja apenas curiosidade. Quem sabe? E também há o legado Wyndham.

— O quê?

— Meu pai falava muito sobre o legado Wyndham, sempre em voz baixa e em tom sigiloso, como se temesse ser ouvido por alguém, como se houvesse algum segredo que ele não podia divulgar. Ele dizia que um dia voltaria e descobriria que éramos mais ricos que os mandarins na China.

— Nunca ouvi falar nisso. Meu pai nunca mencionou tal coisa, nem o antigo conde, pelo menos não na minha presença. Isso é curioso. Seu pai sugeriu que tipo de tesouro poderia ser esse?

— Acho que nem ele mesmo sabia, embora falasse sobre jóias e ouro, esse tipo de coisa. Mas ele falou com minha mãe sobre as pistas que ele conseguira reunir antes de nosso avô expulsá-lo de casa. Era algo muito antigo, ele dizia, enterrado há muito tempo, na época do reinado de Henrique VII, pouco antes da morte do príncipe Arthur, quando o futuro Henrique VIII era só um menino, um menino dourado, ele cochichava. Riqueza sem fim, e tudo pertencia aos Wyndham. Nós nos inclinávamos para ele fascinados, bebendo suas palavras fantásticas. Então, na semana seguinte, ele mudava a história e dizia que o tesouro havia sido enterrado no tempo de Henrique VIII ou da rainha Elizabeth. Quem sabe?

Marcus ouvia com atenção. Trevor continuou contando com seu sotaque acentuado:

— Deve saber que tia Gweneth e meu pai se corresponderam até ele morrer, e depois a correspondência continuou com minha mãe.

— Não, eu nem imaginava. Não voltei aqui por cinco anos, desde a morte de Charlie e Mark. Retornei apenas após a morte de nosso tio, quando me tornei um conde. Legado Wyndham, é? Um tesouro do início do século dezesseis? Isso tudo soa como um conto de fadas para mim.

— Para mim também. Mas minha mãe acredita nisso.

— Vamos voltar para casa?

Trevor assentiu, sorrindo.

— Na pior das hipóteses, posso ficar sentado olhando para a Duquesa. Um homem sempre se delicia quando encontra tanta doçura e personalidade em uma mesma mulher.

— Você precisa de óculos — Marcus respondeu, cravando os calcanhares nos flancos do cavalo.

Os dois homens voltaram para a casa lado a lado, sem pressa.

Maggie prendeu as pérolas de Elizabeth Cochrane no pescoço da Duquesa e a estudou no espelho.

— Perfeito — aprovou, ajeitando os cabelos vermelhos e avaliando também a própria imagem.

A Duquesa sorriu, tentando determinar para quem havia sido o elogio.

— Minha mãe costumava dizer que pérolas devem ser usadas sempre sobre a pele, ou perdem o brilho.

— Ah, sim... E essas plumas de avestruz devem ter custado uma fortuna. O conde não economizou.

— Tem razão, Maggie.

— Agora, Duquesa, nunca imaginei que alguém pudesse ter cabelos tão lindos quanto os meus, mas os seus são bem razoáveis, apesar do negro intenso. Talvez até pelo contraste do preto com sua pele tão branca. Isso seria perfeito no palco.

— Obrigada.

— Sim, você é bem razoável. Bonita, até, com um pouco de boa vontade. E sei que o conde também a aprecia.

— Acha que o conde tem boa vontade, Maggie?

— Com o quê, Duquesa?

Marcus estava parado na porta de ligação entre o quarto dele e o dela. A Duquesa ficou rígida, incapaz de encará-lo. Vestido com um impecável traje de noite preto e camisa branca, com uma gravata amarrada perfeitamente, graças a Spears, provavelmente, ele a fitava com aqueles olhos azuis e frios como gelo. Ela tentou sorrir para o marido.

— Maggie disse que minha aparência é razoável, mas que alguém de boa vontade pode até me achar bonita.

— E quer saber se eu teria essa boa vontade? Não sei... Maggie, se já terminou de ajudar sua senhora, pode sair.

— Só um momento, milorde — ela respondeu, sem se importar por ter sido dispensada pelo conde em pessoa. — Deixe-me colocar este adorável xale sobre seus ombros. Não quero que se resfrie. Pronto, Duquesa. Agora está muito bem. Eu aprovo.

— Obrigada, Maggie. Não espere por mim. Maggie assentiu e, para espanto de Marcus, piscou para ele; depois saiu do quarto ajeitando os cabelos cor de fogo.

— Onde encontrou essa criatura? — ele perguntou com tom divertido, olhando para a porta agora fechada.

— Badger a encontrou em Portsmouth. Ou melhor, ela o encontrou. Maggie o salvou de ser atropelado pela carruagem do correio. Eu precisava de uma criada, e ela precisava trabalhar, então... Bem, Maggie diz ser atriz, e estava sem trabalho naquela ocasião. Ela é muito competente, e ainda por cima me diverte.

— Ela piscou para mim!

— Bem, ela nunca foi criada antes. Deve estar habituada a ser admirada pelos homens. Piscar é um gesto automático para ela.

— Jesus! A condessa de Chase tem uma atriz como criada pessoal. Devo admitir que ela tem estilo. Porém, não deve permitir que ela a chame de Duquesa. É uma impertinência. Todos a chamam de Duquesa, mas você é uma condessa. Deve ser chamada de milady.

— Eu não me incomodo. Como está seu braço?

— O quê? Ah, meu braço está muito bem. Ainda dói um pouco quando me exercito, mas é só isso.

— E as costelas?

— O que é isso? Preocupação de esposa?

— Talvez seja.

— Minhas costelas estão ótimas.

— Que bom.

— Eu conheci Trevor. Ele cavalgava Clancy. Parecia um centauro.

Ela sorriu, o que era raro, e Marcus soube que ela já havia compreendido que ele fizera papel de tolo.

— Trevor continua sendo um nome ridículo — ele perseverou.

— Talvez, mas ele não tem nada de afeminado. Não Concorda comigo?

— Sim, eu concordo. É ridículo associar esse nome a um homem daquele tamanho.

— Sim, mas nada disso tem importância agora. É bom ver você, Marcus. Eu tinha esperança de que viesse.

— Eu não pretendia, mas, bem... — Ele encolheu os ombros, parecendo embaraçado.

— Não importa. Fico feliz que tenha vindo. Sua tia Wilhelmina é uma mulher difícil, um verdadeiro enigma. Sua prima Ursula é agradável, como deve ter percebido quando a conheceu hoje no jardim. James tem minha idade, talvez um pouco mais, e não sei dizer como é. Sua aparência é... morosa. Há algo de errado ali.

Mas, como você mesmo viu, Trevor é um homem adorável. E muito gentil.

— O que quer dizer com "adorável"?

— Bem, ele é grande, forte, bonito...

— Quero que tome cuidado com o que diz perto dele. Certifique-se de não ser muito... amistosa. Ele pode tentar tirar vantagem disso. Você é muito inocente, e ele não é.

— Agora sou casada. Não posso ser tão inocente.

— Ah, mas ainda é. E não discuta comigo com esse seu jeito reservado. Diga-me, por que ficou tão feliz com minha presença?

— Você é meu marido. Senti sua falta.

— Seu marido — ele repetiu com sarcasmo evidente. Por um momento havia esquecido a perfídia da mulher, mas agora ela reacendia o fogo da ira em seu peito. — Não considera estranho que sejamos casados, Duquesa? Eu a conheço desde que tinha nove anos de idade. Era magra, com joelhos esfolados, e tão solene quando um pilar da abadia normanda em Darlington. Sim, você sempre foi quieta, distante, reservada e atenta. Vi a bela mulher em que se transformaria aquela criança tão quieta. E a chamei de Duquesa, e todos viram por que, e Duquesa passou a ser seu nome. Até sua criada, a atriz que quer se deitar comigo e ser sustentada por mim, a conhece como Duquesa.

— Sim, e quando eu tinha nove anos, você tinha quatorze, e era orgulhoso e terrível como o filho do diabo. Meu pai estava certo. Você sempre envolvia Mark o Charlie em travessuras, e meu pai sempre soube que oh influenciava. Você me amedrontava.

— É mesmo, Duquesa? Não consigo imaginá-la com medo de nada. Se alguém a ameaçava, você simplesmente congelava a pessoa com um daqueles seus olhares penetrantes. Um olhar que não era humano, que fazia uma pessoa ficar silenciosa como um túmulo. Por que tinha medo de mim?

— Você parecia à vontade aqui. Era forte, confiante, seguro. E ainda está em seu lugar, embora tente lutar contra isso por causa de seu orgulho absurdo. Eu nunca me senti em casa em Chase Park.

Ele não queria discutir esse assunto. Não agora. Havia muito ainda em que pensar.

— Bem, agora você é a condessa de Chase. Esta é sua casa, e não há mais o que discutir. Aqui é seu lugar, mais do que meu lugar, sem dúvida, porque seu pai lhe deu tudo que não estava atrelado ao título. Todos a tratam com respeito e deferência, não?

— Sim, todos têm sido muito gentis. Quando o sr. Wicks e eu chegamos, há três dias, confesso que estava muito nervosa. Afinal, sou a antiga bastarda do conde e, por mais que se cubra o bolo, agora a antiga bastarda é a Senhora. Mas todos têm sido generosos, e sou grata por isso.

— Mas não a querida tia Wilhelmina.

— Ela tem um comportamento muito estranho. Logo você vai entender o que digo. Vamos descer ao salão, Marcus, e você finalmente poderá conhecer sua tia e seu primo James.

— Muito bem, vamos... Não, não! Não se mova. Esse decote é exagerado, Duquesa. Deixe-me ver.

Ele se aproximou. Cuidadoso, arranjou o xale, prendendo-o num nó que encaixou no decote do vestido, entre seus seios, cobrindo boa parte de pele exposta. O arranjo era ridículo, mas ela não disse nada. Apenas esperou ali parada, imóvel. Descontente, o conde tentou puxar o vestido para cima, mas era inútil, porque ele estava preso pelo corpete muito apertado. — Ainda não gosto disso. Mande reformar esse vestido. Espero que os outros sejam menos reveladores. Trevor vai ter uma noite e tanto com esse espetáculo diante dos olhos. Não esqueça de olhar para ele com aquele seu ar gelado, com o queixo erguido, como se ele fosse um verme sob seus sapatos.

— Acha que ele prefere ser um verme ou um afeminado?

Marcus não respondeu. Ele fitava seus seios. A Duquesa viu os olhos dele escurecer, as pupilas se dilatar e o rosto corar. Então, ele abaixou os dedos e tocou seu ombro desnudo. Moveu-os lentamente até seu colo, fazendo-a estremecer. Ela inclinou-se para a frente, e Marcus retirou-os abruptamente. Ela ficou imóvel por um instante, tentando se recuperar, sabendo que não tinha se comportado da maneira adequada. Por fim, conseguiu dizer:

— Está na hora.

— Sim — ele concordou em voz baixa, ainda com os olhos fixos em seus seios. — Acho que sim, Duquesa.

CAPÍTULO III

Era tarde. Ela bocejou, depois percebeu que não alcançava os botões do vestido em suas costas. Por um momento ficou ali parada diante do espelho, tentando decidir o que fazer. Ela ainda refletia quando a porta se abriu e Marcus entrou, vestido com um elegante robe de veludo bordo. Seus pés estavam descalços.

— O que faz aqui? — ela disparou surpresa.

— Sou seu marido. E também sou o senhor aqui. Posso ir aonde quiser.

— Ah... entendo.

— Duvido.

— O que achou de tia Wilhelmina?

— Ela é imprevisível. Comigo foi só charme e docura, mas não confio nela. Quanto a Trevor, eu estava certo. Ele olhou o tempo todo para seus seios. E James também estava olhando, mas parecia mais preocupado com os próprios problemas do que com seus atributos, da verdade, todos aqui têm algo com que ocupar os pensamentos. A política, a situação econômica, as questões familiares... Já ouviu a canção que fala sobre a grã-duquesa Catarina? Ela e o irmão, o czar Alexandre, serão assunto de muitos jantares nos próximos três meses, pelo menos.

— Ouvi Spears cantando essa canção. É muito interessante.

— Sim, muito. Como eu dizia, tia Wilhelmina se comportou com normalidade. Ou melhor, ela é tão normal quando se pode esperar de alguém das colônias. A noite foi

tranquila.

A Duquesa teve de reconhecer que não havia sido o inferno que antecipara, pelo menos. Porém, ela tinha se surpreendido com o charme que tia Wilhelmina despejara sobre Marcus. Ele estava certo sobre isso. Francamente, poucas mulheres deviam resistir aos encantos do conde.

— Pode me ajudar com os botões do vestido, Marcus? Não os alcanço.

Com qualquer outra mulher, ele teria considerado o pedido como um convite. Mas não com ela. Não com a Duquesa. Sua esposa. Ela se virou, ergueu os cabelos negros e brilhantes, e Marcus soltou os pequeninos botões que se enfileiravam nas costas. Quando o vestido se abriu, ele recuou um passo.

— Pronto — disse. — Pode terminar sozinha, agora. Ela se virou para encará-lo. Marcus não se moveu.

Não havia cortina no quarto.

— Preciso trocar de roupa, Marcus. Pode me dar licença por um instante?

— Não. Mas vou me deitar.

Ela o fitou, sem compreender o significado das palavras. Enquanto isso, o conde se encaminhava para a cama sobre uma plataforma no centro do quarto. Ele afastou as cobertas, despiu o robe e, nu, deitou-se e se cobriu até a cintura, ajeitando os travesseiros sob a cabeça. Deitado, ele a observava.

A Duquesa não era estúpida. Sabia que ele queria sexo. Ela engoliu em seco. Havia considerado esse cenário, sim, mas não realmente, não a esse ponto, não com ele em sua cama, acordado e sóbrio, aparentemente disponível. Como se a desejasse mesmo.

Ela sentiu uma onda de esperança.

— Agora quer que eu seja sua esposa, Marcus? Ele sorriu.

— Dispa-se, Duquesa.

Devagar, ela removeu o vestido e as meias, aproximando-se da cama vestindo apenas a camisa.

— Não me queria antes — ela disse, parando a um passo da plataforma.

— Tem razão, mas sou um homem. Como você é minha esposa e tem de me obedecer, posso decidir que a quero em minha cama. E mais conveniente do que ir a Darlington encontrar uma mulher qualquer para me dar prazer. Não que eu tenha muito prazer com você, mas é o que tenho à mão neste momento. Agora venha.

— Mas você disse que não quer ter filhos comigo. Disse que se vingaria de meu pai impedindo que meu filho herdasse o condado.

— Sim, eu disse, e estava falando sério.

— Não entendo.

— Não, mas logo vai entender. Só peço que não chore quando eu a penetrar, Duquesa. Se precisa ficar imóvel como uma estátua, que seja. Mas não emita nenhum som, por favor.

— Não vai me chamar de Lisette, vai? Ele riu com frieza.

— Não, mas talvez a chame de Celeste. Ela empalideceu, mas desviou o rosto para esconder a reação.

— Só estive em Londres por uma noite — disse.

— Sim. E daí?

— Essa Celeste... Estive com ela só por uma noite?

— Sim, e ela foi muito talentosa. Não tanto quanto Lisette, mas ela é de Bristol, onde não havia ninguém além dos marinheiros com quem praticar. Sem dúvida, terá aperfeiçoado seus dons em um ano, no máximo. Os seios eram impressionantes! Não consegui segurá-los, e tenho mãos grandes. Mas isso não importa. Agora venha, Duquesa.

— Não, Marcus. Acho que não — ela respondeu. Não suportaria ouvir mais nada. Virou-se, pegou o vestido e o colocou a caminho da porta. Ela já tocava a maçaneta



quando Marcus a alcançou, impedindo-a de sair.

Ele segurava a porta com a mão direita, enquanto a esquerda levantava seus cabelos negros. Os lábios tocaram sua nuca.

A Duquesa ficou quieta, sentindo o contato morno e úmido. Não conseguia respirar.

Delicadamente, ele a virou, tomou-a nos braços e a levou para a cama, onde a deitou de costas. Ela estava amedrontada e, ao mesmo tempo, fascinada pelo corpo másculo. Sem dizer nada, ele a despiu. E ainda sem dizer nada, sem tocá-la, ele a observou.

— Tão fria, tão contida... — murmurou. — Isso é o que um homem espera de uma esposa que também é uma dama, imagino. E considerado adequado uma mulher ser fria e contida, e não ter impulsos que busquem a satisfação física. Mas, ainda assim, é uma decepção. — Ele beijou-a na orelha. — Nunca mais use um vestido como o desta noite — ele disse em seu ouvido. — É lindo e caro, mas próprio de uma meretriz.

— Quer dizer que é um vestido que minha mãe teria usado?

— Eu não disse isso.

— Tem medo de que eu me torne uma meretriz, de que essa seja uma característica de família, que eu já esteja me transformando...

— Talvez, não sei. — Ele a beijou nos lábios e pressionou o peito contra seus seios. A Duquesa esqueceu Lisette e Celeste; ela não pensava em mais nada. Dominada por um calor intenso, entreabriu os lábios para corresponder ao beijo, desejando se libertar e gritar, mas lutando para conter-se.

Marcus acariciava seu seio, tornando o calor mais intenso e impedindo-a de raciocinar. Ela o abraçou, pensando que agora o possuía, esse homem que era também seu marido. Pelo menos nesse momento, ele não a desprezava nem sentia raiva dela, apenas a desejava, e isso era suficiente. Tinha de ser suficiente. Ele levantou a cabeça e a encarou. Viu o rubor nas faces dela, a veia que pulsava no pescoço, e sentiu as mãos em suas costas, acariciando sua pele.

— Duquesa...

Ela afastou as pernas para recebê-lo. Marcus a tocou com os dedos, os olhos fixos nos dela. Aos poucos, ele foi deslizando o corpo e beijando seus seios, seu ventre, a lateral de uma coxa... Ela não entendia e nem tentava entender, porque havia em algum recanto de seu corpo um pulsar frenético, uma urgência que crescia a cada segundo. Se ele parasse, ela sabia que estaria perdida. A Duquesa não conteve um grito quando a língua dele tocou sua feminilidade. Era uma sensação poderosa, irresistível...

Não conseguia mais se conter. Jamais acreditara que poderia sentir algo tão intenso, mas os sentimentos ganhavam força e a preenchiam completamente. Sabia que eles a dominariam, e queria ser dominada.

Os dedos ainda a provocavam, mas Marcus já se movia, preparando-se para possuí-la. E quando ele a penetrou, foi como se o céu se abrisse numa chuva de estrelas. Ela gritou, erguendo o quadril, abraçando-o, temendo que ele se afastasse. Alguns momentos depois, ela o sentiu tenso, com os músculos contraídos, penetrando-a mais profundamente. Gemendo, ela foi sacudida por uma sucessão de espasmos no exato instante em que Marcus também gemeu com voz rouca e estremeceu. Não queria que ele se afastasse. Nunca mais.

Porém, ele a deixou. Ainda ofegante e suado, ele se levantou e ficou parado ao lado da cama, olhando para ela com uma mistura de surpresa e interesse.

A Duquesa o queria de volta, e chegou a abrir os braços para chamá-lo, mas logo percebeu que o perdera de novo. Sem alternativa, ela se cobriu e lutou contra o desespero. Estava sozinha, como se ele nunca tivesse estado a seu lado, dentro de seu corpo.

— Maldição — Marcus murmurou.

— O que foi agora? Fiz algo errado?

— Não planejei nada disso — ele confessou com evidente desgosto.

Oh, Deus, ele estava arrependido! Mas não se deixaria mais humilhar. Tinha seu orgulho, e era hora de reagir aos insultos sem propósito do conde.

— Não queria o que aconteceu? Não queria ficar comigo?

Ele encolheu os ombros e recolheu o robe.

— Sim, eu queria, Duquesa, e essa foi minha fraqueza. Mas ela não vai se repetir. Da próxima vez, farei o que tem de ser feito. E uma única vez não importa, certamente.

— Do que está falando, Marcus?

— Você vai ver. — Ele sorriu. — Vai entender antes que a noite termine.

A Duquesa não sabia o que esperar. Ansiava pela proximidade outra vez, pela sensação de serem partes de um só ser, mas temia que isso nunca mais se repetisse. Diferente dela, ele não parecia dar muita importância a nada além de seu alívio físico. Podia ter sido Lisette, Celeste ou qualquer outra mulher sem rosto, qualquer uma das tantas que certamente ainda passariam por sua vida. E ela não poderia suportar. Não era nada para ele. Uma esposa, uma conveniência. Não conseguia encará-lo. Por isso, desviou o olhar.

Marcus a fitou até seu coração finalmente recuperar o ritmo normal. Jamais experimentara ondas tão caóticas de sensação antes, com nenhuma outra mulher. E agora com ela, a fria e contida Duquesa... Não fazia sentido. Quando a acariciara com a boca, ela fora mais desinibida e autêntica do que qualquer outra mulher com quem se deitara. E quando ele chegara ao clímax, ela o acompanhara gemendo e gritando, acariciando suas costas e transformando-o num selvagem sem controle, num homem que poderia devorá-la. Tolo, deixara-se envolver pelo frenesi e perdera o controle. Por Deus, não gostava disso. Não gostava do que ela o induzira a fazer, do que ela o fazia sentir. Não...

Estava se enganando. Gostara muito de tudo que acabara de viver com a esposa. Mas não agora. Com o cérebro funcionando novamente, não podia apreciar a experiência como antes. Ele desviou o olhar, pois estava prestes a mentir também para ela.

— Você me surpreendeu, Duquesa. Não ficou deitada e imóvel como se me receber fosse um sacrifício. Não chorou nem protestou. Você gemeu, mas foi de prazer, não de sofrimento.

Na verdade, ela havia gritado como a mulher mais lasciva que já existira. Mortificada, a Duquesa não respondeu, pressionando o punho fechado contra a boca.

— Você correspondeu. E gostou do que fizemos. Na verdade, senti em você mais ardor do que em qualquer meretriz experiente... Não. — Ele parou e respirou fundo. — Não foi isso que eu quis dizer. Esqueça. O que eu quis dizer é que você não fingiu. Conheço bem as mulheres e sei quando elas fingem sentir prazer. Não, você não estava representando. É incrível!

Lágrimas corriam de seus olhos, e ela mordida o punho para conter os soluços. Morreria se ele percebesse o quanto a magoava.

— Não gosto disso, Duquesa. Não gosto de surpresas e não gosto de perder o controle. Era isso o que queria de mim? Esperava que eu perdesse o controle para poder ter um filho para esse amaldiçoado condado, para realizar o desejo de seu pai? Vocês dois planejaram isso juntos? Bem, não importa quais são seus planos. Não vai mais acontecer, não assim, pelo menos. Virei vê-la mais tarde.

Assim que a porta de ligação se fechou com um ruído, ela se sentou na cama e apagou as velas sobre a mesa-de-cabeceira. Havia outras sobre a cômoda e ela se levantou. A semente do conde agora residia em seu ventre, e por um instante seus passos foram hesitantes. Ela se banhou, e depois apagou mais velas, mergulhando o quarto na escuridão.

Estava dolorida, mas era uma sensação boa, que despertava nela a consciência de lugares secretos em seu corpo. Após vestir a camisola, ela voltou para a cama e se

cobriu.

Ficou acordada por muito tempo. Mas, naquela noite, Marcus não voltou a procurá-la.

Quando ela acordou, a luz do sol brilhava no interior do quarto. A Duquesa piscou e bocejou, confortada pelas lembranças da noite anterior.

— Bom dia;

Devagar, ela virou a cabeça e o viu. Ele estava sentado ao lado da cama, vestido em um traje de montar. A suavidade desaparecera, o calor transformara-se em um sonho distante. Ela havia sido uma tola.

— Dormiu bem?

— Sim, muito bem — respondeu a Duquesa.

— Um homem que sabe o que faz pode dar uma boa noite de sono a uma mulher.

— E vice-versa? Ele franziu a testa.

— Sim, isso também. E sim, eu dormi muito bem. É claro que é muito mais fácil satisfazer um homem do que uma mulher, mas... Não acordei durante a noite ou teria voltado. Você... me surpreendeu.

Ela esperou para ouvir o restante. Queria muito que o marido reconhecesse que estava satisfeito, que a desejava, que não a ofenderia mais, que não tivera a intenção de magoá-la com as palavras da noite anterior.

— Sim, você foi uma grande surpresa. Selvagem, entregue, quente...

— Senti coisas que nunca imaginei serem possíveis. Não pude... me controlar.

— É claro que não. Se pudesse, certamente teria se contido.

— Não devia estar tão surpreso com meu comportamento, Marcus. Afinal, ontem à noite você disse que eu agia como uma meretriz. Disse que eu me vestia como uma meretriz, como minha mãe teria se vestido. Por que eu não deveria reagir a um homem como minha mãe certamente reagia a meu pai? Diz que fui selvagem e quente... Por que não acrescenta vulgar e promíscua, também, já que sou uma bastarda, filha de uma mulher que era amante de um homem rico, uma prostituta exclusiva sustentada por um conde?

— Não tem graça. Está tentando criar um clima dramático, mas isso não combina com você.

Ela se limitou a balançar a cabeça. Marcus não havia negado nada do que dissera.

Ele se levantou e começou a andar pelo quarto, batendo com o chicote de montaria contra a própria perna.

— Hoje, quando acordei, Spears estava em meu quarto com aquele ar de desaprovação, como se fosse um vigário me condenando por muitos pecados.

Ela não disse nada.

— Silenciosa? Sim, é claro, você prefere sempre o silêncio. Assim, nunca se expõe, não é? Não precisa correr nenhum risco. Bem, não importa. Spears sabia que eu havia estado em sua cama, cometendo atos desprezíveis com sua pessoa tão justa e doce. Ele estava preocupado. Badger devia estar do lado de fora esperando um relatório completo. Eu disse a ele para ir meter o nariz nos próprios assuntos. O miserável olhou para mim com a altivez de um príncipe regente, à exceção da barriga saliente, e me informou que ia providenciar meu banho. E saiu para ir conversar com Badger, o infeliz desleal. Acha que eu devia ter dito a ele que você sentiu prazer comigo? Devia ter mencionado seus gritos e gemidos, a maneira como se contorceu quando beijei seu sexo úmido? Ou é melhor deixá-lo continuar acreditando que você é a Madona reencarnada? Ah, ainda em silêncio. Não importa. Sua criada ruiva se enganou. Você é mais do que razoável. Não é necessária nenhuma boa vontade para ver sua beleza. Lamento, mas tenho coisas para fazer, ou ficaria e a beijaria novamente. Depois, eu a penetraria, mesmo sabendo que não gritaria nem chegaria ao clímax, como ontem. Não, hoje você provavelmente desmaiaria. Ela o encarou.

— Talvez não.

O conde a fitou, hesitante, e então se obrigou a recuar.

— Eu a vejo mais tarde — ele disse antes de sair.

A Duquesa sabia que o surpreendera. Já era alguma coisa.

Maggie entrou em seguida, certamente enviada por Marcus. Ela a banhou, perfumou, empoou, penteou e vestiu com um modesto vestido de cambraia branca e mangas longas e bufantes. Um vestido delicado para uma tímida debutante. Por que o comprara?

A resposta era simples. Porque, naquele tempo, não tinha idéia do que acontecia entre um homem e uma mulher.

Ela suspirou e baixou o corpete tanto quanto era possível, mas não havia um decote. Havia apenas a renda cobrindo boa parte do colo e do pescoço.

— O que está fazendo, Duquesa? — Maggie indagou. — Vai estragar o vestido! Quer provocar o conde? Não precisa de um decote. Não com seus outros atributos. E pare de pensar que ele não os notará, porque um cavalheiro sempre nota os atributos femininos, mesmo que finja o contrário.

— Ah, sim... obrigada, Maggie. Agora, vá tomar seu café.

Badger a esperava na sala do café, um aposento menor e circular, iluminado. O sol penetrava pelas janelas voltadas para leste, mas a mesa não era grande o bastante para acomodar todos os parentes instalados em Chase Park naquele momento. Aliviada por estar sozinha, a Duquesa pensou que eles deviam estar comendo na sala de jantar.

— Está muito magra e pálida. Coma o mingau. É uma receita escocesa que eu mesmo preparei.

— Detesto mingau, Badger. E não estou magra. É só este vestido infantil que me faz parecer magra.

— Ah, você nunca gostou desse vestido. Bem, se não quer o mingau, coma o pão. Ainda está quente do forno.

— A sra. Gooseberry o aceitou na cozinha?

— Creio que o conde a mandou de férias hoje pela manhã. Agora estou no comando da cozinha, e ainda tenho dois ajudantes para preparar os pratos sob a minha orientação, caso eu não queira prepará-los pessoalmente. Já informei ao conde que continuo sendo seu valete e que essa é minha prioridade. Ele não gostou muito desse arranjo, mas não protestou. Parece que está aprendendo a controlar o temperamento.

— Talvez, mas ele sempre faz o que quer e como quer.. Ninguém pode mudá-lo.

— O sr. Spears e eu ainda não desistimos. — Ele riu. — Agora, conte-me o que aconteceu. O sr. Spears está preocupado, pois o conde foi grosseiro com ele...

— Sim, eu sei. Ele foi realmente indelicado com o pobre sr. Spears. Quanto ao que aconteceu, não me peça para contar, Badger. E muito pessoal.

— Ele a machucou novamente?

— Ele nunca me machucou. Não realmente. E dessa vez, o que aconteceu foi justamente o oposto.

— Ah, mas isso é muito estranho... não é? Está corando, Duquesa? Você, que é capaz de congelar um homem adulto com um único olhar?

— Badger, você é mais meu pai do que meu pai verdadeiro jamais foi, mas deve perceber que certos assuntos são embaraçosos. E pare de dizer que sou fria, porque isso não é verdade.

— Sim, entendo que tudo isso a deixa muito desconfortável. Direi ao sr. Spears para não se preocupar. Porém, vai ter de prometer que me informará se o conde fizer alguma coisa imprópria para um cavalheiro. Promete?

— Não sei. — O que podia ser impróprio para um cavalheiro? O que mais poderia haver, além do que tinham feito na noite anterior? Marcus não fora um cavalheiro, mas ela apreciara cada instante da experiência, então...

— Encontre-me na sala matinal quando terminar de comer, Duquesa. Precisamos discutir o cardápio da semana. Tenho pensado em experimentar algumas receitas francesas. Talvez um filet de truite poché à la sauce auxcapres...

Ela sorriu, assentindo.

Badger tocou-a no ombro, sorriu e se retirou.

— Não deve permitir tanta liberdade a um criado, Duquesa. Ele a tocou e foi muito familiar em seu discurso. E falou em francês!

— Ouviu toda a conversa, ou só a última parte?

— O suficiente — respondeu Wilhelmina.

— Ah, creio que hoje temos um lindo dia. Vou sair para caminhar. O que acha, tia Wilhelmina? Devo usar uma boina ou um chapéu de palha com fita de cetim?

Wilhelmina a encarava confusa, mordendo o lábio.

— Ah, já sei! Vou trocar o vestido pelo traje de montaria. Cavalgar em uma manhã de sol é um excelente exercício! O que acha?

— Espero que caia do cavalo, porque você é uma vadia.

— O que disse?

— Espero que não demore no passeio a cavalo, porque a casa sem você fica vazia.

— Ah, é claro. Foi o que pensei ter ouvido. Devo estar um pouco confusa, porque ainda é muito cedo.

— Suma de uma vez. A Duquesa limitou-se a sorrir, mantendo os olhos fixos nos dela.

— Uma bela tez — Wilhelmina disse, e acrescentou: — Tome cuidado com o sol.

— Certamente. Tanta bondade de uma parenta sobre a qual jamais ouvi falar! Não antes de o sr. Wicks anunciar o legado de meu pai.

— Gostaríamos de nunca ter ouvido falar sobre você, mas ouvimos, porque Gweneth escrevia contando tudo sobre Chase Park e o que acontecia aqui. Sabemos que só se casou com o conde pela posição e pelo dinheiro.

— Sabemos... De quem está falando, senhora?

— Bem, meu querido filho Trevor disse isso, e ele é muito astuto.

Trevor dissera aquilo? Ela conseguiu manter a calma.

— Não é verdade, senhora. Herdei cinqüenta mil libras, independentemente do título ou do casamento com o conde. Uma soma mais do que suficiente, como pode imaginar. Marcus teria sido prejudicado se não nos casássemos.

— Cinqüenta mil libras! Quem deixa tamanha riqueza para uma bastarda?

— Eu já não era bastarda quando herdei o dinheiro. Caso tenha esquecido, tia Wilhelmina, meu pai me legitimou, algo que espero que lembre no futuro. Uma pessoa se torna tediosa quando esquece todas as coisas.

— O conde não gosta de você. Só se casou porque foi obrigado. Ele vai tomar incontáveis amantes e vai desfilar com elas diante do seu nariz impertinente.

— Isso não é da sua conta, é? Afinal, logo estará longe daqui. Vai voltar para Baltimore, e eu nem vou me lembrar dos absurdos que disse.

A Duquesa saiu e deixou Wilhelmina parada no meio da sala do desjejum, sem saber o que dizer.

Depois de conversar com Badger e acertar o cardápio para aquela semana, ela se vestiu com roupas mais apropriadas e, trinta minutos mais tarde, entrou no estábulo para pedir a Lambkin que selasse Birdie, sua égua preferida.

Trevor estava montando Clancy, rindo da rebeldia do animal, que tentava escapar de seu controle.

— Venha comigo, Duquesa — ele convidou. — Vou a Reeth cumprir uma tarefa que

minha mãe me atribuiu logo cedo.

— A cavalgada até lá leva mais de duas horas, Trevor.

— Sim, eu sei. Sampson me deu excelentes orientações. Venha comigo, Duquesa.

— Só um momento, vocês dois. — Marcus se aproximou deles, empunhando seu chicote de montar. — Gostei da idéia de cavalgar até Reeth. Você se perderia, Trevor, Deus sabe que a Duquesa não é capaz de contornar Chase Park sem minha ajuda. Trevor ergueu uma sobrancelha.

— Apesar de todos os problemas que certamente encontraríamos, nós teríamos sobrevivido, Marcus. Mas você parece determinado a ser o terceiro elemento do grupo. Vamos, então, meu caro, antes que Clancy se apaixone pela égua da Duquesa e tenhamos mais problemas ainda.

Os três deixaram o estábulo e seguiram pela alameda ladeada por frondosos carvalhos. Durante um bom tempo, eles seguiram em silêncio, até que Marcus se colocou entre os dois e disse:

— Não gosto de você andando por aí com homens estranhos, Duquesa. Não sem minha permissão.

Ela se virou na sela.

— Estranho? Você acha que Trevor é estranho, Marcus? Exótico? Peculiar? Não é só o nome que considera esquisito?

— Entendeu bem o que eu disse, Duquesa. Não faça jogos com as palavras, especialmente na presença desse mestiço. Dá a ele imensa satisfação.

— Então, agora sou também um mestiço, além de estranho. Isso faz com que eu me sinta mais aceitável, primo.

Marcus percebeu que agia de maneira ridícula e conseguiu se manter calado até chegarem em Richmond.

O local ficava seis quilômetros a leste do pequeno vilarejo de Reeth, e eles pararam na Hospedaria Black Buli para beber cidra.

— Como estou com você, Duquesa — o conde anunciou, tirando-a da sela —, é aceitável que entre conosco na sala das bebidas. Caso contrário, se estivesse somente em companhia do mestiço, teria de esperar aqui fora, no pátio, para que todos soubessem que entende qual é o decoro exigido de uma dama na sua posição.

— Ele é um marido atencioso — Trevor comentou rindo. — Não, Marcus, guarde seus dardos verbais. Estou com sede. — Olhou para a Duquesa. — Ele sempre se preocupa com o que as pessoas pensam sobre você?

— Não, esta é a primeira vez. E eu gosto disso. Essa atitude o faz parecer autoritário, o senhor da situação.

— Esplêndido, Marcus!

Marcus não respondeu. Furioso, entrou na hospedaria na frente dos outros dois.

Assim que se viram servidos, cerveja para eles e limonada para a Duquesa, os dois homens começaram a discutir a guerra entre Inglaterra e França. Era como se fossem grandes amigos. Falavam como soldados preocupados com estratégia e táticas, não com política e princípios. Eram perfeitamente amigáveis um com o outro, desde que ela se mantivesse quieta.

Quando seguiram viagem para o vilarejo de Reeth, a Duquesa disse a Trevor:

— Este é um dos mais graciosos vilarejos de Swaledale. Vê as casas brancas e pretas? Não são incomuns? E as lojas de cerâmica! Reeth é conhecido por sua excelente cerâmica.

— A loja que devo visitar fica em High Row. — A oeste da encosta, entre as colinas.

— Mais detalhes elucidativos, Duquesa? — Marcus disparou.

— É bom ter informações — disse Trevor. — Há propriedade na educação. E um marido não pode se opor a esse tipo de instrução.

Duquesa percebeu que gostaria de continuar falando sobre a geografia local só para



enfurecer Marcus.

Sua conduta contida a desapontava e enfurecia, de certa forma. Se estivessem sozinhos, ele já estaria praguejando, exigindo que ela se calasse. Mas, como havia uma platéia para sua explosão, ele se limitava a franzir a testa e guardar silêncio. Ela engoliu em seco. Poderia ser... ciúme?

Quando entregaram as rédeas dos animais a um cavaleiro, já no início da tarde, a Duquesa comentou com Trevor:

— Parece que o conde decidiu que você é um bom homem, apesar do nome.

Trevor riu.

— Ele admira minha habilidade de lidar com Clancy, por isso tolera meu nome. Não é assim, primo?

— Clancy é um animal imprevisível — respondeu o conde. — Não há como saber que tipo de homem ele vai tolerar.

Trevor riu novamente.

— E um alívio saber que você diz o que pensa, primo. Porém, é um alívio ainda maior saber que você não é um dos diplomatas de Castlereagh. A Inglaterra estaria em guerra contra o mundo!

Ela riu, um som doce que surpreendeu Trevor e encheu Marcus de fúria. Trevor perguntou à condessa:

— Ele já lhe contou sobre o legado Wyndham?

— O que é isso? Marcus interferiu.

— Não precisa repetir essa bobagem. É só uma fantasia, uma lenda tola.

— Talvez, mas é interessante. E minha mãe acredita que a história é verdadeira. Ouça, Duquesa, porque vou lhe contar tudo agora.

Ele falou sobre o tesouro enterrado em algum lugar, no século dezesseis, provavelmente na época do casamento de Henrique VIII e Anna Bolena, e sobre como o pai dele contara aos filhos histórias e mais histórias, especulando o que poderia ser esse tesouro, afirmando sempre que havia uma riqueza inimaginável escondida em algum lugar de Chase Park. Ele disse também que tia Gweneth mantivera correspondência com seu pai e, depois da morte dele, com sua mãe.

— Eu disse a Marcus que meu pai não forneceu a localização exata, mas contou mais histórias sobre o tempo de Henrique VIII do que de qualquer outro rei. Por isso estamos aqui em Reeth. Minha mãe acredita que há pistas nessa pequena loja de antiguidades em High Row. O nome do proprietário é Leonardo Burgess. Meu pai e esse sr. Burgess eram amigos na infância e na juventude, e se corresponderam com fidelidade e entusiasmo ao longo dos anos. O sr. Burgess esteve atento a tudo por aqui, e no ano passado ele escreveu para minha mãe, contando ter descoberto alguma coisa. Ele parecia estar muito entusiasmado com essa descoberta. Então, estamos em uma espécie de caça ao tesouro, Duquesa. O que acha? Está interessada?

— Acho que é maravilhoso — ela respondeu, rindo. Marcus parecia prestes a explodir.

— Trevor, sua mãe não vai gostar de saber que esteve contando sobre o tesouro — ele provocou.

— Não importa. Como já disse, não acredito que ele exista. Concordo com você, primo. É só um jogo para passar o tempo até eu conseguir tirar minha mãe de Chase Park e levá-la para Londres com meus irmãos. Mas, antes disso, terei de esgotar todas as possibilidades. Ela precisa se convencer de que não há nem nunca houve nenhum tesouro. Deve ter percebido que ela é... tenaz.

— Mas se houver alguma coisa e encontrarmos o tal tesouro, ele pertencerá a Marcus. Sua mãe já se deu conta disso?

— Por isso ela não quer que eu mencione o tesouro. Se souber que trouxe vocês dois comigo hoje, nessa espécie de cruzada, vai querer cortar meu pescoço. Suponho

que ela planeje desenterrar o tesouro no meio da noite, colocá-lo em uma carruagem e fugir, sem que Marcus saiba.

— Vou contar tudo a ela assim que voltarmos — Marcus decidiu. — Cortar seu pescoço é uma idéia que me agrada muito.

— Ele está brincando, Trevor. Nenhum de nós vai dizer nada. Sua mãe nunca saberá que o acompanhamos na sua caça ao tesouro. E Ursula? O que ela acha de tudo isso?

— Ursula é só uma menina.

— Sim, mas ela deve ter alguma opinião sobre o tesouro.

— Se tem, eu não a conheço.

— As meninas pensam, Trevor. E têm imaginação, também. Talvez tenham até talentos que os homens nem imaginam.

— Sim, suponho que sim.

— A Duquesa está certa — concordou Marcus. — As meninas têm muitas coisas, inclusive talentos, que estão sempre surpreendendo os homens. Aquela ali, por exemplo — ele continuou, apontando para uma garota que tentava atrair olhares masculinos. — Aham que ela está apenas flertando, ou procura um homem para satisfazê-la?

A Duquesa permaneceu calada e Trevor franziu a testa para o primo. Caminharam em silêncio para High Row.

O sr. Leonardo Burgess foi uma grande surpresa para os três. Assim que eles se identificaram, o sr. Burges os convidou a entrar na loja, fechou as cortinas da entrada e os levou para a parte do fundo do estabelecimento.

— Não vão acreditar nisso — ele declarou.

— Provavelmente não — respondeu Trevor.

— Fico feliz por ter vindo, sr. Wyndham. E me agrada muito sua presença também, milorde. Conheci seu tio, mas ainda não conhecia sua adorável esposa. É um prazer, milady. Agora, sr. Wyndham, permita-me dizer como lamentei saber da morte de seu pai por meio da querida sra. Wyndham.

O pai de Trevor falecera cinco anos antes, mas ele assentiu com ar solene.

— Obrigado, senhor. Mas... fui informado de que encontrou alguma coisa que pode nos ajudar a localizar o tesouro dos Wyndham.

— Sim, senhor. Sei que acha tudo isso uma bobagem, e que o antigo conde sempre riu muito dessa história, mas não sou um homem propenso a alucinações e fantasias. Esperem só para ver! — Ele se retirou para um compartimento atrás de uma cortina e voltou em seguida com um grande livro que parecia ser muito antigo. Na capa havia um desenho de um crucifixo com um fio de pérolas em torno dele. A cruz era vermelha; as pérolas, cinzentas. A tinta vermelha estava desbotada, mas ainda era vibrante. — Venham para cá, mais longe da luz. As páginas são tão frágeis que temo que se desintegrem quando manuseadas. Agora, olhem aqui, todos vocês.

O sr. Burgess deixou o livro sobre o balcão. Cada página virada provocava uma nuvem de poeira. As letras eram belíssimas, algumas negras, outras azuis, outras do mesmo vermelho brilhante da cruz da capa. Havia desenhos, animais pastando em campinas repletas de formações rochosas ao fundo, sacerdotes abençoando homens e mulheres ajoelhados na praça da cidade, o interior de uma pequena capela normanda que parecia muito familiar. Finalmente, havia desenhos de uma magnífica abadia, traços muito negros contra um fundo de pesadas nuvens cinzentas. As páginas seguintes retratavam campos verdejantes.

— Reconheço essa abadia — disse Marcus.

— Eu também, milorde. É a Abadia de Saint Swale, um dos mais ricos monastérios em todo o norte da Inglaterra.

— As ruínas ficam próximas de Chase Park.

— Então, isso é Saint Swale — comentou a Duquesa. — Farmy, Antonia e eu íamos

brincar nas ruínas quando éramos crianças. Fingíamos ser índias na América desbravada.

— Sim, milady. Cromwell, aquele patife miserável, colocou a abadia no topo de sua lista.

— Cromwell? — repetiu Trevor. — O sujeito que liderou os antimonarquistas e decapitou o rei Charles I no meio do século dezessete?

— Exatamente. Oliver Cromwell foi bisneto do sobrinho desse Cromwell. Traição, ganância e poder se misturavam nas veias desse homem. O rei Henrique VIII nomeou Cromwell seu vice-regente, tornando-o mais poderoso do que qualquer homem deveria ser.

— Então, foi mesmo no tempo de Henrique VIII. E que lista é essa? — Trevor se interessou.

— O rei estava falido. A maneira mais fácil de obter toda a riqueza de que ele precisava era tomar os monastérios, leais ao papa. O rei Henrique VIII era o chefe da Igreja da Inglaterra. Cromwell fez uma lista, começando pelos monastérios mais ricos. Foi o chamado tempo da dissolução, com início em 1513 e duração de três anos.

— Começo a entender de onde deriva a lenda do tesouro — disse Marcus. — Muitos dos monastérios possuíam grande riqueza, não só em terra e prédios e bens, mas em jóias e ouro coletados ao longo dos séculos. E seus artefatos religiosos eram valiosíssimos. Crucifixos de ouro com pedras preciosas, cálices de ouro maciço... Eles sabiam que os homens de Cromwell chegariam, e por isso escondiam tudo que podiam.

— Exatamente, milorde.

— Porém, acredito que, em vez de enterrar tudo, os monges podem ter levado muita coisa quando fugiram.

— Eles eram homens sagrados — protestou o sr. Burgess. — Não queriam que a riqueza do monastério caísse nas mãos lascivas do rei.

— Se bem me lembro, muitos desses monges vagaram pelo mundo depois de Henrique ter vendido seus monastérios para quem oferecesse um preço razoável. Muitos ficaram à míngua, porque não sabiam o que fazer para sobreviver.

— Sim, é verdade.

— Então, tem alguma pista de onde os monges esconderam seus tesouros? — Trevor perguntou curioso.

— Não exatamente, sr. Wyndham. O que tenho é a prova de que existe um tesouro escondido.

O homem virou outra página, na qual havia apenas um texto em latim. Ele disse:

— O monge diz que era Beltane. A celebração de Beltane acontecia no dia primeiro de maio. E um rito antigo, ainda praticado na Escócia e aqui, no norte da Inglaterra. Sim, o monge escreve que era Beltane e a noite era escura. O vento soprava forte e assobiava entre os galhos das árvores, ameaçando arrancá-las do chão. As fogueiras ardiam ferozes e muitas escaparam ao controle, espalhadas pelo vento que transportava as chamas e levava o povo ao frenesi. Muitos homens queimavam e morriam, mas ninguém saía dali, embalados pelos cânticos do antigo rito, cantando em êxtase, realizando os rituais profanos de fertilidade que prenunciavam o crescimento e a riqueza no calor do verão.

Ele relata que, com mais seis irmãos de fé, removeu a arca da abadia, ocultos pelas sombras e apressados, pois tinham ouvido notícias de que Cromwell já mandara seus homens até ali para impedir o que eles pretendiam fazer. Veja! Parece que eles também carregavam um corpo, um grande corpo ensangüentado, ele escreve. Isso é muito estranho. Que corpo? — O antiquário apontou para o texto na página seguinte. — Ele escreve que todos prometeram ao Pai Sagrado que o rei não teria a riqueza de sua abadia para uso imoral.

Havia em seguida um desenho das fogueiras de Beltane, as chamas buscando o

céu e pessoas de expressão transtornada olhando para cima em êxtase. Outra cena, e nela as pessoas apontavam ou tentavam alcançar alguma coisa, mas agora pareciam estar dentro de uma sala, não ao ar livre com as fogueiras de Beltane. Porém, ainda olhavam para cima.

O sr. Burgess virou mais uma página. Não havia mais nada, apenas a prova evidente de que alguém arrancara uma ou mais folhas preciosas.

— Alguém subtraiu as últimas páginas — anunciou Burgess.

— Maldição! — Marcus exclamou.

— Sim, maldição — repetiu Trevor.

— Mas quem? — indagou a Duquesa. — E quando?

— Há muito tempo — disse o antiquário. — Os fragmentos estão amarelados. Vê?

— Quem pode ter sido? — Trevor especulou. — De qualquer maneira, o ladrão não encontrou o tesouro ou a notícia teria se espalhado.

Marcus disse de repente:

— O senhor me parece muito familiar. Deve ser a posição em que sustenta a cabeça ou o jeito...

— Milorde, somos primos distantes. Na verdade, todos vocês são meus parentes — revelou o homem com um sorriso largo. — Minha mãe nasceu de uma relação ilegítima, mas era meia-irmã de seu avô. Por isso o sr. Wyndham e eu fomos amigos de infância e juventude, e por isso mantivemos essa amizade mais tarde, quando ele partiu para as colônias. O conde, naturalmente, nunca me reconheceu como descendente.

Marcus apertou a mão do primo bastardo antes de sair da loja, prometendo que ele seria reconhecido, finalmente.

— Bom Deus — Marcus comentou perplexo na rua, quando iam buscar os cavalos. — Creio que há algum tipo de precedente aqui — ele disse para a esposa. — Acha que devo dar continuidade à tradição de ter filhos fora do casamento? Os fantasmas dos meus ancestrais virão me assombrar se eu não espalhar meus bastardos pela área.

— Isso não vem ao caso — respondeu ela. — O que acabamos de saber me faz crer que o tesouro existe, afinal.

— Eu anotei tudo — contou Trevor.

— E você copiou os desenhos, Duquesa. Estou admirado com seu talento — disse o conde. — Não sabia que desenhava tão bem. Continua me surpreendendo, e não gosto disso.

— Não tem idéia de muitas coisas, Marcus — ela respondeu. — Ou talvez tenha, mas não queira aceitá-las.

Ele viu o sorriso nos lábios da Duquesa e desejou ardentemente que Trevor estivesse em Argel. Ele a desejava. Simplesmente, queria erguer aquela saia de montar, empurrá-la contra uma árvore e penetrá-la ali mesmo.

Maldito Trevor.

Ela voltou-se para ele e, inconscientemente, deu um passo em sua direção. Marcus praguejou.

Notando o intercâmbio entre os dois, Trevor montou Clancy e cravou os calcanhares nos flancos do animal. Ele gritou por cima de um ombro:

— Tomem cuidado para não despencar de um precipício!

Marcus praguejou novamente e a ajudou a montar.

— Espere — ele disse. — Espere.

Sem desviar os olhos dos dele, a Duquesa declarou lentamente em voz baixa:

— Estou decidida a encontrar o tesouro, Marcus.

— Tesouro? — ele murmurou com os olhos fixos em seus seios. — Que tesouro?

Marcus não disse nada durante a cavalcada de duas horas, e quando chegaram ao estábulo em Chase Park, ele praticamente a arrancou da sela e a carregou para um galpão de ferramentas, cuja porta fechou com o pé. Havia uma chave na porta, e ele a



trancou sem soltar a mão da esposa.

Ela jamais imaginara que um homem pudesse sentir tamanha necessidade no meio do dia. E lá estavam eles, a menos de cinco minutos do quarto e da cama. Ele havia esperado duas horas, mas não podia suportar mais cinco minutos? Era fascinante. Isso teria alguma relação com ser menos do que cavalheiro?

Esperava que sim.

Ele a beijou com ardor enquanto a despiu. Deitou-a de costas e tirou-a própria roupa com gestos apressados. Colocou-se sobre seu corpo e voltou a beijá-la, enquanto tocava-lhe os seios, o ventre, as coxas... Estimulou-a com os dedos até levá-la à beira do clímax, e então a penetrou impetuosamente, movendo-se dentro de seu corpo com uma urgência que a incendiava. Ela sentiu uma explosão de prazer, tão forte que gritou, agarrando-lhe os ombros. Logo, o rosto dele se contraiu, mas Marcus se afastou, derramando a semente sobre seu ventre.

Ela não disse nada, simplesmente o encarou. Sentia um imenso vazio, que a consumiria; agora compreendia o que ele planejava na noite anterior.

Não se movia. Talvez, se ficasse quieta, se não dissesse nada e nem respirasse, talvez a dor fosse embora, talvez ele dissesse algo que não a destroçasse.

— Vou pegar meu lenço — ele anunciou, levantando-se em sua gloriosa nudez.

Ela fechou os olhos e se virou de lado, puxando os joelhos contra o peito. Não se importava com o fato de estar nua, exposta. Sentiu as mãos dele nos ombros e no quadril, devolvendo-a à posição anterior, e o lenço que limpava o líquido banco de seu ventre.

— Não ouse chorar, Duquesa — ele disse em voz baixa. — Não ouse derramar suas lágrimas de mulher e me acusar de ter abusado de você, de não ter lhe dado prazer. Sei que sentiu prazer em meus braços, porque ouvi seus gritos e gemidos. Não a privo de nada, exceto de minha semente, mas você já sabia que era essa minha intenção. Se não entendia antes o que eu planejava fazer, agora sabe. Eu já havia dito que não permitiria que meus filhos fossem a realização do desejo de seu pai. E foi exatamente o que fiz. Agora, levante-se e se vista. Ele deixou o lenço no chão, ao lado dela, e foi se vestir. Era como se a tivesse esquecido, como se ela não passasse de um recipiente para sua luxúria. Saciado, ele não precisava mais reconhecer sua presença. Marcus estava o controle. E ela... ela não tinha nada. Ela se levantou e se vestiu. Depois, com tom calmo e contido, anunciou: — Badger vai preparar o jantar esta noite.

O conde a encarou surpreso. Não devia estar surpreso, ele pensou. O que esperava? Lágrimas e queixas? Da Duquesa? Nunca! Nada. Nenhum sinal de emoção, exceto quando queria que ele a satisfizesse fisicamente.

— O que ele está preparando?

— Carneiro assado com molho de damasco. E para a sobremesa, um bolo de amêndoas e cerejas. Era o favorito de minha mãe. E também teremos biscoitos de groselha e açúcar.

Ele a estudou em silêncio, as roupas desalinhadas e o rosto pálido. Ela parecia tão linda e tão desesperada em sua calma, que a visão o alarmou. Não. Não a Duquesa. Ela não sentiria nada que pudesse interferir na estabilidade de sua respiração, exceto quando ele a acariciava. E isso dava a ele um certo poder. E o agradava. Podia destruir sua calma naqueles momentos de intimidade. Ele deu um passo na direção da esposa, mas parou de repente.

— Não acha que é um pouco estranho falar sobre as receitas de Badger depois de fazer sexo comigo?

— Prefere que eu fique calada?

— E o que você sempre faz. Permanecer fria e distante é sua especialidade. Por que eu deveria esperar algo diferente?

— Falei sobre o jantar para quebrar o silêncio, para ocupar o tempo enquanto você se vestia. Teria sido melhor falar sobre outra coisa?

— Sim. De mim, e do prazer que lhe dei. De você, e do que vou ensiná-la a fazer comigo. Está falando, Duquesa, e não está falando de nada em especial.

— Sabe como adoçar peras e ameixas?

— Não.

— Mas deve imaginar que um bom cozinheiro como Badger também é capaz de preparar receitas que podem curar doenças e...

— Cale a boca.

Ela ficou quieta, imóvel como uma pedra.

Marcus a tomou nos braços e a beijou. Ela fechou os olhos, tentando ignorar o calor que desabrochava em seu corpo. Era humilhante!

No instante seguinte ele a soltou.

— Termine de se arrumar. Todos os empregados do estábulo devem saber onde estamos e o que estivemos fazendo. Venha, deixe-me ajudá-la. Há palha no seu cabelo. Ah, e devo levar o lenço. Ele guarda o meu cheiro e o seu. E não quero fazê-la se lembrar de que é selvagem como uma égua com um garanhão.

De repente, algo se rompeu dentro dela. Uma emoção intensa, uma fúria avassaladora que ela não tentou conter. Pelo contrário, ela a deixou crescer e se fortalecer. Podia sentir a ira pulsando em cada centímetro do corpo, ganhando espaço, exigindo ação. A imobilidade, a calma que havia construído com tanto esforço e exibido ao mundo desde os nove anos de idade, quando ouvira uma criada dizer que ela era uma bastarda, brilhava em sua mente como uma chama vermelha e quente. Podia ver as duas criadas conversando, e se sentia novamente uma menina sozinha e amedrontada numa mansão gigantesca. Só agora compreendia a profundidade do ódio da condessa por ela, um ódio que não era pessoal, mas que amaldiçoava sua existência. Não era só ódio. Era desprezo, frieza, maldade. E a condessa aproveitara aquele momento para extravasar rancor, o momento em que ela, uma menina de nove se descobrira ser uma bastarda. Sentira-se afogar naquele ressentimento, e só agora voltava à tona para encher os pulmões de ar. Marcus a nomeara Duquesa por sua altivez, por sua frieza, pela reserva que os outros elogiavam nela. Nutrira esse controle e essa serenidade como rosas em um jardim, como parte natural de si. Tornara-se ela mesma essa serenidade, o reflexo dela. Tornara-se a Duquesa.

Até agora. Agora, a raiva queimava e borbulhava. Estava nua, exposta e queria reagir. Queria reagir com violência, com furor. Ela o encarou e se deixou dominar pela raiva.

Devagar, levantou-se, ajeitou as roupas e notou que as mãos tremiam; sentiu o sabor doce e reconfortante da ira. Ela o viu cruzar os braços, com as pernas afastadas naquela postura de eterna confiança.

— Termine de se vestir. Por que não tenta me provocar? Arrume-se bem devagar, provoque-me jogando os cabelos ou movendo o quadril... É capaz desse tipo de coisa? Duvido.

Ela o encarava em silêncio. Olhava para aquele homem a quem se entregara, o homem que salvara da ruína, e que agia como um tirano, um estúpido selvagem que a humilhava mais do que jamais imaginara que um ser humano pudesse humilhar outro. Ele evitara plantar a semente em seu ventre por odiar seu pai, Tratava-a como um recipiente para sua luxúria, e nem isso permitia que fosse, pois encontrava alívio fora del seu corpo. Desprezava sua capacidade de reproduzir porque ela representava um elo com o tio que ele tanto odiava. Ele a desdenhava como se ainda fosse uma bastarda, e talvez por causa disso. Ele não se importava com seus sentimentos, com o que provocava com as atitudes egoístas e cruéis. E sabia que ela simplesmente aceitaria tudo.

Mas o ódio que Marcus sentia por seu pai não chegava aos pés do ódio que ela experimentava agora.

Era uma fúria que a esfriava por fora e a fazia ferver por dentro, despertando

lembranças da infância e memórias mais recentes do tratamento humilhante que recebera do marido.

Ela olhou em volta e sorriu. Sorriu ao sentir a raiva tomar corpo e se transformar em algo mais palpável. Se tivesse uma arma, teria atirado nele. Mas, como não tinha, ela empunhou o chicote de montaria que o conde esquecera no chão.

— Seu maldito bastardo! — ela gritou, investindo contra o marido. — Acha que vou ficar em silêncio e me deixar humilhar? Acha que pode me tratar como se eu fosse ninguém? Odeio você, Marcus! Seu maldito bastardo! Nunca mais ouse abusar de mim, e nunca mais aja como se tivesse esse direito! Nunca mais!

Ela atingiu-lhe o peito e o ombro com o chicote. Por um instante, o conde não se moveu, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. Essa criatura enlouquecida não podia ser a Duquesa, a mulher que conhecia fazia dez anos.

Ela arfava como se tivesse corrido, como se fosse vomitar.

— Quer que eu tente seduzi-lo? Quer que desfile para você como uma égua em um leilão? Você é um cretino, um devasso patético e imundo! — Ela o golpeou novamente.

— Chega! — ele gritou. — Qual é o problema com você? Há um momento, era plácida como uma estúpida vaca, citando o cardápio de Badger, me obedecendo... nada em sua mente é organizado e comum? Nada em você é normal?

— Nunca mais me chame de vaca estúpida, seu cretino — Ela o atacou outra vez. Marcus tentou alcançá-la, mas ela afastou-se e desferiu novo golpe, errando dessa vez. Ele não conseguia acreditar naquilo. A prova era a dor das duas chicotadas que ela acertara, mas ainda assim.... Ele disse na voz fria que costumava usar nas batalhas:

— Agora chega, Duquesa. Vai se arrepender por ter ousado me atacar.

— Tente me bater, e juro que esgano você, seu patife estúpido e ingrato! Quando penso que o salvei, que senti que lhe devia a sua herança... Você não merece nada, Marcus, exceto uma boa surra para aprender o que é ser humilhado. E disso que precisa!

Ela largou o chicote, armou-se de um arreio e o girou no ar, atacando o conde com toda a força. O metal atingiu-o na cabeça. Ele tocou o crânio e, tonto, oscilou, com os olhos fixos nela, incapaz de acreditar naquilo. No instante seguinte, ele caiu de joelhos, e depois de lado. Inconsciente.

Josephina se sentia forte como uma amazona. Devagar, deixou o arreio no chão, caiu de joelhos e tocou o peito do marido, sentindo seu coração. Os batimentos ainda estavam ali, fortes e cadenciados. Ele sobreviveria, o bastardo. Esperava que tivesse uma dor de cabeça como as piores dores de estômago que ela já tivera.

Ela se levantou, ajeitou as roupas e os cabelos. Calma, olhou uma última vez para o marido, sorrindo ao ver os rasgos deixados pelo chicote em sua camisa, e saiu do galpão, fechando a porta sem fazer barulho.

Chovia. O céu havia escurecido, embora ainda fosse meio da tarde. O vento soprava, e as árvores se curvavam sob sua força avassaladora.

— E como a noite de Beltane sobre a qual escreveu o monge — ela disse em voz alta. Depois riu, jogando a cabeça para trás e deixando a chuva lavar seu rosto os seus cabelos.

Sentia-se bem. Muito bem. Forte. Inteira. Sentia-se absolutamente esplêndida.

O salão verde era aconchegante com a lareira acesa e as cortinas fechadas. Era final de tarde, e ela estava sozinha. Dessa vez, era bom estar sozinha. Ela pensou em Marcus, mas só por um instante. Estaria consciente? O que estava fazendo? Em que pensava? Talvez estivesse voltando para casa nesse exato instante. Devia ir recebê-lo? Melhor não. Se fosse, acabaria rindo dele. Em vez disso, ela sorriu para as chamas, sentindo-se aquecida por dentro.

— Olá, Duquesa. Vejo que está sozinha. Podemos conversar?

Trevor era bonito, simpático, e não era um idiota como seu marido.

— Entre — ela disse.

Ele apoiou um ombro no consolo da lareira.

— Sabe que pode falar comigo, Duquesa. E bem verdade que nos conhecemos há pouco tempo, mas nem todos os estranhos são maus. Alguns são confiáveis. E discretos. Estou vendo que algo a incomoda.

— Não há nada errado comigo. Não mais. Por que acha que algo me incomoda?

— Está muito quieta. Quando fica imóvel como uma estátua e silenciosa como uma pedra, sei que algo a aborrece. Para sua surpresa, ela riu.

— Na verdade, você é muito observador, Trevor. Mas minha quietude agora não é sinal de problemas ou aborrecimento, como era antes. Agora é simplesmente serenidade porque, francamente, estou cansada. Não há nenhum problema comigo.

— Tem razão. Alguma coisa mudou. Está diferente agora. Estava pensando, quando a vi sentada aqui, tão silenciosa e quieta, que Marcus a conhece desde que era uma criança, mas nunca percebeu sua serenidade como um escudo que você fabricou para proteger-se do sofrimento. Ele vê sua tranquilidade como arrogância, como uma maneira de bancar a rainha e manter os camponeses distantes. Isso o enfurece, sabe?

— Você é mais do que observador. É assustador. Como disse, algo aconteceu, e aquela menina que você descreveu não existe mais. Se agora fico em silêncio, ou muito parada, é porque tenho vontade. A vida pode ser bem satisfatória, não? Vejo você no jantar, Trevor.

A Duquesa se levantou da poltrona e saiu da sala, assobiando uma daquelas marchas militares que ouvira Spears cantando.

Trevor ficou onde estava, absolutamente surpreso. O que tinha acontecido? E onde estava Marcus?

— Sobre o que você falava com aquela vadiazinha, Trevor?

Ele ergueu os olhos do fogo e viu a mãe parada na porta da sala.

— Ela não é uma vadia. E a condessa de Chase. Uma dama gentil e com uma bondade que jamais antes vi em outra pessoa. E se não encontrar um comentário de conciliação para encobrir esse último insulto, é bem possível que ela nos expulse daqui. Da casa dela.

— Ela não ousaria. É uma bastarda, e o conde nem gosta dela. Ela não tem nenhum poder aqui. Não é nada. Além do mais, o conde gosta de mim.

Trevor encarou a mãe com um misto de choque e pena. Ela ajeitava os cabelos como se realmente acreditasse no que dizia!

— Mãe, eu garanto que Marcus gosta muito da condessa. — Quase disse que Marcus provavelmente demonstrara isso de maneira física fazia pouco tempo, mas se conteve.

Trevor olhou para a mãe e pensou que não a conhecia realmente. Desde os dezoito anos de idade, não morava mais na casa dos pais em Baltimore. Estabelecera-se em Washington, e lutara como um mouro quando os britânicos haviam atacado a capital. Completara vinte e dois anos durante aqueles dias de sangue e exaustão, e depois, quando tudo aquilo acabara, ele voltara para Baltimore e se casara com a jovem mais linda e mais rica da sociedade local. Seu nome era Helen, e era simplesmente perfeita. Infelizmente, ainda podia vê-la morta, caída com os olhos abertos e a pele cinzenta.

— Vou completar vinte e cinco anos na próxima terça-feira — ele disse a ninguém em particular.

— Pensei que tivesse apenas vinte e três, Trevor. Vinte e dois, talvez.

— Não, mãe.

— Disse aos meus amigos que você era mais novo. Sua idade a tornava mais velha, e ela sofria por isso.

— Não vou contar a ninguém quando voltarmos para casa. Está bem? — Trevor propôs. — Viu James?

— Está por aí, certamente sozinho. O menino me leva loucura. Ele é silencioso

demais, retraído... Queria que ele fizesse alguma coisa.

Na verdade, Trevor sabia a razão do descontentamento do irmão. Ele finalmente se abriu e lhe contara que tinha se apaixonado três dias antes de partirem para a Inglaterra. Sentia falta da srta. Mullens e culpava a família por ter sido forçado a se separar dela.

— Vou conversar com ele, mãe.

— Ótimo. Agora, conte-me de novo tudo que o sr. Burgess falou. Quero formular um plano. Vou tirar o tesouro daqui, e ninguém vai ficar sabendo de nada. Oh, Trevor! Contou aos dois sobre o tesouro? Filho ingrato! Mas eu vou vencer, meu filho velho demais. Você verá! Eu vou vencer!

A Duquesa estava sentada ao lado da janela, olhando para a frente da casa. Não havia nada para ver, porque a tempestade escurecera o céu de verão e formara nuvens negras e baixas. Ainda garoava. A imagem era belíssima. Ela se virou quando a porta de ligação se abriu e Marcus entrou no quarto, saudável e imponente como um lorde. Ele havia desaparecido por muito tempo. Talvez tivesse passado horas deitado, chorando de dor de cabeça... A idéia a fez sorrir. O que ele faria agora? Gritaria com ela? Retomaria a atitude grosseira e ríspida de antes?

Mal podia esperar. Nunca mais o deixaria reduzi-la ao silêncio ou à imobilidade.

— Para sua sorte, senhora, minha cabeça só lateja ocasionalmente. Acordei no galpão, sozinho, e fiquei ali deitado por alguns instantes, pensando no que você fez. Agora, é hora do jantar. Você parece adequadamente vestida, embora o vestido ainda seja revelador demais.

— Obrigada — ela respondeu. — Espero que tenha tido uma terrível dor de cabeça e muita náusea. Estraguei suas roupas com o chicote, Marcus? Deixei marcas? Era o que eu mais queria.

Ele pensou nas duas marcas que encontrara em seu peito e disse:

— Não está usando jóias... Não sabe sobre a coleção Wyndham? Deve ser espetacular, embora eu nunca tenha me dado o trabalho de analisar as peças. Vou mandar retirá-las do cofre. Pode escolher o que quiser.

— Obrigada, Marcus. Nenhuma marca, afinal? Que decepção! Preciso me fortalecer. Quero marcar você, sabe? Para sempre. E quando vir a marca, saberá que eu a fiz, e talvez até se lembre da dor do golpe. — Ela se levantou. — Não quero as malditas jóias.

— Não? Elas são suas, também. Bem, se não as quer, não me importa. Quanto às marcas, nunca mais pensarei naquele galpão do mesmo jeito. Sempre a verei lá dentro, deitada no chão, com as mãos em minhas costas, as pernas me envolvendo... E vou ouvir seus gemidos de prazer, seus gritos de êxtase. Ela sorriu.

— Deve estar no meu sangue, não é? Sangue de meretriz. Talvez seja igual com qualquer outro homem. Talvez eu tenha lhe prestado um grande serviço forçando-o a se casar comigo. Quem sabe? Se outro me tocar, talvez eu levante as saias e gema por ele também. Lamento que seja essa sua única lembrança daquele encontro. Eu teria preferido que você se lembrasse da dor, Marcus. E da humilhação, também. Espancado por uma mulher! Espero que nunca mais se esqueça disso.

— Não tente me atrair para suas armadilhas, Duquesa. Não esqueci o que aconteceu depois de ter gemido em meus braços. Você se ofendeu por nada, me agrediu com um chicote, e depois me nocauteou com arreio de cavalo. Sim, eu senti a dor causada por aquele ataque inesperado e sem nenhuma justificativa.

Simplesmente não decidi ainda como castigá-la.

— Sem dúvida, eu serei a primeira a saber quando você tornar uma decisão. — Ela sorriu. — E saiba que farei tudo de novo sempre que se comportar como um maldito bastardo. Não duvide disso. Não serei mais plácida vaca. Tente me machucar, e juro que vai se arrepender amargamente. Não duvide disso.

— Uau! Então, a serena e silenciosa princesa não existe mais. O que surgiu no lugar



dela?

— Você vai ver, sem dúvida. Sendo quem é e o que é, logo terá sua resposta.

Ele a encarou, e a Duquesa podia jurar ter visto um lampejar de interesse, e de algo mais, perplexidade, fascinação... O que o maldito homem queria dela? Porém, ele apenas perguntou:

— O que fez com os desenhos que copiou do livro do monge?

Ela pegou os desenhos sobre o consolo da lareira e os entregou ao marido. Marcus examinou-os por alguns minutos.

— A cena na praça do vilarejo — disse. — Se não me engano é Kirby Malham. Vê os chalés ao fundo e a ponte sobre o rio? Pode ser o rio Aire.

— E qual é o significado da cena? Por que o padre abençoa as pessoas?

— Não sei. Tenho certeza de que esse desenho retrata a Abadia de Saint Swale. E o sr. Burgess, nosso parente interessante, também acredita nisso. Acho que amanhã irei explorar as ruínas. Não vou lá há anos! Como você e as gêmeas, Mark, Charlie e eu também íamos até lá para brincar.

— Creio que Trevor também pretende visitar o local amanhã, quando parar de chover. E ele vai levar James.

— Maldito! Ele sabia que eu a desejava naquele momento, e teria partido na caça ao tesouro sem mim, não fosse pela tempestade.

— Ele sabe que o tesouro, se realmente existir, pertence a você, Marcus.

— Sou forçado a reconhecer que ele é um cavalheiro, talvez até honrado. Mas o nome dele ainda me irrita.

Marcus deixou os desenhos sobre uma mesa, virou-se e tomou-a nos braços. Enquanto a beijava, ela não se movia, não por estar serena e calma, mas por querer saber o que ele pretendia fazer. Marcus interpretou sua reação como indiferença.

— Vejo que a calma e o silêncio estão de volta. A explosão temperamental foi uma encenação, Duquesa? Sinto-me tentado a insultá-la para provocar outro surto como aquele, só para ver o que vai fazer. No momento está no papel da virgem frígida, ou da rainha altiva, não sei, mas se tiver mais alguns minutos com você... — Ele suspirou e se afastou. — Não temos tempo agora. Nossos parentes das colônias nos esperam na sala de jantar. Disse que Badger preparava carneiro?

— Sim, como molho de damascos. E você superestima seu poder de sedução, Marcus. Não se esqueça de quem sou filha. Você é apenas um homem, talvez nem tão habilidoso com as mulheres, embora eu não tenha experiência para julgar adequadamente. E verdade que meu corpo responde ao seu de maneira exacerbada, mas é só isso. O mundo está cheio de homens, alguns encantadores, outros belos, outros sedutores, e alguns que podem me achar deliciosa. Talvez um deles me dê um filho. Quem sabe?

Ele riu, segurou a mão dela e a apoiou no braço. Contudo, ela sabia que o atingira, ao menos um pouco. Ele não planejava retaliar? Certamente, não ignoraria o que ela fizera. Tentaria alguma coisa, pois um homem como Marcus não permitiria que outra pessoa, especialmente uma mulher, uma esposa que ele desprezava, o agredisse e não fosse punida. Sabia que ele retaliaria. E estava pronta para esse momento. Ele que tentasse o pior!

— O sr. Badger é maravilhoso!

— Ele é um criado, Ursula. Modere a linguagem e lembre-se de quem você é.

— Sou uma americana, mamãe.

— E neta de um conde. Modere o vocabulário. Trevor decidiu interferir.

— Ursula só disse a verdade, mamãe. Somos todos americanos. Eu lutei contra os britânicos, apesar dos meus antecedentes. Além do mais, não é isso que discutimos aqui. Badger é realmente um homem com mais talentos do que todos que conheci.



Marcus disse a Ursula:

— O que acha de Spears?

— Ele é sempre muito gentil e paciente. E tem uma bela voz quando canta. Hoje o ouvi cantando uma canção sobre lorde Castlereagh e o congresso em Viena. Era muito divertida, embora agora não recorde as palavras.

— Creio que também ouvi a Duquesa cantando essa canção — disse Trevor. — Lembra-se da letra, Duquesa?

Ela pousou a xícara de chá no pires e recitou:

Viena é o lugar para deixar sua marca.

Leve tudo que possa fazer barulho e criar fuzarca.

Talleyrand cederá a França por uma ninharia;

Castlereagh tem boa parte de Portugal para vender como uma iguaria.

Não se esqueça de mentir e enganar.

Use a língua, em vez dos pés, para dançar.

É hora de roubar; é hora de representar e cantar sua sonata;

Por tudo que é sagrado, esse é o dia do diplomata.

— Como conhece essa letra?

Ela olhou para o marido.

— Por que não deveria conhecê-la, Marcus? Sou um ser humano sensível, apesar do que dizem. Não considera a canção muito inteligente? Eu mesma acho que o compositor é mais do que inteligente. E brilhante. Há muito talento nessas rimas.

— Têm surgido muitas delas, e parece que Spears as conhece todas. Mas você é uma mulher, Duquesa. Como pode conhecer essa canção, e saber a letra de cor?

— Ursula acabou de contar que Spears a cantava. Eu ouço o que é dito à minha volta. Tenho excelente memória. Muitas damas têm memória e bom raciocínio, Marcus.

Ela mentia. Marcus sabia disso, mas não sabia por quê. Estava zombando dele, outro resultado inesperado do ataque no galpão. Ela mudara... Ou não? A verdade é que ela o fascinava. Marcus aceitou a xícara de chá oferecida por sua prima Fanny.

— A canção é inteligente, mas você não canta bem — disse tia Wilhelmina. — Ursula tem uma linda voz. Eu mesma a treinei.

— Mãe! A Duquesa é perfeita! Ouviu como ela recitou a letra da canção? Foi maravilhoso!

— Nem sempre ela é perfeita — disse Marcus. — Minha esposa tem muitas facetas, e hoje à tarde descobri que nem todas são o que um homem pode esperar.

Ela não pretendia ficar no quarto esperando para ver se o conde iria procurá-la. Marcus estava acostumado a estar no comando de tudo. E, para ser franca, temia se derreter se ele a tocasse. Não podia permitir que isso acontecesse. Dirigiu-se ao pequeno aposento no fundo do corredor e se deitou sob as cobertas empoeiradas e úmidas, cheirando a desuso e descuido. Não conseguia dormir, não só pela estranheza da cama e pelo desconforto causado pela poeira e o mau cheiro, mas porque seus pensamentos fervilhavam. Quando não pensava em Marcus, no que ele estava fazendo, pensava no tesouro Wyndham, em Henrique VIII, na abadia... Já aceitara a existência desse tesouro como um fato.

Ela suspirou, jogou longe as cobertas, e em poucos minutos entrou na vasta biblioteca de Chase Park. Por onde começar?

Acendeu algumas velas e passou a examinar as prateleiras mais próximas da porta e do chão.

Um relógio do lado de fora, no corredor, bateu quatro vezes. Ela não sabia que era tão tarde. Surpresa, ergueu os olhos do grande volume que tinha entre as mãos, incapaz



de acreditar na própria sorte. A descoberta a enchia de entusiasmo. Quando entrara na biblioteca, não esperava realmente nada em especial, mas encontrara algo interessante. Cuidadosa, ela depositou o livro sobre a mesa de mogno e começou a virar as páginas com muita delicadeza.

Era o mesmo tomo que o sr. Burgess tinha em sua loja, todo escrito em latim e cheio de estranhos desenhos.

Ela o encontrara por acidente momentos antes, ao derrubar um livro muito antigo, cujas páginas não eram lidas, mas cujas capas eram rigorosamente limpas uma vez por mês pelos criados da casa. Atrás daquele velho livro, ela tinha achado o outro, recoberto por muitas camadas de poeira, esquecido no fundo da estante por anos a fio, tantos quanto ele tinha de vida provavelmente.

Quem escondera o livro, e por quê? Ela virava as últimas páginas e sentia o coração bater mais depressa. Os desenhos eram um pouco diferentes, o que era de se esperar, considerando que cada tomo fora produzido em um momento distinto. A Abadia de St. Swale ainda aparecia em riscos negros, e a cena na praça do vilarejo era tão estranha quanto a outra. Lentamente, ela virou a página. Ali as últimas folhas não haviam sido arrancadas como na cópia do sr. Burgess.

Tudo era escrito em latim, naturalmente, e havia filiais duas folhas.

Ela se inclinou, aproximando as velas do livro para estudar o texto. Podia entender alguma coisa, o suficiente para apreender o sentido. Havia o nome Cromwell, o vice-regente de Henrique VIII, e alguma coisa sobre homens que ele enviara, jovens arrogantes que tinham vendido a alma para seu senhor, Cromwell. Ela continuou estudando a página, parando ao reconhecer as palavras para "árvore" e "cisterna". Derrotada pelo restante do texto, ela virou a última página e, para sua surpresa, havia ainda mais um desenho. Um carvalho muito antigo, retorcido e encurvado, debruçado sobre um poço de pedra. Um balde preso por tiras de couro pendia de uma corrente ligada à alavanca no alto do poço. Havia pilhas de pedras ao fundo, não rochas espalhadas aleatoriamente, mas num arranjo planejado. O que representavam? O carvalho dominava o cenário e ficava sobre uma pequena elevação. O céu era negro, como se estivesse se derramando sobre a cena. A tinta usada no desenho era escura. Então, de repente, ela ouviu alguma coisa. Um som abafado, como alguém respirando profundamente. Infelizmente, era tarde demais para reagir ao alerta. Ela se virava quando viu a sombra e sentiu o pânico.

Um instante depois, um violento golpe contra sua cabeça a lançou na escuridão.

Ela abriu os olhos e viu o rosto de Marcus perto do dela. Preocupado. Com ela? Não, era impossível. Marcus não se importava o bastante para ficar preocupado. Então, o que o incomodava?

Uma onda de dor quase a fez mergulhar novamente na inconsciência.

— Marcus...

— Shhh... Fique quieta. Eu sei que dói. Você tem um calombo enorme sobre a orelha esquerda.

Ela queria falar, mas sabia que, se tentasse, a dor seria muito maior. Por isso se limitou a assentir e fechou os olhos.

Os dedos em seu rosto afastavam os cabelos da testa e a afagavam.

— Spears disse que musselina ensopada em água de rosas ajudaria a reduzir a dor. Badger diz que você ainda não pode receber láudano, não enquanto não tivermos certeza de que não houve nenhuma lesão interna provocada pelo golpe que levou.

Ela virou a cabeça e apoiou o rosto na mão dele.

— Isso mesmo, tente relaxar. Quando se sentir melhor vai poder nos contar o que aconteceu. James a encontrou desacordada no chão da biblioteca, com algumas velas

acesas sobre a mesa... Foi a luz das velas que o atraiu. Ele pensou que você estivesse morta. Duquesa, você quase me matou de susto. E o pobre James! Ele gaguejava de medo, pálido e trêmulo. Não faça mais isso. Deve ter caído e batido a cabeça na quina da mesa. Passava das quatro da manhã quando ele a encontrou. O que fazia lá? Não, fique quieta. Eu esqueci. Fique quieta. Conversaremos mais tarde. Abra os olhos e relaxe. Isso mesmo. Badger disse que devemos manter você acordada. Por isso estou falando sem parar. Agora... Quantos dedos vê aqui?

Ela via os dedos, fora de foco, sim, mas os via.

— Três...

A simples palavra quase a fez gritar de dor. A compressa em sua testa foi substituída por outra mais fria. Era maravilhoso.

— Milorde, temos de mantê-la aquecida e relaxada, mas acordada — disse Badger.

Ela soube que estava segura. Ninguém mais poderia agredi-la. Não com Badger e Marcus zelando por sua segurança.

— Preparei a mistura conforme suas instruções, sr. Badger — Spears disse ao lado da cama. — Se puder virar a cabeça dela delicadamente, milorde, eu aplicarei a mistura ao local do hematoma.

— Isso vai reduzir o inchaço e a dor — explicou Badger.

Marcus a moveu com grande cuidado. Ela não percebeu que chorava até sentir um dedo secando suas lágrimas. Marcus murmurou:

— Calma, Duquesa. Spears tem dedos muito leves. Vai doer um pouco no início, mas vai melhorar. Badger afirmou que vai melhorar.

Spears aplicou o bálsamo. De repente, ela sentiu o estômago se rebelar, piorando o terrível latejar na lateral de sua cabeça, e passou a engolir convulsivamente.

Badger disse:

— Respire profundamente, Duquesa. Isso mesmo. Vai ajudar a superar a náusea. Não, não lute contra ela. Faça como eu digo. Respire. Muito bem.

Quando eles finalmente misturaram o láudano ao chá, ela se sentiu muito melhor, mas Marcus ainda não permitiu que ela falasse.

— Agora durma, Duquesa.

— Não me deixe — ela sussurrou.

Ele ficou em silêncio por um momento, um silêncio surpreso que se estendeu por tanto tempo que ela temia não ter conseguido se expressar claramente. Mas, finalmente, ele respondeu:

— Não vou sair daqui. Prometo.

Ela examinou os ferimentos. Havia um constante latejar sobre o olho esquerdo. A náusea desaparecera, como a dor da pancada na cabeça. Lentamente, ela abriu os olhos. Marcus não estava ali, e ela gritou, em pânico.

— Estou aqui — ele disse, aproximando-se da cama. — Acalme-se. Estou aqui.

— Você prometeu que não me deixaria.

— Estava alimentando o fogo na lareira. Não saí do quarto. Ah, só uma vez tive de sair para aliviar-me, Duquesa. Mas mandei Badger ficar e velar seu sono enquanto eu estava ausente. Como se sente?

— Como um barril de cerveja que caiu do vagão e rolou precipício abaixo batendo nas pedras. Mas o barril só tem um pequeno vazamento.

— Senti algo parecido — ele comentou rindo, tocando seus lábios com os dele. — Quer um pouco de chá? Badger disse que você sentiria sede e deixou uma infusão de ervas que ele mesmo preparou.

Ele a ajudou a beber, depois perguntou:

— Está com fome?

— Não, nenhuma. O chá está muito bom.

— Sente-se bem agora?

— Sim, estou bem melhor.

— Ótimo. O que estava fazendo na biblioteca às quatro horas da manhã?

— O legado Wyndham... Encontrei pistas em outro livro muito antigo como aquele do sr. Burgess.

— Se queria sair para ir caçar o tesouro, devia ter me acordado. Não vai mais fazer esse tipo de coisa sozinha, ouviu bem? Não vai fazer mais nada sozinha. Agora, com relação ao livro... não havia nenhum quando fui buscá-la na biblioteca.

— Alguém bateu na minha cabeça e o levou. Acho que alguém me viu lendo e me bateu para pegar o livro.

— Não. Isso não faz sentido. Deve estar confusa, Duquesa. Talvez tenha caído e batido a cabeça...

— Lamento, mas alguém me agrediu, Marcus. Acreditar nela implicava aceitar que alguém na casa a ferira deliberadamente. Alguém em sua casa tramava contra o bem-estar da família.

— O maldito tesouro — ele resmungou. — Onde encontrou o livro?

— Em uma prateleira baixa, atrás de outros livros.

— Muito bem. Você foi à biblioteca para procurar pistas e encontrou o livro. Esteve lá por muito tempo? passei pelo seu quarto e não a encontrei na cama. Fiquei perturbado, mas não fui procurá-la...

— Estava no quarto do final do corredor, mas não conseguia dormir. Como já expliquei, fui à biblioteca para procurar pistas... Nunca imaginei que encontraria alguma coisa importante, especialmente aquele livro, mas encontrei. Mais alguém deve ter visto a luz das velas. Eu não ouvi nada, e quando tive a impressão de que mais alguém respirava ali, percebi um movimento e tentei me virar, mas... Estava tão concentrada no texto e nos desenhos que...

— Não se agite, ou vai ficar enjoada. Feche os olhos um momento e respire profundamente. Isso mesmo. Relaxe, Duquesa.

Ele a estudou nesse instante de silêncio. Seu rosto estava assustadoramente pálido, mas Badger garantira que ela ficaria bem. Só mais algum tempo, ele dissera.

A Duquesa adormeceu. Lentamente, ele se levantou da cama e alongou os músculos cansados. Queria um banho e roupas limpas; por isso, puxou a corda para chamar Maggie, que apareceu em seguida com os cabelos vermelhos ainda emaranhados, porque era cedo, pouco menos de oito horas da manhã. Ele a mandou buscar Badger, que conversava com Spears no quarto do valete, ao lado daquele onde ele e a Duquesa estavam.

Os bisbilhoteiros...

Ela se sentou na cama e conseguiu manter-se sentada. Ainda estava pálida e fraca, mas pelo menos podia se controlar novamente.

— Ainda está muito pálida — Maggie comentou enquanto trançava os cabelos de sua senhora. — Mas já parece um pouco melhor.

— Obrigada, Maggie.

— Precisa comer alguma coisa. Badger mandou um caldo. Não é muito saboroso, mas se pensar que poderia estar morta...

— A náusea já passou, Maggie. Posso tentar me alimentar.

— Ótimo, porque não gosto da idéia de limpar esse tipo de sujeira.

Marcus conteve o riso. Na verdade, conter o riso não era difícil quando pensava no que acontecera. Alguém atacara a condessa de Chase em sua própria casa. E devia ter sido um dos parentes das colônias. Tia Wilhelmina era sua principal suspeita, a velha



miserável e gananciosa.

— Eu sonhei, ou alguém esteve aqui enquanto eu dormia? — a Duquesa perguntou.

— Trevor mandou chamar o médico no vilarejo, mas Badger o expulsou quando o viu se preparando para uma sangria. — Marcus não conseguia disfarçar a irritação. — O homem é uma relíquia!

— Alguém disse alguma coisa sobre o que aconteceu?

— Quer saber se tia Wilhelmina chorou e confessou tudo? Lamento, Duquesa, mas não tivemos tanta sorte. Parece que James estava passando pela porta da biblioteca a caminho do estábulo. Ele havia decidido ir visitar as ruínas ao amanhecer para procurar o tesouro. Uma idéia romântica que o teria deixado com uma bela inflamação nos pulmões, considerando nossas manhãs úmidas. Talvez James a tenha atacado para pegar o livro, e só depois deu o alerta. Pode ter sentido medo pensando que a matara, ou pode ter achado que você morreria se não fosse socorrida. Não sei. A propósito, o que fazia fora de seu quarto?

— Eu não queria ficar lá. Temia que fosse me procurar.

— Entendo. — Fora estúpido ao fazer a pergunta naquele momento, dada a condição dela. Não, perguntaria outra vez quando ela estivesse melhor e pudesse gritar com ela e erguer-lhe as saias e enlouquecê-la de prazer.

Então talvez ela gritasse com ele e...

— Por que está sorrindo, Marcus? — Eu? Ah, por nada. Estava pensando na mistura que Badger está preparando para você. Nem minha gata suportou o cheiro. Ou foi a voz de Spears insistindo em cantar enquanto mexia a panela com a mistura na cozinha.

Ele estava mentindo, mas era bom nisso, e ela não se importava. Também havia acabado de mentir para ele.

— Agora, conte-me sobre o livro e as tais páginas finais.

Ela relatou tudo que vira e, no final do relato, aparentemente distraído, Marcus se levantou:

— Aonde vai?

Ele sorriu para a esposa.

— Então, minha companhia agora é indispensável? Não se preocupe, Duquesa. Tia Gweneth logo estará aqui. Ela está muito preocupada com você. Não vai sair daqui enquanto eu não voltar.

Cinco minutos depois de Gweneth chegar e afagar seus cabelos delicadamente, tentando aliviar sua dor de cabeça, Wilhelmina apareceu vestida de roxo, exibindo um decote atrevido que pouco condizia com sua idade e seu porte físico.

— Oh, querida — Gweneth disse aflita —, Marcus não quer mais de um visitante no quarto. A Duquesa ainda está muito fraca.

— Então, alguém atacou você — Wilhelmina disse como se não tivesse ouvido o aviso de Gweneth. — Que pena.

— Exatamente. Alguém me agrediu para pegar o livro. O mesmo livro que o sr. Burgess tem em sua loja.

— Está mentindo. Ninguém ia bater em você para pegar aquele livro estúpido.

— Willie, a Duquesa está doente. Peço que se retire agora. Ela precisa repousar.

— Espero que ela morra e nunca mais vejamos a prostituta.

— O quê!? O que disse, Wilhelmina?

— Disse que espero que a socorra e nunca mais tenhamos essa labuta.

A Duquesa fechou os olhos para não ter de olhar para Wilhelmina.

Ursula e as gêmeas surgiram na porta do quarto.

— Mamãe, a Duquesa precisa descansar — Ursula disse com um tom maduro e firme. — Venha conosco. Fanny e Antonia querem lhe mostrar o novo comedouro que construímos para as aves. O sr. Oslo, marceneiro da propriedade, nos ajudou, mas fizemos quase todo o trabalho sozinhas e até pintamos a peça. Ele tem a aparência da



nossa casa em Baltimore.

— Ah, muito bem, então. Descanse em paz, Duquesa, talvez para sempre.

— Wilhelmina!

— Por que o espanto, Gweneth? Eu só disse para ela descansar em paz, e melhorar sempre.

— Mamãe, por favor, venha conosco. Quando ficaram sozinhas novamente, Gweneth disse:

— Perdoe-a, Duquesa. Ela não é uma mulher muito diplomática, e sua vida não tem sido fácil.

— Quer me dizer que ela morria de fome em uma taverna suja quando seu irmão se casou com ela? Ou que era órfã e estava acorrentada, submetida a trabalhos forçados em uma instituição clandestina? Ah, não? Então era sarampo! Ou seu irmão, meu tio, batia nela?

— Bem, não exatamente. Porém, você abordou quase todas as possibilidades. Colocou a situação muito bem, realmente. Parece diferente, Duquesa. O que quis dizer é que... Bem, Wilhelmina não é uma pessoa muito feliz.

— Ela é uma criatura detestável e maldosa — a Duquesa disparou. Depois respirou profundamente. — Gostaria de descansar agora, tia Gweneth, e não vai ser para sempre.

— Não, querida, é claro que não. Continue tomando as poções do sr. Badger. Gosto dessa nova acidez em suas palavras, meu bem. E uma mudança e tanto, e é muito revigorante. Não acha?

Quando ela acordou, já era final de tarde. Badger estava sentado ao lado da cama, e sorriu ao vê-la de olhos abertos. Ele segurou sua cabeça e a fez beber um pouco de água.

— Você sempre sabe o que fazer. Obrigada.

— A srta. Antonia me contou que aquela americana esteve aqui. Essa pessoa, que só é sua tia por casamento, não vai mais poder incomodá-la. O sr. Spears e eu criamos uma escala. Sempre que o conde não estiver aqui, um de nós estará, ou Maggie. Não será mais aborrecida, Duquesa.

— E eu estarei sempre por perto. Como se sente, Duquesa?

A voz de Marcus a encheu de vigor e energia.

— Agora estou bem, Marcus. Se quiser, pode começar a gritar comigo. Minha cabeça não vai explodir.

— Não, obrigado. Não na frente de Badger. Hoje à noite jantaremos juntos, aqui no quarto, e amanhã veremos se você se sente bem o bastante para sair da cama.

Naquela noite Marcus dormiu com ela, nu e à vontade, como se tivessem dormido juntos nos últimos vinte anos. Ele segurava sua mão, transmitindo uma sensação de segurança que ela jamais sentira antes.

— Toda essa agitação me deixou de cabelos brancos, Duquesa. Depois disso, peço que passe as noites em sua cama e nunca mais saia sozinha para ir procurar pistas.

— Está mentindo. Onde estão os cabelos brancos?

— Ah, não! Não vou acender uma vela para você procurar meus fios brancos. Vamos deixar isso para amanhã.

— Certo. Descobriu alguma coisa?

— Não. Todos dizem que dormiam profundamente às quatro da manhã. Os Wyndham tiveram séculos para aperfeiçoar a arte da mentira e da falsidade. Nenhum de nós pisca ou treme quando conta uma mentira. Nem mesmo você, Duquesa.

— Não seja exagerado, Marcus. — Não é exagero. Isso é muito interessante, sabe? aqui estamos nós, lado a lado na cama como se espera de um casal, e admito que estou mais rijo que os tijolos nas paredes, mas não vou atacar você, mesmo sabendo que



gostaria disso.

Antes ela teria ficado silenciosa como uma pedra. Mas, agora, riu e puxou para trás o polegar do conde, causando uma dor que o fez gritar.

— Outro ataque físico, Duquesa? E a meu polegar?

— Minha cabeça está doendo. Eu não teria forças para mais do que isso. Ele riu.

— Durma, Duquesa. Boa noite.

— Esteve nas ruínas da abadia?

— Sim. Trevor e James estavam lá, vasculhando o local. Ursula chegou pouco tempo depois para procurar também. Uma verdadeira família feliz, todos esperando encontrar alguma coisa e esconder o achado dos outros. Não gosto nada disso.

— Ursula é diferente. Se encontrasse alguma coisa, ela a teria levado para você imediatamente. Ela e Fanny o idolatram. Vai acabar explodindo de vaidade com tantas mulheres a seus pés.

— Enquanto isso, minha mulher passa os dias na cama, em vez de me proteger.

— Relaxe, Marcus. Ursula gosta muito de mim. Ela nem pensaria em me tirar o marido.

— Ah, que alívio! Os dois riram.

O alívio durou um dia e meio. Ela descansou, e o inchaço atrás de sua orelha desapareceu. Maggie lavou seus cabelos, removendo todos os resquícios dos bálsamos e óleos que Spears aplicara no local. Na segunda noite, Marcus entrou no quarto vestindo sua camisa de dormir, e ela soube que não havia mais nada embaixo dela.

Ela se lembrou de como fugira do quarto para não tentar de enfrentá-lo. Nunca mais fugiria. Agora estava preparada para o conde, seu marido.

— Olá, Marcus. Hoje me sinto muito bem — ela disse. — Pretende exercer seus direitos conjugais? Vai se deitar comigo e despejar sua semente fora do meu corpo?

Ele parou. Conseguira surpreendê-lo novamente. O conde balançou a cabeça, certo de que nunca se acostumaria com essa nova faceta da esposa.

Ela se transformava diante de seus olhos. Agora estava séria, compenetrada.

— Precisa de um herdeiro, Marcus. Seu orgulho não pode impedir que dê seguimento à linhagem dos Wyndham. Por que não esquece meu pai e o que ele fez? Não tem importância. Não nos afeta mais.

— Ah, sim, afeta. E sempre afetará. — Ele sorriu, Não permitiria que essa mulher frágil o controlasse.

— Quando me forçou a casar, você removeu muitas das minhas opções, Duquesa. Mas ainda restaram algumas.

Agora se dispa. Estou cansado de esperar.

— Muito bem.

Ela não disse mais nada. Sentia-se fria por dentro. Sabia que Marcus queria seu prazer e o dela, porque o envaidecia ouvi-la gemer em seus braços. De início, ele foi gentil e persistente, tocando-a e beijando-a em todas as partes do corpo, mas ela não sentia nada. O ato de amor era vazio quando a alma dele não participava. E lá estava ele, seu fogo marido, completamente isolado dela, sentindo paixão e frustração por não poder excitá-la. Não tinha importância. A Duquesa continuava deitada e imóvel, entorpecida, esperando que ele terminasse.

Finalmente, Marcus parou e a encarou. Ele a fitou por alguns minutos, abriu a boca como se pretendesse falar alguma coisa, mas não disse nada. Em vez disso, simplesmente a penetrou profundamente e com força desnecessária.

Ela se espantou, mas não sentiu dor. Não como antes, porque agora seu corpo havia sido preparado para o ato. Também não sentia prazer. Tudo o que sentia era a rigidez, a pressão... e a distância. Ela esperava sem se mover.

E então, como antes, ele se afastou e despejou sua semente sobre o ventre da esposa. Quando tudo terminou, ele se ajoelhou na cama e a fitou. Ela o encarou com um

olhar tão frio quanto o mar do Norte durante o solstício de inverno.

— Já terminou? Pode providenciar um lenço, por favor? Não gosto de sentir sua semente espalhada sobre mim. E não se preocupe, não tenho nenhuma arma para atacá-lo, embora você mereça ser espancado. Tudo que quero é um lenço. Depois disso, pode sair. A frieza estava de volta, e Marcus queria gritar com ela. Mas agora ela zombava dele, debochava de seu comportamento, e ele não sabia como reagir. Não conseguira excitá-la. Fizera de tudo, e ela não respondera. Então, ela odiava sentir sua semente? A indiferença o atormentava. Naquele momento a odiava, odiava a esposa por despertar seu corpo, sua paixão e permanecer ali imóvel, fria, esperando ansiosa pelo fim do contato. Ele se levantou furioso.

— Não acredito nisso. Prefiro que grite comigo como fez no galpão. Prefiro... Não. Deus sabe que não a queria por esposa, Duquesa. Só usarei seu corpo até voltar para Londres. Então, não terá mais de aturar minha presença.

No instante seguinte, ele saiu do quarto e bateu a porta.

Ela se levantou e lavou do ventre os resquícios do prazer de Marcus. Depois se vestiu e voltou para a cama, tentando se aquecer com o calor que ele deixara entre os lençóis. Já não sentia raiva. Talvez devesse deixar uma arma sempre à mão. Assim, estaria preparada para Marcus, já que não podia prevêê-lo. Sim, seria bom ficar preparada.

A Duquesa subiu na cerca baixa e olhou em volta, estudando a paisagem. De um lado havia árvores, a oeste o pântano, e diante dela, terras férteis e muito verdes. Colinas esparsas alteravam o relevo em alguns pontos, e havia um riacho. Peças, muitas peças. E ela não sabia como encaixá-las para montar o quebra-cabeça.

Só queria encontrar o carvalho retorcido. Desceu da cerca e continuou andando. Onde estaria a árvore?

Chegara às ruínas da Abadia de St. Swale após uma caminhada de vinte minutos. Fazia uma semana que visitava o local todos os dias, examinando os destroços, procurando sem saber o quê.

Quanto a quem a agredira e levara o livro, ainda não sabia quem fora. Marcus também não descobrira nada. Spears, Maggie e Badger a protegiam o tempo todo. Até o sr. Crittaker e Sampson tinham se juntado à guarda. Nunca ficava sozinha na casa. Nunca. Nesse momento, seus guarda-costas achavam que ela repousava, como os levara a crer que fazia todos os dias nesse mesmo horário, quando escapava sozinha. Por isso caminhava, em vez de montar. Lambkin era leal a Marcus e a teria delatado.

Ela estava de joelhos no local que devia ter sido a cela de um monge, estudando algumas pedras, quando ouviu a voz furiosa:

— Que diabos você está fazendo aqui? Devia estar descansando!

Devagar, ela se virou.

— Marcus — disse simplesmente.

— O que faz aqui?

— Estou apenas olhando. Venha ver esta pedra. Há um desenho nela. Apagado, é verdade, mas ainda é possível identificar as linhas. Estamos na antiga cela de um monge, tenho certeza disso. Ajoelhe-se aqui e olhe.

Ele a segurou pelo braço e a pôs em pé.

— Mentiu para todo mundo, não é? — O conde a sacudiu. — Não tem sido a dama delicada que se réditio em seu leito todas as tardes! Não, você tem vindo para cá para cavar a terra e vasculhar as ruínas. Vamos, fale alguma coisa!

— Marcus... — Ela empalideceu. — Não me sinto bem. Acho que vou...

Ele a soltou assustado. A Duquesa caiu de joelhos e vomitou sobre a terra. Logo ela sofria com os espasmos vazios, porque não comera muito. O conde se abaixou a seu lado e a amparou, notando que ela tremia.

— Eu disse que devia descansar — ele comentou em voz baixa, culpado por tê-la perturbado tanto. — Veja o que fez! Ainda está se recuperando daquele golpe na cabeça. Agora entendo por que não gritou comigo nem me atacou. Estava lutando contra o mal-estar.

Ele a ajudou a ficar em pé e ofereceu-lhe um lenço, que ela aceitou para limpar a boca. Estava suando frio e tremendo.

Marcus a tomou nos braços. Silencioso e tenso, conseguiu montar sem soltá-la, amparando-a entre os braços, e foi assim que a levou das ruínas, parando a montaria à margem do estreito riacho no caminho de volta para a casa.

Lá ele a retirou da sela e a sentou sobre o solo úmido. Unindo as mãos, recolheu um pouco da água fresca e a ajudou a lavar a boca e o rosto. Depois, ela bebeu um pouco da água, mas o primeiro gole trouxe de volta a náusea. Tremendo, a Duquesa fechou os olhos e cruzou os braços, tentando se controlar.

Marcus a levou para a sombra de uma árvore, sentou-se e a apoiou contra o peito.

— Descanse. Sente-se melhor agora?

— Não sei.

— Está tremendo... Repouse um pouco.

Ela fechou os olhos e, minutos depois, adormeceu.

Marcus ficou ali amparando o corpo frágil e adormecido, ouvindo as abelhas voando em volta da árvore. Uma vaca mugiu em algum local distante. Stanley ruminava a relva em torno dele. Ele fechou os olhos. Quando acordou, o sol percorrera uma boa distância do céu para oeste. A Duquesa também estava acordada.

— Antes de se mexer, analise como se sente.

— Estou bem agora. De verdade. Obrigada por ter me ajudado, Marcus.

— Vi quando saiu e decidi segui-la. Por que não veio cavalgando, pelo menos?

— Porque Lambkin o teria alertado imediatamente.

— Fez isso antes?

— Sim, tenho vindo todos os dias há uma semana. Quero encontrar o carvalho com o banco sob seus galhos. Deve ficar próximo da abadia, mas ainda não consegui localizá-lo. Sinto-me tão frustrada!

— Escute, Duquesa, não pensou que a pessoa que a atacou na biblioteca pode estar esperando uma chance para repetir o ataque?

— Por quê? A pessoa viu o livro e quis pegá-lo. Eu estava no caminho. Só fui atacada por causa do livro, Marcus.

— Como pode saber? Agora vamos voltar para casa. Não se mova, eu carrego você.

Ela nem tentou protestar. Estava fraca demais para isso.

— Ainda sente dor de cabeça, além da náusea? — Marcus perguntou enquanto a colocava sobre a sela. — Não, e nem havia sentido náusea antes. Hoje foi a primeira vez. E estranho...

— Vai para a cama assim que chegarmos em casa. E fique tranqüila, porque não tenho a intenção de me deitar com você. Não agora, pelo menos. Mas irei passar a noite em seu quarto, porque não quero que fique sozinha. E nem pense em ir dormir em outro quarto, porque a encontrarei.

— Por que não volta para Londres? Por que não vai encontrar Celeste ou Lisette ou qualquer outra?

— Sim, eu poderia ir. E poderia encontrar uma delas ou qualquer outra.

— Fico me perguntando se seria capaz de cometer tamanha estupidez...

Ele riu.

— Está me ameaçando, mulher? Está insinuando que me castraria, caso eu tocasse outra mulher?

— No momento, estou dizendo apenas que se arrependeria muito se trouxesse uma



de suas mulheres para cá. Se tocar outra mulher... Bem, vou pensar nisso e prometo informá-lo a respeito da minha decisão. Sempre acreditei que um homem deve ter consciência de suas opções.

Ela não disse mais nada, mas estava sorrindo. Marcus insistiu em carregá-la nos braços pelo hall da mansão para que todos vissem, e a levou pela escada até o quarto, onde a deixou sobre a cama com um misto de gentileza e cuidado.

— Queria que ficasse careca.

— O que disse? Ela sorriu.

— Disse que queria que buscasse uma caneca. Seria bom tomar um chá agora.

Marcus riu.

— Está melhorando, mas ainda não é concorrente para tia Wilhelmina. Talvez não tenha talento para improvisar rimas.

— Tenho tanto talento que não morri de fome! — Ela o encarou e cobriu a boca com a mão. Era uma idiota! Pela primeira vez na vida, o conde a levava a falar sem pensar.

Mas ele não entendeu. Não compreendeu o significado da frase que ela deixara escapar.

— Ah! Voltamos ao homem mítico que a sustentou em Pipwell Cottage.

— Não, não voltamos. Mas é possível que eu tenha mentido, como mentem todos os Wyndham. Não foi o que você disse? Talvez tenha havido um homem, afinal. O que acha, Marcus?

Se fosse um cachorro, ele teria rosnado. Mas se conteve.

— Bem, sei que não havia um protetor. Se convenceu um homem a lhe dar dinheiro sem retribuir seus favores, quem sou eu para criticá-la? Agora, Duquesa, deixe-me ajudá-la a mudar de roupa. Onde está sua camisola?

— Eu cuido dela, milorde — Maggie anunciou, entrando no quarto como uma rainha pronta para ordenar os disparos de suas tropas. — Por favor, deixe-a descansar. Ela está agitada demais. Por acaso a esteve censurando? Zombou dela? Isso não é bom para a saúde de minha senhora. Vi quando a trouxe para dentro. Francamente, milady, não devia ter saído sozinha. O monstro que a atacou poderia...

Mas a Duquesa não ouviu o final da frase. Estava tão exausta depois do dia atribulado, que adormeceu instantaneamente.

Naquela noite, Marcus cumpriu a promessa de ir visitá-la. Ele a encontrou sentada em uma cadeira diante da lareira.

— Olá. Aqui estou eu, conforme o prometido.

— Vá embora, Marcus — ela disparou irritada.

— Ah, não! Eu só consegui escrever para Celeste hoje a tarde. Ela chegará daqui a quatro dias. Até lá, você vai ter de me servir.

— Você foi avisado — ela murmurou.

Marcus suspirou como um mártir, depois se aproximou dela e a tomou nos braços, beijando-a enquanto a removia da cadeira.

— Humm... seu perfume é delicioso.

— Obrigada. Agora saia daqui. Não vou ser o seu alívio do momento. Não vou suportar o tédio de tê-lo em minha cama. Vá sonhar com Celeste.

— Alívio do momento... Que coisa estranha para se dizer, Duquesa. — Ele a pôs em pé ao lado da cama e se despiu, removendo também a camisola da esposa. — Estive pensando... Acho que Deus a criou pensando em mim, porque seu tamanho é perfeito para as minhas mãos.

Ela permanecia indiferente, imóvel, apesar de senti-lo acariciando seu seio.

— Você é intrigante, Duquesa. Nunca sei o que esperar...

— E jamais saberá, Marcus, seu patife cretino.

Ele riu e tocou-a no ventre. De repente, a Duquesa olhou-o, espantada, e correu para longe dele.



— Duquesa... — Ele pensou em segui-la, mas franziu a testa, consternado, ao ver que ela caía de joelhos ao lado do urinol do quarto e vomitava.

— Isso está se tornando familiar — ele comentou ao ir ajudá-la. — Passou mal hoje à tarde, e agora de novo. Não gosto disso. Há um médico de excelente reputação em Darlington. Vou mandar buscá-lo.

Ela tremia, encolhida. Marcus a vestiu com a camisola, colocou-a na cama e disse:

— Fique quieta e descanse. Eu volto logo.

Ele retornou em cinco minutos. Com ele, estavam Spears, Badger e Maggie. Marcus dava instruções a Badger para ir buscar o médico, explicando que a condessa havia vomitado à tarde e à noite novamente.

Badger fitava a jovem pálida deitada na cama; Spears olhava em volta, e Maggie fingia ajeitar o vestido, Marcus franziu a testa.

— Que diabos está acontecendo aqui?

Spears falou para a Duquesa:

— Maggie vai buscar um biscoito. Isso ajudará a acalmar seu estômago.

— Como pode saber?

— Milorde, não há nada com que se preocupar. Milady está apenas cumprindo uma função natural.

— Que função natural, Spears? Do que está falando? Esqueceu que ela foi agredida há poucos dias?

Badger explicou:

— A Duquesa está grávida, milorde. Ela espera o herdeiro. A náusea e o vômito são normais. Vão desaparecer em algum tempo. O sr. Spears diz que ela estará bem em três ou quatro semanas.

Silêncio.

Marcus ouviu a voz da Duquesa muito distante, como se brotasse de um poço profundo.

— Estou bem agora. Spears, Badger e Maggie, saiam, por favor.

Os três se retiraram sem pressa. Marcus fechou a porta do quarto bem devagar. Depois girou a chave na fechadura.

— Vai passar mal outra vez? Precisa comer alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

Só então ele percebeu que ela estava pálida, encolhida, com os olhos abertos como se estivesse em choque.

— Sabia disso? — o conde perguntou.

— Não.

— Como posso acreditar em você?

— Não pode. Você mesmo disse que os Wyndham mentem.

— Está esperando meu filho. Isso é impossível. Os três idiotas devem estar enganados. Vomitou por causa do golpe na cabeça.

— Muito bem, é impossível. Mas, pelo bem da retórica, digamos que é verdade. Vai supor que a concepção foi imaculada ou está me acusando de traição? Não podemos esquecer meu amante generoso em Pipwell Cottage...

Ele passou a mão na cabeça. Estava chocado, incrédulo. Era como um homem que acabara de ser atingido por um tiro, mas ainda não sentia dor.

— Não entendo! É verdade, despejei minha semente em seu ventre uma ou duas vezes, mas é preciso muito mais para engravidar uma mulher. Muitas semanas... Muitos meses!

— E evidente que não.

Ele andava de um lado para outro.

— Não teve suas regras mensais depois do nosso casamento em Paris?

Ela meneou a cabeça.

— Não lhe ocorreu que podia haver algo de diferente? Mais precisamente, eu, o homem que despejou a semente dentro de você?

— Não sou previsível como a maioria das mulheres.

— Está dizendo que suas regras nem sempre aparecem quando você espera?

Ela assentiu, encarando-o.

— Você sabe muito bem que não quero esse filho. Fez isso de propósito.

— Já estava me perguntando quando ia despejar a culpa em mim. Minha mãe sempre dizia que um homem não suporta a idéia de estar errado. Ela sempre repetia que um homem diz o que tem de dizer para convencer a mulher de que ela está errada. Sempre! Bem, não importa. — De repente, a raiva desapareceu, e ela sorriu. — Você vai ser pai, Marcus. E eu serei mãe. Estou esperando um filho. Nosso filho.

— Recuso-me a aceitar que aquele bastardo do seu pai conseguiu o que queria. Ah, não! Desculpe-me. Você é a bastarda, mas só pelas condições do seu nascimento. Ele era o bastardo pelos atos que cometia. Não vou aceitar, Duquesa. Está ouvindo? Não aceito essa gravidez. Nada fiz para merecer tudo isso. Nada! Eu estava bem feliz cuidando da minha vida quando seu pai morreu e eu fui nomeado herdeiro. Não tive escolha. Depois, por ter sido sempre um homem louco e amargurado, ele me castigou, despejando sobre mim seu veneno. Ele me odiava, e por isso me puniu com esse casamento. Ele me obrigou a casar com sua preciosa bastarda. Você, a única mulher no mundo que eu nunca quis ter. Quero minha vida de volta. E quero você e seu filho fora dela.

— Entendo. Quer que eu parta amanhã, Marcus?

— Quero que parta esta noite, neste instante... Mas isso seria muito cruel. Você acabaria desmaiando antes de chegar à porta.

Ele passou pela porta de ligação entre os quartos e a fechou com violência.

Sozinha, a Duquesa ficou olhando para o teto e pensando na vida que crescia em seu ventre. Ainda estava ali deitada quando ouviu as batidas na porta. Ela se levantou para ir destrancá-la. Lá estavam Badger, Spears e Maggie, esta com uma bandeja nas mãos.

Sem dizer nada, eles entraram no quarto.

— Coma, Duquesa — Maggie ordenou ao acomodá-la na cadeira diante da lareira.

Os três a cercaram solícitos, enquanto ela mordida um dos biscoitos feitos por Badger.

— Preparei a massa com fatias finas de maçã — ele disse. — E creme fresco, como na receita de minha tia Mildred.

— Estão deliciosos.

— Seu estômago se acalmou?

A Duquesa assentiu e continuou comendo devagar, olhando para o fogo.

Spears pigarreou antes de dizer:

— O conde é um homem apaixonado. Um líder natural, um homem de ação. Ele despreza a falta de controle. Em todas as batalhas que travou, seus homens confiaram nele cegamente. Ele os protegeu e os liderou sem hesitar, e todos sabiam que ele os protegeria arriscando a própria vida, se fosse necessário. Por saberem disso, se dedicavam sem trégua.

Badger continuou:

— O sr. Spears me contou que ele sempre foi impulsivo e temperamental. Além de ser um líder, é um homem de lealdade inabalável. Às vezes, porém, ele não raciocina com clareza. Reage, em vez de pensar. Explode, depois recupera a calma e ri.

Maggie também se manifestou:

— Dizem que nós, as mulheres, não somos capazes de controlar a língua e falamos tudo que nos vem à cabeça, mas isso nem sempre é verdade. Veja você, Duquesa, sempre tão calma e quieta. Nunca perde a cabeça nem berra tolices sem sentido. É o



oposto do conde. Ou melhor... era. E estranho, mas todos notamos que está diferente agora.

— É verdade que milorde muitas vezes perde o controle sobre as emoções e fala o que não quer, mas ele sempre se retrata, Duquesa — disse Spears. — Ele não é injusto, mas...

— Já sei — ela o interrompeu. — Ele é passional, temperamental, explosivo... Não importa. Ele não quer a criança. Disse isso várias vezes. Não se trata de uma explosão temperamental, mas de uma decisão pensada e tomada já há algum tempo.

— Ele é um homem, mas não é estúpido — opinou Maggie.

— Bem, ele é, mas é um homem, afinal, e todos os homens devem... Bem, isso não tem importância agora. Milorde precisa perceber que os bebês são a consequência natural do ato de amor. Mesmo que ele proteste e se queixe, sabia que milady acabaria engravidando, porque ele é um homem viril e...

— Exatamente — interferiu Badger. — Essa insistência sobre não querer o herdeiro não faz sentido. Como Maggie disse, ele não é estúpido.

A Duquesa estava pálida e tensa.

— Acho que não entenderam. Não, vocês não entendem.

— Não importa — insistiu Maggie. — Conheço os homens, Duquesa, e milorde pode ser orgulhoso a ponto de despertar nos outros o desejo de esganá-lo, mas ele vai compreender que está enganado. Vai aceitar o que é certo.

— E vai moderar suas atitudes — acrescentou Badger.

— Sim, ele vai adotar um comportamento mais moderado ou teremos de agir — Spears anunciou.

Badger e Maggie assentiram.

Ela olhou para cada um deles. Finalmente, disse:

— Bem, talvez tenham de agir, então.

— Não vai fugir, vai, Duquesa? — Badger perguntou.

Ela o encarou, pensativa.

Marcus parou de repente ao pé da escada, no hall de Chase Park. Ali, diante da porta principal, havia três valises, e ao lado delas estava Maggie em seu traje de viagem. Ela batia a ponta de um pé no chão, esperando impaciente.

Esperava pela Duquesa.

Ele berrou:

— Onde diabos ela se meteu, Maggie? Maggie se curvou para o conde.

— Milorde, quem diabos é ela?

— Não se atreva a zombar de mim, menina, ou vou...

— Chega, Marcus. Estou aqui, mas só de passagem. Maggie e eu estamos deixando Chase Park.

— Você não vai a lugar nenhum!

— Mas você foi bem claro ontem à noite. Não quer o filho que estou esperando, e também não me quer em sua vida. Adeus, Marcus.

Ele se aproximou dela com poucos passos e a segurou pelos ombros.

— Já disse que não vai a lugar nenhum. Esta é sua casa, e você não vai sair dela.

— O conde a sacudiu. — Está entendendo?

— Não sei, Marcus. Talvez deva me sacudir um pouco mais. Isso me ajuda a pensar melhor.

Ele a encarou perplexo, sem saber o que dizer.

— Então, a canção mudou com a luz do dia? — ela continuou. — Agora Chase Park é minha casa? Não consigo entender você, milorde.

— Chase Park é sua casa até que eu diga o contrário e, mesmo então, talvez ainda seja sua casa, se a discussão se estender da noite até o dia e as coisas mudarem com a



luz do sol. Entendeu agora?

— Jamais entenderei o que diz ou faz.

— Sou um homem. Os homens não são fáceis de entender. Nossos sentimentos não são visíveis e expostos como os das mulheres.

— Sim, então... — Ela se interrompeu e respirou profundamente.

Reconhecendo a expressão de pânico, Marcus a soltou de imediato.

Ela correu para fora da casa, desceu a escada de mármore, passou pelo jardineiro, caiu de joelhos e vomitou no canteiro de roseiras.

Maggie olhou para o conde com evidente ressentimento.

— Você a sacudiu de propósito para provocar o vômito. Passei vinte minutos escovando aquele manto, e agora ela está ajoelhada na terra!

— Eu não fiz de propósito. Porém, o resultado pode colocar um pouco de bom senso naquele cérebro confuso. Sampson! Ah, aí está você, bem atrás de mim. Está se tornando um bisbilhoteiro, como Spears e Badger. Leve as valises da condessa de volta para o quarto. E não demore! Logo ela vai estar melhor e então... Não se pode prever o que vai acontecer.

O conde saiu para ir buscar a esposa. Sem dizer nada, ele a tomou nos braços e a levou para o quarto.

— Talvez ela tenha finalmente morrido?

— Não, não morreu. Bom dia para você também, tia Wilhelmina — disse Marcus com expressão furiosa.

— Mamãe! — Ursula exclamou. — Como pode dizer coisas tão horríveis? Ela é a Duquesa, a senhora desta casa!

— Mas eu não disse nada! Só lamentei o ocorrido.

— Até eu faria melhor que isso — Marcus declarou.

A Duquesa queria rir, mas tinha medo de vomitar novamente.

— Não gosto disso, Marcus.

— Eu também não devia gostar. Agora sabe que tem de ficar calma e plácida como uma vaca. Precisa fazer exatamente o que eu digo.

No quarto, já sentada sobre a cama, ela bebeu um pequeno gole de água do copo oferecido pelo marido e gemeu, apertando o estômago com as mãos.

Marcus gritou:

— Maggie, traga os biscoitos! Depressa!

Três minutos mais tarde, a condessa comia lentamente um biscoito com sabor de canela. Finalmente podia respirar e relaxar.

— Você não me quer aqui. Qual é o problema? Tem medo do que a sociedade vai falar? Tem medo de que a Igreja saiba que sua esposa o deixou?

Ele não respondeu. Sério, Marcus andava de um lado para outro numa evidente agitação.

— Eu posso ir embora, milorde. Como sabe, sou rica. E mesmo que não fosse, sou perfeitamente capaz de sobreviver sem nenhuma ajuda. E claro que não fiquei grávida de propósito. Deve saber que isso é impossível. Mas estou esperando um filho, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Nem acredito que espere isso de mim.

— Isso o quê?

— Sei que há mulheres que tentam se livrar de seus filhos, e muitas conseguem. Elas introduzem coisas... Bem, às vezes elas também morrem.

— Ah, pelo amor de Deus, cale a boca! Chega de asneiras.

— Muito bem, então... O que quer que eu faça, Marcus?

— Nada. — Ele a encarou e sorriu. — Pelo menos agora não tenho mais que me preocupar. O dano já está feito... por assim dizer.

— Disse que Celeste voltará em alguns dias...

— Posso ter mentido. Sou um Wyndham, afinal. Talvez eu nem mesmo tenha escrito



a carta, instruindo-a a vir. Você provavelmente sabe que eu talvez tenha mentido. E como está sempre sofrendo com esses ataques de náusea, é melhor aproveitar os períodos de calma. Como agora...

Ela não disse nada. Lentamente, levantou-se da cama, caminhou até o urinol e vomitou.

Marcus chutou uma banquetta e depois foi ampará-la.

— Talvez eu deva escrever para Celeste, afinal. Você não está em condições de me oferecer nada. O que acha, Duquesa?

— Experimente...

— Estou aqui pensando: não pretendia mesmo ir embora, não é?

— Ah, não? Então, por que arrumei as malas?

Mas ele estava certo. Apenas fingira que pretendia partir. As valises estavam vazias, e Maggie usara seu talento de atriz para dar credibilidade à cena. A Duquesa rezara para que o choque o fizesse aceitar a criança e o casamento... Mas não tinha idéia se a cartada desesperada tinha funcionado.

Permaneceu em silêncio. Não lhe daria esse tipo de munição. Ergueu o queixo.

— Vejo que gosta de jogos, madame. Agora que sei disso, logo vai perceber que não tem nenhuma chance comigo. Será humilhada, porque não passa de um bebê nisso. Não conhece estratégia, não sabe como agir de forma oportunista... Sim, o desafio me anima. E duelar com você... quando não estiver vomitando nas roseiras... vai ser divertido.

— Talvez eu o deixe hoje à noite, às oito em ponto. Ele riu.

— Não gosto disso — Marcus disse para Badger e Spears. — Ela passa o tempo todo enjoada. Está pálida, magra, exausta... Ela nem reage às minhas provocações!

— E preocupante, realmente — concordou Spears. — Mas estudei tudo isso com afinco, milorde, e sei que ela estará bem em mais duas semanas. Badger tem preparado pratos excelentes, e o que ela consegue manter no estômago é nutritivo e saudável para ela e o bebê.

Marcus sentia vontade de gritar sempre que alguém mencionava a criança. Ainda não sabia o que ia fazer. Mandá-la embora quando estivesse bem? Para Pipwell Cottage?

— Maldição!

— Milorde, pensei que quisesse saber sobre a saúde de sua esposa — Spears o censurou com tom severo.

— Essa sua austeridade me faz lembrar minha mãe. A propósito, quando ela chega?

— O sr. Sampson disse que ela virá na terceira semana de julho.

— Por Deus! Minha mãe e tia Wilhelmina na mesma casa? Vamos morrer envenenados pelos dardos que elas atirarão uma contra a outra!

— Sua mãe não é tão difícil — disse Spears. — Ela é divertida. Não suporta tolice, por isso estou apostando que a bruxa de Baltimore logo vai desistir de provocá-la. Sua mãe é encantadora com todo aquele interesse por lendas medievais.

— Ela acha que Mary, a rainha dos escoceses, está um passo abaixo apenas da Virgem Maria. Meu caro Spears, ela e tia Wilhelmina nos levarão à loucura!

Alguém tossiu na porta. Era James Wyndham, e ele olhava diretamente para Marcus.

— Ah, entre, James. Estávamos aqui discutindo algumas questões domésticas. Badger, o que teremos para o jantar?

— Bacalhau assado, milorde. E muitos complementos, é claro, mas não vou ocupar seu tempo com esses detalhes. Também teremos um pudim que é o favorito da Duquesa. E bem leve. Talvez eu tente algum outro prato francês, também. Um creme de pommes de terre aux champignons pode cair bem no estômago da Duquesa.



— Batatas e cogumelos? Sim, tente — Marcus aprovou, atento a James e aos olhares curiosos que ele lançava para os criados. A criadagem em Chase Park não era exatamente o que se podia esperar de uma casa nobre, mas Marcus não se incomodava com isso.

Quando ficaram sozinhos, o conde perguntou:

— Qual é o problema, James? Parece tenso...

— Estive pensando, Marcus, e lembrando, e pensando um pouco mais. Quando encontrei a Duquesa inconsciente no chão, o tal livro não estava sobre a mesa. Se puder abrir a biblioteca, talvez possamos examinar a estante onde ela o encontrou. Pode haver outros volumes com pistas do tesouro.

— Tem razão, vamos até lá. — Marcus pegou a chave da biblioteca com Sampson e levou James à sala escura e silenciosa. Lá ele abriu as cortinas e deixou entrar o radiante sol da tarde. — Vamos abrir as janelas, também. Este lugar precisa de ar.

James já estava de joelhos diante da estante mais baixa e próxima da porta, removendo alguns livros. Não havia nada atrás deles.

Enquanto James repunha os livros em seus lugares, Marcus removia os da prateleira de cima. Nada.

Eles continuaram sem conversar, até que James deixou escapar um grito.

— Meu Deus, encontrei alguma coisa aqui! Marcus o viu retirar do fundo da estante um livro muito espesso, coberto de poeira. Ele estava atrás dos sermões de um certo George Common, um pregador itinerante do século anterior.

— E muito velho. Aqui, James, traga-o para a mesa. — Depois de alguns momentos, o conde comentou, surpreso: — Você tem um cérebro admirável!

— Minha mãe acredita que sim — James respondeu, sorrindo. — Porém, tenho de confessar que ela me deu essa idéia quando especulava sobre o tesouro e como encontrá-lo. E sobre como impedir você de encontrá-lo, é claro.

— Vamos ver as últimas páginas.

— Marcus, sei que suspeita de minha mãe naquele incidente com a Duquesa. Sei que alguém na casa atacou sua esposa... mas minha mãe? E difícil de aceitar.

— Ainda temos Trevor, você, e Ursula.

— Ah... entendo o que quer dizer. James começou a virar as páginas.

Marcus a examinou com atenção e decidiu que ela falava com honestidade.

— Muito bem, se o seu estômago não vai se rebelar nos próximos dois minutos, quero que dê uma olhada no livro que James encontrou. Perceba que não há desenhos, só textos. Já li tudo e traduzi da melhor maneira possível. O monge que o escreveu e produziu também os outros dois volumes nos conta aqui como encontrar o tesouro da abadia. A rima é tão inteligível e lúcida quanto a tradução que fiz desses versos.

Olhe para cima para encontrar o sinal. Com atenção, veja o número nove, afinal.

Leve-o para o raso poço. Sob o carvalho, no fosso.

Leve um balde resistente e uma corda trançada. Prepare-se para atingi-lo com sua espada.

Debruce-se bem, mas seja cauteloso.

O monstro vive para sempre em seu covil tenebroso.

Os nove opostos trarão o animal.

Mas seja rápido, ou ser o jantar da besta será seu final.

— Minha tradução é adequada, na melhor das hipóteses, mas o que pode significar o animal? A besta vive na fonte? Ou será um poço? E os nove opostos? Um nove enganoso? E uma charada, não é? O que acha, Duquesa?

— O carvalho e o poço que estive procurando... É isso, Marcus.



— Não pode ser tão simples. Ainda há esse absurdo sobre olhar para cima para o número nove, seja lá o que for. E o animal no poço...

— Milorde...

— Sim, Spears?

— O sr. Trevor Wyndham deseja vê-lo.

— Posso mandá-lo vir aos seus aposentos, Duquesa? Não sei... O patife pode ter a idéia errada. Ele é um homem muito experiente, e você parece vulnerável e exposta... Uma combinação capaz de despertar a luxúria de um homem.

— Mande o sr. Wyndham entrar, Spears — ela disse. — Meu marido protegerá minha virtude.

Marcus não conseguiu disfarçar o ressentimento quando o recebeu.

— Ah, olá, Trevor. Veio ver o livro que James encontrou?

— Duquesa, linda como sempre. Sente-se melhor? Esse conde aborrecido a está esgotando? Quer que eu o tire daqui e o desafie para um duelo?

— Você não teria chance, Trevor — o conde respondeu. — Além do mais, tenho uma pistola de duelos que mira automaticamente americanos intrometidos. Especialmente os que olham para minha esposa como lobos famintos.

— Duquesa! Ele está insinuando que há outros americanos cobiçando sua beleza?

— Se houve, já desapareceram. Ninguém se interessa por uma mulher que não para de vomitar.

— Seu senso de humor é impecável — Trevor elogiou. — Muito bem, James me mostrou a rima. E só isso? Nada mais? Um volume inteiro cheio de bobagens sobre os monges da abadia assinando o Ato de Supremacia, a preocupação deles com o rei Henrique e a possibilidade de serem acusados de traição por se manterem leais ao papa, não ao rei da Inglaterra... e um poema tolo no final?

— É só isso — Marcus confirmou. — Alguma idéia?

— Deixe-me ver o livro, e talvez eu tenha alguma. Após dez minutos, Marcus disse com impaciência:

— Leve o livro e entregue-o à sua mãe. Temos o poema que é certamente uma aberração da mente enlouquecida de um monge. Não há mais nada que James e eu pudéssemos considerar útil. Um monstro no poço, nove opostos, tudo isso é um absurdo sem sentido.

— Vou levar o livro para minha mãe. Ela está morrendo de curiosidade, e está furiosa com James, é claro, por ele tê-lo envolvido nessa busca. O poema a manterá ocupada, pelo menos por algum tempo.

— Trevor não é um afeminado, afinal — a Duquesa comentou quando o primo saiu do quarto.

— Não. Ele está mais para monstro do poço, o maldito abutre!

CAPÍTULO IV

A Duquesa estava feliz. Conseguira comer os biscoitos com mel feitos por Badger e cavalgara até as ruínas da Abadia de St. Swale sem incidentes. Só não havia encontrado nada. Nenhum monstro, nenhum nove.

Mas não estava desanimada. Não. Mal podia esperar para ver Marcus. Nos últimos três dias ele não estivera em sua cama, mas não a evitara, e fora tão assíduo em suas atenções com ela quanto uma madre superiora com a própria Virgem Maria. Agora ele agia como um homem razoável, calmo, deliberado, um homem desprovido de paixão... que ela detestava.

Ela começou a assobiar uma melodia que surgira em sua mente, mas para a qual ainda não havia uma letra. Tinha uma vaga idéia do que encaixar na canção. O congresso de Viena e como Caroline Lamb e lorde Byron deveriam comparecer. Imaginava o que os dois poderiam obter no sentido de delimitar as fronteiras de países conquistados.

Ela ainda assobiava quando contornou uma fileira de arbustos que marcavam o início da alameda da entrada da casa. Havia uma carruagem com quatro cavalos. A porta estava aberta, e Marcus ajudava uma mulher encantadora a desembarcar. Ela o viu beijar a mão da recém-chegada, com os olhos sempre fixos em seu rosto, e ouviu o riso melodioso da desconhecida. A mulher afagou o rosto do conde. Depois, ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo na boca. A fúria a cegou.

— Como se atreve! Tire as mãos do meu marido! E você, Marcus afaste-se dela, seu patife imundo!

A adorável criatura se virou para fitá-la com... Espanto? Surpresa? Choque? Humor?

— Ora, ora, e quem é você? — a visitante perguntou com doçura. — Uma empregada dos estábulos do conde?

— Ela faz o que eu mando — Marcus anunciou, segurando a mão da mulher. — Uma característica admirável em uma mulher. Na verdade, Celeste, pode chamá-la de Duquesa. Ela é minha esposa. A mulher sobre quem lhe escrevi.

Celeste!

A Fúria tingia de vermelho a paisagem diante dos olhos da Duquesa.

— Você disse que havia mentido, seu cretino! Mas não mentiu. Teve mesmo a coragem de trazê-la para cá, patife! Por Deus, juro que dessa vez eu mato você!

Ela não pensou. Simplesmente agiu. Já o agredira com um chicote de montaria uma vez. Precisava de algo diferente. Não havia nada, a menos que arrancasse um galho da árvore mais próxima. Determinada, ela se sentou na escada, tirou um pé da bota e mancou na direção dele, girando o calçado sobre a cabeça. Enquanto se aproximava, ela gritava:

— Eu disse que ia se arrepender. Ora, por que nunca tenho uma arma quando preciso?

O primeiro golpe o atingiu no ombro. Marcus afastou-se de Celeste.

— Duquesa, você não esteve bem. Tenho sido um santo nos últimos dias, deixei-a descansar e se recuperar, mas sou um homem. Não vai querer ser uma esposa egoísta que não enxerga nada além das próprias necessidades. Celeste é simpática, agradável... Ela vai cuidar bem de mim. Não precisa se preocupar, nem se aborrecer...



— Eu não passo mal há quatro dias. Quatro dias, e você tem se comportado como se quisesse conquistar a santidade pelo celibato! — Dessa vez o salto o acertou no braço direito. Onde estava aquela mulher? Ah, escondida atrás de Marcus! Detestava covardia!

Sampson e dois lacaios apareceram no alto da escada. A Duquesa viu um deles dar um passo em sua direção e ser detido por Sampson. Ótimo! Isso significava que tinha a criadagem do seu lado. Ela o acertou pela terceira vez.

Marcus recuou três passos.

— Francamente, Duquesa, com a bota?

— Como ousa trazê-la aqui? — ela gritou. — Podia ter ido tratar de negócios em Londres, como qualquer homem normal! Podia ter fingido! Vai pagar caro por essa perfídia, Marcus! — Ela o acertou mais algumas vezes com o salto.

— Duquesa, sua pontaria está melhorando. Pare com isso agora. — Ele massageou o ombro dolorido. — Ainda não se cansou? Deve ser difícil mancar, com um pé descalço e outro de salto. Sua meia está arruinada, e você deve estar exausta.

— Vou arrancar sua cabeça do pescoço, Marcus Wyndham! Vou estrangular você com minha meia arruinada. E não vou me cansar enquanto não vir você dando o último suspiro, se contorcendo no chão à beira da morte!

Ela ergueu a bota mais uma vez, furiosa, e só então percebeu algo que a deixou ainda mais irada. Marcus não estava com medo. Também não estava com raiva. Ele ria. Ria! Dela.

A Duquesa parou e o encarou. A mulher a espiava de trás dele. Não parecia perturbada ou amedrontada. Se não se enganava, ela também estava a um passo de um ataque de riso.

Devagar, ela se sentou no chão, calçou a bota e se levantou.

Marcus ainda ria.

Ela o atacou. Com os punhos cerrados, socava seu rosto, a cabeça, os ombros e o peito. Arrancava seus cabelos, arranhava seus braços... Até que ele a conteve, usando os braços como garras de ferro para imobilizá-la.

— Bem, vejo que aquela criatura tranqüila e contida realmente deixou de existir. Você tem um soco poderoso, Duquesa. Não, nem pense em me bater novamente. Já me castigou o suficiente.

— Bastardo! Tire as mãos de mim.

— Se eu soltá-la, promete que não vai buscar a pistola para atirar em mim? Ela o chutou na canela. Marcus gemeu e a apertou contra o peito.

— Agora, quero que conheça Celeste Crenshaw. Ela tão é encantadora? Ela me adora, e veio do Norte só para atender ao meu chamado, pois não queria me ver... privado.

Marcus a expunha ao ridículo. Tudo havia sido planejado para isso. Para provocá-la e fazê-la perder a razão.

A Duquesa respirou profundamente, tentando manter a calma. Era difícil.

— Olá, Celeste — ela disse finalmente. — Então, veio para tirar este verme da minha cama. Que ótima notícia. Fiquei zangada com ele por outro motivo. Por favor, compreenda, estou eufórica com sua presença. Estou mesmo cansada de fingir dor de cabeça. Sabe que cheguei a vomitar para mantê-lo longe de mim? Sinto fome, mas comer o teria feito pensar que meu enjôo era uma encenação. Agora posso voltar a comer. Obrigada, Celeste. Quer que eu a leve aos seus aposentos ou prefere dormir na cama do conde? — Olhou para ele, sorrindo. — Perdoe-me pela explosão, Marcus. Você me pegou desprevenida. Agora que percebo os benefícios de ter Celeste aqui, vejo o marido maravilhoso que eu tenho. Ah, querido, você é muito gentil comigo.

— Eu vou matar você — ele resmungou, começando a sacudi-la. Porém, logo se interrompeu. — Não. Se a sacudir, você pode vomitar nas roseiras outra vez. O sr. Biggs chegou a chorar por causa disso. Pobre jardineiro, obrigado a limpar sua imundície! Muito

bem, minha adorada esposa, não se incomode. Eu mesmo levarei Celeste aos aposentos que ela vai ocupar e cuidarei de suas necessidades. — Ele se virou para a mulher que se mantinha calada. — Vê como ela é adorável, Celeste? E você, preocupada com como ela a receberia! Venha, vou levá-la ao seu quarto e ajudá-la a despir o traje de viagem. Precisa de um banho e será um prazer ajudá-la e passar o resto da tarde...

— Marcus?

— Sim, Duquesa? — Ele se virou sorrindo.

— Se não tirar as mãos dela, vai se arrepender de verdade.

Ele baixou as mãos imediatamente.

— O que é agora, Duquesa?

— Se voltar a rir de mim, também vai se arrepender de verdade.

— Não está me vendo rir, está?

— Ótimo. Srta. Crenshaw, Sampson a levará aos seus aposentos.

A moça riu e balançou a cabeça.

— Creio, milorde e milady, que temos aqui um empate. Vocês dois conseguem atingir o outro de maneira impressionante. E ambos me divertiram muito nos últimos dez minutos. E pensar que o conde me pagou por tudo isso! Muito obrigada por me deixar ficar. Ah, posso ficar, só por esta noite? Ah, sim, meu nome é Hannah Crenshaw. Não me chamo Celeste.

— Pode passar a noite, certamente — a Duquesa respondeu. — Porém, é muito bonita para ficar mais tempo, Esta noite o conde estará trancado em seus aposentos.

A jovem seguiu Sampson, e Marcus finalmente riu.

A Duquesa o brindou com mais um soco no estômago.

Ele gemeu, e puxou-a para seus braços.

— Confesse, consegui enganá-la por alguns minutos.

Você é mais violenta que Spears e Badger acreditavam que fosse! E Maggie apostou que você voltaria a ser aquela criatura silenciosa e imóvel!

Ela o encarou por um instante e começou a esfregar-lhe o peito e os braços, onde o atingira.

— Machuquei você? — perguntou.

— Machucou. Sinto dores no corpo todo. Ela passou a acariciá-lo.

— Tivemos uma platéia numerosa, Duquesa. Lá está sr. Biggs, escondido atrás dos arbustos, e os lacaios no alto da escada, e Maggie na janela...

— Eu sei — ela murmurou, erguendo-se na ponta dos pés para beijá-lo nos lábios. — Sabe, Marcus, com você nunca me sentirei entediada.

— E acha que você me entedia? Acabou de me atacar com sua bota! Eu jamais teria previsto essa reação.

— Uma dama precisa lançar mão do que está disponível.

Naquela noite Marcus a procurou, fez amor com ela, e dormiu em sua cama, mantendo-a em seus braços durante todo o tempo. Na manhã seguinte, bem cedo, ela o acompanhou até a porta, onde juntos se despediram da srta. Crenshaw, que aproveitou o instante do embarque para murmurar para o conde:

— Ela é especial. Espero que saiba disso e não se torne um desses maridos que conheço e que não valem nada.

Marcus fechou a porta da carruagem e voltou para perto da esposa.

— Foi uma experiência inesquecível, milorde — disse a Duquesa. — Confesso que me surpreendi com seu senso de humor. Agora, cabe a mim superá-lo.

Ele nem tentou disfarçar o alarme.

— Não, nem pense nisso. Prometa, Duquesa, não enquanto não estiver bem.

— Eu estou bem, Marcus. Estou grávida e absolutamente saudável.

— Sim...

Ele olhou por um instante para o ventre plano. Na noite anterior o acariciara,

pensando em como era possível que houvesse uma vida dentro dele. Seu filho. O conde nem levantou os olhos quando ela suspirou e o deixou ali na escada da varanda. Depois de um instante de imobilidade, ele se dirigiu ao estábulo.

— O sr. Trevor saiu há pouco com Clancy, milorde — Lambkin o informou.

— Novamente usando meu cavalo sem pedir licença.

— Ele é um excelente cavaleiro. E como uma daquelas criaturas da mitologia, milorde, metade homem, metade cavalo.

— Um centauro? Não com esse nome. Trevor!

— O sr. James estava com ele. Ele prefere montar Alfie, que é mais velho e mais dócil. O sr. James é muito diferente do sr. Trevor. Trata o cavalo como um cavalheiro trata uma bela dama, como se tivesse magia nas mãos.

— Poupe-me dos detalhes, Lambkin.

Marcus não encontrou os irmãos durante sua cavalgada, embora tivesse ido até as ruínas da abadia. Onde poderiam estar? Ele percebeu que havia começado a procurar o carvalho, o poço e qualquer coisa que pudesse ter a mais remota semelhança com um nove. Um maldito nove. Nove opostos. Um de costas para o outro? Por que as pistas tinham de ser sempre tão obscuras?

Ele viu uma mulher solitária na estrada estreita que ligava a casa às ruínas e reconheceu Ursula.

Aproximou-se dela e deteve o cavalo.

— Bom dia, prima. Por que não está cavalgando?

— O dia está magnífico. Quando cavalgo, tenho sempre muito medo de cair, e geralmente não aprecio a beleza da paisagem. Hoje quis desfrutar desse esplêndido cenário. Tudo é tão verde! Chove muito aqui, milorde, muito mais do que em Baltimore, embora lá também a natureza seja pródiga. Meu pai sempre nos falava a respeito do clima na Inglaterra.

— Sente saudades de casa, Ursula?

— Sim, mas a Inglaterra também é minha casa, já que meu pai nasceu aqui. Chase Park é fascinante. Não há casas como essa na América. Existem mansões, mas são novas e reluzentes, não seculares com passagens escondidas, recantos sombrios e pistas para o legado Wyndham, se pudermos encontrá-las.

Ele desmontou e caminhou ao lado da prima, puxando o cavalo pela rédea.

— Legado? Por que usa esse termo?

— Minha mãe diz que não é um tesouro, mas um legado para o filho mais novo, já que o filho mais velho se torna o conde e fica com Chase Park, as propriedades e todo o dinheiro. E um legado para o marido dela, e como papai está morto, agora ele é nosso.

— Entendo. Porém, se existe um tesouro ou um legado, ele pertence a mim, o conde. Sinto muito, meu bem, mas não vou entregar nenhum bem a sua mãe. Seus irmãos saíram cedo, segundo meu criado Lambkin. Você os viu?

— Não, não vi. Trevor está ficando impaciente para ir embora. James quer encontrar nosso legado, mas não creio que ele pretenda roubá-lo de você, não como minha mãe, se isso é realmente roubar. Na verdade, não sei a quem o tesouro deve pertencer, mas sei que gostaria de tê-lo.

— Sua mãe é uma pessoa muito incomum. Ela sempre foi assim?

— Creio que sim, mas se tornou ainda mais incomum quando fiquei mais velha, ou quando ela ficou mais velha. Acha que a Duquesa se aborrece com o que ela diz? Mamãe muitas vezes é impossível, mas ela não parece se aborrecer. Ela faz coisas estranhas, depois esquece o que fez. Ou talvez não esqueça, apenas finja ter esquecido.

— A Duquesa é muito inteligente para se abalar com insultos tolos. Quanto ao fato de sua mãe esquecer as coisas, isso é interessante.

— Não era, até que ela serviu comida estragada para um vizinho, e ele quase morreu.



— E ela... não gostava desse vizinho?

— Como soube?

— Eu só arrisquei um palpite. Ei, olhe para aquele carvalho! Deve ser mais velho que você!

— Mais velho que eu, Marcus? Deve ter a idade da minha mãe! E isso é ser velho demais, mesmo para uma árvore. Se tivesse minha idade, ele ainda seria um arbusto. Oh, sim, o sr. Sampson disse que um certo major lorde Chilton viria vê-lo hoje.

— Oh, céus! Eu esqueci completamente! Com toda essa agitação...

— Que agitação?

— Ah, a breve visita da srta. Crenshaw.

— Ouvi Trevor e James rindo por causa disso. James disse que a Duquesa bateu em você por causa dela! Trevor disse que você conseguiu enganá-la por alguns minutos. Depois ele falou alguma coisa sobre ela ter batido em você com a bota, mas devo ter ouvido mal. Isso é... improvável! O que ele quis dizer, Marcus?

— Não tenho idéia.

— E quem é esse major lorde Chilton?

— O nome dele é Frederic North Nightingale, visconde de Chilton, e ele é um dos meus melhores amigos, embora eu só o tenha conhecido há dois anos, quando nosso pequeno grupo foi emboscado pelos franceses. Sabe o que ele disse quando atirei no homem que se preparava para enfiar a espada em suas costas? "Ah, por Deus, fui salvo por um homem com bom senso suficiente para não tocar em vodca portuguesa!" Eu o deixei em Paris há um mês aos cuidados de lorde Brooks.

— O que é vodca portuguesa?

— Ah... não é importante. — Ele não devia ter mencionado tal coisa, uma vez que vodca portuguesa era uma expressão para designar as prostitutas do sul de Portugal.

— Ah, como posso aprender se as pessoas nunca me explicam o que dizem? Ele é tão gentil quanto você, Marcus?

— É claro que não. É azedo, carrancudo, e certamente odiaria esse dia glorioso que estamos apreciando. E um homem silencioso, retraído, parece perigoso, e é! E eu gosto dele.

Ela riu e segurou sua mão. Marcus disse com simplicidade e bom humor:

— Não deixe que a Duquesa a veja segurando minha mão. Ela é muito possessiva, ciumenta, mesmo. Ela cortaria minha garganta se nos visse assim, e sou jovem demais para morrer.

— Ah, você é terrível, Marcus! A Duquesa é mais dama do que a rainha.

— Considerando que nossa querida rainha está bem longe de ser uma dama, sou obrigado a concordar com você. Quanto à Duquesa, Ursula, ela já me atacou com um chicote, um arreio e um pé de bota. Seu irmão disse a verdade. Receio que uma pistola seja a próxima arma em sua lista. Felizmente ela nunca carrega uma arma de fogo, ou eu já estaria morto e enterrado.

Ela riu muito, depois se afastou e disse por cima de um ombro:

— E você mereceu tudo isso. Agora vou seguir minha caça ao tesouro. Por favor, não conte a minha mãe que me viu.

Ele algum dia havia sido jovem assim? Livre, alegre, sem preocupações? Sim, mas então Charlie e Mark tinham morrido, e ele perdera a juventude naquele verão.

Marcus montou Stanley e voltou ao estábulo. Ele foi recebido no hall da casa por um verdadeiro pandemônio.

Seu amigo, North Nightingale, estava ao pé da escada. Ele segurava a Duquesa nos braços. Ela estava inconsciente ou morta. Marcus gritou como se tivesse perdido a razão.

Marcus, louco de preocupação, sabia que ela sentia dores, que estava fraca e com medo e, por isso, se obrigou a falar em voz baixa.

— Conte-me tudo que consegue lembrar, Duquesa. Tente pensar no que fazia



quando chegou perto da escada.

— Eu ia tomar café, mais nada. Estava no alto da escada. Lembro-me de pensar que tinha avistado algo com o canto do olho e me virei. Isso é tudo que me recordo. Quando acordei, aquele homem estranho me olhava com o rosto mais pálido que as paredes da casa.

— O cavalheiro pálido é lorde Chilton. Esqueci de dizer que ele poderia vir nos visitar. Você não o conheceu em Paris, mas ele estava lá. Vou contar a ele que o chamou de estranho. Vai ser um bom castigo. Veremos se ele responde ao menos com um grunhido.

Ele falava com calma, mas, por dentro, sentia o peito oprimido pelo medo que sentira ao vê-la desacordada. Chegara a gritar antes de compreender que ela não estava morta.

— Mandei Trevor ir buscar o médico em Darlington, um homem de boa reputação. Ele é jovem, conhece as novidades... Bem, talvez seja jovem demais. Não quero um homem olhando para você e cobiçando sua beleza.

Ele pode fingir que é objetivo, mas na verdade...

— Marcus, agradeço sua intenção de me proteger dos possíveis avanços de um jovem lascivo, mas eu estou bem. Não precisava ter mandado buscar o médico. Agora ele vai me apalpar, me cutucar e vai me obrigar a beber poções de gosto horrível. É só minha cabeça que dói terrivelmente.

— Você rolou pela escada. Bateu outras partes do corpo além da cabeça, que é tão dura que nem precisamos nos preocupar com ela. Esquece que está grávida? Podia ter sofrido algum ferimento mais sério. Agora vai fazer o que eu digo.

— Por que se importa tanto?

— Se me fizer uma pergunta como essa novamente, juro que vou apertar seu pescoço. Ou usar minha bota em você. Não quero que se machuque. É tão difícil de entender?

Ela suspirou e fechou os olhos.

— Sim, é difícil.

Marcus decidiu esperar pelo médico e ouvir o que ele tinha a dizer antes de falar mais alguma coisa. Quietamente, ele começou a massagear as têmporas da esposa como Badger o havia ensinado pouco antes.

Ela se concentrou em ignorar a dor na cabeça. Concentrou-se nos dedos de Marcus, fortes, mas suaves, amenizando a dor a cada momento. Lembrou-se do nome de lorde Chilton de seus dias em Paris. Ele era um homem que Badger e Spears haviam se esforçado para evitar durante suas maquinações. Era, eles diziam, muito amigo de Marcus desde que o conde salvara sua vida, e não teria permitido que ninguém o coagisse com nenhuma finalidade. Ele também era perigoso, diziam, e silencioso, ameaçador.

Certamente dera a ele divertidas boas-vindas.

Dr. Raven, um nome romântico para um homem cuja estatura era a mesma da Duquesa aos doze anos de idade, era muito magro e tinha lindos cabelos louros. Ele não parecia impressionado com a beleza da Duquesa. Era objetivo, profissional e sério.

Marcus o observava atento, pronto para interferir em caso de necessidade.

— Não houve nenhuma consequência mais séria, mas ela terá dores de cabeça por alguns dias. O láudano vai ajudar — ele decretou.

— Ela está grávida — Marcus avisou. — Caiu da escada grávida. Não é só a cabeça que me preocupa.

O médico apalpou seu ventre sem levantar a camisola.

— Sente alguma dor ou rigidez abdominal?

— Não, nada.

— Tem sangramento? — Não.

— Ótimo. Tem vomitado, milady?

— Ela tem vomitado muito, tudo que come, e está magra e pálida demais. Há uma semana e meia ela não vomita, mas ainda está muito debilitada.

— Estou me sentindo muito bem, dr. Raven. Cansada, é verdade, mas Badger me disse que isso é normal.

— Badger?

— Ele é nosso cozinheiro.

— E meu valete.

— Ah, sim. Interessante — o médico respondeu, apalpando aqui e ali de olhos fechados, como se procurasse alguma coisa incomum nela.

— E então? — Marcus perguntou ao ver que ele encerrava o exame.

— Ela parece estar bem, milorde. Porém, prefiro que permaneça no leito por dois dias, pelo menos. A gravidez ainda está no início, e a queda pode ter consequências. Os primeiros três meses de gestação são os mais críticos. Não é possível prever o que vai acontecer. Mantenha-a na cama e calma. Se surgir dor ou sangramento, mande me buscar imediatamente.

— Dr. Raven, pode falar comigo. Eu escuto bem e tenho uma certa medida de inteligência — a Duquesa manifestou-se.

— Eu sei, milady, mas seu marido parece muito aflito. Se me dirigir diretamente à senhora, ele pode me acusar de estar assediando-a. Sou jovem, estou no início da carreira... Não quero ser impedido de prosseguir antes mesmo de me estabelecer.

— Tem razão, meu marido às vezes é... impossível. Eu não vou sair da cama.

— Excelente. Voltarei na quarta-feira, se não tiver mais sintomas.

Marcus acompanhou o médico até a porta. Ela fechou os olhos, desejando que a dor de cabeça passasse. Badger chegaria a qualquer momento com o láudano, e então ela adormeceria. Não lembraria mais o movimento, o ruído atrás dela antes de tropeçar e cair da escada. Não pensaria mais que não havia tropeçado, mas que fora empurrada pela mão em suas costas.

— Não gosto disso.

— Nem eu. Nunca me assustei tanto em minha vida, Marcus. Estava ali no hall, olhando para os quadros dos seus ancestrais, quando ouvi o grito de terror e vi sua esposa rolando pela escada. Fui tão rápido quanto um homem pode ser.

— Graças a você, ela foi amparada antes de cair no mármore no hall, o que certamente a teria matado. Obrigado, North. Fico me perguntando se isso tem alguma relação com o legado...

— Legado?

Marcus contou ao amigo sobre o legado Wyndham, o livro que a esposa encontrara na biblioteca e como ela fora atacada, sobre os parentes americanos, especialmente tia Wilhelmina, uma mulher excêntrica que já havia tentado envenenar um vizinho.

Quando James a encontrou desacordada, tentei me convencer de que ela havia sido atacada por causa do livro, mas agora tenho outras hipóteses. Alguém a empurrou da escada, como alguém a atacou na biblioteca, e a intenção era matá-la.

— Resumindo, você se tornou conde, perdeu sua riqueza, recuperou-a pelo casamento, e agora alguém quer matar sua esposa?

— É isso. — Marcus serviu conhaque em duas taças entregou uma delas ao hóspede.

— O mordomo disse alguma coisa sobre a condessa estar grávida. Isso é verdade?

— Sim, ela espera um bebê.

— E a queda não prejudicou a gestação?

— Aparentemente não. O médico a examinou e disse que ela deve repousar por



dois dias. — Parabéns. Pelo casamento e pelo filho que vai nascer. Marcus grunhiu alguma coisa, e North ergueu a sobancelha. — Há algo mais que não tenha me contado, amigo?

— Não é da sua conta, North.

— Tem razão, não é. Acho que vou me lavar e descansar um pouco antes do almoço. Preciso me fortalecer antes de conhecer essa sua tia Wilhelmina. Acha que ela vai envenenar minha sopa porque salvei a Duquesa? Marcus riu.

— Com tia Wilhelmina, nunca se sabe. Ela parece não gostar da minha esposa.

— Sua esposa grávida.

— North, vá descansar. North riu e se retirou.

— Marcus disse que você é silencioso e carrancudo, e até que é misterioso. E perigoso.

— Eu não disse isso, Ursula. Pelo menos não disse que ele é misterioso.

— Deve ter sido algo parecido. Isso é verdade, milorde?

— Sim, sou um pouco melancólico, não tenho senso de humor, e há uma sombra pairando sobre minha alma.

Tia Wilhelmina anunciou para todos os que estavam à mesa:

— Cavalheiros, particularmente os nobres, Ursula, podem ser tão melancólicos e carrancudos quanto quiserem. Eles acham que isso os torna mais interessantes. Quanto mais rudes, mais as damas os consideram românticos.

— Ah, não, mamãe. Rude não é a mesma coisa que silencioso, perigoso e melancólico.

— É um comportamento que aborrece, e é desconfortável para os que têm de aturá-lo. E petulante e irritante. E é, como já disse, típico dos homens.

Ela voltou a cobrir suas fatias de presunto com a goleia de damasco feita por Badger. Trevor ria.

— Derrubado por uma dama das colônias, milorde.

— Pode me chamar de North. Se permito que Marcus seja íntimo, posso permitir a mesma familiaridade ao primo dele.

Trevor assentiu.

— Marcus, como chefe do ramo americano da família Wyndham, decidi que deixaremos Chase Park na próxima sexta-feira. Sim, meu velho, daqui a quatro dias, apenas. Depois, só vai precisar se livrar de North para poder desfrutar da adorável companhia da Duquesa sem interrupções.

— Ah, não — protestou Gweneth. — Willie, não me disse que já ia embora. Tão cedo!

— Se ela morresse, eu poderia ficar.

— Mamãe! O que foi que disse?

— Minha menina, disse que se ela não sofresse poderíamos ficar. Refiro-me às dores de cabeça, à queda...

North a encarou boquiaberto. Isso era pior que envenenamento!

— Mas... isso foi espantoso! Verdadeiramente fascinante — ele disse à tia Wilhelmina.

Ela o encarou.

— Devia ficar em silêncio. Devia ser carrancudo e misterioso. Preste atenção a isso.

— Sim senhora — North respondeu, olhando para as peras cozidas com canela.

— Willie, não pode querer partir agora. Londres é muito desagradável no verão.

— Querida tia Gweneth — Marcus interferiu sorridente —, a senhora nunca foi além de York. Há sempre muito entretenimento em Londres, seja qual for a estação.

— Marcus, Londres é suja no verão. Tudo cheira mal. Não quero que eles partam.



Trevor, precisam mesmo ir embora?

— Sim, tia Gweneth. O legado Wyndham perdeu o encanto. Além do mais, se o tesouro realmente existir, pertence a Marcus.

— Trevor!

— Mamãe, alegre-se por não sermos miseráveis. De fato, planejo até melhorar nossos cofres casando James com uma verdadeira herdeira inglesa. O que acha, meu irmão?

James o encarou apavorado.

— Eu? Casado? Trevor, tenho só vinte anos! Preciso de mais tempo para... para...

— Dissipação? Devassidão? Eu me casei aos vinte e dois, James.

— Você amava Helen. Ela era tudo que você queria. Antonia manifestou-se:

— Ursula nos contou sobre Helen. Ela era mesmo a mais bela jovem de Baltimore?

E vocês se casaram mesmo apaixonados, como os heróis da sra. Radcliffe?

— Ursula disse tudo isso? Como ela pode saber tanto, se era praticamente um bebê?

— Eu não era um bebê. Sabia que você amava Helen, e sempre pensei que ela era uma mulher de muita sorte. Infelizmente, ela morreu jovem...

Trevor apenas sorriu e, em seguida, se dirigiu a North:

— Soube que você, como Marcus, evitou a batalha no litoral americano e preferiu combater Napoleão. Eu o saúdo pela cautela. Não teria gostado de enfiar minha baioneta na barriga de um dos dois, caso houvessem tentado tomar Baltimore.

— Marcus, acha que devo levá-lo para fora e esmurrá-lo?

— Você não poderia — disse James. — Trevor é mais forte que um cavalo e muito rápido.

— Eu ouvi você dizer que ele luta como um rufião, James — Ursula comentou.

— Agora chega — decidiu Wilhelmina. — Vocês me deixam nervosa. Sampson, mande Badger preparar tortas de limão para acalmar meus nervos.

As gêmeas se retiraram com a autorização de Gweneth.

— Não quero que vá embora, Willie — Gweneth insistiu.

Marcus sorriu para ela.

— Essa decisão cabe a Trevor, senhora.

— Por quê? Ele é tão jovem quanto você. Por que deve ter a palavra final? Ela é mãe dele.

— E ele é um homem, o chefe da família.

— Bobagem — protestou Wilhelmina. — Ele só tem vinte e dois anos, vinte e três, no máximo. Disse isso a ele há alguns dias, quando ele se enganou e disse ter vinte e cinco. Vou conversar com Trevor, Gwen. Ele ouvirá a voz da razão.

Trevor apenas deu de ombros e sorriu. Marcus e North trocaram olhares que nenhuma das mulheres à mesa entendeu.

Eles se encaravam no quarto da Duquesa.

— De jeito nenhum! Eu a proíbo!

— Marcus, eu estou bem. Vou ficar maluca se tiver de passar mais um segundo neste quarto. Por favor, quero ir cavalgar. Serei muito cautelosa, prometo.

Crittaker o esperava com uma pilha de documentos que precisavam de sua assinatura. O sr. Franks, administrador de alguns negócios em Londres, aguardava para vê-lo. Dois colonos precisavam falar com ele e esperavam do lado de fora da casa. Mas o conde disse:

— Eu vou com você. Não pode sair sozinha. Ela o abraçou, eufórica.

— Oh, obrigada!

Ele a beijou lentamente, provocando seu lábio inferior com a língua. A Duquesa ficou

na ponta dos pés e correspondeu ao carinho.

— Eu não posso fazer amor com você ainda, ou aquele dr. Raven teria um ataque. Não, Duquesa. Ah, seu sabor é maravilhoso, e é tão suave. Gosta de mim, não?

— Não existe homem como você no mundo, Marcus!

— Isso é um elogio ou uma condenação?

— Sinto que você me deseja, Marcus...

— E ainda duvida disso? Eu a quero sempre que a toco, sempre que sinto seu perfume, sua pele macia...

Mas ele não desejava a criança que crescia em seu ventre, porque odiava seu pai e não queria realizar um dos últimos desejos dele. Meneou a cabeça, livrando-se do pensamento, enquanto gemia de encontro à boca dele e aceitava que, independentemente da criança, era ele quem ocupava o centro de sua vida, o centro de seu coração.

— Por Deus, como eu desejo você.

— Sim — ela sussurrou. — Eu estou bem.

Beijou-o com ardor. No instante seguinte, ele a pressionou contra a parede. Afastaram as roupas, e ela o enlaçou com as pernas, recebendo-o com entusiasmo. O clímax dos dois foi rápido e violento, e ela gemeu ao sentir o corpo sacudido por espasmos sucessivos e deliciosos.

Alguns minutos se passaram enquanto, ofegantes, eles se recuperavam da excitante aventura de saciar o desejo daquela maneira quase selvagem. Marcus a beijou e a acarinhou antes de dizer, sorrindo:

— Lave-se, meu bem. E depois, se ainda tiver energia, eu a levarei para cavalgar. E se quiser experimentar algumas outras coisas enquanto estivermos fora... Não tentarei impedir.

Ela o fitou confusa por um instante, depois sorriu. Marcus estaria pensando em coisas impróprias para um cavaleiro? Mal podia esperar para descobrir.

Os Wyndham americanos partiram na manhã de sexta-feira. Ao se despedir, Wilhelmina disse à Duquesa:

— Parece que sobreviveu, infelizmente. James a encarou chocado.

— O que disse, mamãe!?

— Apenas que ela sobreviveu, felizmente.

— Realmente, senhora — respondeu a Duquesa. — E espero sinceramente que adoeça com a praga.

— O quê? — James mal conseguia conter o riso.

— Disse que espero que ela apareça em nossa casa. Wilhelmina a encarou com rancor.

— E impressionante como sempre consegue se recuperar. Mas, um dia, isso vai ter fim.

— Certamente, senhora. Porém, como é muitos anos mais velha que eu, é natural que o seu fim chegue antes.

— Não se pode perder a esperança — Marcus disse em voz baixa.

Wilhelmina enfureceu-se.

— Você merece morrer também. Os insultos dela têm a sua aprovação.

— Por Deus, mamãe! O que disse agora?

— Nada, Ursula. Apenas que Marcus merece alguém que não insulte seus parentes, alguém melhor do que a Duquesa, que é ignorante e malcriada.

A Duquesa riu.

— E realmente uma criatura patética, senhora. Espero que seja aleijada pela roda de uma carruagem.

— Marcus — Gweneth estava pálida —, o que foi que você disse?

— Disse a tia Wilhelmina que ela é atlética, e que nem ficará cansada com a longa



viagem.

— É muito atrevimento!

— Sim, finalmente reajo, não é? — Ele riu. Depois olhou para Trevor. — A Duquesa e eu iremos vê-lo em Londres, primo. Quanto tempo pretende passar na Inglaterra?

— James quer conhecer tudo, cada recanto de iniquidade.

— Nossa capital é rica em pecados — contou North. — Vai precisar de uns dez anos, pelo menos.

— James ainda é muito jovem. Ele é rápido. Aposto que verá tudo em três meses. Talvez menos, se pudesse ir a Londres para ser nosso guia. O que acha, North? Marcus?

— Não me apresse, irmão — disse James. — Um homem precisa amadurecer e conhecer todos os vícios para ser um bom pai e aconselhar seus filhos.

— Os cavalheiros são mesmo depravados — comentou a Duquesa. — Não sei se devo permitir que meu marido vá visitá-lo. Além do mais, ele nada sabe sobre esses lugares de depravação. Estou enganada, milorde?

— De jeito nenhum. Não conheço esses lugares. Sou um devoto piedoso e imune ao pecado que reina em Londres.

— Vai escrever para mim, Willie?

— Certamente, Gweneth. Oh, como detesto deixar o legado Wyndham para ele ou ela. É o legado dos Wyndham americanos!

— Apesar de todas as pistas com que nos deparamos, senhora, ainda não me convenci de que existe alguma coisa para ser descoberta — disse Marcus. — Essa história de nozes opostas e animal escondido no poço... Tudo isso deve ter sido delírio de um monge, nada mais.

— Concordo — Trevor manifestou-se. — Bem, temos de ir. Marcus, cuide de sua linda esposa. North, espero revê-lo. Se um dia for a Londres, Marcus tem nosso endereço. Espero que não seja devoto e piedoso como ele!

A carruagem se afastou com Ursula acenando da janela.

— Como é triste quando nos despedimos de hóspedes tão adoráveis! — lamentou Gweneth. — Agora teremos vários dias de tristeza. — Ela entrou em casa de cabeça baixa.

No hall, Maggie adiantou-se para acompanhar a Duquesa até o quarto.

— A americana é uma criatura detestável. Tenho certeza de que ela a empurrou da escada e bateu em sua cabeça na biblioteca.

— Como sabe sobre a escada, Maggie?

— O sr. Sampson me contou. E o sr. Badger. E o sr. Spears. Discutimos a situação, naturalmente. Por isso nunca ficava sozinha. Agora que a bruxa partiu, tudo será mais calmo por aqui. Tenho pena das pobres almas de Londres! Quer um chá, milady?

A paz reinou em Chase Park até uma hora da tarde. Quando todos almoçavam em silêncio, Sampson entrou na sala para anunciar: — Sua mãe chegou, milorde.

— Por Deus! — Marcus exclamou, abandonando os talheres. — Ela se adiantou!

A Duquesa se levantou para acompanhar o marido, que segurou sua mão.

— Continuem comendo. A Duquesa e eu nos sacrificaremos no altar do dever filial.

A mãe do conde, Patrícia Elliott Wyndham, uma mulher de cinquenta anos, mas que não aparentava mais de quarenta, era muito elegante, pequenina, com lindos cabelos negros e espessos. Não havia um único fio de cabelo branco em sua cabeça, e seus olhos eram azuis como os do filho. Ela olhou a Duquesa da cabeça aos pés.

— Marcus falava sobre você quando era menino. Ele dizia que era incomum, graciosa, reservada e arrogante. Não creio que a aprovasse muito. Por que, então, ele a desposou? E sem me informar, senão depois de realizado o matrimônio! E por que em



Paris?

A Duquesa sorriu para a sogra.

— Ele se apaixonou por mim, senhora. E implorou para que eu o aceitasse. Disse que não poderia viver sem mim, que nem mesmo o vinho e a comida teriam sabor sem mim. O que eu poderia fazer? Eu visitava Paris, e ele estava lá. Não houve tempo para Marcus cumprir o dever filial de consultá-la. Não é verdade, meu querido marido?

— Absolutamente. Ah, a que parte se refere, Duquesa?

— Francamente, senhora, eu adoro seu filho. Casei-me com ele porque sabia que seríamos felizes. Infelizmente, não pudemos contar com sua presença na cerimônia, porque não havia tempo... Mas lamentamos a ausência.

Marcus estava perplexo. Por que ela dizia todas essas coisas? Ela o adorava? E quisera desposá-lo? Não era apenas seu senso de justiça? Por que não mencionava a herança, a necessidade do casamento?

— Ele sempre foi um menino inteligente e charmoso — disse a sra. Wyndham. — As jovens da vizinhança o perseguiam, incansáveis, sempre flertando com ele, suplicando por um sorriso.

— O sorriso de Marcus é encantador. Eu não teria desejado ver outro todas as manhãs.

— Ah, ela é justamente a mulher que eu teria escolhido para você, Marcus — anunciou a sra. Wyndham, tomando a mão da Duquesa. — Vejo que usa uma aliança estranha. Precisa usar a minha, porque ela está na família Wyndham há pelo menos três gerações. Vou mandar buscá-la para você.

— Obrigada, senhora. Concorde com isso, Marcus?

— Certamente. Eu havia esquecido a aliança.

— Ela é sua esposa, Marcus. Deve usar a aliança que passou de geração em geração em nossa família.

— E claro. Bem, seja bem-vinda a Chase Park, mamãe. Quanto tempo pretende ficar?

— Bem, sei que os americanos já foram. A sra. Emory, minha querida amiga, me escreveu assim que soube que Trevor havia decidido partir hoje. Porém, não confio nas táticas daquela mulher. Fiquei em Darlington nos últimos dois dias, esperando meu informante confirmar que a carruagem deles deixara a propriedade. Sempre detestei aquela tal... Wilhelmma.

— Mas você nem a conhece, mamãe!

— Não importa. Ela não é uma bruxa rude e venenosa?

— Sim — confirmou a Duquesa. — Ela é exatamente isso. E impossível prever o que vai sair de sua boca, e quase tudo que ela diz é ofensivo.

— Eu sabia. Bem, meus caros, agora estou aqui, e tudo será muito mais feliz e brilhante. Onde está Gweneth? E as gêmeas? E que história é essa de um legado Wyndham? E você, Josephina, quase foi assassinada duas vezes, de acordo com a sra. Emory. Quero que me conte tudo, minha querida. Eu adoro mistérios!

— O nome dela é Duquesa, mamãe. Josephina é horrível.

— Pois bem, não pretendo desagradar minha nora... enquanto ela não fizer por merecer.

Ela viu o marido cavalgando e soube que ele procurava o carvalho, os nove ou o poço. Não falavam sobre o legado Wyndham havia três dias, o que era um alívio, porque toda a história parecia cada vez mais absurda.

— Marcus, notou as nuvens negras no céu? Acho que vamos ser pegos pela tempestade.

Minutos depois, um trovão ecoou na paisagem das ruínas. O vento ganhava força,



transformando a tarde em noite. Um relâmpago cortou o céu.

Marcus praguejou:

— Maldição! Há meia hora o céu era azul, não havia sinal de chuva, nem nuvens escuras...

— Bem, pelo menos continua quente. Não vamos nos resfriar. Devemos voltar?

Outro relâmpago arrancou um galho da árvore próxima de Birdie, provocando uma coluna de fumaça. O galho caiu no meio da estrada. Apavorada, Birdie empinou as patas dianteiras.

— Duquesa!

— Tudo bem, ela está sob controle! — disse a condessa, inclinando-se sobre o pescoço do animal.

Apavorado, Marcus se aproximou da égua e enlaçou a cintura da esposa, preparando-se para tirá-la da sela antes que o animal a derrubasse. Um som abafado, chamou sua atenção; seguiu-se outro, e logo ele sentiu um intenso ardor na cabeça. Alguém atirava contra eles!

Uma bala o atingira de raspão na têmpora.

A Duquesa gritou o nome do marido, percebendo o que acontecia.

Outro estampido. Ela viu um pedaço do tronco de uma árvore ser arrancado poucos metros à direita de onde estavam. Sem pensar, ela saltou para os braços do marido.

Mais um tiro.

A dor no lado esquerdo do corpo se espalhou rapidamente, e ela se agarrou a Marcus, protegendo-o como podia. Stanley assustou-se e tentou correr. Apavorada, Birdie galopou para longe da cena, deixando sua cavaleira pendurada nos braços do marido.

— Duquesa! Oh, Deus...

Mais dois tiros, e Marcus cravou os calcanhares nos flancos do cavalo.

— Vamos, Stanley! Depressa!

O animal partiu em disparada. Marcus a segurava contra o peito. Ela não estava inconsciente, mas sabia que fora atingida, como ele. Mas onde? E com que gravidade?

Teriam conseguido chegar em casa rapidamente, não fosse pelo bando de aves que, assustadas, deixaram a proteção das árvores ao ouvir o galope frenético do cavalo. Um trovão ecoou, um relâmpago cortou o céu azul. As aves passaram bem perto de Stanley, que ergueu as patas dianteiras. Marcus perdeu o controle da montaria. Tentou proteger a esposa enquanto eles rolavam abraçados por uma pequena encosta até aterrissarem em uma poça de água e lama, ela sobre seu peito. Marcus a ouviu gemer, e depois a viu ficar quieta, inerte.

Carregou-a até o topo da encosta. Agora a Duquesa estava inconsciente, e o ferimento em sua têmpora sangrava, impedindo-o de enxergar com clareza. O sangue escorria sobre seu olho esquerdo.

Stanley estava tremendo, mas não correra, graças a Deus. Com algum empenho e muita calma, Marcus conseguiu dominá-lo novamente e o montou. Com a Duquesa ainda inconsciente, o animal corria como o vento, saltando cercas e obstáculos.

Marcus amparava a esposa com um braço, conduzindo o cavalo com a outra mão. A mão que, ele notou, estava suja de sangue, algo que não havia percebido antes. Foi a cavalgada mais longa de sua vida. Quando ele deteve o cavalo diante de Chase Park, já gritava com toda a força dos pulmões.

— North! Spears! Badger! Venham depressa! North foi o primeiro a surgir na porta, seguido de perto por Badger. Marcus já desmontara e pulava os degraus com a esposa inerte nos braços.

— Ela foi atingida por um tiro. Mandem buscar o dr. Raven em Darlington, depressa!

North montou Stanley e partiu num galope frenético, enquanto Badger seguia o conde até o quarto da Duquesa.

— Sampson! — ele gritou da escada. — Providencie água quente e toalhas limpas!



Quando a deitou na cama, Marcus notou que havia muito sangue em suas mãos.

— Estou coberto com o sangue dela... — Ele gemeu desesperado.

— Sim, milorde, mas o sangue também é seu. Também foi ferido. Posso ver os ferimentos, um na têmpora e outro na mão. Por Deus, isso é inacreditável! Por que tanto sofrimento? Não quero mais ver minha querida senhora sofrer!

— O que aconteceu? — Maggie perguntou ao entrar, seguida por Spears.

Badger relatou o que sabia, e eles se juntaram para remover as roupas sujas da condessa e tentar conter o sangramento. Minutos depois, ela estava deitada de lado sob as cobertas, com Marcus segurando uma bandagem improvisada no ferimento sobre o quadril, no lado esquerdo do corpo. A bala rasgara a carne, mas a ferida parecia superficial.

— Milorde, deixe-me cuidar dos seus ferimentos, agora. Badger pode continuar cuidando da Duquesa — disse Spears com firmeza.

Duas horas depois, North chegou com o médico. A Duquesa recobrou a consciência, mas estava confusa e sonolenta.

— Ela vem e vai — disse Marcus. — Não creio que tenha estado suficientemente consciente para sentir dor.

— Ótimo — aprovou o dr. Raven, enrolando as mangas para examinar a ferida. — A bala não ficou alojada, felizmente. E o sangramento foi estancado. Excelente. Agora, enquanto ela ainda está inconsciente, vamos limpar a área com conhaque, e depois terei de suturá-la.

— Isso vai deixar uma cicatriz feia? — indagou Maggie.

— Sim, mas ela deve sobreviver. O que é uma cicatriz para quem escapa da morte?

— Ela não vai morrer — Marcus afirmou. — Meu Deus, ela não vai morrer, vai? Ainda tenho muito a dizer. Temos muitas coisas para fazer juntos. Não, minha esposa não pode morrer.

O dr. Raven olhou para o conde:

— Sim, ela pode morrer, milorde. Porém, sou muito competente. Vou agir rapidamente, porque a quero inconsciente. Assim ela será poupada da dor.

O médico começou a trabalhar. Se achava incomum atender à paciente diante de cinco pares de olhos aflitos, ele nada disse. A apreensão era palpável no quarto. Ele começou a sutura assim que concluiu a limpeza. Depois de um minuto, quando ele ainda manejava a agulha, a Duquesa gemeu. Todos os que estavam presentes ficaram imóveis.

— Oh, não — disse Marcus. — Não, por favor.

— Segure-a, milorde!

Marcus a imobilizou. Ela estava consciente e sentia a dor da agulha penetrando sua carne; gemia e se contorcia, tentando escapar do sofrimento. Então ela gritou, e lágrimas lavavam seu rosto. Badger tentou fazê-la beber conhaque e láudano, mas era difícil. Quando a mistura fizesse efeito, o dr. Raven já teria terminado o trabalho.

— Seja forte, Duquesa. Eu sei que a dor é terrível, mas tente ser forte, amor, só mais um momento.

O conde continuava falando. Não sabia se o que dizia penetrava sua consciência, mas não tinha importância. Finalmente, depois de uma eternidade, o dr. Raven anunciou:

— Pronto, aí vai o último ponto. Está terminado, milorde. — Ele levantou a cabeça.

— Sr. Badger, dê a ela mais um pouco de conhaque com láudano. Depressa. Sr. Spears, o pó de manjerição, depressa. Srta. Maggie, umedeça aquela toalha branca e deixe-a pronta. Sr. Sampson, certifique-se de que todos estão cumprindo as ordens.

Minutos depois, ela mergulhava novamente no estupor provocado pela droga. A dor fora superada, pelo menos no momento. O médico terminava de colocar a bandagem, e Maggie já começava a vestir a Duquesa com uma camisola limpa.

Mas ela ainda podia morrer. E Marcus estava desesperado.

Marcus velava o sono da esposa e pensava no que havia acontecido. Ela o protegera com a própria vida! Tinham sido seis tiros, pelo menos. O bastardo que os atacara usara várias pistolas, ou não teria conseguido disparar tantas vezes em rápida sucessão. Equilibrar as duas pistolas prejudicava a pontaria do agressor, graças a Deus.

Ele se inclinou e pousou a mão direita sobre a testa da esposa. A mão esquerda estava envolta por uma bandagem. Ambos haviam tido sorte. Mas a Duquesa estava quente. Tinha febre. Sem hesitar, ele vestiu o robe e desceu ao salão, onde o dr. Raven dormia.

— Ela tem febre — disse, sacudindo o jovem médico.

— Já vou examiná-la. Mande Maggie providenciar água fria e toalhas. Tem gelo?

— Badger cuidará disso.

Às duas da manhã, todos estavam novamente reunidos em torno dela. A Duquesa gemia, virando a cabeça de um lado para o outro no travesseiro.

Marcus queria chorar. Ele mesmo molhava seu rosto pálido com a toalha fria, embebida na água que Badger misturara com gelo em uma bacia.

— Dispa-a, milorde. Se a febre subir demais, vamos ter de colocá-la na banheira com água fria. Cavalheiros, retirem-se, por favor. Milorde e eu cuidaremos dela.

— Não — respondeu Badger.

— Não — Spears disse ao mesmo tempo.

— Sim, vocês vão sair — Marcus ordenou. — Eu cuido dela. Podem ter certeza disso. Minha mão está um pouco dolorida, mas sinto-me bem. Não se preocupem.

Assim que todos saíram, Marcus despiu a esposa e notou que o curativo ainda estava branco e seco.

— Não houve sangramento — disse o médico. — Bom sinal.

— Qual é seu primeiro nome, dr. Raven?

— George.

— Muito bem, George. Mostre-me o que devo fazer. Eles a lavaram com toalhas molhadas por mais de uma hora, até que, pouco depois das três, George tocou sua testa, o peito e o quadril perto do curativo.

— A temperatura baixou. Vamos rezar para que continue assim.

— Ela está tão fraca... — Marcus comentou aflito, vestindo-a com uma camisola limpa. — E como se ela não estivesse realmente aqui.

— Ela está aqui, milorde, e aqui permanecerá, porque vamos lutar para isso. Ela não vai morrer. Já esperava a febre. Agora, descanse um pouco. Eu fico com ela. Irei acordá-lo quando o dia raiar. A última coisa que quero é ter de lavá-lo com água fria. Você é grande demais.

Ela sonhava; um sonho lindo, cheio de flores coloridas e perfumadas. Estava sentada no meio delas, cantando uma de suas canções, a que falava sobre os marinheiros, a que mais havia rendido até agora. O sr. Dardallion da Hookhams dissera que a canção era tão popular que os marinheiros jamais a esqueceriam. Ela pensou em se tornar imortal por uma canção e sorriu. Ela cheirava uma rosa muito vermelha quando, de trás do canteiro, surgiu uma criatura que parecia ser um monge, mas era pequeno como um anão, e aparentava ser mais velho que as colinas atrás dele. Ele disse:

— Estive perto do poço, atento, mas você não me encontrou. Esperei e esperei, por centenas de anos, esperei, mas ninguém me encontrou. Vocês são estúpidos e sem nenhuma imaginação, diferentes de mim ou de meus irmãos quando decidimos o que fazer. Ele era o barão Dandridge, um simples barão era Lockridge Wyndham, mas ele nos ajudou, tentou nos salvar, e não conseguiu, ninguém conseguiu, e decidimos então cuidar dele da melhor maneira possível, caso ele perdesse tudo.

Sim, e aquele rei miserável nos arrancou tudo e limpou nossa abadia, ele e aquele



infeliz Cromwell e seus seguidores truculentos. Depois o barão morreu, cedo demais, pobre homem, antes de o filho dele saber o que acontecia, mas todas as pistas estavam lá e várias gerações falaram sobre o tesouro, até que isso também parou. Todos os Wyndham foram ignorantes e estúpidos. E mesmo agora estão desistindo. Por isso vim até você. Agora, o que vê?

Ela respondeu lentamente:

— Vejo um nove. Vejo outro nove, de costas para o primeiro.

— É verdade, condessa. Bem, talvez sim e talvez não. Você escreve aquelas canções, e elas são brilhantes, então, por que não é inteligente ao tratar disso também?

Não seja cega, ou na próxima vez em que eu vier até você, vai se arrepender. Monstros nunca morrem; eles vivem para sempre. Não esqueça. O velho monge encolhido desapareceu, e ela ficou no meio das flores, que murchavam e perdiam a cor como o monge havia murchado e desbotado. O ar puro e fresco ficou cada vez mais frio. Então ela gritou, querendo escapar da devastação.

— Acalme-se, amor. Estou aqui. A voz dele a despertou. A Duquesa abriu os olhos e o viu debruçado sobre seu rosto, a cabeça envolta por uma bandagem.

— Você parece um pirata. Seria bom se pudesse me capturar e levar para longe. Eu fingiria protestar, mas cederia.

— Está bem, eu vou capturar você e levá-la daqui, mas antes precisa ficar boa. Sabe, Duquesa, estou cansado de ver você machucada e doente.

— Não mais do que eu. Precisa de um tapa-olho, Marcus. E suas mangas têm de ser mais largas. Leve-me para uma ilha distante, talvez mais longe que a China, onde há sol e calor e eu poderia me deitar e...

Ela o fitou em silêncio e piscou. Uma vez, duas... Várias vezes.

— Acho que fiquei maluca.

— Não, essa é uma fantasia que eu realizaria com prazer, se pudesse. Como se sente?

— Dolorida, mas acho que vou sobreviver. E estranho... É como se tudo acontecesse mais devagar, como se eu fosse mais pesada... E sua cabeça, Marcus?

— É mais dura que a casca de uma noz.

— E a mão? O que aconteceu com sua mão?

— O bastardo que nos atacou acertou minha cabeça. Então, você saltou sobre mim como um anjo vingador, querendo me proteger, e também foi atingida. Ele também acertou minha mão quando a segurei sobre a sela. Tivemos muita sorte.

— Quem fez isso?

— Não sei, mas Badger partiu hoje cedo para Londres para se certificar de que nossos queridos Wyndham americanos estão mesmo lá.

— Não pode estar pensando que foi tia Wilhelmina!

— Ela pode ter contratado alguém. Badger descobrirá a verdade. Se ele precisar de ajuda, contrataremos um detetive de Bow Street. Não quero que se preocupe, está bem?

Ela assentiu.

— Você me chamou de "amor".

— Sim, eu sei.

— Duas vezes.

— Muito mais do que isso, mas você estava inconsciente e não ouviu.

— Gosto disso, Marcus. Se quiser me chamar de "amor" novamente, não vou reclamar.

Ele sorriu e a beijou na testa.

— Você me despertou de um sonho estranho. Eu estava sentada em um campo florido... — Ela relatou todos os detalhes do sonho.

— Então, podem ser nozes opostos, ou não. O monge disse talvez sim, talvez não. E disse que os monstros vivem para sempre. E mais algumas coisas confusas. Mas...



como sabe o nome desse ancestral dos Wyndham, Duquesa?

— Lockridge Wyndham — ela repetiu. — Não sei. O monge disse que ele era o barão Dandridge, depois falou o nome dele. Não senti medo até o fim, quando o cenário mudou de repente. Mas não entendo nada disso, Marcus.

— Nem eu, mas me recuso a aceitar que foi algum tipo de visitação.

— Então, o que foi?

— Não sei. Talvez tenha lido o nome do tal Lockridge Wyndham em algum livro da família. Sim, é isso.

De repente, havia terror nos olhos dela. — O que foi? No que está pensando, Duquesa? — Oh, não, Marcus! Não! — Ela agarrou o ventre, gritando: — Não! Não!

Menos de uma hora mais tarde, quando o relógio anunciou meio-dia, ela perdeu a criança, em meio a uma enxurrada de sangue, seu corpo se contorcendo em terríveis contrações. E então, tão repentinamente quanto havia começado, tudo acabou. Ela dormiu, pálida e exausta. A ferida em seu corpo se abriu, o sangue se juntando ao do aborto, e Marcus soube que a perderia. A Duquesa morreria, não havia dúvida disso.

O médico cuidou dela, Maggie limpou a cama e o quarto, lavou e vestiu sua senhora, e agora a Duquesa dormia, pálida e esgotada.

— Ela vai ficar bem — disse o médico.

Mas o conde duvidava disso.

Marcus encarava a mãe do outro lado da mesa da sala matinal.

— Não sabia que ela estava grávida, Marcus. Sinto muito. Você a engravidou muito depressa!

— Sim, deve ter sido na nossa noite de núpcias.

— Não gosto dessa violência, meu querido. São ataques sucessivos contra a Duquesa, e dessa última vez tentaram matar você também. Quero dizer... Você ou a Duquesa... Quem sabe?

— Foram muitos tiros, mãe. Quem nos atacou queria matar os dois.

— Spears me disse que você recebeu uma mensagem de Badger.

— Sim, ele logo estará de volta. Não há mais nada que ele possa fazer em Londres. Todos os Wyndham estão lá. Ursula e Trevor pegaram uma gripe horrível e estão acamados, e tia Wilhelmina nem chega perto dos filhos por medo de pegar a infecção. James está hospedado na casa de um jovem que conheceu em seu primeiro dia em Londres. A casa desse rapaz fica em Richmond, e Badger foi até lá para ter certeza de que não era um truque para encobrir a ausência de um deles. Mas James estava mesmo lá. Os dois jovens se encharcavam de conhaque e jogavam cartas. Mesmo assim, nada garante que eles sejam inocentes.

— Foi aquela bruxa miserável.

— Sim, ela pode ter contratado alguém para atirar. Gweneth entrou na sala e beijou os dois parentes.

— O dr. Raven é um jovem encantador — ela disse.

— Sim, e competente também. Fui um idiota por desconfiar dele.

— Desconfiou do médico, Marcus? — perguntou a mãe dele. — Está com ciúmes de sua esposa? Meu Deus, que alívio saber que você é humano, afinal!

— Confesso que é estranho experimentar esse sentimento de posse, mãe. Não sei, talvez eu esteja confuso com todos esses ataques, com o possível envolvimento de nossos parentes americanos...

— Isso deve ter alguma ligação com o legado Wyndham — opinou Gweneth.

— Também pensei nisso quando a Duquesa foi atacada pela primeira vez na biblioteca e o livro foi roubado, mas agora... Foram muitos tiros, tia. Nós éramos os alvos. E não temos a menor ideia de onde está esse tesouro, se é que ele existe!



— Na verdade, talvez eu tenha uma ideia — Patrícia Wyndham declarou enquanto se levantava. — Estive pensando muito em tudo isso, meu filho. Pode ir buscar os desenhos que a Duquesa copiou do livro? Gostaria de estudá-los antes de dizer alguma coisa.

Ela se retirou sorrindo, deixando o filho e a cunhada sem fala na sala do desjejum.

Marcus olhou para as folhas de papel empilhadas sobre a escrivaninha. Ele acabara de pegar os desenhos que ela tinha feito do poço e encontrara outras folhas embaixo dessas. Páginas e mais páginas de músicas e letras escritas sob as notas. Ele leu alguns versos e reconheceu uma canção conhecida por todos os homens da Marinha. A Duquesa era R. L. Coats? Ela escrevera aqueles versos? Havia outros, e ele reconheceu vários. Eram pelo menos vinte. Sob as músicas havia correspondência variada e documentos legais. Ele sorriu. Por Deus, ela ganhara muito dinheiro com algumas daquelas canções!

Sustentara-se e pagara o salário de Badger. E sozinha! Era corajosa, essa sua esposa. Ele sentiu um forte orgulho de ser seu marido. Orgulho e algo mais, alguma coisa que já estava ali, profunda e infinita, algo cujo nome era amor, e do qual não podia mais fugir. Talvez a amasse desde que ela era só uma menina de nove anos e ele a chamara de Duquesa pela primeira vez. Não sabia dizer, mas agora o sentimento estava ali, esse poço de amor por ela.

Com cuidado, devolveu todas as folhas de papel aos seus lugares, na ordem original, e fechou a gaveta antes de se dirigir ao quarto dela.

Ela dormia profundamente. Olhar para o rosto pálido e angelical o fez lembrar as acusações que fizera quando fora vê-la em Pipwell Cottage. Um homem a sustentava! Afinal, ela era só uma menina indefesa, como todas as mulheres eram indefesas, e todas precisavam de um homem que as protegesse e sustentasse, que cuidasse delas. E a Duquesa não negara suas acusações. Simplesmente se calara, completamente sozinha em seu mundo de silêncio e dor. Aquela Duquesa nunca o teria surrado com um chicote, um arreio ou um pé de bota. Mas ela escrevera todas aquelas canções, a Duquesa que agora era dele, e que também era uma mulher diferente, porque, se a provocasse o suficiente, ela seria capaz de matá-lo com um tiro certo.

Ela fizera tudo aquilo sozinha.

E nunca havia contado nada a ele.

Quando desceu a escada, Marcus ouviu Spears cantando uma das canções criadas por sua esposa. O velhaco sabia. Badger contara a ele. Maggie também devia saber. E Sampson também. Todos sabiam, exceto ele.

Por que ela não lhe contara?

Ele entregou os desenhos à mãe, e depois deixou o salão assobiando uma canção que certamente era ousada demais para ter sido criada por uma dama.

Rezou para que os dois vivessem muito tempo e para que passasse ao lado dela cada um dos minutos que teria.

Badger praticamente espumava de raiva enquanto relatava a Spears, Sampson e Maggie:

— Qualquer um dos malditos bastardos pode ter feito isso. Se não tiveram coragem de agir pessoalmente, contrataram alguém. A bruxa velha está por trás disso, eu sei que está.

— Mas todos têm álibis, pelo que nos contou. Então...

Maggie, que parecia mais interessada nas próprias unhas, disse:

— Talvez estejamos todos olhando na direção errada, Talvez seja alguém que ainda está aqui. Como é mesmo o nome do homem que mora no vilarejo? O dono da livraria,



outro bastardo Wyndham?

— Não lembro, mas você teve uma boa idéia, Maggie — Badger respondeu. — Vou até lá hoje mesmo e terei uma boa conversa com esse homem.

— Tome cuidado, sr. Badger. Ele pode ser um vilão.

Há muitos deles por aqui.

— Serei cauteloso, minha cara. A propósito, você está particularmente linda com esse vestido verde.

— Obrigada, sr. Badger. — Ela sorriu. — Mas não é hora de nos ocuparmos com coisas sem importância. Vou ver como está a Duquesa. Ela tem se sentido inquieta e entediada, pobre dama. Talvez o conde me permita lavar os cabelos dela hoje.

— O conde finalmente percebeu que é um homem de sorte — disse Spears. — Fico feliz por ele ter sucumbido. Porém, ele também tem se comportado de maneira estranha nos últimos três dias. Não entendo.

— Está procurando mistérios onde eles não existem, sr. Spears — Badger opinou. — Ele está apenas preocupado com a Duquesa. É lamentável que ela tenha perdido a criança.

— Mais uma conta a acertar com a pessoa que os atacou, sr. Badger. Isso acentua a depressão de milady. Ela se culpa, o que é absurdo.

— Sim, sr. Spears, e ela também disse ao conde que agora as coisas são como ele queria que fossem. Ele nunca mais terá de ser pai de um filho dela.

— E o que ele respondeu, sr. Badger?

— Não sei. Agora os dois se fecharam em suas fortalezas emocionais.

— É verdade, mas ainda acho que há mais nessa história do que nossos olhos podem ver.

— Eu diria — Sampson interferiu — que toda a criadagem está muito preocupada. A condessa é muito querida por todos. Quanto ao conde, a preocupação que ele demonstra ter com a esposa os fez perceber que ele é um homem comum, um marido em vias de reparação. Sinto que agora eles o respeitam, em vez de sentir medo dele.

— Ainda assim, ele é um cabeça-dura — Maggie impacientou-se. — Já disse à condessa que aprovei a mudança de conduta e adorei que ela tenha batido nele tantas vezes. Gritar limpa a alma de uma mulher. Reajusta sua visão das coisas. Um homem não é capaz de ouvir até que sua atenção seja devidamente cativada. Um chicote, um grito, uma bota... Tudo pode servir.

Nenhum dos três cavalheiros ousou se opor. Spears finalmente disse:

— Acho que vou ter uma conversa com a sra. Wyndham. Ela é uma mulher muito sensata.

Spears encontrou Patrícia Wyndham deitada de costas no tapete do salão verde, olhando para o teto. Ela estava completamente imóvel e, por um instante de pavor, Spears acreditou que ela estivesse morta.

— Senhora!

Devagar, ela virou a cabeça e sorriu.

— Olá, Spears. Venha me ajudar. Felizmente a sra. Emory é uma excelente governanta, ou eu estaria coberta de poeira.

Ela se levantou com a ajuda de Spears e sacudiu as saias.

— Posso perguntar o que estava fazendo deitada no tapete, senhora?

— Pode, mas eu não vou responder, pelo menos por enquanto. Onde está meu filho?

— No quarto da Duquesa, provavelmente.

— Ele é um encanto.

— Eu não usaria essa palavra para descrever o conde, mas... Não importa, só a procurei porque queria perguntar, senhora, se tem alguma idéia sobre quem pode ser o irresponsável por todo o infortúnio que temos sofrido.



— Não posso saber tudo, Spears.
— Sabe alguma coisa, senhora?
— Oh, sim, sei muito mais do que só alguma coisa. De fato, talvez em breve eu possa esclarecer pelo menos parte desse mistério.
— Entendo. Não gostaria de desabafar, talvez discutir suas opiniões?
— Com você?
— Sim, certamente, senhora.
— Ainda não, Spears. Perdoe-me, mas ainda não estou preparada para falar. Há pontas soltas que não consigo encaixar na trama, entende? Bem, vou ver como meu querido menino está se saindo com a Duquesa. Pobrezinha, perder o bebê a depressiu muito.
Sem mencionar os tiros, Spears pensou, mas não disse nada.

Seu querido menino berrava como um louco, a mãe percebeu quando terminou de subir a escada a caminho do quarto da nora. Ela abriu a porta e encontrou a Duquesa em pé ao lado da cama, apoiada na cabeceira, aparentemente fraca e tonta.

— Marcus, pare de gritar — ela disse com tom calmo. — Estou bem, já disse.
— Você jurou que ficaria na cama! Veja só isso! Está pálida, suando frio, trêmula... E fora da cama!
— Meus queridos — Patrícia disse da porta —, isso não é bom para os nervos da Duquesa. Mas ele tem razão, querida. Por que saiu da cama?
— Sabia que o apoiaria.
— Não é o que fazem as mães?
— Ela se aliviava, mãe. A Duquesa pensou em se levantar, caminhar os quinze passos até o biombo e usar o urinol. Não vou permitir. Está ouvindo, Duquesa? Volte para a cama.
— Sim, Marcus, já estou indo. Eu estava voltando para a cama quando você entrou aqui e começou a gritar como um louco.
— Um louco? Eu sou o louco? Quer dizer que já usou o urinol?
— Sim, e consegui voltar para a cama caminhando, sozinha.
— Isso é fascinante, crianças, mas a discussão sobre o urinol pode ficar para depois. Venha, Duquesa, eu a ajudo — ofereceu Patrícia.
— Fique onde está, mãe. — Marcus pegou a esposa nos braços e a deitou na cama.
— Pronto. Não se mova ou vai se arrepender.
— Isso está ficando intrigante. O que vai fazer se eu me mover, Marcus?
— Ah, quer arriscar? Pois bem, ainda não sei o que vou fazer, mas sei que vou gostar muito. E você também.
— E acha que vai me convencer a obedecer com esse tipo de ameaça?
— Meus queridos, por favor, não discutam essas questões conjugais agora. Os ouvidos delicados de uma mãe não toleram esse tipo de conversa. Você, Marcus, ainda é meu menino, eternamente banhado pela luz da pureza e da inocência. Além do mais, só vim para informar que Badger vai mandar o almoço. Podemos comer todos juntos enquanto conversamos agradavelmente?
— E já que vão conversar, senhora, pode aproveitar para contar a seu filho por que estava deitada no tapete do salão verde — Spears sugeriu da porta.
— Pensei que fosse mais discreto, Spears. Que decepção! Minhas posições corporais não interessam a ninguém neste momento.
— O que estava fazendo no chão, mãe? E alguma nova técnica de meditação?
— Meu querido menino, não é da sua conta. A Duquesa riu.
— Obrigada, senhora. Desviou de mim o fogo do ataque!



O conde a fitou com seus grandes olhos azuis. Depois sorriu e a beijou na boca.

— Se comer tudo no almoço e der um bom cochilo depois da refeição, prometo deixar Maggie lavar seu cabelo à tarde.

— E o resto de mim?

— Eu mesmo lavarei.

— Não, Marcus. Não pode. Eu...

— Fique quieta, Duquesa. Patrícia revirou os olhos.

— Onde foi parar a pureza do meu querido menino?

Mais tarde, Marcus chegou ao quarto da Duquesa para cumprir o que prometera. Com um tecido molhado, começou a lavar seu corpo com delicadeza, evitando cuidadosamente o ferimento. Ela permitiu que ele o fizesse; porém, quando o sentiu tocar seu ventre, pediu:

— Por favor, Marcus. É embaraçoso para mim, e eu não...

— Não me incomode com isso. Pelo contrário, fico feliz por ser apenas um sangramento normal, e não algo mais grave. Agora, fique quieta e confie em mim.

Ele prosseguiu com a tarefa, até chegar aos pés. Em seguida, vestiu-a com uma camisola limpa.

— Pare de me olhar assim, Duquesa. Sou seu marido. Não fique embaraçada.

— E difícil, Marcus. Eu confio em você. E meu marido, mas eu sempre fui muito reservada, e algumas coisas as mulheres têm que manter para si.

— Isso é bobagem. Obviamente, não confia o suficiente em mim. — Acomodou-se diante dela e, com a expressão séria, falou: — Como minha esposa, você deve confiar em mim. Deve me contar tudo o que sente e o que pensa. Não precisa esconder nada de mim, seja alguma coisa física ou algo que tenha feito. Não mais. Nunca mais. Pode até continuar gritando comigo e me batendo quando eu disser algo que a desagrade.

Para surpresa e horror de Marcus, ela começou a chorar. Não soluçava, não emitia nenhum som, mas chorava copiosamente, as lágrimas lavando seu rosto abatido.

— Por favor, não faça isso. Por favor, meu bem, não chore.

Ela virou o rosto para o outro lado e cerrou os punhos. Marcus começou a falar, a voz profunda e calma:

— Duquesa, eu tenho sido um grande idiota. Tão idiota, que talvez nem você possa me perdoar dessa vez. E sei que me perdoou muitas vezes desde que éramos crianças.

Ele viu que seu corpo ficava tenso, mas ela não se virou para encará-lo.

— Em Paris eu me senti realmente propenso a apertar seu pescoço, tamanha a fúria que senti por ter tomado os problemas em suas mãos, por ter me privado de escolhas. Fiquei furioso, e me deixei dominar pela autocomiseração e pelo rancor. Nenhum homem suporta que uma mulher assuma o controle, sabe? Sei que disse coisas que a magoaram profundamente. Falei como um tolo e tentei acreditar nos insultos que proferi. E a feri deliberadamente, só porque era filha de seu pai. Ainda detesto aquele velho bastardo! Enfim, eu a castiguei porque eleja estava morto, e eu não poderia atingi-lo. Tente me perdoar mais essa vez... Tenha filhos comigo. Vamos encher Chase Park de bebês! Nossos filhos! E seu pai que fique no inferno, ardendo no fogo da própria amargura, porque ele não tem nada a ver conosco, com nosso futuro.

A Duquesa virou-se lentamente para encará-lo. Ergueu a mão e tocou seu rosto com um gesto hesitante.

— Quer mesmo ter um herdeiro? Um menino que será o futuro conde de Chase? Uma criança com meu sangue e o seu, e também o do meu pai?

— Sim, e esse menino terá irmãos e irmãs.

— Mas... por quê? Ficou com pena de mim porque perdi o bebê? Sente-se culpado?

— Sim, eu me sinto culpado, mas não é esse o motivo.

— Qual é, então?

— Amo você. Mais do que jamais imaginei que um homem pudesse amar uma



mulher. Acredita em mim? Acha que pode me perdoar?

Por um instante, ela ficou em silêncio como a velha Duquesa, distante, ativa, analisando-o do alto, e Marcus odiou esse momento.

— Por favor, não faça isso. Grite comigo. Pode me bater, se quiser. Mas não suporto este silêncio.

— Está bem — ela murmurou.

— Está bem... o quê?

— Vou gritar com você na quarta-feira. E vou bater em você na sexta. Mas, hoje, só quero que repita o que disse.

— Eu amo você, Duquesa. Vamos ter muitos filhos, e estou disposto até a permitir que George Raven os traga ao mundo... desde que ele se case antes, é claro. Não suporto aquele olhar de luxúria quando ele a examina e...

— Marcus!

— Sim?

— Também amo você. Provavelmente, desde que era muito pequena para saber dar nome ao que sentia. Forcei o casamento não só para salvá-lo da ruína e para torná-lo o herdeiro, mas porque o queria. E desejava dar-lhe o que os Wyndham americanos queriam tomar pela força. Algo que pertence a você.

— A nós. Aos nossos filhos. E aos filhos dos filhos dos nossos filhos.

— Sim, sim! Por favor, entenda. Eu não podia permitir que abrisse mão do que é seu.

— E quando me procurou na nossa noite de núpcias? Foi só para me impedir de anular o casamento?

— Sim, mas não só por isso. Não sabia o que acontecia entre homens e mulheres; por isso não tinha idéia de como poderia ser maravilhoso com você. Tinha tanto medo de que cometesse alguma loucura, que decidi prendê-lo a mim de alguma forma.

— E agora?

— Agora o desejo como jamais imaginei que pudesse desejar um homem. E ainda tenho muito para aprender.

— Pois bem, quando estiver recuperada, forte e alegre novamente, prometo ser o professor mais atencioso e dedicado de Yorkshire. Não, de toda a Inglaterra! Ela sorriu, um sorriso livre de dor e dúvidas. — Lembra-se do que disse quando começamos esta conversa? Sobre você me dizer tudo? — Sim.

— Francamente, Duquesa, pode me falar qualquer coisa. Não deve haver segredos entre nós. Nunca. Ela o encarou intrigada, mas não disse nada. Marcus ficou imaginando quando ela falaria sobre suas incríveis canções e o pseudônimo R. L. Coots. Onde ela fora buscar um nome tão absurdo?

Mas R. L. Coots não era importante agora. A Duquesa era importante. O sr. Coots voltaria à baila no futuro, quando chegasse o momento. Marcus não tinha pressa. Mas teria gostado de dizer o quanto se orgulhava dela. Como não podia manifestar seu orgulho sem trair a indiscrição que cometera espionando suas gavetas, ele a beijou. E a beijou novamente. E a reteve nos braços como se nunca mais pretendesse soltá-la.

A Duquesa encontrou a sogra deitada de costas no tapete do salão verde, olhando para o teto. Era como se estivesse hipnotizada. Intrigada, ela também olhou para o teto. Aquele salão era o único em toda a casa com uma pintura no teto, ou grupos de pinturas, todas feitas pelo mesmo artista, cenas desenhadas entre as vigas sólidas e imponentes. Ela olhava para aquelas pinturas desde que tinha nove anos de idade, particularmente para as medievais. Considerava-as interessantes, mas nunca dera muita atenção aos detalhes. Era só mais uma parte da casa que tanto a assustava na infância.

Patrícia Wyndham examinava uma série de pinturas, em sua maioria cenas da vida

no vilarejo em tempos medievais. A tinta desbotara ao longo dos séculos, mas ainda eram vibrantes e nítidas, fáceis de admirar e estudar.

Ela olhava para a série preferida da Duquesa, a primeira cena com uma jovem donzela cercada por seus criados, toda vestida de branco e com um chapéu em forma de cone sobre sua cabeça, os cabelos claros caindo como uma cascata de ouro por suas costas. A moça estava sentada sobre uma cerca de pedras, levemente inclinada para a frente, ouvindo um jovem galante que tocava uma flauta típica daquele tempo. A Duquesa sempre tivera a impressão de poder ouvir os sons da flauta, tal o encantamento na expressão da donzela. Ela olhou para a cena seguinte, semelhante à primeira, mas nela o jovem galante estava em pé, com um braço erguido para as folhas de um carvalho, como se quisesse pegar alguma coisa entre os galhos. O quê? Na terceira cena, um criado dava à jovem uma caneca de água, e a Duquesa percebeu de repente que, não, a jovem não estava sentada sobre uma cerca, mas sobre a mureta de um poço ou de uma fonte. O jovem havia retirado uma flauta da copa do carvalho. Uma flauta em um carvalho?

De repente, ela parou e sentiu o coração acelerar. Não! Seria possível? Balançou a cabeça e olhou novamente para cima. Na cena seguinte, o jovem segurava as duas flautas, uma em cada mão, e continuava sorrindo para a donzela, como se lhe oferecesse um dos instrumentos, a atenção firme nela. Na próxima, ele ainda segurava as flautas, mas agora olhava por cima de um ombro. Havia alguém ali, e o jovem parecia amedrontado. Ele removera as ponteiras das duas flautas e segurava os instrumentos juntos, um contra o outro, ambos em uma das mãos. Uma flauta era perfeitamente plana em um dos lados e não se encaixava na outra. Por que, então, ele não apertava os dois lados planos um contra o outro? Por que um dos lados côncavos? Era estranho, difícil de segurá-las nessa posição.

— Olá, querida. Sente-se melhor? Ah, sim, ou meu querido filho não a deixaria andar pela casa sozinha. Estava aqui olhando para o teto. Quando visitei Chase Park pela primeira vez, há muitos anos, fiquei encantada com este salão por causa das pinturas. Eram tantas! A começar pelas cenas dos tempos dos conquistadores, seguindo para os anos do século dezesseis. Eram essas últimas cenas que mais me fascinavam, porque em algumas delas está minha corajosa Mary, rainha dos escoceses, tão determinada, tão firme e nobre diante de toda a traição. Está vendo? Não há nenhuma imagem dela senão infante, o que significa que o artista deve ter parado por volta de 1550. Mas há três dias percebi que havia mais nessas pinturas do que um simples retrato histórico. Já encontrou, Duquesa? Sim, estou vendo que sim. Incrível, não?

A Duquesa se deitou ao lado da sogra para poder enxergar melhor.

— Isso, meu bem, daqui é mais fácil ver tudo. Agora me diga: o que está vendo?

— A donzela está sentada na beirada de um poço sob um carvalho. Como nas pistas. Mas e os nove? O monstro?

— Essa questão dos nove tem me incomodado muito. Só ontem percebi a verdade dessa charada. Olhe para as flautas, Duquesa.

— Sim, as flautas. Eu estava mesmo me perguntando por que ele as segura daquele jeito.

— Pense na música. Imagine o que teria se o jovem as segurasse de frente uma para a outra.

— Céus! Não são nove! É... música! São esses os nove opostos!

— É o que eu penso. Toquei piano forte durante toda a minha vida, e juro que essa é a primeira vez que me sinto feliz por minha mãe ter me obrigado a ler partituras, em vez de dançar ao luar, o que finalmente pude fazer com o pai de Marcus, um homem maravilhoso. Sabe alguma coisa sobre música, Duquesa?

— Sim — ela respondeu excitada. — Segurar as flautas daquela maneira expõe as claves baixas. Elas se parecem com nove! Olho para essas pinturas desde que era menina, mas nunca olhei realmente, entende? Mesmo depois de conhecer todas as

pistas, simplesmente nunca me ocorreu que essas pinturas... Meu Deus!

— Essas pinturas são conhecidas por todos, mas foram criadas por uma razão, pelos menos as cenas medievais. Veja só a última delas. O jovem está olhando para trás, para alguém, e parece assustado.

— O monstro.

— Sim, o monstro. E o jovem aponta para a flauta. Para o quê, eu fico me perguntando.

— Para a clave baixa, é isso que ele tenta nos dizer. Vê? Ele aponta para os galhos mais baixos da árvore, depois para a segunda flauta. Ah, senhora, como fomos cegos! As pistas estiveram por aqui durante séculos, mas ninguém jamais pensou... Deve ser a pessoa mais brilhante que conheço!

— Obrigada, querida criança, mas ainda não temos o tesouro.

— Posso saber o que fazem aí deitadas no tapete?

— Ah, Spears! — exclamou Patrícia. — Sim, agora você já pode saber. Venha até aqui, deite-se conosco e olhe para cima. Terá uma incrível revelação.

Dez minutos mais tarde, quando entrou no salão verde procurando por Spears, Badger viu os três deitados no tapete.

— Por Deus, o que está acontecendo aqui?

— Ah, sr. Badger! Excelente. A sra. Wyndham não sabe tudo ainda, mas está bem perto disso. Venha até aqui, deite-se conosco, e ela lhe dirá o que sabe.

Quando Marcus entrou no salão alguns momentos depois, procurando pela esposa, ele ouviu Spears dizer:

— Mas quem é o monstro? A Duquesa o viu e disse:

— Marcus, venha até aqui. Estamos quase solucionando o mistério do tesouro Wyndham. Venha e deite-se aqui ao meu lado.

Ele atendeu ao chamado e olhou para as pinturas.

— Meu Deus! Passei a vida toda olhando para essas cenas, admirando a tonalidade das tintas, o talento do artista, mas nunca olhei realmente para elas, nunca pensei que...

— Eu sei — disse a Duquesa. — Eu também não. Mesmo que soubéssemos sobre o tesouro Wyndham, jamais o teríamos relacionado às pinturas. Mas sua mãe estabeleceu a ligação. Por isso ela estava deitada aqui há três dias. Ela imaginou que poderia haver uma conexão entre as cenas e o tesouro. Tem idéia de quanto tempo tem este salão, Marcus?

— Estamos na parte mais antiga da casa. Creio que o salão verde é um dos poucos cômodos que sobreviveram ao incêndio no início do século passado.

— Na verdade, meu querido filho, terminei recentemente de ler todos os diários deixados por Arthur Wyndham, então terceiro visconde de Barresford. Ele deixou informações muito valiosas no terceiro volume de seus tediosos relatos. O incêndio ocorreu em 1723, e boa parte da mansão foi destruída, exceto pelo salão verde e a biblioteca, onde você encontrou aquele livro. Arthur Wyndham recuperou os dois aposentos e construiu outros. Ele também escreveu que seu pai e seu avô admiravam as pinturas no teto, e por isso ele as restaurou. Felizmente ele era um homem sensível, ou tudo teria se perdido.

— Ah, vejam! — Spears apontava para o teto. — Agora vejo o poço claramente, e também um balde, se não me engano, preso por uma tira de couro. Mas onde está o monstro?

— Fora da cena, ou em nenhum lugar — opinou Marcus. — Não vejo nada que possa lembrar uma besta deformada ou algum tipo de monstruosidade.

— Ah, mas há um monstro — a Duquesa anunciou. — Ele está ali, embora não possamos vê-lo. Posso senti-lo. Vocês não? Olhem só para o rosto do jovem flautista naquela última cena. Ele sabe que algo terrível vai acontecer. Só pode ser o monstro.

— Então — Patrícia resumiu —, nossa donzela está sentada na beirada do poço. O

jovem toca flauta para ela. Ele retira outra flauta dos galhos do carvalho e une as duas flautas, de forma que temos ali nossos nove opostos, ou as claves baixas, como disse a Duquesa. O monstro está ali, mas não podemos vê-lo. Isso abrange todas as pistas.

— E cobre todos os elementos de seu sonho, Duquesa? — Marcus perguntou.

— Creio que sim. O monge até sugeriu que os nove opostos não eram realmente nove.

— Ah, mas por que tanto mistério? Por que não entregaram simplesmente o tesouro a Lockridge Wyndham? É tudo muito confuso e tolo. E compreensível que nenhum Wyndham das gerações seguintes tenha encontrado nada, e que até tenham esquecido o tesouro.

— Senhora, os monges não estavam sozinhos nessa determinação. Não eram os únicos a decidir o fim do tesouro — Spears comentou. — O ancestral Wyndham deve ter ajudado a esconder os preciosos bens, providenciando as pistas para seu paradeiro. Ele não podia se mostrar com tanta riqueza, ou o rei e Cromwell teriam tomado conhecimento dela. Considerando a incerteza daqueles tempos, certamente teriam confiscado o tesouro, e provavelmente sua cabeça do pescoço.

— Aposto que o velho Lockridge Wyndham morreu antes de poder revelar aos filhos onde escondera o tesouro — disse Badger. — Então, tudo se perdeu nas gerações seguintes.

— E os monges escreveram dois livros sobre isso — acrescentou Marcus. — Um deles foi dado a Lockridge Wyndham, e o outro... Jamais saberemos. Pelo menos o livro não acabou nas mãos de Burgess.

— Outras pessoas o leram, mas não sabiam do que se tratava — disse Maggie, que se sentara em silêncio atrás de Spears. — Muito bem, tivemos aqui uma excelente lição de História, mas onde está o tesouro Wyndham?

— Deve haver algum espaço escondido, uma pequena brecha... E deve ser neste salão — Marcus decidiu animado. — Não sabemos o que é esse tesouro.

— E ele pode estar acima do salão — sugeriu Badger. — A pista consiste em estender o braço para os nove, como fez o jovem para pegar a flauta. E há o poço e o monstro, que pode estar onde está o tesouro.

— Mas um poço está abaixo da terra, não acima da casa — Patrícia estranhou.

A Duquesa se levantou com cuidado, ainda sentindo as dores no ferimento em cicatrização.

— Então, o espaço escondido fica diretamente sob a árvore e o poço, abaixo da terra.

— Não — protestou Patrícia. — Para ser bem precisa, e acredito que precisão é fundamental aqui, temos de olhar sob aqueles nove opostos.

— É isso! — exclamou Marcus. — Sampson, vá buscar Horatio!

O tapete foi enrolado contra a parede do salão. Toda a mobília foi removida da área sob as pinturas medievais. Horatio, um marceneiro com magia nas mãos, estava de joelhos, o ouvido bem próximo do piso de madeira, batendo delicadamente com seu martelo contra as tábuas. De repente, ele se levantou e sorriu.

— Milorde, encontrei um espaço onde não há uma viga de sustentação. Creio que localizamos o espaço vazio. — Ele removeu as tábuas com grande cuidado. — Aí está! — ele anunciou.

— Sampson, traga velas! — pediu Patrícia com urgência.

O espaço era grande o bastante para comportar um homem, e Marcus passou pela abertura.

— Encontrou alguma coisa, Marcus? — perguntou a condessa com tom aflito.

— Filho, fale de uma vez, ou vou cair vítima da ansiedade!

A fenda era estreita e baixa, mas abrangia toda a extensão do salão verde em comprimento. Ele levantou as velas para enxergar melhor. Aparentemente não havia

nada, apenas a escuridão, poeira, aranhas e teias em quantidade suficiente para sufocar um batalhão. Ele se abaixou e continuou procurando, até chegar ao final da fenda. Havia alguma coisa ali, um objeto encostado à parede. Não era um arca de tesouro, certamente. Marcus aproximou as velas do objeto... e gritou:

— Oh, meu Deus! É um esqueleto!

Ele se aproximou e descobriu que estava enganado. O que havia ali era um boneco empalhado, representando um enforcado. A corda no pescoço do boneco estava presa à viga de sustentação do piso do salão. A figura usava roupas elegantes dos tempos da rainha Elizabeth. Marcus tocou a renda em um punho e ela se desintegrou. O rosto de pano tinha sido cuidadosamente pintado. Havia crueldade, avareza e ganância na expressão criada com tintas. Os olhos de vidro sugeriam arrogância.

Assustado, Marcus reconheceu no boneco o rei Henrique VIII. Era idêntico ao retrato que ele vira em outros tantos lugares. Fora necessária uma quantidade imensa de palha para preencher o corpo em tamanho natural. Mas por que ali? E por que escondido?

As vozes no salão eram aflitas, ansiosas, curiosas.

— Não é um esqueleto — ele anunciou em voz alta. — É um boneco de palha retratando Henrique VIII com uma corda no pescoço, pronto para ser enforcado. É estranho. Ele tem uma gola de renda e arminho gigantesca, apesar da corda no pescoço e... Ei! Esperem!

Aquilo não podia ser palha. Havia mais alguma coisa ali. Cuidadoso, Marcus tocou a renda da gola, que se desfez, e retirou do pescoço descoberto o mais belo fio de pérolas que jamais vira. Com as mãos, ele pressionou o tecido em decomposição e sentiu outras peças. Jóias! E moedas, também. E rosários, e até um cetro. Havia um prato, um cálice... E um livro, provavelmente a Bíblia, cuja capa sem dúvida estaria recheada de jóias. Devia haver outras preciosas relíquias da Igreja dentro daquele boneco. Não era palha. Era o tesouro da Abadia de St. Swale escondido na figura gorda e grotesca do rei Henrique VIII. E estivera ali por mais de três séculos.

— Spears, acho que vamos precisar de cordas para remover isto daqui. É pesado, por isso providencie cordas bem grossas. Nosso querido rei guardou o tesouro Wyndham para nós.

— Tem idéia de como está linda?

Ela riu, o belíssimo colar de pérolas em seu pescoço passando pelo umbigo e cobrindo a parte mais baixa de seu ventre pálido. Ela não vestia mais nada, porque o marido insistira em dizer que, com as pérolas e seu corpo fabuloso, nada mais era necessário. Aquele seria seu presente de aniversário, Marcus avisara. Pelos próximos três anos, considerando o tamanho e o valor das pérolas.

— A propósito, tia Gweneth me contou que seu aniversário é em setembro. Está perto...

— E o seu é no início de outubro, pelo que Fanny me contou. Talvez eu consiga encontrar mais alguma jóia para combinar com o colar. A propósito, a doce Fanny está fazendo um presente especial para você, Marcus.

— Acha que ela vai superar a paixão por mim, ou vai morrer velhinha e frustrada por nunca ter podido realizar esse desejo?

— Ela vai superar — a Duquesa respondeu sem nenhuma hesitação. — Mais dois anos, e as gêmeas irão para Londres. Ela passará a vê-lo como um velho sem encantos quando conhecer todos os rapazes da corte. Voltando ao meu aniversário... Três anos, você disse?

— Pelo menos...

— Muito bem. Então, voltarei a usá-las no dia do seu aniversário para

comemorarmos. E no meu aniversário, quero que use aquele anel com o rubi gigantesco.

— E o que mais?

— Mais nada.

— Quando é mesmo o seu aniversário, Duquesa?

— Daqui a dez minutos. — Ela riu. — Podemos começar a celebração.

Ele também riu e a beijou nos lábios, brincando com o colar de pérolas.

— Vamos ter de esperar até estar completamente recuperada. Você ainda sente dores, e não quero correr o risco de machucá-la.

— Não sinto nenhuma dor agora. Estou muito bem há três semanas. Completamente recuperada.

Ele tocou a cicatriz em seu lado esquerdo. Ainda podia ver as marcas dos fios e lembrar como George Raven enfiara a agulha em sua carne. A aflição o fez engolir em seco.

— Pare com isso, Marcus. Acabou. Já disse que estou bem. Nós dois sobrevivemos.

— Tem razão. Acabou. Ficou no passado, graças a Deus. E de agora em diante, cuidarei de você com muita atenção. Quanto ao restante, minha querida, vamos esperar até estar mais do que completamente recuperada. Por enquanto, vai simplesmente posar para mim nua com seu colar de pérolas, sedutora como uma cortesã no bordel de um sultão, enquanto minha mente produz outros cenários.

— Marcus...

— Estou brincando, Duquesa. Só brincando. Com relação ao tesouro, tenho pensado em mandar as relíquias sagradas para Roma. As outras peças podem ficar. O que acha?

— Acho que essa é a solução perfeita. Todos estão felizes com os presentes que ganharam do conde tão generoso. Maggie não tira o colar de esmeraldas, as gêmeas estão encantadas com seus braceletes, e soube que sua mãe usou a tiara de diamantes hoje para jantar.

— Spears e Badger dividiram as moedas de ouro que separei para garantir a aposentadoria dos dois, mas afirmaram que não abandonarão seus postos tão cedo. Spears disse temer por minha segurança, caso ele não esteja por perto. Tive a impressão de que a ameaça que ele tanto teme é você, Duquesa. Badger sugeriu que ficaria até morrer.

— Muito bem, milorde, todos estão felizes com seus presentes, mas você ainda não pôs o anel de rubi. George me examinou hoje à tarde e disse que posso voltar à vida normal.

— Ele a examinou? E disse que você está bem? Como ele pode saber? George não é uma mulher!

— Ele é um médico, Marcus. E eu sou uma mulher. Sei que estou bem. Sei que você será gentil, delicado e que me dará mais prazer do que uma mulher pode sonhar ter nos braços do marido. Agora... deixe de ser teimoso e ponha o anel no dedo, antes que eu perca a paciência!

O conde atendeu ao pedido da esposa, que exigiu que ele se despisse completamente. O sol de final de tarde iluminava as pérolas e o rubi, espalhando uma luminosidade mágica pelo quarto. Depois de um prolongado período de privação, Marcus e a Duquesa fizeram amor novamente, e dessa vez foi diferente de tudo que já haviam vivido. Dessa vez eles sabiam que estavam unidos pelo amor.

Na manhã seguinte, quando foi à biblioteca procurar pelo marido, ela parou na porta e o ouviu cantar. Era a canção dos marinheiros.

Ele se virou ao terminar o último verso e sorriu:

— Não é uma bela canção?

— O ritmo é contagiante.

— Para ser franco, não é o ritmo que me encanta. Estava pensando que eu poderia ter feito melhor. Muito melhor. Tenho talento para a música, sabe? Especialmente para criar versos perfeitos. Gostaria de conhecer o homem que escreveu todas essas músicas. Poderíamos formar uma parceria. Pena... Tantas palavras e rimas, e um ritmo tão pobre!

— Pobre! Isso é ridículo! O ritmo é perfeito. Bem, não em todas as canções, mas é sempre aceitável, e em algumas é excepcional. A canção do marinheiro já é cantada em todos os lugares, tamanha é sua popularidade. Jamais será esquecida. Viverá para sempre na Marinha Real. Francamente, Marcus! Pobre?

— Eu disse que não era ruim, mas duvido que seja lembrada daqui a um mês. Eu mesmo quase a esqueci, especialmente a melodia.

Ela pegou um livro esquecido sobre o consolo da lareira e o arremessou contra o conde, que o pegou no ar antes de ser atingido.

— Meu Deus! Não havia percebido que Tom Jones era tão pesado. Um conto tão leve com tantas páginas! É como aquelas músicas tolas, tão leves, quase sem significado... Simples diversões estúpidas. E sem um ritmo brilhante para torná-las memoráveis. Pena eu não conhecer o sujeito que as cria. Pobre coitado, tentando sobreviver sem a valiosa assistência de um talento como o meu.

Vermelha, ela olhou em volta procurando outro livro, mas como não encontrou nada, correu para o conde mancando, tirando um babuche do pé. Mas ela esqueceu que fitas o amarravam, e puxá-lo só tornou o laço ainda mais apertado.

Marcus ria. Ela praguejava, e ele ria ainda mais. Ela gritava furiosa, sentando-se no chão para desamarrar o babuche.

— Seu cretino! Aquelas canções são maravilhosas! Quantas conhece, aliás?

Marcus olhou para sua preciosa nova Duquesa, tão furiosa e descontrolada, preparando-se para matá-lo assim que conseguisse tirar o sapato, e depois olhou para as unhas, aparentemente calmo.

— Ah, acho que todas, infelizmente, porque algumas são bem aborrecidas. Sofríveis, para ser mais exato. Sim, conheço todas.

— Impossível, seu idiota. Sei que Spears vive cantando pela casa, mas não pode conhecer mais do que um punhado delas, não mais do que cinco.

— Estive pensando... Acho que vou a Hookhams ver se consigo o endereço desse tal Coots. Sendo um homem, ele deve ser razoável, e vai estudar minha proposta e aceitá-la como um presente de Deus. O que acha, Duquesa? Problemas com as fitas do babuche? Quer ajuda? Não? Entendo, vai tentar o outro pé. Já era hora de pensar nisso.

Ela tirou o sapato do outro pé, levantou-se e mancou na direção do marido, tomada pela fúria.

Ele ria quando ela começou a atingir seu peito com o salto do sapato. Imobilizando-a entre os braços, Marcus beijou seu pescoço e sussurrou:

— Acha que devo escrever para o tal Coots? Informá-lo de que posso torná-lo um verdadeiro sucesso? Suponho que ele mal consiga sobreviver com o que compõe. O que acha, Duquesa?

— E se Coots não for um homem? Nunca pensou nisso, não é? Nem tudo que é criativo ou original é produzido por homens, seu cretino estúpido!

— É claro que é, meu bem. Encare os fatos! Você é uma mulher; com uma inteligência acima da média, com uma beleza fascinante, uma mulher que eu adoro, mas ainda é só uma mulher, e tem de reconhecer que esse Coots é um homem de talento, embora totalmente destituído dele no quesito melodia. Só um homem poderia produzir canções dignas de alguma atenção.

Ela grunhiu. Marcus riu. E riu muito. De repente, ela ficou quieta.

— Você sabe.

— Eu sei o quê?

— Sabe tudo sobre Coots.

— E claro que sei, benzinho. — Ele parou de rir e a abraçou com força. — Meu Deus, não imagina o orgulho que sinto de você.

— Eu podia ter quebrado sua cabeça quando joguei aquele livro.

— Sim, podia, mas ainda estou aqui. Inteiro.

— Pare de rir de mim, Marcus.

— Eu parei. Não percebeu? Mas você mereceu. Devia ter me contado sobre R. L. Coots e o maravilhoso sucesso que obteve com suas criações. Devia ter me contado quando estive em Pipwell Cottage e a acusei de ser sustentada por um homem. Seu orgulho me fez pensar em esganá-la, e eu a teria matado, se não fosse também orgulhoso. Agora diga: está criando alguma outra canção?

— Sim, mas... Bem, tenho problemas com a melodia. A letra é ótima, mas o ritmo me desagrada.

Ele a beijou nos lábios.

— Marcus... Ou vamos para a sala de música agora e você me mostra que é capaz de compor uma melodia aceitável, ou nunca o perderei por isso. Nunca!

— Vamos — ele disse. Depois a pegou nos braços, colocou-a sobre a mesa, pôs o sapato em seu pé e amarrou as fitas com habilidade surpreendente. — Devo dar um nó mais seguro, ou já recuperou o controle?

— É melhor amarrar com força.

Era tarde. A chuva de verão lavava as janelas, mas eles nem percebiam, porque estavam sentados diante da lareira compondo mais uma canção, dessa vez sobre Napoleão e suas amantes, uma canção que a Duquesa jurava que nunca ultrapassaria os limites do quarto.

Marcus havia contado a ela sobre o que os soldados diziam a respeito da falta de modéstia do imperador. As batidas na porta os interromperam, e os dois levantaram os olhos no exato instante em que Antonia entrava com uma bandeja de prata nas mãos.

— Ora, ora... O que temos aqui? — perguntou a condessa.

— Um presente de Badger. Ele disse que vocês dois devem beber tudo. Ouvi quando ele conversava com o sr. Spears sobre uma droga para aumentar a fortência... embora não saiba o que isso significa.

— Não seria potência? — Marcus perguntou, contendo o riso.

— Talvez. Quando perguntei a ele que bebida era essa, ele me disse que era um afrodisíaco. Quis saber o que é um afrodisíaco, mas nenhum dos dois me explicou o significado da palavra. Fanny queria trazer a bandeja para olhar para você, Marcus, mas eu não permiti.

— Obrigado, Antonia. — Ele fitou a Duquesa. — Mais dois anos...

A Duquesa tirou a bandeja das mãos da menina e a colocou sobre uma mesa.

— Humm... Tem cheiro de chocolate quente com alguma coisa que não consigo identificar. Talvez seja unha de caracol, asas de morcego...

— Badger disse que vocês devem beber tudo, e depois fazer o que geralmente fazem. Ele me mandou dizer que vocês sabem o que isso significa.

— Sim, Antonia, nós sabemos. Obrigado, meu bem. Agora vá dormir, está bem?

Assim que Antonia saiu, Marcus pegou uma xícara e deu a outra à esposa.

— Um brinde a nós, às unhas de caracol, às asas de morcego e à aflição de Badger pela chegada de um herdeiro!

— Um herdeiro... Gosto disso — ela confessou. Logo eles dormiam, abraçados.

A luz cintilante da manhã se refletia nos olhos dela. Estranho, mas não queria abrir



os olhos. A luz era forte demais, ofuscava, mas, finalmente, ela decidiu abri-los.

— Olá, Duquesa. Já era hora de se juntar a nós. Como pode ver, seu querido marido já está acordado, descontente comigo e com a dor de cabeça que sente, e naturalmente ele me mataria, se não estivesse amarrado. Suas cordas não são tão apertadas porque não quero que sofra. Não você.

Ela olhou para Trevor sem entender o que acontecia.

— Não entendo. Onde estamos? O que você faz aqui?

— Para começar — Marcus falou com um tom tão calmo que chegava a ser assustador —, ele de alguma forma conseguiu misturar uma droga ao chocolate que Antonia nos serviu ontem à noite.

— Sim, certamente. Ela disse que Badger havia preparado o chocolate, mas ele não teria feito isso conosco. Nunca!

— Badger adicionou o láudano, conforme combinamos — Trevor contou. — Mas, se preferem acreditar em suas noções românticas, fiquem à vontade. Não desconfiaram de nada quando ele voltou dizendo que todos os Wyndham americanos estavam em Londres? Não, é claro que não. Pena para vocês... Nem todo dia é de sorte. Devem ter esgotado sua boa sorte quando sobreviveram aos tiros.

— Você é um péssimo atirador — Marcus provocou. Trevor se aproximou do primo e, furioso, desferiu um violento golpe com o cabo de sua pistola sobre o ombro dele.

— Pare com isso! — a Duquesa gritou, retorcendo-se na tentativa de se livrar das amarras.

— Fique quieta, Duquesa. Eu estou bem. Mantenha a calma, amor.

Trevor se sentou novamente sobre o caixote que usava como cadeira.

— Que bravo herói ele é, não acha, Duquesa? Mas meu primo Marcus precisa aprender que agora eu estou no comando. E precisa aprender a perder, também. Duquesa, não olhe para mim desse jeito. Lamento ter envolvido você nisso, mas não tive escolha.

— O que está dizendo?

— Seu marido sabe que vai morrer, mas não cede. Ah, Duquesa, se não tivesse forçado esse casamento antes da data mágica de dezesseis de junho, eu poderia deixá-los vivos. Todo aquele dinheiro... Mas soube que você herdou cinquenta mil libras de seu pai, e decidi que quero essa quantia também. Quero tudo e o legado Wyndham, que nunca acreditei ser real, e quero também o título de conde de Chase, e vou ter tudo isso. Preciso me lembrar de cumprimentar sua amada mãe, Marcus, por ter solucionado o mistério. Farei isso enquanto estivermos chorando sua morte trágica. E a da Duquesa, é claro.

— Mas você é rico — ela protestou, tentando pensar, apesar da horrível dor de cabeça. — Você disse que era muito rico!

— E esperava que eu admitisse a pobreza, Duquesa? Menti para evitar suspeitas, é claro. Não temos quase nenhum dinheiro, embora minha família não saiba disso, porque guardei segredo sobre nossa real situação. Afinal, sou o chefe dos Wyndham americanos, e logo serei chefe de todos os Wyndham. Meu pai, seu tio, era um perdulário. Ele nos deixou com comida na despensa, uma criada que ele engravidou, e mais nada. Fiquei muito feliz quando ele tombou num duelo por ter seduzido a esposa de outro homem. Não tive escolha. Por que acha que me casei com Helen? Eu tinha apenas vinte e dois anos! Ela era a jovem mais rica de Baltimore, e o pai era dono de um miserável moinho. Nem mais, nem menos.

— E mesmo sendo apenas o dono de um moinho, ele era muito rico.

— Sim, minha querida, mais do que rico. Pelo menos, foi o que pensei naquele tempo. Matei o velho e seduzi Helen. Ela era tão vulnerável em sua dor, tão tediosa em sua inocência... Mas me delicieei com seu corpo, pelo menos até ela engravidar e engordar. Depois disso, tudo foi muito fácil. Um espinho sob a sela da égua que ela



montava, o tombo, e tudo se desenrolou como eu havia planejado. O parto prematuro, ela e o bebê mortos. E eu, um pobre viúvo desolado. Mas o dinheiro acabou, e eu ainda era o chefe dos Wyndham na América. O que fazer? Foi quando recebemos a carta do sr. Wicks. O pobre diabo não acreditava mesmo que vocês se casariam, mas não pensou na luxúria e na juventude, dois ingredientes poderosos nessa receita. Sei, Duquesa, que deseja o conde desde que era menina. Tia Gweneth sempre relatou em suas cartas tudo que acontecia em Chase Park. Sempre soubemos de tudo. A amargura de seu pai, o ódio que ele sentia por Marcus não ter acompanhado os meninos naquele dia fatídico, a bastarda cuja mãe ele amava perdidamente. Sabemos que ele se casou com a amante, e que deve ter morrido infeliz por ela ter perecido antes. Enfim, aqui estamos nós, apesar dos protestos de James, meu tolo irmão de coração leal e generoso.

Marcus o deixava falar à vontade enquanto manuseava os nós das cordas que prendiam seus pulsos. Chegara a pensar que Trevor fosse afeminado; depois o julgara digno de sua admiração e confiança. Porém, ele não era nada disso. Era mau e pervertido. De repente, Marcus compreendeu a verdade das rimas e disse:

— Por Deus! Você é o monstro das pistas. Sempre presente, esperando para praticar o mal, ferir, mentir, matar! Foi isso que o monge quis dizer no sonho da Duquesa, era esse o sentido dos versos do poema. Onde há vida há maldade, e é preciso estar sempre prevenido contra ela. Você é o mal aqui. Sempre foi.

— Eu sou o monstro? Não gosto do som disso, Marcus, primo querido. Mas suponho que tenha razão. E ainda assim isso me incomoda, porque só faço o que devo fazer. Manter minha mãe é muito custoso, sabe? Quero que James e Ursula tenham o que há de melhor, e para isso preciso de dinheiro. E a única maneira de conseguir dinheiro era dessa forma, pela herança dos Wyndham. Eu sou o chefe da família. E meu dever prover...

— Você não é o chefe dos Wyndham. Eu sou.

— Não por muito tempo, querido primo. Só por mais alguns minutos.

— Solte-nos e volte para a América, Trevor. Ele riu.

— Você só será libertado pela morte, primo.

Tempo, a Duquesa pensou. Precisavam ganhar tempo. As cordas em torno de seus pulsos se afrouxavam. Trevor não se preocupara em prendê-la de fato, porque, sendo mulher, ele não a considerara uma ameaça. Nem se dera o trabalho de amarrar seus tornozelos. Tinha de mantê-lo falando enquanto pensava.

Ela o encarou e esperou que Trevor a fitasse. O olhar dele ganhou uma inesperada suavidade. Estava apavorada, mas precisava se mostrar absolutamente calma.

— Então, esteve planejando tudo isso? Há quanto tempo? E você disse que Badger o ajudou? Como conseguiu se aliar a ele?

Quando ele se inclinou em sua direção, a Duquesa se retraiu.

Trevor deu risada.

— Estou cansado, Duquesa. Cansado de falar. Creio que já entenderam por que estou fazendo tudo isso. Não quero matá-la. Prefiro me deitar com você e saciar esse meu desejo até você ficar grávida. Mulheres grávidas deviam ficar escondidas. São horríveis. Helen era repelente com aquele ventre enorme. E quando a criança nasceu e a rasgou por dentro... Céus, ainda posso ouvir seus gritos.

As cordas estavam praticamente soltas. Trevor estava sentado sobre um caixote tombado a poucos passos dela, com uma pistola pendendo da mão direita. O que ela poderia fazer?

— Bem, Marcus, querido primo, quem é o mais forte, afinal? Quem é o mais inteligente? Quem o enganou completamente? Ah, sim, eu sou o chefe da família Wyndham. Tenho mais condições para isso, muito mais do que você. Você e sua estúpida honra, seu código de lorde inglês... Tudo isso o torna cego para a realidade, fácil de enganar.

Ela se levantou de um salto e pulou sobre Trevor, arranhando sua mão direita, gritando e atacando-o de todas as maneiras.

Marcus se pôs em pé e se atirou sobre o primo, mas ainda estava com pés e mãos amarrados. Trevor o acertou com imensa facilidade, depois se virou e jogou a Duquesa no chão com a força de um braço, caindo sobre ela.

— Não se mova, primo, ou vou meter uma bala nesta boca tentadora — Trevor ameaçou, notando que Marcus estava novamente em pé e pronto para se atirar contra ele.

A Duquesa sentiu o metal frio nos lábios. Marcus recuou.

— Sente-se. Ele obedeceu.

Trevor olhou para o rosto pálido da condessa.

— Adorei vesti-la ontem à noite. Você tem um corpo fabuloso, um corpo de mulher, mas esguio e delicado. Marcus e eu somos parecidos. Temos a mesma estatura, o mesmo porte físico. Já mencionei que Helen nunca se fartava de mim? Ela apreciava me tocar, me beijar... E depois de um tempo, quando enjoei de possuí-la, era só isso que eu permitia: que ela me beijasse e acariciasse. Agora, você... Devo despi-la antes de ser forçado a matá-la? Não, vejo que não gosta da idéia. Eu a repilo, Duquesa? Você o ama, então? Eu sempre soube disso, embora Marcus tenha sido estúpido demais para perceber. Agora é tarde demais.

Ele se levantou devagar.

— Tentou me derrotar, Duquesa. Gosto disso. Prova que tem meu sangue. Nenhum dos dois é covarde, mas chegou a hora de terminarmos com isso. Prometo que tudo será muito rápido. Não sou um homem cruel. Só precisa beber mais um pouco da mistura que preparei, e vai adormecer como ontem à noite. A diferença é que, desta vez, não vai acordar. Vou colocar cada um de vocês sobre um cavalo, e os animais, infelizmente, vão despencar do penhasco a leste do vale Trellisian. Quando estiverem mortos, desamarrarei os dois e voltarei para Londres. E lá estarei, no seio de minha família, quando receber a notícia das trágicas mortes.

— Por que nos acordou? — Marcus quis saber. — Podia ter nos matado sem protagonizar essa lamentável cena. Ah, mas queria que soubéssemos que era você! Queria se gabar, ter certeza de que é superior, exibir essa suposta superioridade.

— Pense o que quiser, primo. Não faz diferença. O desfecho será o mesmo. Você vai morrer, e eu serei o conde de Chase. A vida é terrivelmente incerta, não?

De repente a Duquesa começou a rir. E riu tanto que quase perdeu o fôlego.

Trevor se levantou, brandindo a pistola.

— Cale a boca! Pare de rir!

— Não posso... Isso é muito engraçado! — Ela continuava gargalhando.

Marcus não entendia o que ela estava fazendo.

— O que pode ser tão engraçado? Cale a boca!

— Você é engraçado, Trevor. Hilário! Pensando bem, você é patético. Quer ser o próximo conde de Chase? Você? Um maluco? Você não passa de uma sombra, um arremedo de homem, mais nada.

E ela riu e gargalhou, até Trevor se levantar e investir contra ela, empunhando a arma. E quando ele chegou bem perto para golpeá-la com o cabo da pistola, a Duquesa flexionou os joelhos para ganhar mais força e o chutou entre as pernas. Chutou-o com tanta violência que, por um momento, ele apenas ficou parado, pálido, pronto para agredi-la, mas imóvel, quase sem respirar. Então, Trevor caiu para trás gritando, rolando no chão, uivando numa agonia avassaladora. Naquele instante, ele nem lembrou que o conde e sua esposa ainda estavam ali, que eram seus inimigos.

— Muito bem, Duquesa. — Marcus rolou para cima de Trevor, agarrou a pistola e a jogou para a esposa, pois suas mãos estavam amarradas às costas, enquanto as dela, à frente do corpo, estavam praticamente soltas.

— Saia de perto dele, Marcus. Deixe-o sofrer. Depois veremos...

Ele se levantou, pulou até bem perto dela e se virou.

— Solte-me — pediu.

Ela já libertara os pulsos dele quando, após superar a agonia e a náusea provocadas pela intensa dor, Trevor se sentou. Ele olhava para o cano da pistola que Marcus apontava em sua direção e praguejava.

A Duquesa já não ria mais e sua voz era calma e controlada.

— Meus pulsos estão praticamente livres, Marcus. Não se incomode comigo. Apenas mantenha essa pistola apontada para ele. Só mais um momento... Sim, agora estou livre. Vou desamarrar seus tornozelos.

Quando ambos se libertaram, Marcus se levantou devagar, com a pistola sempre apontada para o rosto de Trevor.

— Onde estamos? — ele perguntou. Trevor demorou alguns instantes para falar.

— Não esperava que me perguntasse isso tão depressa.

— Por que não? Não há mais nada que eu queira de você. Já falou sobre como é brilhante, como é o chefe da família Wyndham, como acredita ter o direito de matar impunemente em defesa de seu maldito dever, sua responsabilidade de cuidar de sua mãe e de seus irmãos. Muito bem, primo, diga-me: eles não sabem realmente o que você fez?

— Talvez. Minha mãe odeia vocês dois, naturalmente. Ela sabe? E Ursula, aparentemente tão doce... Você conheceu James. O que acha? Ele me idolatra. Jamais terá a resposta para essa pergunta, Marcus.

— Você é louco, primo. Pior, é são em sua loucura, e isso é muito mais grave. Agora me diga: onde estamos?

— Prefiro ir para o inferno antes de revelar.

— A escolha é sua...

Marcus levantou a arma, apontou para o rosto tão parecido com o dele, mas conteve o impulso de atirar. Hesitou... E isso foi tudo de que Trevor precisou para reagir. Rápido, ele chutou a perna de Marcus, que cambaleou, tomado pela dor. No instante seguinte, ele se levantou e agarrou o pulso do conde para obrigá-lo a soltar a arma, mas Marcus a segurava com força.

Foi uma luta silenciosa, exceto pelos grunhidos e gemidos de dor e ressentimento. A Duquesa estava em pé, com as mãos livres, atenta para pegar a arma, caso ela caísse da mão de Marcus. Não temia por ela, mas estava apavorada pelo marido, e sabia que tinha de conter esse terror. E conseguiu fazer isso, substituindo-o por ódio.

Agora eles lutavam no chão, disputando a posse da arma, rolando, arfando, suando. Foi quando ela viu um ancinho enferrujado, apoiado contra uma parede no fundo do cômodo. Ela o agarrou e correu para perto dos dois.

Mas eles não paravam de rolar... Primeiro Marcus em posição de vantagem, depois Trevor... Marcus ainda segurava a arma, mas Trevor se mantinha fora da mira. Ela os contornava, esperava, observava... Queria gritar cada vez que Trevor parecia assumir o domínio.

Então, de repente, as portas do galpão se abriram com um estrondo e a luz do sol invadiu o lugar.

Trevor, que nesse instante estava sobre Marcus, foi ofuscado pela luz e perdeu o controle. Era tudo de que Marcus precisava. Ele chutou o adversário e rolou para longe dele, apoiando-se sobre os joelhos e empunhando a arma.

Mas a Duquesa foi mais rápida. Ergueu o ancinho sobre a cabeça e o baixou com toda a força, acertando a base do crânio de Trevor com o cabo de madeira. Ele caiu com o rosto voltado para o chão, sofreu dois ou três espasmos e depois ficou imóvel. Inerte. Não sabia se o havia matado, e não se importava com isso.

— Marcus! — Ela se aproximou dele rapidamente, sem tomar conhecimento da

presença de North, Badger e Spears.

Badger batia de leve nas costas dela, tentando controlar a emoção, sentindo-se ao mesmo tempo tolo por demonstrá-la e tão aliviado que sentia vontade de gritar.

— Chocolate! — ele disse de encontro aos cabelos dela, furioso consigo mesmo. — Trevor conseguiu pôr láudano no chocolate que mandei para vocês. E eu, tolo que sou, deixei Antonia levar a bandeja, sem imaginar que...

— Mas como ele conseguiu? — Marcus perguntou enquanto Spears examinava seus ferimentos.

North estava ajoelhado ao lado de Trevor, verificando se ele respirava.

— Conversei com Antonia, só por precaução, realmente. Não imagina como fiquei aterrorizado quando não os encontrei na cama. O quarto estava vazio, e o sr. Spears pode confirmar que quase enlouqueci de pavor. O que aconteceu, milorde, foi que Antonia parou para conversar com Fanny, e as gêmeas entraram no quarto por um instante.

Ele não revelou que Antonia estava furiosa com Fanny, que, por sonhar em conquistar o conde, exigira levar a bandeja com o chocolate aos aposentos de Marcus e da Duquesa. Elas tinham discutido até decidirem ir buscar no quarto de Fanny uma moeda, que haviam usado para decidir a questão. Nesse meio tempo, Trevor aproveitara para misturar o láudano ao chocolate deixado no corredor.

— Maldição — Marcus murmurou perplexo. — E se elas não tivessem discutido? E se Antonia houvesse levado o chocolate diretamente ao quarto sem parar para falar com a irmã? Trevor a teria matado! Talvez tivesse matado as duas, sem nenhum escrúpulo ou remorso. O que são as gêmeas para ele? Duas primas de quinze anos que ele nem conhecia até alguns dias atrás! E como ele entrou na casa?

Como isso não era tão difícil, ninguém disse nada. A situação toda era tão assustadora, que Badger ainda tremia. Ele deslizou as mãos pelas costas da Duquesa, que o encarou.

— Ele tentou nos convencer de que você o havia ajudado nisso.

— Que absurdo! — reagiu Spears. Ela riu do tom ultrajado.

— Marcus e eu sabíamos que isso era impossível. Nem por um momento duvidamos da lealdade de Badger. Mas Trevor se divertiu nos atormentando com essa história.

— O homem deve ser insano! O sr. Badger é simplesmente incorruptível!

— Sabemos disso, Spears — disse Marcus. Ele olhou para North, que retornara fazia dois dias, depois de ter ido visitar um amigo militar em Castleford. — E então, North. Ele vai sobreviver?

— Sim, acho que sim. A Duquesa o atingiu com um golpe poderoso, mas seus batimentos são estáveis. Se quiser, posso levá-lo para Darlington e trancá-lo em uma cela. Posso até contratar guardas para vigiá-lo vinte e quatro horas por dia.

— Eu vou com você. Não quero perdê-lo de vista até ter certeza de que está trancado e vigiado por guardas.

— O que aconteceu, milorde? — Spears perguntou.

— Quero dizer, por que o sr. Trevor ainda está vivo?

— Eu estava armado e ia matá-lo, mas quando me dei conta de que ele era meu primo, um Wyndham, não tive coragem de apertar o gatilho. Ele aproveitou esse momento de indecisão para me atacar.

— Não se torture por isso, Marcus. Não ia querer ter as mãos sujas por seu próprio sangue — disse North.

— Deporte-o para Botany Bay, deixe-o terminar a vida lá. Imagino que ele vá se integrar aos outros criminosos sem problemas, e vocês estarão seguros.

— Sim — Marcus concordou. — Creio que posso arranjar a deportação sem dificuldade. Não há motivo pra criar um horrível escândalo se podemos evitá-lo. Embora tia Wilhelmina mereça este castigo e muito mais, prefiro preservar Ursula e James. Não quero que sofram mais do que o necessário.

— Nunca mais teremos de nos preocupar com ele — disse a Duquesa. — Graças a Deus, Marcus, você está seguro. Não há nada mais importante do que isso. Não imagina o medo que senti naqueles momentos em que achei que ele o mataria! Nunca mais faça isso comigo!

Ela saiu dos braços de Badger e caminhou até o marido, que a abraçou em silêncio por vários minutos. Finalmente, ele ergueu a cabeça e perguntou:

— Como nos encontraram?

— Fomos ao estábulo depois de eu informar o sr. Spears que o quarto estava vazio e contar-lhe minhas suspeitas — Badger explicou. — Não desconfiava de Trevor, mas sabia que alguém havia cometido algum atentado contra o conde e a Duquesa, e logo constatamos que Stanley e Birdie também haviam desaparecido. Lambkin estava desesperado, confuso... Depois, só tivemos de seguir os rastros até aqui — ele concluiu, como se fosse óbvio.

— Seguiram os rastros? — Marcus repetiu intrigado. — Nunca imaginei que você e Spears tivessem esse tipo de... habilidade. Você é valete da Duquesa. E é cozinheiro. Sabe muito sobre ervas e medicamentos, mas... rastreador?

— Para dizer a verdade, milorde, não foi tão difícil. Stanley tem uma ferradura diferente que o pai da Duquesa pôs nele, uma ferradura em forma de estrela. Não sei dizer por que o antigo conde fez isso, mas foi fácil seguir os rastros deixados pelos animais e encontrá-los aqui, no estábulo do velho sr. MacGuildy. Pobre homem! Morto, e ninguém jamais se incomodou com o estábulo caindo aos pedaços. Por isso Trevor os trouxe para cá. Ele estudou bem a região quando saía para cavalgar.

North acrescentou:

— Só precisei seguir ordens, Marcus. Esses dois tinham tudo sob controle. Lamento ter partido, meu amigo. Eu sabia que o perigo ainda existia e estava próximo.

— Está zangado porque não estava conosco quando encontramos o tesouro, North — Marcus brincou.

— Ah, sim, devo admitir que isso aumenta minha revolta.

— Porém, milorde, tê-lo conosco nos deu ainda mais confiança.

Nesse momento, um grito estridente soou na porta do estábulo.

A Duquesa olhou para Maggie, que arrastava pela mão o pobre Sampson, agitado e apavorado.

— Eu devia saber — a Duquesa comentou, rindo. — Maggie jamais perderia toda essa diversão!

— Mas... o que é isso? E o sr. Trevor? — indagou a criada. — O que aconteceu aqui?

Era tarde da noite, uma noite de calor e alívio, depois do opressor medo da perda. O conde, sua condessa e todos os amigos, que eram também criados, estavam reunidos na sala de jantar por insistência de Marcus, que os convidara para comer à mesa numa alegre comemoração, apesar dos veementes protestos de Spears.

A mãe de Marcus, sempre sensível, levava Gwenoth e as gêmeas para sua sala pessoal. Dissera-lhes que teriam um banquete próprio, pois o conde era um homem de estranhas idéias que deviam ser respeitadas, uma vez que ele era o chefe da família Wyndham. Ela censurou com o olhar a ousadia de Fanny, que comentou que lorde Chilton não era um criado e, ainda assim, havia sido admitido no grupo.

Quando um sorridente empregado da cozinha entrou com o champanhe gelado, Sampson, mordomo dos Wyndham por quinze anos, se levantou e anunciou sorridente:

— Milorde, milady, gostaria de declarar que Maggie decidiu permanecer nesta casa como criada pessoal da condessa, e eu também vou continuar no meu posto de mordomo de Chase Park.

— Espero que sim, Sampson, a menos, é claro, que tenha visto muita impropriedade, muita desordem para a casa de um nobre, e não queira mais ficar conosco.

— Não, milorde! Não foi isso que eu quis dizer. O que estava anunciando é que... Bem, agora Maggie concordou em ficar e se tornar a sra. Glenroyale Sampson. Minha esposa.

— Oh, céus! — a Duquesa exclamou, pondo-se de pé.

— Parabéns, querida! Sampson é um homem maravilhoso. E esse colar de esmeraldas fica lindo em você.

— Sim, milady, aceitei a proposta de Sampson, porque ele é um homem estável, e acho que é melhor me acomodar ao lado de alguém como ele do que ficar me iludindo com homens que não pensam com a cabeça, mas com... Bem, não importa. Não voltarei aos palcos, milady.

— Sampson é um homem de muita sorte — a Duquesa opinou.

— Todos aqui temos muita sorte por sermos pessoas estáveis, felizes... North, toda essa alegria conjugai não aquece seu coração? — Marcus provocou o amigo, pedindo outra garrafa de champanhe.

— Na verdade, meu caro conde, toda essa euforia matrimonial me faz pensar em partir imediatamente. E é o que vou fazer, provavelmente amanhã. Já tive minha cota de amizade, união familiar e domesticidade. Agora, quero voltar para a Cornuália e para minha preciosa solidão. Em resumo, quero continuar exatamente como sou, carrancudo e esquisito, mas feliz.

— Veremos, North. Veremos. Essa sua suposta felicidade pode acabar no futuro. E num futuro bem próximo — Marcus sugeriu.

— Concordo com milorde — Maggie opinou. — Um homem tão belo e de futuro tão promissor não deve ficar sozinho. E um desperdício!

— Sim, sim... — disse a Duquesa.

— Sua mãe estava muito preocupada, milorde. Peço que me perdoe, Duquesa, mas preciso retomar assuntos importantes, agora. Li tudo que encontrei sobre Botany Bay e descobri que estávamos certos. É um lugar horrível, primitivo com as áreas em torno do rio Ganges. Ninguém consegue escapar de lá. Expliquei isso a sua mãe, milorde, e ela parou de se preocupar com o sr. Trevor. Não creio que ela voltará a se inquietar.

— Eu teria usado aquele ancinho de outra maneira — disse Maggie. — A Duquesa foi muito generosa batendo apenas na cabeça dele. Ela deveria ter furado seu...

— Já chega, meu bem — Sampson interrompeu. — Este assunto deve ser encerrado. O sr. Trevor não vai sair de Botany Bay. Logo ele estará fora da Inglaterra, e você agora tem outras questões com que se preocupar.

— Sampson! Está mesmo fazendo essas insinuações de intimidade... em público? — Maggie riu. — Mas... Ele é mesmo surpreendente!

— Pelo que acabo de ver aqui, Maggie, não vai se sentir entediada ao lado de seu novo marido.

— Ah, não, Duquesa! Meu querido Glenroyale é imprevisível...

— Surpresas são sempre bem-vindas — concordou a Duquesa, olhando para o marido e tocando as pérolas em seu pescoço com ar sugestivo.

